



## Lisboa 5 de Março DE 1891

O Antonio Maria esteve interrompido durante alguns annos por muitas e complicadissimas razões de familia, que as conveniencias policiaes e a razão d'Estado não permitem que nós tornemos publicas.

A principal, foi o desacordo de principios que se estabeleceu entre Antonio, philosopho da escola de Sancho Pança, e Maria, a personificação da furia sertaneja e alfacinha. Antonio procurava ser o bom senso e a graça indigena, sem grandes admirações pelos homens, mas tambem sem grandes odios por esses medonhos animaesinhos de dois pés, sobre casa, luvas pretas e boquilha, que formigam e esfervilham das onze ás tres sob as arcadas do Terreiro do Paço. Maria era a pontinha de fé!, era a dynamite, era o venenosinho do capote e lenço, introduzindo-se todos os dias na santa beatitude do ateher.

Todas as quintas-feiras, Maria vociferava coe-ra aos ouvidos de Antonio, como Xantippe aos ouvidos de Socrates...

— «Estupido! Semsaborão! Pudésse eu pôr os pontos nos i i, e tu verias como logo se mudava a face da terra!»



E o bom philosopho, que todas as semanas fazia todas as diligencias para ter razão, empregando ao mesmo tempo esforços titanicos para, de quando em quando, ter graça,—o bom philosopho disse um dia á esposa:

—Pois bem, mulher... Põe tu agora os pontos nos i i!

E *Maria* tantos pôz... tantos pôz... tantos pôz... que um dia que o diabo andava á solta, o diabo d'ella se acerca... e zás! corta-lhe o fio ao discurso!...



Como *Xantippe* arrependida, chorando aos pés de *Socrates* e pedindo ao bom do philosopho que lhe perdôe e que lhe bata, assim *Maria*, chorosa e triste, se approximou de *Antonio*, pedindo-lhe que retomasse o governo da casa. Ao que *Antonio*, meio desilludido das coisas d'este mundo, lhe retorquiu n'estes termos:



—Mulher!... Tu já foste a desgraça de nosso pae *Adão*, quando a curiosidade te levou a mordêr fructos prohibidos do Paraizo. Hoje, como ha dez mil annos, o fructo prohibido é sempre a Verdade... Já o disse um grande conhecedor das miserie humanas, quando d'est'arte se exprimio: «a palavra foi dada ao homem para occultar o seu pensamento...» Ora, mulher, ter razão é o que toda a gente procura ter, até mesmo o preclaro dr. *Rapozas*... E o nosso fim deve antes ser procurar ter graça. Foi para isso que nos unimos, era para isso que atiravamos ao mundo, todas as quintas-feiras, com a vida escripta d'esta vida airada e com os narizes caricaturados d'esta sociedade... Tu quizéste dar outro rumo ao barco... Pobre de ti, mulher, que mal sabias as tristezas e suspensões que te estavas preparando!...

«A sociedade, mulher insensata, é um pepino que Deus se esqueceu de torcer de pequenino. Foi crescendo, foi medrando, foi asneando, e hoje é esse vil trambolho que por ahi anda á tona, sem Rei nem Roque, encalhando para a direita, abalroando para a esquerda, sem ninguem que o governe.

«Não digo com isto, mulher dos meus peccados, que não devamos fazer esforços titanicos, para vêr se fazemos d'esse trambolho uma coisa quasi apresentavel... e comica. Mas justamente porque é um trabalho de *Hercules*, é que nós precisamos conservar n'esta lucta hebdomadaria pelo aperfeiçoamento do já citado e recitado trambolho um sangue-frio, tão frio, que nunca suba para cima de zero...

«Já disse o velho *Guizot*, que para haver espirito precisa o espirito ser livre... Mas quando não ha liberdade?... Só o sangue-frio, e jámais o sangue a ferver, nos pode salvar.

«Conservejemos portanto a zero, e até abaixo de zero, esse liquido vermelho que nos corre nas veias. Em vez da furia, a reflexão; em vez de mau genio, a santa e pacata ironia de quem se sente bem com Deus, e de quem não tem nenhuns motivos para estar mal com o Diabo.

«Lembra-te, *Maria*, do que ha doze annos escrevia na taboleta do nosso jornal, o querido amigo e grande humorista que hoje dorme o somno eterno á sombra dos cyprestes de *Saint-Ouen*:—«O *Antonio Maria* não vem possuido do extremo desejo de derribar as instituições vigentes ainda este mez, não só porque isso faria algum transtorno ás referidas instituições, mas tambem porque lhe faz conta que ellas assignem primeiro.»

«Não procuremos derribar coisa nenhuma... ainda este mez!... Procuremos apenas distrahir o leitor amigo com a chronica illustrada das coisas comicas que tambem rebentam em quadras tristes...»

Assim fallou sãzudamente o bom homem *Antonio* á irracivel *Maria*. E d'ahi resultou a ressurreição d'este semanario, que Deus e a Policia tenham em sua santa guarda...

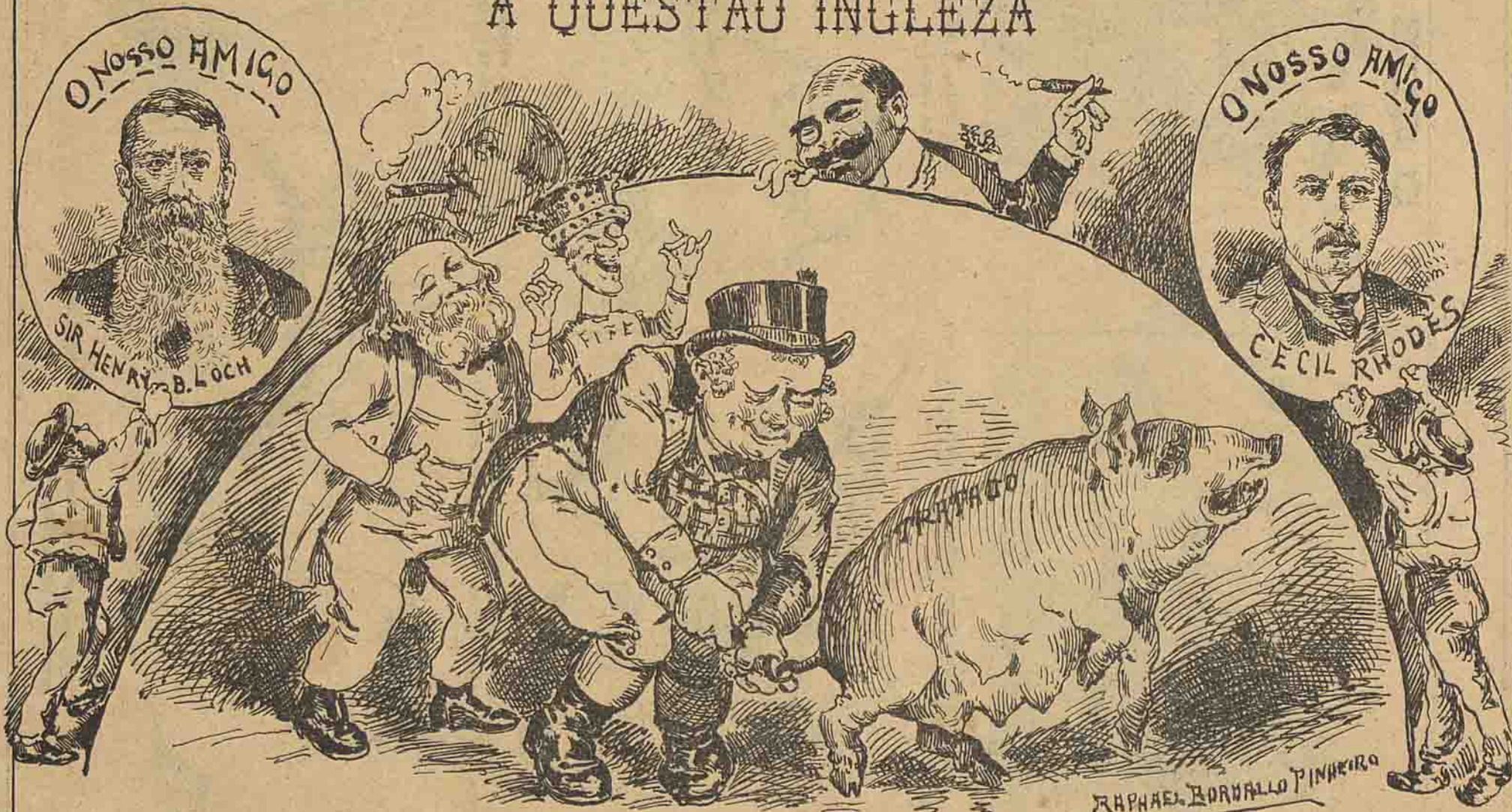
Amen!

A REDACÇÃO.

P. S.—Relendo o que deixamos escripto acode-nos á ideia de que já com esta é a terceira vez que annunciamos ao publico que vamos rir e que nunca nos havemos de zangar. E acabamos sempre por nos zangar, convencidos de que poucas vezes chegámos a rir. Pedimos, pois, aos acontecimentos a fineza de nos fazerem coegas, ao menos uma vez por mez.



# A QUESTÃO INGLEZA



Cada vez se torce mais.

# O QUE NÓS SUPPRIMIRIAMOS



Supprimiríamos a língua, para ninguém badalar o que se passa.



E indeferiríamos o protesto das senhoras contra a supressão da língua...



Não havendo língua, a bocca era um luxo asiático: logo, supprimida a bocca.



Encarregado de descobrir um aparelho que alimente os cidadãos sem bocca, o celebre inventor da polyora sem fumo.



Vae elle, descobria isto, que ficava accete officialmente e era mandado executar por conta do Estado.



Para que se não andasse a metter o nariz em coisas alheias, supprimido o nariz.



§ unico. Isentos d'esta disposição Chato José do Cão, Fuschini e outros em egualdade de circumstancias.



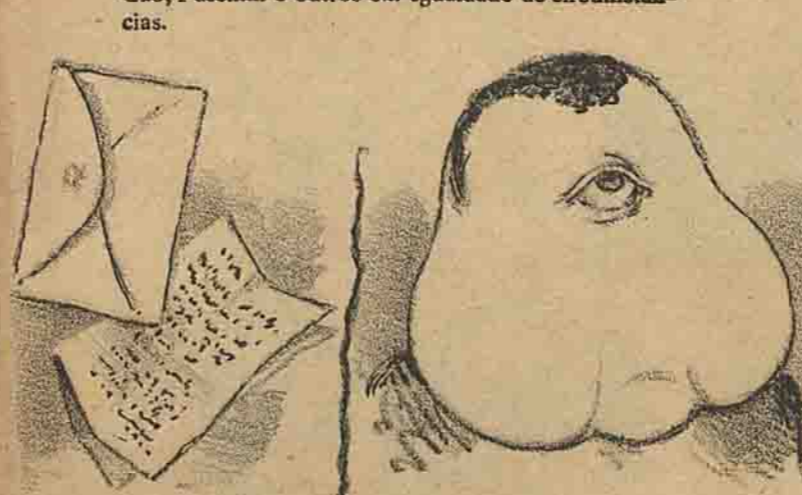
Para que se não podesse ouvir o que se diz, supprimidas as orelhas.



Para que se não podesse carregar o sobrôlho, supprimidas as sobrancelhas.



Os olhos não poderiam olhar senão para a carta



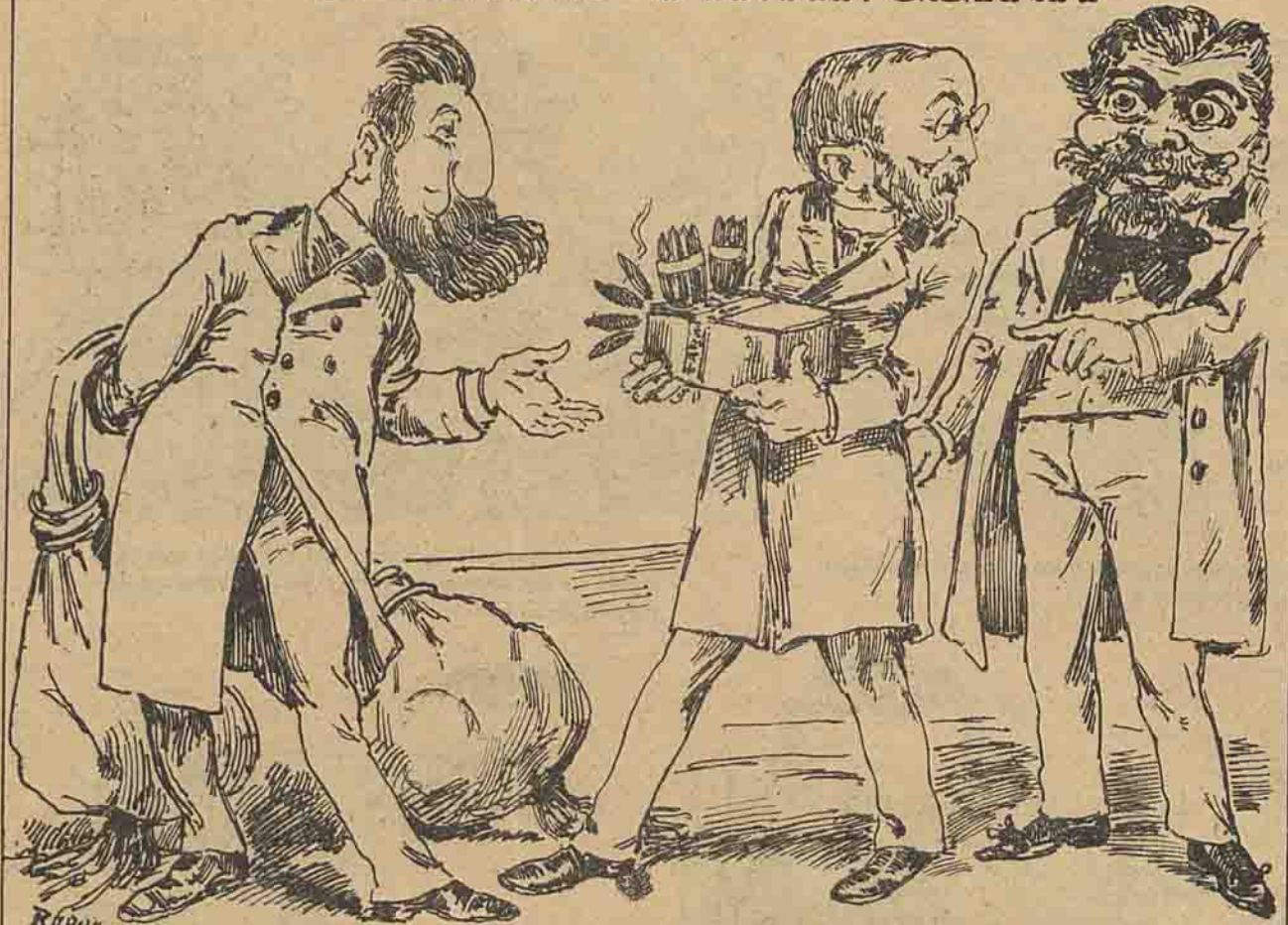
mas como a carta é só uma, bastava, um olho só.



e assim ficaria a cara official do cidadão portuguez absolutissimamente independentissimo. —E esta não tem querelha.

RAFAEL BORDALLO PINHEIRO

# A QUESTÃO FINANCEIRA



RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Se queres a massa dá cá o charuto. E' mão por mão.

## ABERTURA DAS CAMARAS



Preparam a corda para apertar os respectivos gorgomilos.

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO



### Nem prosa nem verso

Resuscita *Antonio Maria*, alegre e folgazão,  
fazendo as delicias da  
Lisbia, inda mais unha vez,  
—como fez  
em tempos que já lá vão.

Que a tão bello ensejo for-  
tuito,  
não surja algum contratempo,  
e a vida assim gose por  
muito  
tempo.

Da Justiça a espada sus-  
pensa  
—pois que ella agora anda assim—  
sobre as mil cabeças dos  
diversos membros da im-  
prensa,

Não venha por hi de chó-  
fre, qual outra machadinha,  
Desabar sem dó na nos-  
sa pinha...

Teremos cuidado me-  
tuculoso, e mais não ser,  
em tudo o que houvermos de,  
quer em prosa ou verso, escre-  
ver.

P'ra fazermos coisa airosa,  
seguidõ um caminho bom,  
temos este itinerario:  
não fazer verso nem prosa,  
—até antes pelo con-  
trario.

Saibam pois aqueles que,  
cruéis, deshumanos, crus,  
rigorosos nos perseguem,  
que não lhes damos, nem te-  
rão ponta por onde nos  
peguem!

PAN-TARANTULA

### NÃO SE QUER OUTRO

De Lagos a Bragança, da Lisboa ao Fundão,  
A modesta operaria, a dama luxuosa,  
Dos principes do Congo usa o fino sabão,  
Que dá frescor á tez e alvura setinosa.

J. de Reguiny ao saboeiro parisiense Victor Vals-  
sler.

## DIZ-SE

Dizem as *Novidades* que a epocha é de abnega-  
ção e sacrificios. Exigem-nos a dignidade e a salva-  
ção publica.



Fechemos as burras, diz o capital.



Está tudo fino, tudo bom, mas... os fundos des-  
cem e os avos sobem.

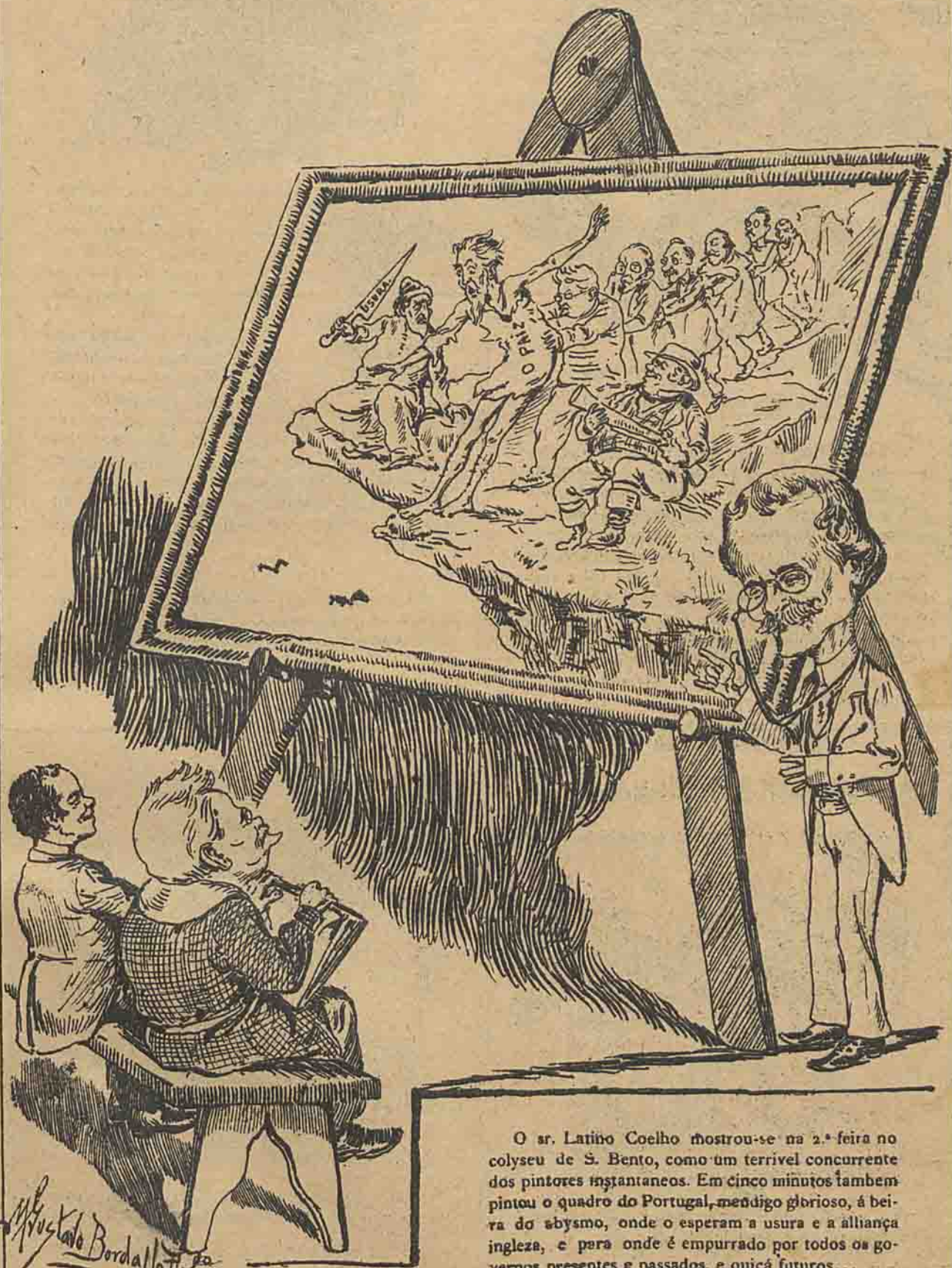
# SCENAS MITHOLOGICAS

## A ROCA DE HERCULES



Hercules fiando coleras aos pés de Omphale, rainha da Lisbia...

## QUADROS EM CINCO MINUTOS



O sr. Latino Coelho mostrou-se na 2.ª feira no colyseu de S. Bento, como um terrivel concorrente dos pintores instantaneos. Em cinco minutos tambem pintou o quadro do Portugal, mendigo gbrioso, á beira do abysmo, onde o esperam a usura e a aliança ingleza, e para onde é empurrado por todos os governos presentes e passados, e quiçá futuros...





### MANIFESTO AO PAIZ

O Antonio Maria, sem querer fazer concorrência ao manifesto da *Liga*, não pode deixar de manifestar ao publico em geral e aos collegas em particular, o seu muito reconhecimento pela sympathia com que acolheram a ressurreição d'este semanario.

Se nunca pudér resolver uma crise ministerial ou financeira, não será por falta de vontade. Mas quem tem o monopolio d'essas gloriosas tarefas é a *Liga* e o sr. Burnay. Continuamos, pois, com a ajuda de Deus e dos acontecimentos, a trabalhar, mais do que pode a força humana, para ter alguma graça, evitando ao mesmo tempo á Policia o desgosto de ter de nos suspender.

### FOLHETIM

#### Aventuras do sr. deputado elegante (\*)

Era uma vez um Deputado da provincia, á porta da *Havaneza*.



—O' menino! o que é *chic* fazer agora em Lisboa?  
—O mais *chic* é ir aos saltos ao Campo Grande...

(\*) Allás como todos os srs. deputados da nação portugueza.

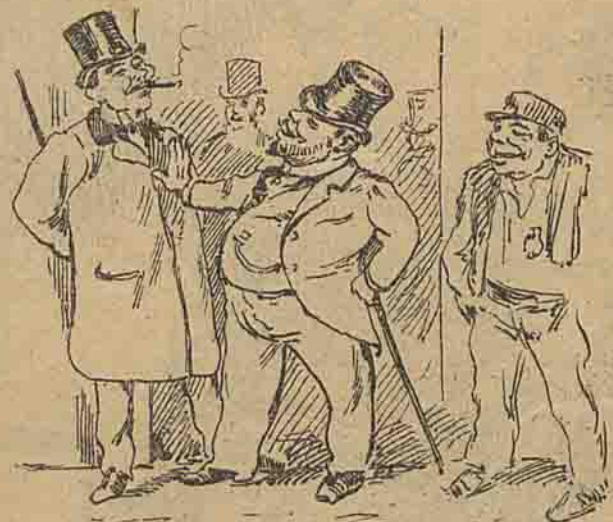


ultima semana ficou assignalada por um d'estes escandalos só comparaveis aos dos tempos da infame corrupção romana. ou aos escandalos relatados na anno pela *Pall Mall Gazette* de Londres.

Imaginem os leitores que duas parisienses ousaram apparecer n'uma friza do theatro de S. Carlos—decotadas!...

Não ha memoria de semelhante audacia nos annos do nosso theatro lyrico. Não ha sombra d'uni precedente que possa perdoar ou desculpar semelhante atrevimento, semelhante audaciosa-provocação aos nossos habitos e costumes de capital civilizada. ... quiçá! em breves annos, capital da civilização europeia.

Pesscas curiosas de documentos historicos trataram de investigar nas chronicas de S. Carlos quaes os escandalos que podessem aproximar-se d'este a que alludimos. Mas nenhum ha que lhe chegue em audacia e insolencia.



—Ah! sim! elle é isso?... Pois vaes ver como sou forte aos saltos, mesmo fóra da batota... E donde se deve partir?..

—De qualquer parte. Mas o mais commodo é partir do hotel.

Lembram-se os velhos *dilletanti* d'um homem que uma noite appareceu nas cadeiras de casaca e gravata branca, e ainda por cima com a circumstancia aggravante d'um collete de setina preto, bordado, e d'uma gardenia na lapella. Esse atrevido foi immediatamente posto na rua por dois porteiros, attendendo a que não se estava no carnaval.

Tambem ha quem se lembre de ter visto uma noite, uma senhora, em cabello, manga curta, e grandes luvas de *peau de Suède* até ao ante-braço.

Houve grande sussurro, quando appareceu á frente do camarote. Mas como se estivesse no entudo, explicou-se facilmente o caso, e foi perdoado á nobre dama este attentado aos bons costumes.

Mas duas senhoras decotadas, e principalmente na quaresma, e propositalmente n'uma frisa, foi o que nunca ninguém vio, e o que nunca ninguém poderá tolerar!...

Eu tambem sou dos que se indignam com semelhantes modas e modernismos.

De civilisação e estrangeirismos andamos nós fartos. Cada terra com seu uso e cada theatro com seu fuso...

Que tenho eu que ver, que n'esses Parizes e n'esses Londres os homens vão de casaca e as mulheres vão decotadas para a opera? Pois nós cá não vamos, e estamos no nosso direito. E que tem que ver com isso a Europa?...

S. Carlos é o que é—e não o que meia duzia de peralvilhos querem que elle seja.

Conheço frequentadorsinho que tem ido muitas vezes para a sua cadeira, de chapen desabado e de espóras. Assim é que é!...

Um theatro deve ser considerado com um quintal, para onde uma pessoa vae distrahir-se um bocadinho. Assim é que deve ser! E a prova, é que os espectadores, emquanto o panno está em cima, estão lendo as gazetas, estão conversando com as beldades que a Hespanha regularmente nos exporta, estão dormindo, estão roncando, estão fazendo tudo, menos prestar attenção ao que se toca e ao que se canta. D'onde concluo que em S. Carlos, até nos devemos pôr em mangas de camisa, e ir de chinellos para a plateia.

Ou bem estamos em nossa casa, com os nossos usos e costumes—ou isto aqui é roupa de francezas.

Sabem que mais?... Quem quer andar de casaca e decotado, que se vá embora, que não faz cá falta nenhuma. Nós queremos a nossa commodidade—e quem não estiver contente... rual

—O' José! dá cá os chinellos para ir ouvir o Tamagno!...

QUIDAM.

### O LISBONENSE

O *Lisbonense*—jornal de marmore e de granito—lança á capital esta terrivel pergunta:—*Quem vive?*... Ora, quem ha de ser



—Ora vamos a isto! Vou assombrar Lisboa! E lá vae até ao Rocío.



Ao passar pelo Rocío:  
—Coitadinho! o que terá o homem? Irá chamar a parteira?...  
—Estás doida! Aquillo é a dança de San Vito...

# Abertura das Camaras... A extra-serração da velha.



E toda a Malta, com os competentes capatazes, foi assistir á tradicional serração da velha... e ouvir o respectivo sermão. Mas ainda d'esta vez ninguem ousou serrar a velha. E só se ouviu o sermão que foi...



O sermão de não Coelho.



Com seu barrete vermelho



Com sua espada de cortiça.  
Para matar a Carriça.



A carriça deu um berro



Toda a gente ss espantou



E só a velhita ficou



Embrulhada n'um chinello.

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

## A minha opinião sobre o empréstimo.

Bem sei que posso amargar  
Por cumprir co'o meu dever:  
Entretanto, heide fallar,  
Heide expor o meu par'cer,  
—Pese a coisa a quem pesar,  
—Dôa a coisa a quem doer!

No fundo, o empréstimo é nobre,  
E eu, por mim, não no crítico,  
Pois traz oiro, e prata, e cobre,  
P'ra alimentar muito bico,  
—Despejando o bolso ao pobre,  
—Enchendo a algibeira ao rico...

Se bem que digam diversos  
—Como em voz alta se diz—  
Que hão de mostrar se os reversos  
D'esta medalha feliz,  
E, que em miséria submersos,  
Damos em vasa barris.

Mas, em tal caso sombrio,  
Não se antolha a coisa amarga;  
Pois até, por tal feitio,  
Vamos ficar mais á larga:  
—Quando o barril 'stá vazio,  
Diminue o pezo á carga...

Ao mesmo tempo, de magoa  
Tristes, qual triste viuva,  
Pensamos: se aberta a fragõa  
Que tira o pão, secca a uva,  
De tal sorte, á falta d'agua,  
Ficamos a pedir chuva...

Mas, que fiquemos, prevejo  
Do trigo faltando as messes,  
Surge logo um bello ensejo  
P'ra festas, saráus, kermesses,  
—E p'ra o pápa, bemfazejo,  
Desatar a fazer preces.

Que, depois, também, é certo  
Complicarem-se as questões...  
—Se rebenta um ceu aberto  
De chuva, por conclusões  
Vamos ter, e muito perto,  
Mais data de inundações...

Que, pensando sobre o caso,  
P'ra dôr não vejo motivos,  
Pois isso até vae dar azo  
A que o povo, em vivas vivos  
Acclame, em publico e raso,  
Os anjos caritativos...

.....  
Em resumo, em conclusão,  
De consid'randos ao cabo,  
Esse empréstimo em questão,  
Que eu não condemno nem gabo,  
E' bom como o bom melão  
E ruim como o diabo!

PAN-TARANTULA.

## A NOTA DOMINANTE

Que nome faz mais vezes o echo resoar,  
E domina o ruído dos gritos patrióticos?  
Tal nome, ás damas grato, é Congo, d'além-mar,  
Esse fino sabão de perfumes exóticos.

Um jornalista de Lisboa ao saboeiro Victor Valssiez.



Um policia.—Está preso!... Onde vae você?...  
—Ora essa! onde vou? onde vae a gente elegante.  
Vou aos saltos ao Campo Grande...

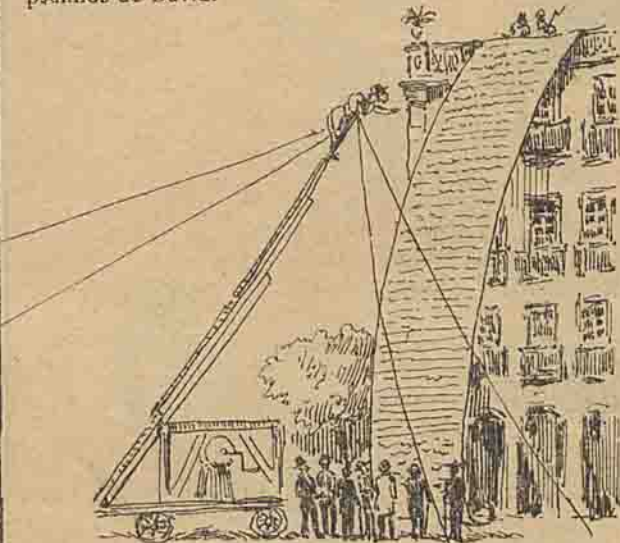


Policia.—Ande lá para traz! Isso agora é na Tapada!

—Oh com mil diabos! Que grande estopada... Por isso não encontrei ninguem aos saltos para este lado.

# O manifesto da Liga

Podia ser escripto n'um grão de trigo—como os psalmos de David.



Zé Povinho para ler esse kilometrico programma de moral, de economia e de patriotismo para uso das instituições que felizmente nos regem, tem de trepar á escada Fernandes. E depois de o ler, exclama:



—Ora... ora... Ligorios... farelorios... cebolorios!...

# Chegou o Tamagno—e de que tamanho!...

Só o podemos desenhar d'este tamanho,



porque fazer o Tamagno do tamanho da estatura do Tamagno, seria do tamanho da Avenida. A ovação ao Tamagno vai ser tamanha como a sua voz, e sentimos não poder registrar tamanho artista, senão d'este tamanho...



Mas se o Tamagno não ficar contente com o tamanho em que desenhamos o Tamagno, que elle peça ao sr. Antonio Du



que o ponha por escripto n'um artigo e ficará Tamagno do tamanho natural...

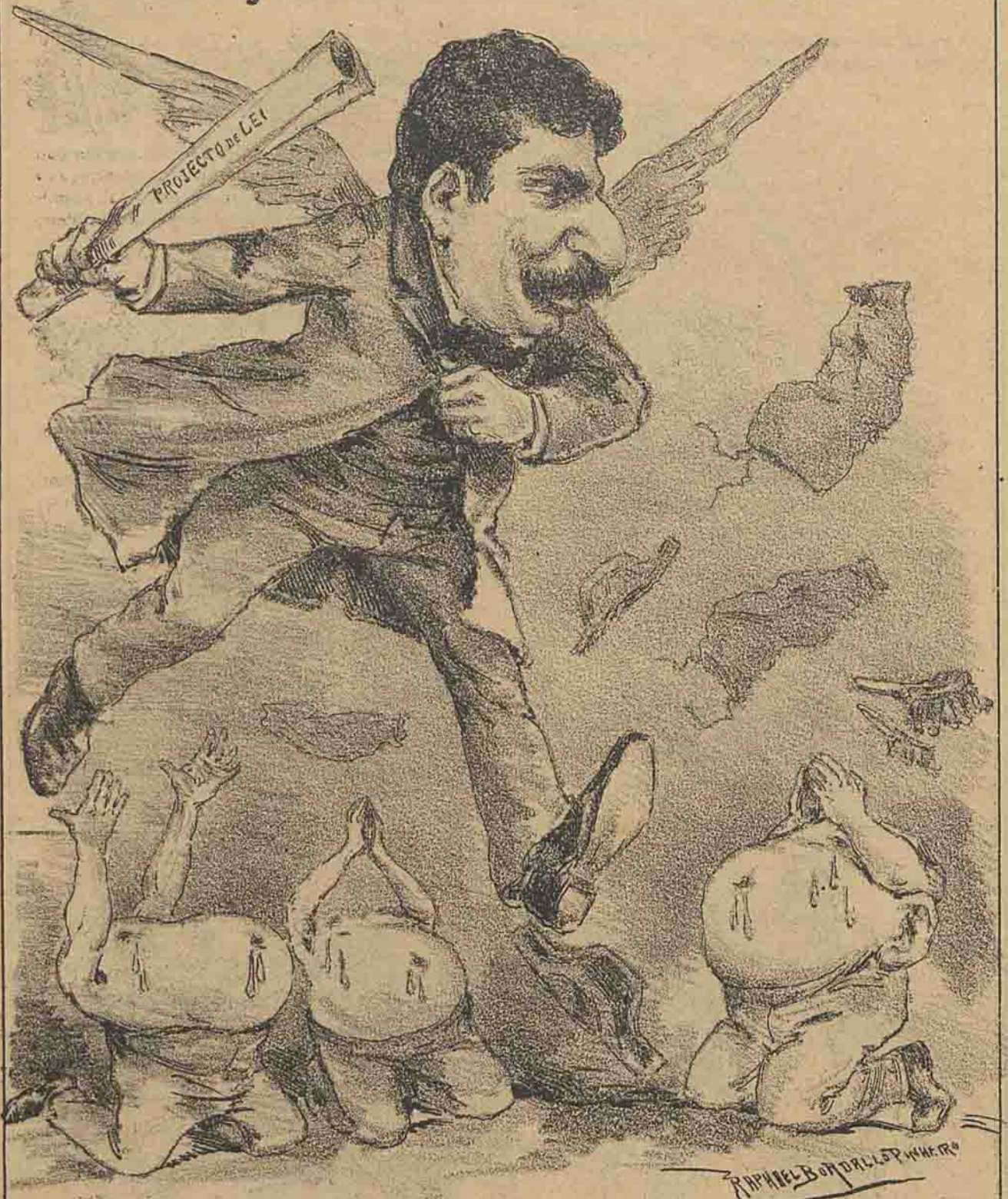


**Policia.**—E vossoria está habilitado para saltar?  
 —Pois então não vio?...  
 —Não digo isso. Tem documentos?...  
 —Ora essa... Tenho as pernas!



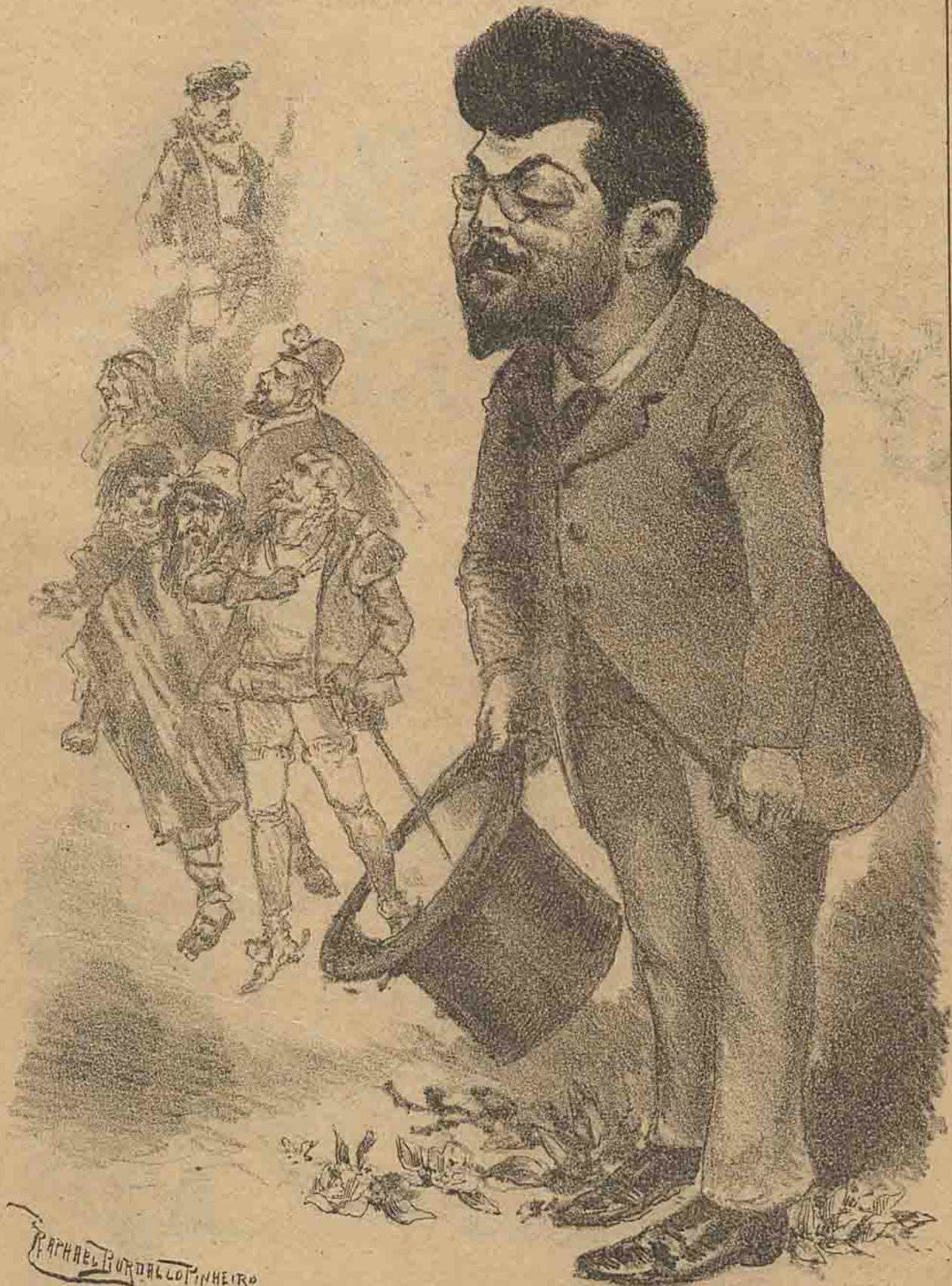
**Policia.**—Vo'soria não m'entende! Para saltar são precisos pergaminhos!  
 —Pois olhe! Tenho tantos e tão bolorentos, que até posso saltar a pés juntos!...

# Projecto de lei Eduardo d'Abreu



## OU AS ECONOMIAS POR UM OCULO

*Choro das BARRIGAS.*—Ai! meu rico senhorsinho! Tenha dô das pobres Barriguinhas! Como havemos de fazer a Avenida e ouvir o Tamagno?... Não toque no nosso bazuinho, que nada nos custa a ganhar... Ai! meu rico senhorsinho! Não bula nos generaes, para que as revoltas só sejam de sargentos!...



RAPHAEL BORDALO PINHEIRO

OS HOMENS DA SEMANA

D. João da Camara

Muita modestia, muito cabelo e muito talento.

# THEATRO DE D. MARIA

## O ALCACER-KIBIR.



Consignando o grande exito do bello drama de D. João da Camara, faltariamos ao mais agradavel dos deveres se aqui não deixassemos archivados alguns perfis dos seus personagens que encontraram uma superior interpretação nos artistas do theatro de D. Maria.





UER-NOS parecer que o melhor que o *Extra-partidarismo* tem a fazer, é nunca mais tornar a abrir o parlamento, se é que o *Extra-partidarismo* quer gosar ainda por algum tempo das delicias da dictadura e das ineffaveis satisfações do poder.

Por muitos motivos, sendo o principal, quanto a nós, que a rhetorica parlamentar é uma das causas das poucas idéas que florescia n'este abençoado paiz; e sendo o principal, quanto ao governo, que elle ouve cousas que desprestigiam uma dictadura.

Uma dictadura é ou não é o *posso, quero e mando* dos governos, absolutos; enxertado cuidadosamente na carta constitucional? ... E'.

Ora desde o momento que é esse *posso, esse quero e esse mando*—não podemos comprehender, nem para que é que se abre o parlamento, nem para que é que um governo se expõe ás criticas do sr. Eduardo d'Abreu, ás flagellações do sr. Manuel d'Arriaga, e ao terramoto rhetorico do sr. Manuel d'Assumpção...



não ser que o governo de Sua Magestade esteja disposto a divertir-se á custa da representação nacional—para o que eu me inclino de boa mente e de não menos boa vontade.

Effectivamente, só como desfastio e intermedio comico-politico se comprehende a abertura das Camaras.

Estão abertas para os pares e deputados fallarem ácerca d'um contracto que não leram; estão abertas para elles approvarem um contracto cujas condições totalmente ignoram; estão abertas unica e simplesmente para acharem vantajoso para o paiz um negocio que todo o paiz considera detestavel...

E surgem os capitães-móres da maioria e da minoria, desde o mavioso rouxinol que no mundo dos tenores parlamentares dá pelo nome de Pinheiro Chagas, até ao estridulo barytono sr. Emygdio Navarro, para affirmarem á camara e ao paiz que o negocio é detestavel, mas que na *presente conjunctura* se não pode arranjar cousa melhor.



e todos os ephemismos parlamentares, o que é soberanamente adoravel é a *presente conjunctura*. Porque, de todas as vezes que este paiz é levado pelos partidos politicos dominantes a todas as capitulações financeiras e diplomaticas, ha sempre quem, em nome d'esses partidos, venha, como os contra-regras á bocca da scena,

para declarar—á camara e ao paiz—que na *presente conjunctura* se não pode arranjar nada melhor... se não capitular!

Sómente os contra-regras dos theatros quando vêm ao proscenio pedir desculpa ao publico pelos fiascos praticados, são recebidos á pateada...

Emquanto que em S. Bento, se o publico ousasse manifestar o seu descontentamento pelos auctores—o menos que lhe acortecia era ser posto fóra das tribunas á pranchada.

E' aguentar e calar!



UANDO um individuo dá provas abundantes da sua incompetencia, é demittido do seu lugar.

Quando um individuo, arrastado pelos peccados do mundo, procura por todos os meios ao seu alcance arruinar-se a si, á mulher e aos filhos,—immediatamente se lhe impõe um conselho de familia.

Quando um individuo acaba de fallir, não é costume confiar-se-lhe a gerencia d'uma nova casa de commercio.

Ora como é que se explica que os partidos politicos, que nos levaram ao lindo estado de miseria e humilhação a que chegámos; que nos deram as mais inequivocas provas de incompetencia politica, de loucura financeira e diplomatica—continuem ainda a governar-nos, a dirigir-nos... e a arruinar-nos?...

Graças aos governos que se teem succedido no poder—Portugal vê-se obrigado a abrir fallencia financeira e diplomatica. Pois apesar de semelhante desastre, continuam a ser os mesmos, os corpos gerentes d'este grande estabelecimento que se chama o Estado.

Pois que o *Extra-partidarismo* não passa d'uma gerencia transitoria, d'uma paragem de cinco minutos no entrocamento das Dóres de Barriga, para depois novamente descarrilarmos na estação *regeneradora* ou na estação *progressista*...

# CAVALLO D'ESTADO... INSACIAVEL



Um dia que o aventureiro barão de Munchausen dava de beber á alimaria, viu com assombro que a besta era insaciavel, porque a agua corria toda por detraz a proporção que entrava por diante... Com o cavallo de Zé Povinho succede exactamente o mesmo. O que o bruto absorve por diante em empréstimos — logo se lhe esvae por detraz em empregos... E assim foi e assim é, e assim será... *per omnia secula, seculorum*... Amen!



Aqui para o futuro, *extra-partidarismo* quererá dizer: verificação de obito—ou auto d'uma asneira, aliás prevista, mas que tinha fatalmente de se consumir nar—e que se consumiu!

Hoje o *extra-partidarismo* servio para afirmar ao paiz que effectivamente se foi pelos ares o rendimento dos ta-

bacos.

A'manhã, que pelos ares tambem foi o nosso dominio colonial.

Depois, que pelos ares tambem foram os caminhos de ferro do Estado.

E depois de ter ido pelos ares tudo quanto constituia rendimento d'alguma importancia; quando já não houver mais vintem nas arcas do thesouro; quando Portugal estiver hypothecado a todos os banqueiros de Paris e de Berlim, quando já não houver mais nada para empenhar, nem mais colonias para cultivar, de novo apparecerão no proscenio de S. Bento os dois contraregras do theatro, para declararem o seguinte:

—Sr. Presidente. Cumprimos o doloroso dever de dizer á camara e ao paiz que, na *presente conjunctura*, só nos resta fazer uma cousa... pedir esmolla!



esse dia não pode estar muito longe, attendendo a que os encargos augmentam despropositadamente. E quando um deputado, como o sr. Eduardo d'Abreu, ousa apresentar um projecto de diminuição de despezas, se logo o não enforcaram, é pela simples razão de que não ha uma força no largo das côrtes.

Este sr. Eduardo d'Abreu é positivamente um scelerado! Ter a ousadia de apresentar um tal projecto, n'um paiz onde as receitas do Estado attingem 40 mil contos e as despezas 45 mil; n'um paiz onde por anno se gastam mais 5 mil contos do que é permitido gastar!...

E ainda por cima queria que o nefando projecto fosse publicado nas sagradas columnas do *Diario do Governo!*

Ha muito que se não vê da parte d'um representante do povo, semelhante acto de loucura ou de insensatez.

Nem eu sei como a camara não resolveu expulsal-o do seio da representação nacional.

Esse homem não é um deputado—é um facciora!...

QUIDAM.

## A exposição do «GREMIO ARTISTICO»

Cumprimos o doloroso dever de confessar em publico e razo, que o nosso lapis não é bastante grave para poder reproduzir algumas das teias de subido valor que ali se encontram.

Atacados d'uma cruel irreverencia que nos corroe a alma todas as quintas feiras, vemo-nos forçados a só offerecer aos nossos leitores a reprodução comica d'alguns quadros que do fundo do coração reputamos como excessivamente sérios.

Que os seus auctores não levem a mal estes *croquis* de quem tem por divisa: antes rir, que lagrimas chorar.



N.º 26. (Condoixa).

O infante D. Henrique, bordando ao bastidor.



N.º 34. (Escolá).

«A bella espanhola dos dedos em fogo».

E' um gracioso reclame ao Petroleo-Agua.



N.º 42 (Freire).

A Rosita. Com terteza  
leva o seu grãosinho na  
aza. Vae aos bordos...



N.º 92 (Mello)

O que veria o «rapaz  
breião» para ficar assim tão  
assarapantado?



N.º 35 -- (Escoiá)

Ecce homo. E' um se-  
nhor da canna verde, com  
muito lume no olho.



N.º 37 -- (Escolá).

Outomno. Oh! memina  
Outomno, tenha mais mo-  
deração nos seus gestos!  
Tão bonita e tão brejei-  
ra!?!?



N.º 7.º (Baeta).

A «Sancha» do Alcacer-  
Kibir, quando era nova e  
nós dias em que se pentea-  
va.



N.º 69. (Malhoa).

Sempre ha coincidencias !!!



N.º 236. (Delfim).

Guerrilheiro alemteja no

Não é tal, é uma calúnia. E' o Pedro da guarda  
municipal a dar-se ares de José do Telhado.

(Continua no proximo numero.)

## NABOS EM SACCOS

Por conta do seu patrão  
—Fidalgo de Arrentella—  
Contratára um hortelão  
De nabos farta porção  
P'ra o tempero da panella.

E, talvez porque temesse  
Do patrão ralhos futuros,  
Instou p'ra que elle viesse  
Ver os nabos e dissesse  
Se os nabos 'stavam maduros.

—Se não se fia em meus gabos  
(Disse elle, pensando bem)  
Vá você, com mel diabos,  
Em pessoa, ver os nabos  
E dizer se lhe convêm!

Convocado d'este lote  
P'ra dar apreço á fazenda,  
Foi-se o bom do fidalgo,  
N'um jumento, a meio trote,  
Ver os taes nabos á venda.

Após cancela que até  
Lhe poz n'um lago os sovacos,  
Dos nabos chegando ao pé,  
Nem d'elles poude dar fé  
— Pois 'stavam todos em saccos!

Dando largas á loquella  
—No que foi sempre um pimpão—  
N'uma arenga toda bella  
O fidalgo d'Arrentella  
Disse p'ra o seu hortelão:

—A servir-me vaes ao cabo,  
E a trabalhar te desunhas!  
Mas como quer's — co'o diabo! —  
Que eu possa apalpar um nabo,  
Sem ter o nabo nas unhas?!

Se quer's que os nabos eu veja,  
Os saccos desenchourça;  
Pois tenho rasão sobeja  
P'ra suspeitar que isso seja  
Em vez de nabo, nabiça!

O hortelão, crespo o sobrolho,  
Respondeu, de mão na lharga:  
—Se quer nabos, não no tolho,  
Hade compral-os a olho  
...E é questão de pega, ou larga...

E o fidalgo, que gemia  
De fome, como um rafeiro,  
Comprou nabos—que não via—  
Sem saber se lhe impingia  
Cuspo... por banha de cheiro!...

Agora, os leitor's dirão,  
Desde a Ajuda a Lavarrabos,  
Se, com fundada rasão,  
Do emprestimo a discussão  
Não lembra a compra dos nabos...

PAN-TARANTULA



RAPHAEL BORDALES PINHEIRO

OS HOMENS DA SEMANA

O tenor Tamagno

Tamanho Othelo não ha como Tamagno.

# BARÃO DO ALTO MEARIM



A imprensa diaria acaba de saudar com palavras reveladoras de grande sympathia, a chegada a Lisboa do barão do Alto Mearim. O *Antonio Maria* cumpre o agradabilissimo dever de tornar conhecida do publico a physionomia d'este illustre compatriota, que tem sabido, pelo seu character e pela sua intelligencia, conquistar a estima e o respeito do paiz que o vio nascer e do Brazil que é sua patria adoptiva.

Nós, seus amigos de ha muitos annos, sentimos verdodeiro orgulho em apresentar aos leitores o retrato de quem é o mais bello exemplo do que pode a actividade e a intelligencia dos portuguezos, fóra d'este meio e d'esta politiquice chronica em que nos debatemos e nos afundamos cada vez mais...



Em Portugal ha sempre aberto em permanencia um templo do escandalo. Quando não é S. Bento, é S. Carlos; quando não é S. Carlos, é a praça dos toiros; quando não é a praça dos toiros, é a praça da Figueira.

Quatro praças distinctas—e um só chinfrim verdadeiro!

Em Portugal ha sempre alguma coisa para partir, em nome d'uma ideia, d'um principio, d'um partido, ou d'uma quadrilha:—ou sejam carteiras em S. Bento, ou cadeiras em S. Carlos, ou trincheiras nas praças dos toiros.

Donde o estrangeiro prespicaz e observador conclue, sem grande esforço de mibleira, que Portugal é um paiz do occidente europeu com uma população de cinco milhões de habitantes, precisando para bem do Estado, e socego da Europa, d'uma importação mensal de cinco milhões de colletes de força...



TODAS estas reflexões, mais proprias do sr. dr. Graveiro Lopes—director d'um estabelecimento que poderia ser apontado a S. Bento e a S. Carlos, como modelo de ordem e bom senso da parte dos seus pensionistas—todas estas reflexões mais proprias da penna d'um alienista do que da penna d'um plunitivo, me são suggeridas pelas sarprezas que ao exame da critica—este tribunal augusto—todas as noites offerece a plateia de S. Carlos.

Já o disse Voltaire e eu não cessarei de o repetir:—«Se não houvesse S. Carlos seria preciso invental-o!». . . —Porque S. Carlos não é só o vulgar theatro d'Opera que nós conhecemos desde o herço—S. Carlos é o thermometro e o barometro que marcam as variações da critica e do bom gosto, n'esta cidade que nunca teve a coragem de ser de marmore nem de granito, apesar de todas as provocações de Alexandre Herculano.



lisboeta, além de ser natural de Lisboa, é profundamente irascivel—irascivel nas palmas, como irascivel na pateada.

Diante d'um cantor de S. Carlos, sentado n'uma cadeira de S. Carlos, o lisboeta ha de fatalmente pôr-se em actividade, mostrar a sua actividade. Nós somos a capital mais activa da Europa!

Não se calcula a força motriz e gratuita que perde a nossa industria, por falta de engenheiros que saibam transmittir ás officinas a força que se consume dentro do theatro lyrico, n'esta dupla função de rasgar luvas e arrebentar botas.

Ao *extra-partidarismo* do sr. Thomaz Ribeiro compete convidar o Thomaz americano, isto é: o Alva Edison dos Estados-Unidos, para estudar o phenomeno.

Na sua ultima viagem á Europa, durante a travessia de Nova-York para o Havre, o celebre inventor passou dias e dias a meditar no aproveitamento da força das ondas em beneficio da industria humana.

Calcule agora o leitor no aproveitamento da força que emprega o grupo capitaneado pelo sr. Antonio Duarte para applaudir os maus cantores; e na que emprega o grupo do sr. José Saragga para patear os que não sendo positivamente bons, tambem não são absolutamente maus!



U convido os 7:500 amadores photographicos do Mindello e de Lisboa a assestarem as suas objectivas sobre estes dois chefes dos dois grandes partidos *san-carlenses*—depois d'uma representação dos *Huguenottes*.

E' preciso que a Posteridade possa contemplar estes dois exemplares do faccicismo lyrico no ultimo quartel do seculo XIX.

Na historia da musica conta-se como um exaggero sem precedentes, a historia d'um rico leque de tartaruga, que a princeza de Metternich quebrou contra o parapeito da antiga Opera de Paris, n.uma noite em que ali foi assobiada a primeira composição do seu querido Wagner—então no começo da sua carreira.

O' tempora! O' leques! . . .

Na segunda feira passada, emquanto pela porta dos impares, sahia triumphante o sr. Antonio Duarte, com as luvas rasgadas e as mãos em sangue:—pela porta dos pares, sahia não menos triumphante o sr. José Saragga, com as botas arrebentadas e todo elle a escorrer em suor.

E os dois luctadores, se não foram levados em triumpho, coroados de louro e á luz de fogos de Bengala—foi por muitas razões que não podemos enumerar, attendendo a que estas columnas não dispõem da extensão kilometrica do *Jornal do Commercio*.



ONSTA-NOS á ultima hora que se organisa uma grande comissáo de defeza lyrica, para abrir uma subscrição nacional com o fim de offerecer ao sr. Saragga—um par de botas de honra, tendo gravadas nas solas estas palavras:

**Aos grandes pés a patria reconhecida.**



Surgem, porém, duvidas curiosas, a saber:  
Se o sr. Saragga deve calçar estas botas em noite de primeira representação; ou se as deve trazer a tiracolo; ou se as deve trazer ao pescoço, em fórma de collar.

Tenciona-se consultar sobre o caso o conselho da ordem do Tosão d'Oiro...

QUIDAM.



### Mascarada da serração da velha



Conheces-me?  
Ora, pudera—és a vida velha.

### PATRIOTISMO

Servir de Portugal a nação e a coróa,  
E depois perfumar-se de Congo encantado,  
Sabão que a fama traz de Pariz a Lisboa.  
E' a mais feliz sorte de um bravo soldado.

Um official ao saboeiro francez Victor Vaissier.



# A Procissão do triumpho—O Sacrificio de Abrahão

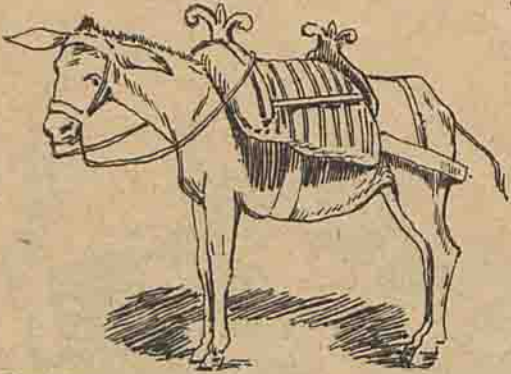


E Abrahão conduzia ao sacrificio o seu dilecto Isaac, que á hora que o nosso jornal entra na machina já estaria feito em postas, se o Senhor não tivesse expedido em grande velocidade dois anjos extra-partidarios para suster o terrivel alfange *biscainho*, fazendo apparecer ao longe o carneiro com batatas da concordia.  
*Nota.*—Vemos com prazer que as antigas commemorações biblicas, que deappareceram ha muito das procissões da rua, agora surgem na imprensa politica. Não deixaremos de as registrar com a satisfação extra-partidaria que nos vae n'alma.

## Exposição do GREMIO ARTISTICO

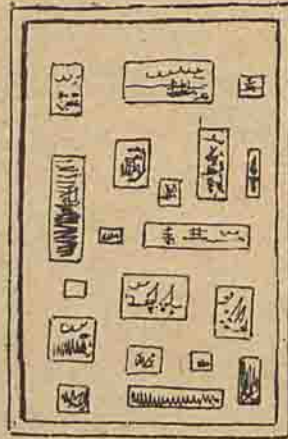
Salão comico

(Continuação)



Um burro por S. M. a Rainha.

Pareceu-nos conhecer o burro e a albarda. Respeitosamente observamos a S. M. que não são permitidas as allusões politicas.

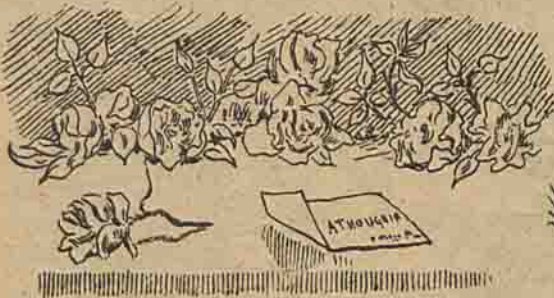


Missanguinhas, de S. M. El rei.



N.º 196. (Ramalho).

«La belle au bois dormant»... acordada.



N.º 2.—Rosas. (Visconde d'Atouguia)

Achamos muito catita a ideia de bilhetes de visita pintados a oleo.

Oh! sr. Visconde, quanto custa o cento?



N.º 110. Alverca. (Queiroz).

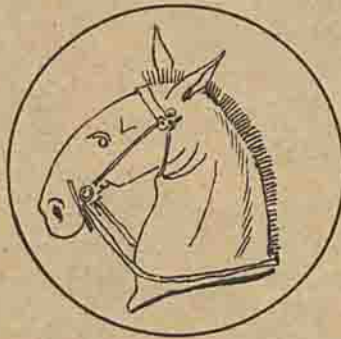
Dentro d'uma casca de nóz, em cima d'um espeelho, um philosopho ribatejano, medita sobre o nada das grandezas humanas.



N.º 50. Preliminares (Greno).

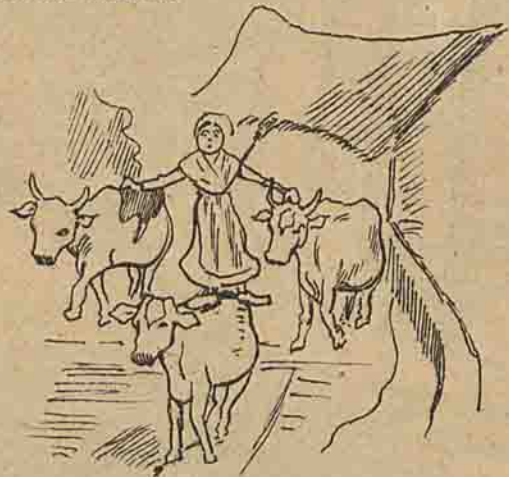
Um cabo a fazer pé de alferes. Continua a indisciplina a lavar no nosso exercito!

Resultado provavel estes preliminares: Muitos soldadinhos p'ra patria.



N.º 11. Cabeça de cavallo. (Barradas).

Estudo para o seu proximo quadro historico que será de grandes dimensões, terá por titulo: A «Entrada de D. Carlos em Barcellona» e é a continuação da «Entrada dos Hespanhoes no alcaçar de Sevilla».



N.º 174. Chemin de Redon (Verde)

A herculea breiã de Malestroit fazendo equilibrios n'um vitello em pello e suspendendo nos braços um boi e uma vacca. Aconselhamos este prodigio ao sr. Santos Junior do Colyseu.



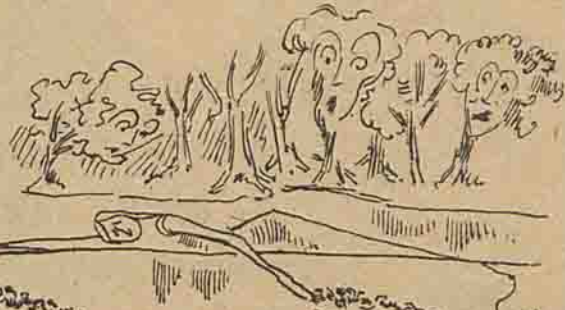
N.º 188.—(Gamelro).  
Só um pae desnaturado  
era capaz de torcer assim  
o narizinho á menina!



N.º 109. *Pastor do alto Alemtejo.*  
Parecia-nos melhor substituir o titulo, por este  
outro:  
«Altissimo pastor de baixissimas ovelhas».



N.º 94. *No campo (Mello).*  
Joven bretã desconsoladissima por não ter ali á  
mão um cordelinho para puchar pela vaquinha com-  
prada no Benard, do Chiado.



N.º 248. *Ophelia (Lobo d'Avila).* *Augusta Bordallo Pinheiro*  
Ophelia nadando d'agulha, com grande espanto  
das arvores da margem, que desde Orpheu, se não  
mechiam.

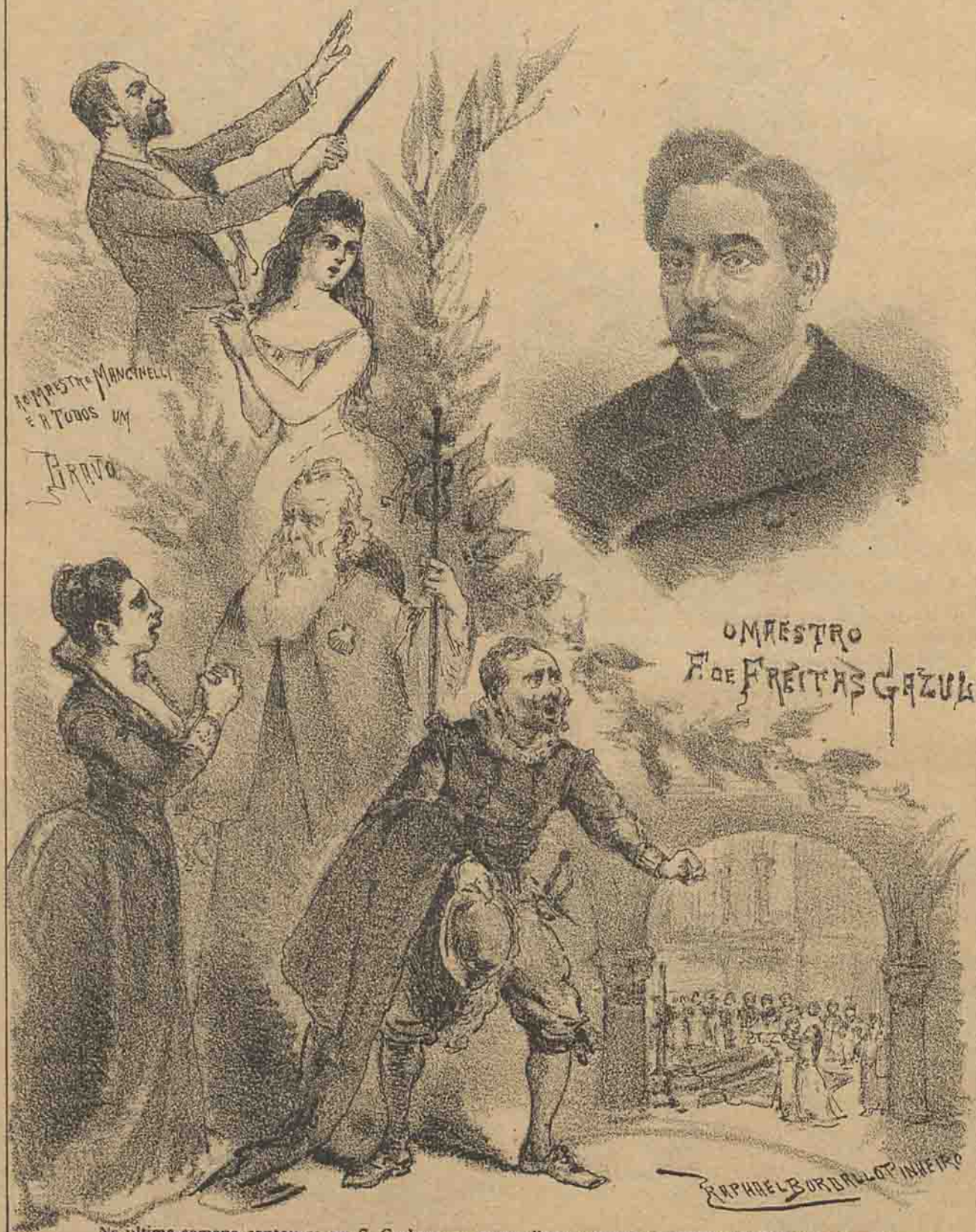
### THEATRO DA AVENIDA «O DIREITO FEUDAL»



Se a imagem não andasse por ahi aos tombos, gasta e esfrangalhada, diriamos agora que a batuta de Cy-  
riaco Cardoso foi a varinha magica que n'um abrir e fechar d'olhos fez da Avenida um bello theatro de opereta,  
com excellentes cantoras, excellentes còros e excellente orchestra. Mas não dizemos... porque a imagem anda  
por ahi aos tombos, gasta e esfrangalhada. Tambem muito teriamos que dizer do modo brilhante como Cinira e  
Lucinda cantam o *Direito feudal*. Mas não dizemos porque preferimos ir ouvil as e applaudil-as.

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

# FREI LUIZ DE SOUZA



Na ultima semana cantou-se em S. Carlos uma opera d'um *compositor portuguez*! Talvez pareça falsa esta noticia... Pois não é! Ainda ha quem use talento e saber na producção d'uma obra d'arte nacional, quando se sabe antecipadamente que, se não fôr desprezada pelo publico, ha de ser pelo menos victima dos desdens da critica. Resta a Freitas Gazul a suprema consolação de que os conhecedores de boa musica e os verdadeiros artistas applaudiram sinceramente essa opera, onde se revelam qualidades excepcionaes de talento e de sciencia musical.

Editor Manuel Luiz da Cruz. — Sêde da administração, rua do Norte, 39, 1.º

Lithographia de Portugal, Travessa da Arrochella 2

Imprensa Minerva — 12 Travessa da Espera, 14

# JOÃO CHAGAS



RAPHAEL BURNELLOP IN KEIRS

Les temps sont durs; c'est bien. Le martyr console  
 J'admire, ô vérité, plus que toute auréole,  
 Plus que le nimbe ardent des saints en oraison,  
 Plus que les trônes d'or devant qui tout s'efface.  
 L'ombre que font sur ta face  
 Les barreaux d'une prison...

(Les Chatiments)

VICTOR HUGO

## LÉO DA FONSECA

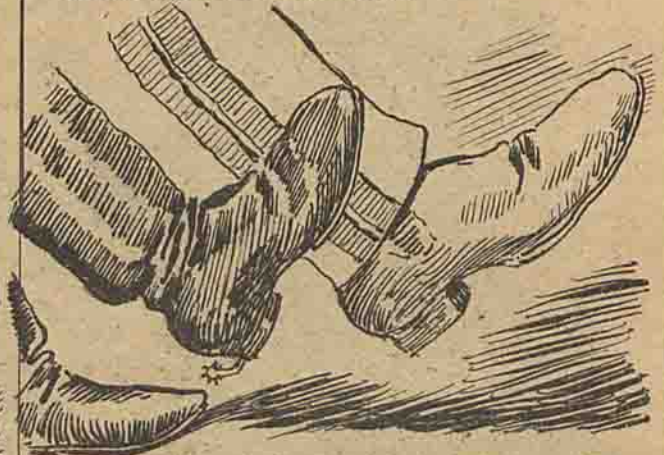


O Antonio Maria saúda o amigo e o distinto collega, hoje redactor-gerente do *Paiz* do Rio de Janeiro, no momento em que volta á patria donde estava afastado havia tantos annos. Como elle a hade encontrar mudada!... Nem sequer ousamos explicar a Léo da Fonseca, o que é o *extra-partidarismo* e o que são os *nephelibatas*. Nem elle mesmo ouse perceber. Porque, nem se explica, nem se comprehende, nem mesmo se advinha. O melhor, amigo, é bebermos á saude do que este paiz ainda pode ser!...



## 3 HORAS

Quando alta noite os sinos badalam 3 horas e o mocho pia na marmorea cruz, sente-se nos quartéis de Lisboa um vago ruído de botas... de botas... de botas... *Sont les carabiniers?*...



Não, leitores! E' o governo que passa, espreitando as casernas, farejando as tarimbas indagando se as espingardas estão em lugar seguro.



Porque o melhor dos governos possiveis e imaginaveis está hoje convencido do que só se fazem revoluções ás 3 horas da madrugada.

Todas as rondas e todas as prevenções são sempre para ás 3 horas. Cuidados, afflicções, dores de barriga e o resto—ás 3 horas!

E' por isso que ás 3 horas, quando o vento geme no feral cypreste e o mocho pia na marmorea cruz,



se ouve um ruido de botas... de botas... de botas,  
e se vé um governo, de mãos na barriga... barriga...  
barriga... a correi para a casinha... perdão,



para a caserna, verificar se a soldadesca dorme o  
somo dos fiéis—as instituições que felizmente nos  
regem.



s jornaes da opposição na sua  
odiosa propaganda contra o  
melhor dos governos possiveis,  
que nos deve a novidade de dois  
mezes de suspensão de garan-  
tias, e mais os conselhos de  
guerra, e mais o vantajoso em-  
prestimo que todos conhecem  
—os jornaes da opposição an-  
dam agora barafustando contra  
as reformas que o governo quer

introduzir no municipio de Lisboa.

Eu nem sei como o melhor dos governos possi-  
veis ainda consente que se publiquem jornaes de  
opinião contraria. E só por uma tolerancia cujo al-  
cance me sinto incapaz de attingir, é que não sup-  
prime todos os jornaes de Lisboa, á excepção do *Antonio Maria*, e do ciborio da sua ideia, mais vulgar-  
mente conhecido pelo nome de *Lisbonense*.

*Cá do fundo do meu Desterro.*

*Do meu miasmatico paul*

como diz o nosso Eugenio de Castro, o que eu aconselho ao melhor e mais nephelibata dos governos, é que dê cabo da imprensa.

Desde o momento que os jornalistas não querem comprehender que a penna foi dada ao homem para fazer o elogio de todos os governos—eu mandava todos para a costa d'África, na companhia de João Chagas, guardando apenas como exemplar da classe e como curiosidade de museu—o sr. Sergio de Castro.



Um governo precisa defender-se dos seus adversarios Para isso só ha um meio—é supprimilos. Ou por meio do desterro, ou por meio da prisão, ou por meio das multas.

Eu sou pelo desterro—colocar entre mim e o meu adversario a distancia que ha de Lisboa a Loanda. Mas tambem não achava mau e muito productivo para o Estado, a multa implacavel... já que a força passou ao arsenal das coisas inúteis.

Imprimia um jornal a palavra Republica—cem mil reis de multa!

Fallava em Democracia, nos Immortaes principios, nos Direitos do homem—50:000 réis de multa.

Procurava exemplos de bom governo nos paizes republicanos—200:000 réis de multa. E assim por diante!

Com um regimen assim, obtinham-se os mais excellentes resultados. Porque, ou se consolidava a dívida com o producto das multas, ou só escreveriam sobre politica os millionarios cá da terra.

E os verdadeiros jornalistas fariam então o que ha muito já deviam ter feito—emigrar d'este paiz, para não causar embaraços ao governo.



QUANTO á reforma dos serviços municipaes, quer-nos parecer que o governo não deve parar na instrucção e mais na hygiene—e deve tambem entrar pelos serviços de limpeza e de illuminação, transferindo-os para as secretarias do Terreiro do Paço.

Para esse fim—e principalmente para a limpeza da cidade—seriam os 100:000 amannuenses ás ordens do governo, transformados em 100:000 escrivães da penna grande.





# O ESTADO DO PAIZ

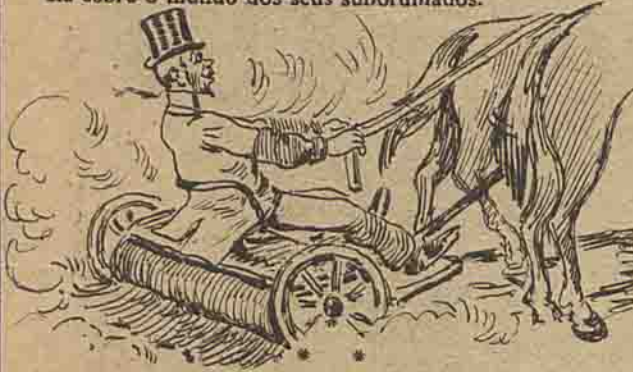
POR UM FIO!...



Lá dizem os francezes qu' il n'y a pas de sot metier. E assim, os 100:000 inuteis da pena d'aço, passariam a ser com regosijo manifesto da capital, os 100:000 funcionarios da penna grande.

Tudo burocracia.

Quanto aos srs. directores geraes ser-lhes-hiam confiadas as vassouras mechanicas—por ser posição mais elevada. E do alto d'esses cylindros, os srs. directores geraes continuariam a exercer a sua vigilancia sobre o mundo dos seus subordinados.



Gazeta de Portugal deu-nos a noticia de que ha um regimento em Lisboa onde todas as noutes se põem em lugar seguro as espingardas. Isto para que os soldados se não sirvain d'ellas para outros fins.

A explicação deixa-nos mergulhado na mais cruel anciedade, tanto mais que desde a mais tenra infancia tivémos

sempre uma notavel negação para advinhar charadas.

Que outros fins?... Parece-me que o fim d'uma espingarda é dar tiros. E que ainda até hoje, ninguém se lembrou de fazer salada de espingardas, ou cabidela de espingardas, ou espingardas com mólho de manteiga.

Em todo o caso, como os recursos da phantasia humana são insondaveis, passamos a achar prudente qua á noite se escondam as armas, para os soldados não abusarem d'ellas para outros fins.

E se os soldados tentassem violal-as, o melhor seria mandar cortar a todos as duas mãos.



Só um exercito de manetas seria incapaz de se revoltar

QUIDAM.

### A PORTUGUEZA

Engraçada, elegante, amavel, spirituosa,  
A gentil portugueza é deveras formosa,  
Mormente quando exhala de si os olores  
Do Congo delicado, tam encantadores.

Saboaria Victor Vaissier, Paris.

«Veja-se nos annuncios os Grandes Armazens do Printemps de Paris.»

## Theatro do Gymnasio. Educação moderna

### COMEDIA ORIGINAL DE GUIOMAR TORRESÃO



TIPOS DA PENA.

### NEPHELIBATAS

Desde Alcabideche á Amora,  
Toda a gente, n'esta data,  
Quer saber agora, agora,  
O qu' é qu' é nephelibata.

Rico banqueiro  
Que de dinheiro  
No migalheiro  
Tem gossa data,  
E aos que o não tem  
Nega um vintem,  
Não será—nein?—  
Nephelibata?



Rei reinadio  
Que haja feito  
P'ra andar a fio  
Na bambochata,  
Em tal lundum  
Sem pejo algum  
Não será um  
Nephelibata?



REI DA MADUREZA

Pantomineiro,  
Que o voto inteiro  
Vende o carneiro  
Vinho e batata,  
E depois chia  
Co'a monarchia,  
Não denuncia  
Nephelibata?



Um povo exangue,  
Com quem se mangue,  
Que em vez de sangue  
Só tenha orchata,  
Com rima em oprio  
Seria improprio  
Chamar-lhe o proprio  
Nephelibata?



Governo em p'riço,  
Que ao inimigo  
Faz, muito amigo,  
Bichinha gata,  
E, mal se estriba,  
Faz uma figa,  
Não sera—diga!—  
Nephelibata?



Paiz que deixa  
—E não se queixa—  
Sem que se mexa,  
Ir á arreata,  
Ou é gauderio,  
Ou anda aéreo  
N'outro hemisphério  
—Nephelibata!

Desde Alcabideche á Amora,  
Toda a gente, n'esta data,  
Saiba agora, agora, agora,  
O qu' é qu' é nephelibata!

REPÚBLICA DO PINEIRO

PAN-TARANTULA!

# Homens da semana



## Eugenio de Castro, primeiro nephelibata d'este paiz

Poz em circulação, com grande exito, o nephelibatismo e concebeu as **Horas** «longe dos barbaros. cujos inscientes apupos,—al não é de esperar,—não lograrão desvial-o do seu nobre e altivo desdem de nephelibata.»

Editor Manuel Luiz da Cruz.—Séde da administração, rua do Norte, 39, 1.º

Lithographia de Portugal, Travessa da Arrochella 2

Imprensa Minerva — 12 Travessa da Espersa, 14

# Homens da semana



Orpheu nos infernos... dos caminhos de ferro



grande successo theatral da semana é a reprise nas columnas do *Diario Illustrado* da comedia em varios actos, original dos srs. Victorien Sardou e Lopo Vaz de Sampaio e Mello—*Por causa d'uma carta*.

O 1.º acto representa um feroz estadista, fabricando aos 14 de junho de 1884 a reforma do codigo penal—engenheiro tra-

balho em ferro, com pontas aguçadas, algemas, mordagens e mais instrumentos de supplicio, que a partir d'esse anno começou a ser applicado a todos quantos ousavam discordar das doutrinas da Santa Madre Igreja e das opiniões politicas do sr. Sergio de Castro.

Esse feroz estadista, ao apresentar o seu instrumento de supplicio moral e politico, é acclamado victoriosamente por todos os jornalistas monarchicos, e levado em triumpho até ao conselho d'Estado.

Este 1.º acto é d'um grande effeito dramatico, e vimos brotarem lagrimas dos olhos dos verdadeiros amigos do throno e do altar.



ASSAMOS agora ao 2.º acto da comedia *Por causa d'uma carta*.

A scena passa-se em Lisboa, em abril de 1890.

Apparece o velho Portugal, acabrunhado ao peso da injuria e da affronta que acaba de receber d'uma velha egoista e beberona, chamada Inglaterra, que n'um assomo de alcool the

manda pelo telegrapho um ultimatum.

O paiz inteiro clama vingança, e a imprensa, tendo á frente o denodado jornalista sr. Antonio Ennes, pede em altos clamores ao governo que appelle para as potencias, invocando o artigo XII da Acta de Berlim.

O sr. Antonio Ennes é acclamado pela multidão, e os seus artigos do *Dia* são lidos com surdina na orchestra.

N'este momento, surge ao tundo o sempre feroz e implacavel estadista sr. Lopo Vaz, e n'um movimento tragico digno de Mounet Sully no *Ruy-Blas*, exclamando:

*Bon appetit, Messieurs!...*

O sr. Lopo Vaz, não menos solemne, não menos implacavel, exclama:

—*Seus marotos!... Eu já os arranjo!...*



E tirando de dentro d'uma pasta encarnada—a que por euphemismo se chama a pasta da Justiça—um caderno de papel almaço, manda affixar nas esquinas uma nova postura contra a liberdade d'imprensa.

Indignação dos chamados liberaes. O sr. Antonio Ennes reclama para si o cognome de *herva damninha*, n'um monologo que ficará celebre enquanto houver theatro portuguez, desafiando ao mesmo tempo as coleras do Ferrabraz.

Chora a um canto a Liberdade. A Europa olha para a scena com certo espanto. Silencio absoluto em todos os assistentes.

O feroz estadista, triumphante, faz passaginhas com a sua lei das rolhas. Ao fundo apparece o espectro do Limoeiro. Todos se calam transidos de terror. E o sr. Emygdio Navarro, avançando para o proscenio, dança o grande passo da imprensa posta a direito, com o regimen da cadeia e multa.



A *herva damninha* protesta. Mas o feroz estadista continua triumphando, com geral applauso das Novidades.

N'este momento a plateia não se conteve, e rompeu n'uma estrondosa salva de palmas.

Teria também rompido n'uma estrondosa pateada—se não fosse o espectro do Limocero.



3.º acto de *Por causa d'uma carta*. Passa-se entre nuvens, como o prólogo do *Mephistofeles* de Boito.

E' noite. Ouve-se fúsilaria acesa. O que é?... São os do Porto que se batem...

Ouvem-se gemidos. O que é?... São as victimas dos condemnados.

Ouvem-se vomitos. O que é?... São os conselhos de guerra que enjoam no porto de Leixões.



Ouvem-se imprecações. O que é!... E' a opinião publica que protesta contra a sentença.



Ouve-se um riso. O que é?... E' João Chagas a rir, a rir, a rir, da sua sentença.



E de repente surge entre as nuvens a figura do feroz e implacavel estadista, agarrado ao instrumento de tortura do 1.º acto, a gritar, a gritar:



—«Burros! Não souberam trabalhar com a minha machina. Para aquelle criminoso não se dava a esta roda, mas áquella... Carregava-se na molla n.º 27, e não na molla n.º 38... Perca-se tudo, menos a honra da machina!... Esperem que eu já os arranjo!...»

E cae o panno no momento em que o publico attinge o maior grau de curiosidade.



4.º acto passa-se no remanso de um gabinete amarello. O protagonista da peça, sentado ao seu *bureau ministre*, de cigarro ao canto da bocca—espera pelos acontecimentos.

Momentos annos havia atirado pela janella com uma longa carta em que explicava ao paiz como funcionava a machina de sua invenção—o codigo penal—e qual a molla que devia ser applicada ao João Chagas.

Ouve-se entre bastidores ruido de vozes indignadas.

O feroz estadista sorri.

As vozes indignadas augmentam. São os jornalistas monarchicos que vociferam contra a explicação do funcionamento da machina do supplicio, pelo punho do proprio inventor.

O feroz estadista continua sorrindo.

—A' morte! á morte!—gritam de todos os lados.

—A' morte o traidor! A' morte! á morte!

A porta da esquerda baixa, cede aos empurrões dos jornalistas indignados. A onda precipita-se para dentro da scena. A' frente vem o sr. Emygdio Navarro, com o facalhão das *Novidades*, em punho.

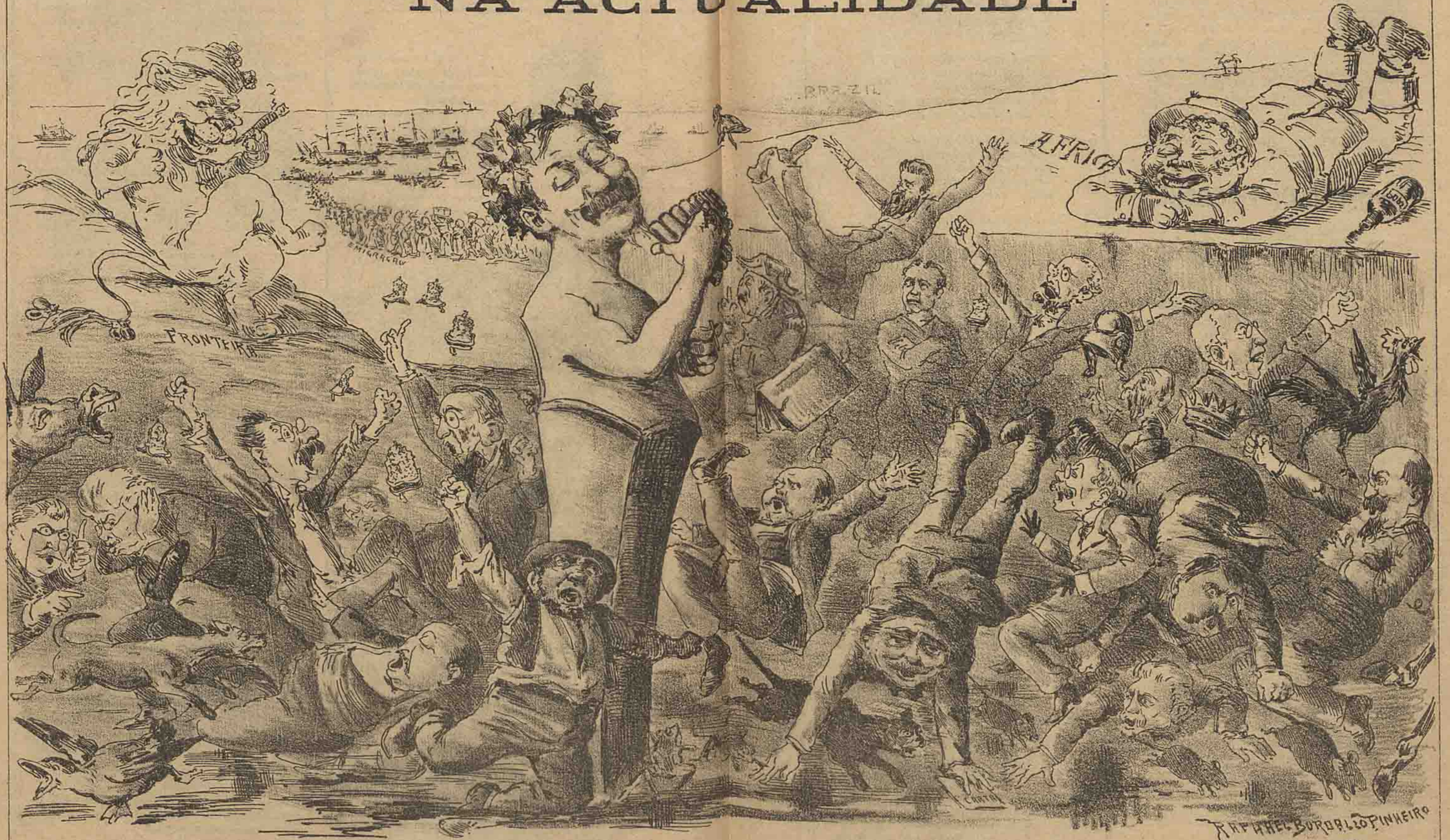
E investindo com o feroz estadista Lopo Vaz de Sampaio e Mello, crava-lhe o facalhão no peito, até á guarda.



E o leroz estadista, sempre a sorrir, exclama, imitando o grito do seu velho amigo Cesar:

—*Tu quoque, Navarrus!*...

# NA ACTUALIDADE



Ninguem se entende!



ALTA-NOS o espaço para descrever o effeito que uma tal pna-se produziu em todo o publico.

A comedia do sr. Sardou e Lopo Vaz obteve um verdadeiro triumpho. *Por causa d'uma carta* é uma peça que promete larga vida. Os nossos parabens á empresa do theatro *Diario Illustrado*, que não se poupou a despesas para dotar a

peça com uma excellente e escrupulosa *mise-en-scene*.

QUIDAM.

## NO SALÃO DA TRINDADE

CROQUIS DE DIRECTANTES



Na 2.<sup>a</sup> feira concerto-apertão no salão da Trindade, organizado pela Real Associação dos Amadores de Musica.

Concurrencia das mais selectas, vozes das mais afinadas, e um apertão capaz de esfrangalhar e esborrachar a propria hydra, que por ahi anda á solta.

D'esse concerto trouxemos as mais agradaveis impressões e varias nodoas negras pelo corpo—sem falar n'uma casaca feita em sarrapos.

Musica e encontrões—tudo de primeira ordem!...

## DICTADURA

O governo encarregou-se  
De gerir a situação  
Por suppôr que a coisa fosse,  
—Longe até de coisa doce—  
Da amargura d'um limão.

Na situação—negra e dura  
Qual chorado necrologio—  
Só desgostos tinha em mira  
—Como um martyr, que se atira  
P'ra o cruel martyrologio!

Qu'ria as tristezas da loisa,  
Qu'ria o mocho que negreja;  
Mas o mocho não lhe poisa  
E, no fim de tudo, a coisa,  
Vae direita—salvo seja!

Havia a questão ingleza  
Que, tendo tão feio exordio,  
Precisava, com certeza,  
P'ra desatar, mais presteza  
De que a questão do nó gordio.

Vae d'ahi, só n'um momento,  
O governo, andando activo,  
Resolveu tudo a contento,  
—Pagando mais mil por cento  
Sobre o roubo primitivo...

Rebenta o caso do Porto  
A 31 de janeiro:  
Monarchistas sem conforto  
Viam tudo torto, torto,  
Como um chifre de carneiro.

Mas, passado um tudo nada,  
Succumbe essa hydra medonha,  
E a monarchia é firmada  
Qual se ficasse pegada  
A grude e pez de Borgonha!

Simultaneamente, dá-se  
Ensejo p'ra nova lide:  
O erario, livida a face,  
Não tinha com que comprasse  
Nem cinco réis de pevide.

O governo acode presto  
P'ra o livrar de pedir chuvas;  
Empenha o tabaco—o resto—  
E arranja um juro modesto:  
*Dez por cento*—lóra as luvas!

E aqui está porque o governo  
Anda assaz contrariado...  
Sempre o fado a sorrir terno...  
—Onde qu'ria um negro inferno  
Vem-lhe um ceu escancarado!

Co'esta dita sobredita  
Quem só durezas procura,  
E' justo que se permita  
Derejar que a dita dita  
Se transforme em dita... dura...

PAN-TARANTULA

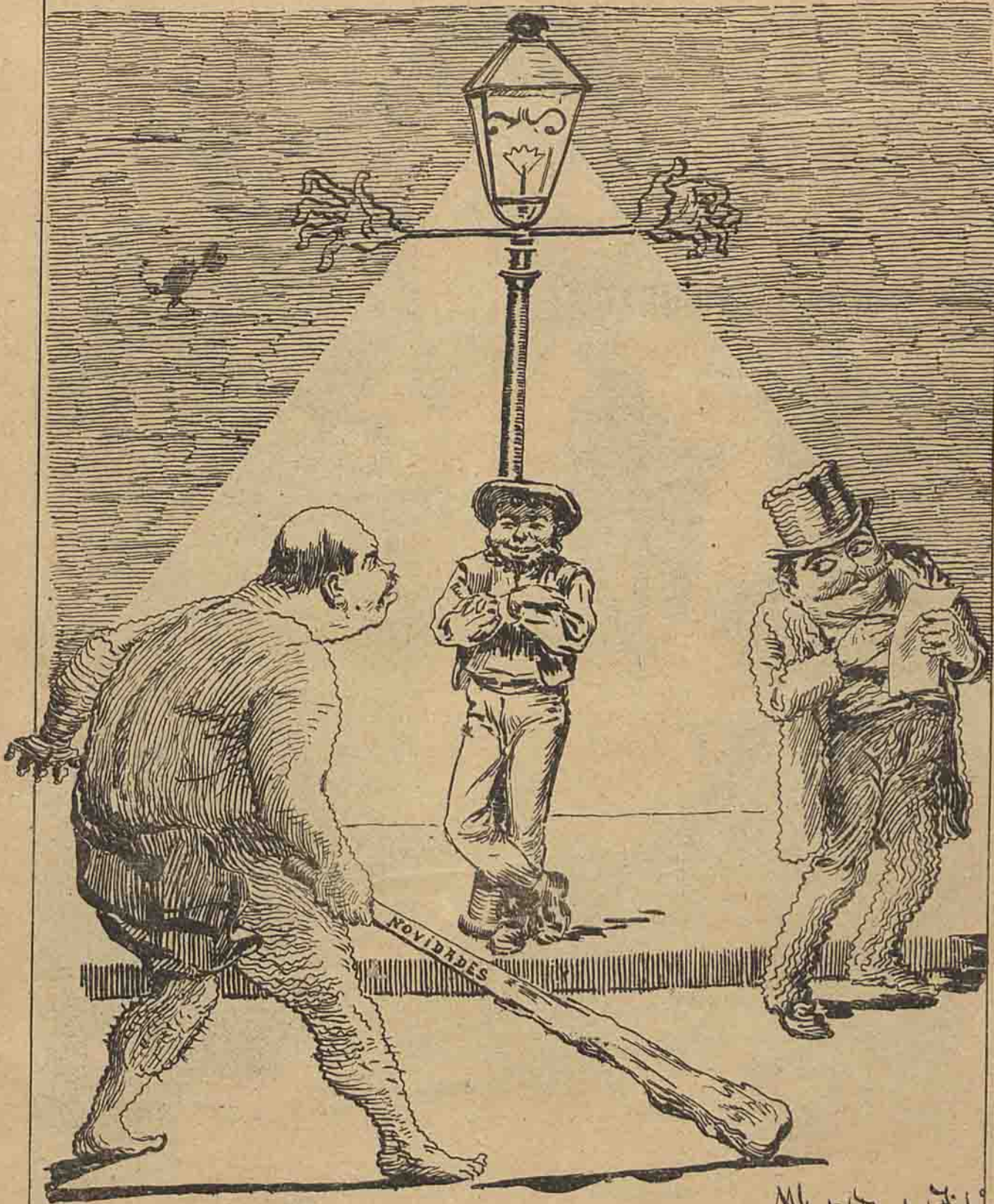
## ETERNA JUVENTUDE

O salão lá do Congo, virtudes infindas!  
Torna os homens mais fortes, as damas mais lindas;  
Sua espuma alva e fina a saúde mantém,  
E por ella a belleza ás fronteas brilhar vem.

O dr. de Watrelos ao saboeiro parisiense Victor Valssier.



# O TERROR



— Ai! Que susto ó mana. —

Nota.— Para tranquilidade dos espiritos pedimos a supressão dos candieiros.

Augusto Barcasso Leão

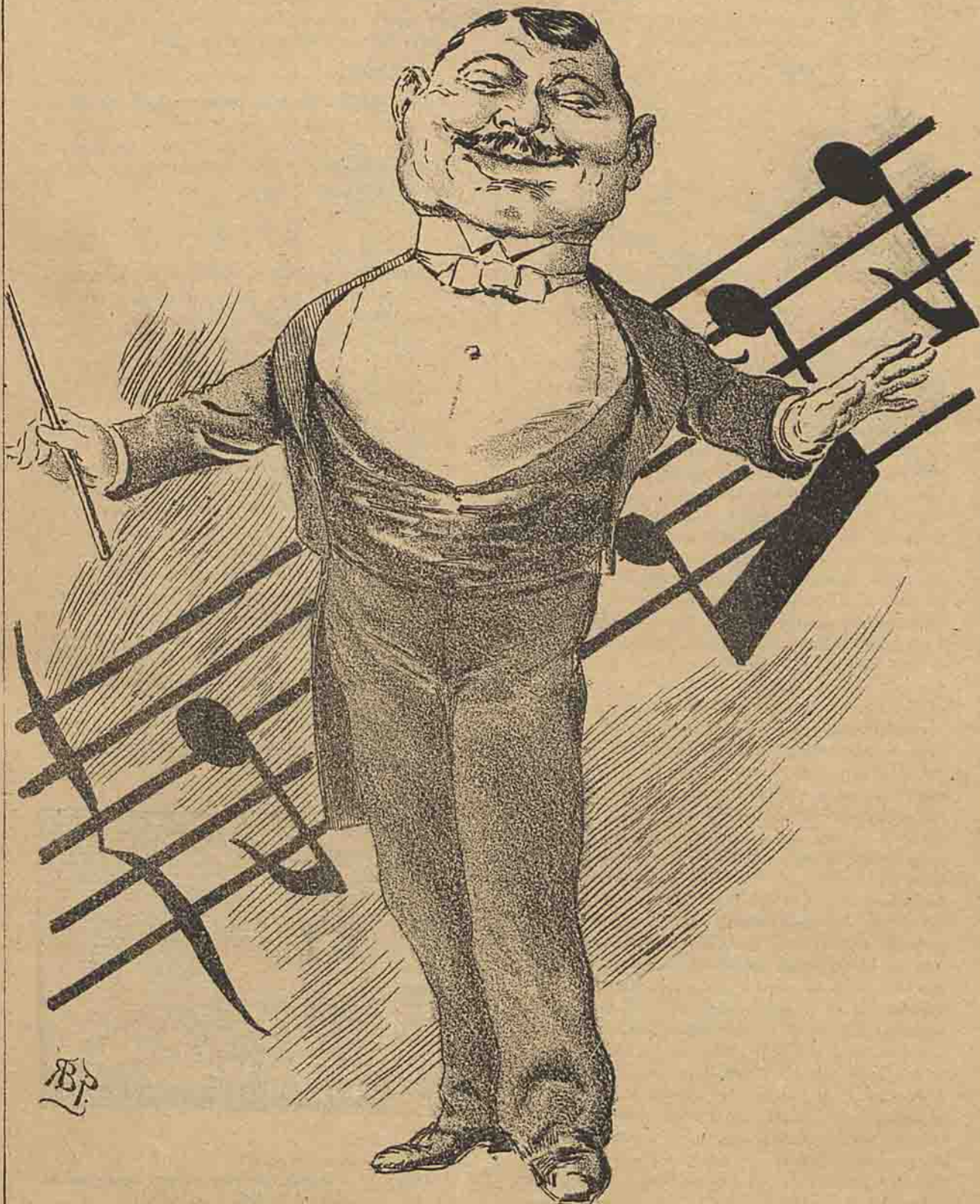
# OS HOMENS DA SEMANA



A nova figura da Justiça  
 Lopus est pntus in casca.

Editor Manuel Luiz da Cruz. — Séde da administração, rua do Norte, 39, 1.  
 Lythographia de Portugal, Travessa da Arrochella 2  
 Typographia — Imprensa Minerva — 12 Travessa da Espera, 14

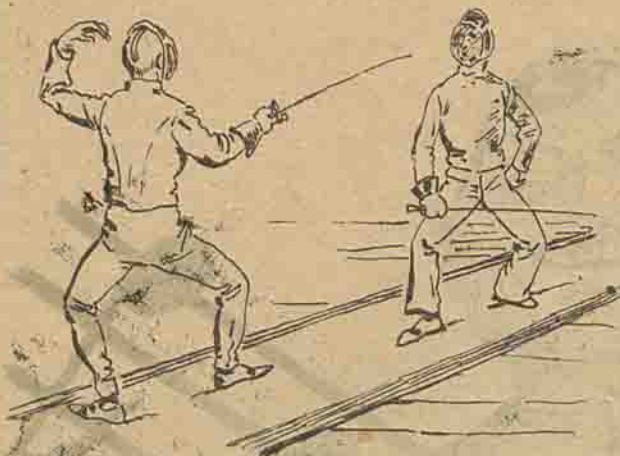
## OS HOMENS DA SEMANA



Venham ver! Venham ver! A vera effigie do homem que, d'uma terra educada para o cantoção, faz surgir uma companhia de opereta...

*Nota.*—Faz hoje beneficio no theatro da Avenida o nosso amigo Cyriaco de Cardoso.

## Memoranda



12 d'Abril.

A matinee d'esgrima dada nos salões do *Real Gymnasio—Club Portuguez*, novamente me reporta á impreterivel necessidade que tem a juventude portugueza de restaurar seriamente a sua educação physica, cada vez peor e mais abandonada. Ha dez ou doze dias, estando no Tejo a esquadra allemã, foi ao Martinho um grupo de tripulantes d'ella, á hora em que por todas as mezas regurgitava o melhor da mocidade indigena, em edições d'aspirantes do exercito, e filhos familias pertencentes á burocracia e ao alto negocio. A' entrada d'aquelles estrangeiros de pelle branca, cabello fulvo, e mãos enormes, foi um *emoi* de humilhação instinctiva por todos os grupos onde a má lingua guizava os rezumos politicos da arcada, e fazia inventario ás pouca-vergonhas galantes da Avenida e dos theatrinhos d'opereta. E todos unisonamente prognosticámos, sem desvio d'uma virgula, o vergonhoso fim que espera a nossa pobre raça. De feito, a superioridade d'elles saltava-lhes insolentemente do typo expressivo, nada banal, dos dentes solidos, das pernas tortas e seccas de *marcheurs*, dos pés acostumados a calcar terra conquistada, das mãos affeitas a estrangular adversarios, a manejar cabos, e a dar espadeiradas. Lingua dura, gutural, lingua para fallar em voz alta, sem inflexões nem preocupações, musicas—olhos que vão direito, com traços d'infancia no azul da pupilla candida, mas infancia de povos, onde já ha maturidade completa d'individuos... O tom de pedir, largo, ordenando, como quem tem atravessado o mundo em senhor, indifferente á impressão que ao de redor possa causar. E nas mezas jacentes, acachapando-se, cobrindo-se, escandalizados, aterrados quasi d'aquella attitude forte e imperativa, os delicados aspirantes, bebedores de salsaparrilhas e d'orchatas, os folhetinistas cynicos e macillentos, os negociantes bojudos, e os tropegos guriteiros, nem sequer se atreviam a fitar em cheio, pupilla a pupilla, esses teutões procreadores, solidamente bellos como barbaros, grandes e simples como gritões. E na mirada de soslaio que lhes lançam, ha quasi um odio, odio d'interiores, odio d'impotentes, odio de subalternos. Oh como toda essa populaça de refugio é mesquinha,

grotesca e claudicante! os pulsos ethicos e seccos, as mãos barbadadas de negro, unhas de meretriz, e olheiras de quem perde as noites em devassilões inconfessaveis!... E n'este contraste eu vejo o destino que nos espera. Descendemos dos senhores do mundo, e vamos em breve ser os seus creados!

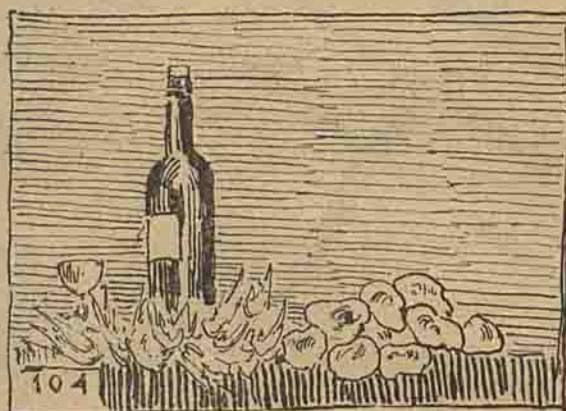
13 d'Abril.

Dizia-me hontem F., prosador fatigado de successo «actualmente só leio um escriptor portuguez: sou eu. Tenho entretanto um creado que lê immenso, e me diz que se tem progredido muito entre nós. Ainda bem para o meu pobre paiz!»

Notava-se o redobro de vehemencia que estão tomando os artigos d'um jornalista poitico, cuja biographia não é isempta de calumnias.

—Estará pobre? disse alguem.

Ha na exposição do *Gremio Artistico* um quadro admiravel, representando camarões e ostras de roda d'uma garrafa de Bucellas. Assumpto pathetico, que o pincel houve por bem desenvolver com verve e arte proprias de quem sente uma pontinha d'amor pelo marisco. Observando cuidadosamente o quadro nota-se que não foi o pincel que exprimiu os camarões, o mesmo que pintou as ostras, e que ha profunda divergencia d'escolas entre a metade esquerda, e a metade direita da pintura. Assim por exemplo na metade esquerda, os camarões, com as patas em attitude d'oração deante da garrafa de Bucellas, exprimem o sentimento religioso de quem vae ser frucidado em salada, ou pelo menos sahio d'agua a ferver ha bocadinho. E' a *prière du soir* dos camarões. Na metade direita, as ostras porem são mortas, e tanto que muita gente as confundiu com rodas de limão cosido.



Um iniciado então explica:

—Não vê o senhor que este quadro, sobre ser de cosinha, é-o tambem de felicidade conjugal.

14 d'Abril.

Entre as pinturas d'amadores, destacarei uma do professor Silva Flamengo, de Setubal: o Christo coroado d'espinhos, e com taes nodos na cara, que se desconfia logo que a tizana Zitman não tenha tido indifferente ao seu martyrio. Aos que parecem duvidar da divindade d'esse frascario de bocca aberta, retruca elle, atravez da mimica imbecil que o Flamengo lhe deu:



— Sou Jesus Christo, sou, que teem os senhores com isso?

Do mesmo artista, a *Virgem*... a *Virgem*, sim mas— completamente?

Annuncio hontem colhido no *D. de Noticias*...

— «Alogam-se corôas funebres para figurar em enterrros de pessoas que não tenham quem lh'as offereça. Dedicatórias nas fitas á vontade do freguez.»

Falla-se no prestigio que um capitão de artilheria districta, como politico, entre os seus camaradas de regimento.

— Ah, é magnifico! O que me surprehende é elle conservar, mesmo nas mais tempestuosas sessões do partido, a sua linha impavida de militar. E' artilheiro até quando falla...

Alguem de lado:

— Bem sei. Quando falla, dispara peças de... bre-tanha.

IRKAN.

### OMNIPOTENCIA

A mulher governa o homem, é sua soberana;  
Em tudo ella a conduz a seu bello prazer;  
E' porem mais que nunca rainha altiva e uiana,  
Desde que o Congo realça o seu bom parecer.

Um philospho ao saboeiro parisiense, Victor Vais-sier.

### DE BORRACHA

Com mau sangue de nascença  
Viera ao mundo o Mariz.  
E na penca, ao mal propensa,  
Deu-lhe o mal, foi-lhe a raiz,  
E em trez mezes de doença  
—Era uma vez um nariz!

Apoz curto reboliço  
Logo o Mariz se accomoda  
Pensando:— Ponho um postiço  
De borracha; a coisa é moda.  
Quantas coisas usam d'isso  
As senhoras d'alta roda!...

E, buscando em passo vivo  
Por varias lojas da Baixa,  
Bem depressa um lenitivo  
Ao perdido nariz acha,  
Pondo, em vez do primitivo.  
Outro nariz—de borracha.

Em seguida, um grande inchaço  
Tomou-lhe o braço direito.  
Andou, de curvo espinhaço,  
Dois mezes de braço ao peito.  
E por fim caiu-lhe o braço,  
Todo em materias desfeito.

P'ra logo um braço deseja  
—E de borracha igualmente—  
Tão bem feito, que o maneja  
P'ra traz, p'ra os lados, p'ra a frente.  
—Só não serve, salvo seja,  
P'ra dizer *adeus* á gente...

De peccados em desconto  
Outra vez o mal o assalta,  
E em poucos dias, n'um prompto,  
Vem causar-lhe nova falta,  
Atacando o n'outro ponto,  
Que eu não escrevo—em voz alta.

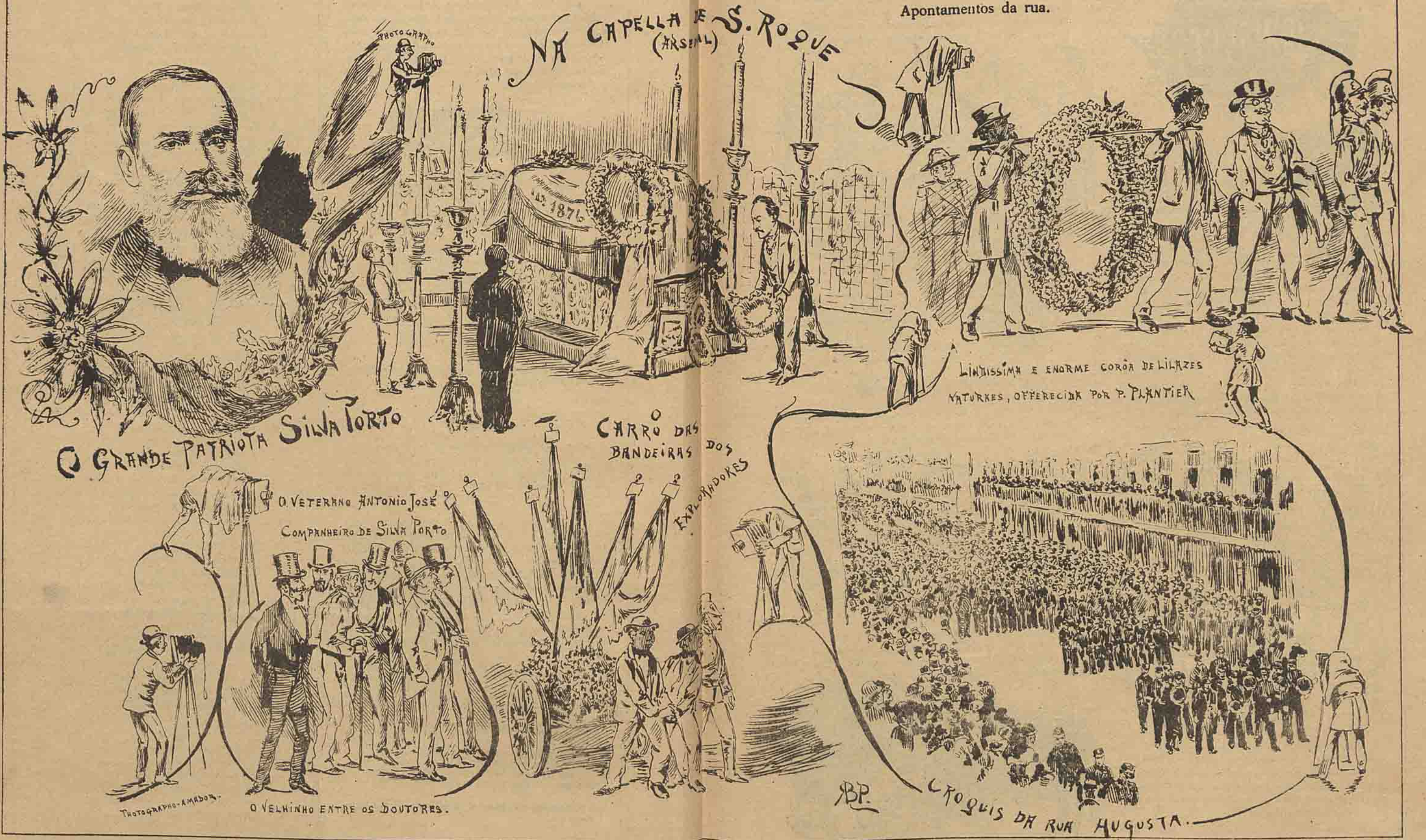
Soffre ainda este revez,  
Que mais lhe amargura a vida;  
E, fazendo o que já fez,  
Volve á borracha sabida.  
—A borracha, d'esta vez,  
Não supre a coisa perdida...

Mas o mal, dos mais tyrannos,  
Vae-lhe sempre abrindo racha,  
E no corpo, a causar damnos,  
Por tal forma se lhe encaixa,  
Que o Mariz, apoz dois annos,  
Tinha tudo se borracha!

Qual no caso que ora lembro,  
Este governo mestiço,  
Cada vez que perde um membro  
Põe um novo, ao seu serviço.  
—Lá p'ra agosto, ou p'ra setembro,  
Deve estar todo postiço!...

PAN-TARANTULA

# O CORTEJO FUNEBRE EM HOMENAGEM A SILVA PORTO



Apontamentos da rua.

NA CAPELLA DE S. ROQUE (ARSENAL)

LIMPISSIMA E ENORME COROA DE LILAZES NATURAS, OFFERECIDA POR P. PLANTIER

O GRANDE PATRIOTA SILVA PORTO

CARRO DAS BANDEIRAS DOS EXPLORADORES

O VETERANO ANTONIO JOSE COMPANHEIRO DE SILVA PORTO

O VELHINHO ENTRE OS DOUTORES.

CRUZEIRO DA RUA AUGUSTA.

BP.

PHOTOGRAPHO AMADOR.

PHOTOGRAPHO



EMOS uma semana cheia de factos culminantes—a crise ministerial, a *marche aux flambeaux* em honra da Sr.<sup>a</sup> Theodorini, e o grave conflicto entre a imprensa e a empresa do Colyseu dos Recreios.

A crise ministerial, á hora a que escrevemos estas mal ali-vanhadas linhas, resolve-se pelo modo como se resolvem

as crises ministeriaes no nosso paiz—continuando o governo a governar, apesar do governo ter dado a sua demissão...

Sempre assim foi e sempre assim ha de ser! O governo vae ao passo e diz a el-Rei: —Saiba Vossa Magestade que nos sentimos incapazes de continuar ao leme da nau do Estado, e por isso vimos depôr nas reaes mãos de Vossa Real Magestade a demissão do nosso cargo. Queira Vossa Magestade confiar a outrem este leme que aqui lhe trazemos....



Ao que el-Rei responde:

—Sr.<sup>a</sup> ministros! Agradeço-vos a confissão da vossa incapacidade para continuardes ao leme da nau do Estado. E para prova de quanto vos estou grato por semelhante desinteresse e sinceridade da vossa parte, de novo, vos confio este leme, esta nau e tudo quanto ella encerra ...

E os ministros saem do paço real cantando em côro:

—Somos incapazes! somos incapazes! ... E, porque nós somos incapazes, é que só nós somos capazes de governar aquillo para que nós somos incapazes! ... Somos incapazes! somos incapazes! ...



*marche aux flambeaux* em honra da Sr.<sup>a</sup> Theodorini, é a manifestação mais espontanea, entusiastica, assombrosa, delirante e hilariante a que temos assistido de nossos dias.

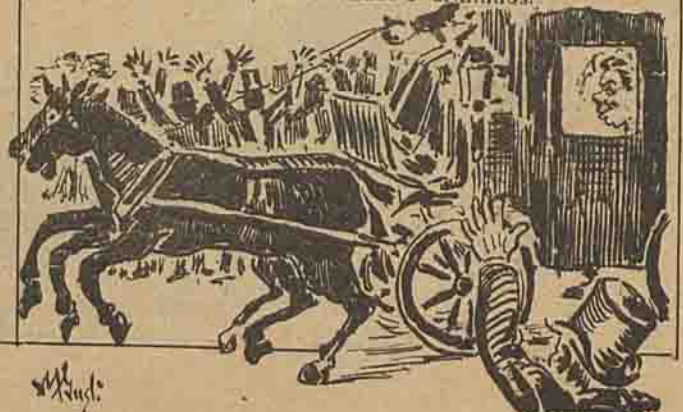
Fomos consultar varios macrobios sobre o assumpto, e tambem nos disseram que nunca viram nada tão espantoso, entusiastico, assombroso, delirante e jullirante.

O cortejo formou se á saída do concerto do salão da Trindade.

Abriam o prestito seis adolescentes portuguezes, de barretes e pés nus, empunhando galhardamente seis côtos de Bengala, de luz verde e encarnada.



Logo atraz um carro com quatro rodas, duas portinholas, dois cavallos, cada cavallo com quatro patas e quatro ferraduras, guiado por um cocheiro com dois braços e dois pés. Dentro d'este carro—a que os francezes chamam *coupé*—ia a illustre cantora, toda de branco vestida, entre rendas e arminhos.



Em volta do *coupé* uns 14 ou 15 entusiastas da *sympathica diva*.

Atraz do *coupé* uma philarmonica.

E atraz da philarmonica iam pelos menos uns 17 ou 18 curiosos.

O imponente cortejo desceu pela rua larga de S. Roque, voltou para o Chiado, torceu para a rua Serpa Pinto, indo esvaír-se á porta da cantora.

No auge do entusiasmo e do delirio, um aspirante de marinha lançou o casaco aos pés da sr.<sup>a</sup> Theodorini; outros atiraram com bonnets e chapéus para a varanda onde appareceu a cantora.



Quando os côtos de Bengala começaram a queimar os dedos dos seis adolescentes de pé descalço, tudo mergulhou nas trevas.



Efeito surpreendente. A sr. Theodorini declarou que tinha o coração encharcado em lagrimas...



Esta festa ficará eterna na memoria dos portugueses. Nunca da nossa vida veremos outro espectáculo tão magestoso e tão digno de passar á posteridade...



TANTO ao conflicto entre a imprensa e a empresa do Colyseu, é preciso reduzi-lo ás suas limitadas proporções.

Ha para ali uma cousa que se chama imprensa e uns homens que se chamam jornalistas, que estão acostumados a uma tal ou qual consideração das empresas theatraes—porque estão sempre promptos a elogiar tudo quanto é mau, para não causar prejuizo ás alludidas empresas.

A empresa do Colyseu parece ter resolvido o seguinte—dar maus espectaculos e não fazer caso dos jornalistas. D'aqui conflicto. A imprensa vaie mandar um *ultimatum* ao Colyseu. Espera-se que as potencias entrevenham, fazendo com que a pendencia seja confiada á arbitragem de Sua Santidade Leão XIII.

Irão embaixadores de parte a parte a Roma. O Papa decidirá se os jornalistas devem ser ou não tratados com mais respeito, e se devem ou não ter logares marcados na 1.<sup>a</sup> fila das cadeiras.

QUIDAM.



THEATRO DA ALÉGRIA



Na revista Zig-Zagues, ha duas coisas boas que só por si bastariam para encher as casas.

E' a graça infinita de Joaquim d'Almeida, que todos conhecem e as pernas tambem infinitas d'uma actriz hespanhola—que ninguem conhecia.



# As mulheres da Semana



BR

Helena Theodorini, primeira lavadeira absoluta da Real Opera da Rua dos Condes,

Oh! hi!... Oh! ai!...  
Sou artista portugueza!...

Editor Manuel Luiz da Cruz. — Sêde da administração, rua do Norte, 39, 1.º

Lithographia de Portugal, Travessa da Arrochella 2

Typographia — Imprensa Minerva — 12 Travessa da Espera, 14

**JOSÉ ELIAS GARCIA**

O *Antonio Maria* presta hoje a derradeira homenagem a um dos vultos mais salientes da democracia portugueza. Dotado d'uma intelligencia e d'um tino politico que lhe podiam dar um lugar brilhante entre os politicos do seu tempo, e cobri-lo de honrarias e de riqueza—José Elias Garcia preferio a todos os commodos d'uma carreira facil, o sacrificio e a lucta pelo advento d'uma fórma de governo que não chegou a ver realisada. Mas nem por isso a sua propaganda foi menos util, nem o seu exemplo menos fortificador. Morre pobre, morre sem ter assistido á realisacão do seu ideal. Mas toda a sua vida é o mais bello exemplo do que aos novos cumpre fazer. A sua vida inteira consagrou-a á sua ideia. E é por isso que o seu nome hade ficar na memoria de todos, emquanto os de outros se afundam no desprezo a que são dotados todos os egoistas e todos os corruptos—por maiores que sejam os seus talentos e as suas habilidades.

Descubram-se todos... E' o cadaver d'um homem honrado que passa !...

## Memoranda

18 d'abril.

Só agora, depois de desfalcados dos seus depósitos e economias, com a fuga do guarda-livros, é que os accionistas e depositantes do *Banco do Povo* se lembram de pedir providencias, e de resolver em hasta publica a responsabilidade ou não responsabilidade da direcção.

Não ha indignação que os pobres diabos não cusпам sobre as gatinices do guarda-livros, nem suspeita que não accumulem no rasto dos corpos fiscaes, que se fizeram cúmplices, pelo seu desleixo, da quantiosa fraude de que foram victimas tantas dezenas de pequenos rendeiros e industriaes. E todavia ha cerca d'alguns annos já que de roda do Banco os *pour-parlers* não descontinuavam, e que uma lenda de suspiros surdas lhe coleara d'entorno á caixa forte, verberando as operações escuras que elle parecia acolher de preferencia. A tolerancia havida então com o guarda-livros é d'uma criminalidade incomparavel. Esse tal Neves que passava por um empregado habil, quando abordou o Banco, pouco ou nada havia de seu. Alguns annos depois d'integrado no logar de guarda-livros, toda a gente começou a reparar na esferencia desusada dos seus gastos e trem de vida, na carruagem que se dera, nas quintas que comprava, nas mezadas de vinte libras enviadas a costear a educação de filhos na Allemanha, nas casas offerecidas a *cocottes*, com mobilia de 4 contos, e finalmente n'uma multidão de despredicios, fidalgarias, larguezas, que pela historia anterior deviam ter féito prevêr a muita gente o destino penitenciario que tarde ou cedo devia d'emparedar este ladrão. Ninguem porém ao vêr o rio de prodigalidades a que o impudente *escroc* se arrojára, pachorra teve ou coragem para lhe vigiar de perto os actos de banqueiro, e para de quando em quando, sem aviso previo, passar uma vestoria rapida á escripturação por elle organizada. A confiança da direcção do *Banco do Povo* no guarda-livros infiel, era tão cega, e de tal ordem, que por momentos chega a parecer um pouco escura, senão soubessemos todos que a indifferença que ella symptomatiza, que o verberavel desleixo que ella resume, são n'estas questões de dinheiro, como nas outras, de ha muito o signal invasor da cachexia moral que inutilisa a nossa pobre raça. Isto é o paiz do *não me importa*: todos querem fortuna e posições sociaes alcançadas, mas ninguem se compenetra das responsabilidades directas ou remotas, implicantes com essa fortuna e essas posições. A direcção do *Banco do Povo* competia a fiança moral da somma de dinheiro entregue á sua probidade por dezenas d'economicos e modestos cidadãos; tanto bastava para que ella, pondo de parte as cegueiras romanticas e a demasiada confiança no proceder d'um guarda-livros *amigo*, constantemente fizesse ronda á escripturação, ciosa do seu nome, e absolutamente empenhada em bem servir a pobre gente que lhe confiara o seu peculio. Vê-se porém que n'este liquidar sem brio em

que vae tudo, até os nomes respeitaveis perderam o toque d'oiro de lei d'antigamente, e que a hombridade dos mais puros, até essa quer enfeudar-se a um proverbio que agora corre ao ouvido, inventado talvez pelo guarda-livros Neves, e arvorado em linha de proceder da maior parte. Esse proverbio é o seguinte—*Não rouba, nem herda, vá b...*; o leitor tira o conceito pela rima.

19 d'abril.

Para desmentir a fermentação revolucionaria do Porto, não se poupa o governo a expedientes e trucs de mais ou menos acrisolada imaginativa, e tudo é aproveitar os seus órgãos de publicidade para soar que a segunda cidade do paiz, como diz o José de Figueiredo, está contente. Era voz publica que o regimento de caçadores 5, ido da capital para reforço da guarnição portuense, em vez de pugnar pelas instituições, o que fazia era causa commum com o povo, e guerra de morte aos *heroes* da municipal. O boato, insistente, tinha a confirmal-o de quando em quando os telegrammas politicos do Porto para os jornaes lisboetas, onde não raro vinha a menção de desordens havidas entre os dois corpos antagonicos; e aponto chegaram as coisas, que o commandante da divisão militar do Porto (*Scharnichia general*, assigna elle) deu nos periodicos um officio congratulador dos serviços que caçadores 5 prestou á ordem, e da boa paz havida entre este corpo e a guarda municipal. Contem este documento uma passagem que muito cumpre relêr, e eu aqui deixo. «Durante tres mêzes, que tanto, quazi, foi o tempo, que aqui esteve aquartellado, nem mesmo um corneteiro concorreu para o registro criminal.» Nem mesmo um corneteiro! e assombroso. Mas explicar-nos-ha S. Ex.<sup>a</sup>, porque é que no seu officio, os corneteiros vem no ultimo grau da escala ordeira? Acaso é dos regulamentos, ou da experiencia quotidiana do sr. general, serem os corneteiros os mais mal comportados de todos os defensores da patria? Sua Ex.<sup>a</sup> tem documentos comprovativos, accumulados durante a sua já longa carreira, de como os corneteiros sejam peores do que os outros soldados? Se tem, queira mostral-os, para escarmento de todos quantos em Portugal não tem sabido com honra, tocar corneta. Se não tem, porque lançar a suspeita no rastro d'esses infimos servidores da monarchia? Acaso tocar corneta inibe um militar de ser tratado pelos seus superiores, no pé de deferencia havido para os outros!

Não, o sr. Scharnichia general, por força tem pécha com os corneteiros. Não o deixam dormir talvez pela manhã. Detesta o rythmo em que elles tangem a recolher. Se detesta, diga com franqueza; é preferivel isso, a ficar o espirito publico interdito sobre os secretos rancores que separam a benevolencia do sr. general, dos corneteiros. Porque emfim, tocar corneta não é nenhuma coisa que deshonre. Todos a tocamos, uns d'uma maneira, outros d'outra. Quem já não toca corneta, ou já tocou, ou vae tocar. Temos todos uma corneta na vida: o sr. general queira informar-se. Platão e Socrates, Jesus, Napoleão, Joaquim Gonçalves, e a princeza Ratazzi, todos esses luminares da civilização tocaram corneta. A corneta

é, para que assim o digamos, a grande pedra angular das civilisações. Prudhon disse: passe-se sete vézes uma corneta de roda d'uma instituição, e a instituição baqueará. Diz-me a corneta que tocas... Em conclusão:

Corneteiro és,  
Scharnichia serás,  
Quantos mais officios fizeres,  
Mais asneiras dirás.

20 d'Abril.

O visconde do Arneiro, um dos nossos musicos mais eruditos, e tão apaixonado pela sua arte, como resignado a aguardar nobremente o dia de justiça, que o paiz lhe demóra, injustamente, acaba de escrever n'uma aldeia da Galliza, onde rezide, as ultimas scenas da nova ópera **D. Bibas**, cujo libreto foi tirado do romance **O Bobo**, que Alexandre Herculano deixou por acabar. Quando ao maestro veio a ideia d'appropriar á musica dramatica, o entrego d'aquelle romance, escreveu elle a Herculano, sollicitando auctorisações para a extractura do libreto. A resposta do grande mysanthropo é d'uma singleza que enternece:

«Valle de Lobos, 2 de outubro de 1876».

Não serão decerto escriptos meus, sobradamente imperfeitos, que farão realçar as composições musicas de V. Ex.<sup>a</sup>, senão ellas pelo contrario, que farão viver essas tentativas litterarias mais algum tempo nas recordações dos homens.

Não sou eu que faço favor: recebo-o.

Conforme a minha opinião individual, V. Ex.<sup>a</sup>, nem por sombras precisava da licença que sollicita. Entretanto, como as leis não nos pedem fé nas suas doutrinas, mas obediencia aos seus preceitos, dou plenissima licença a V. Ex.<sup>a</sup> para que disponha do assumpto tanto do «Monje de Cister» como do «Bobo», como de qualquer outro escripto meu, do modo que entender mais conveniente.

A. Herculano.»

Casamento por annuncio. Um pretendente apresenta-se ao pae da dama, para negociar de viva voz as condições.

—E' o senhor então o meu futuro genro, diz-lhe o futuro sogro. Folgo sabel-o. O dote que eu dou a minha filha são vinte contos, sob condição de se fazer immediatamente o casamento.

—Mas da melhor vontade, diz o outro.

—Devo lembrar-lhe que a minha filha está d'esperanças...

—Oh, ainda que não estivesse! acode o futuro genro amavelmente.

IRKAN.

## D. ALDONÇA

D. Aldonça era a mais bella,  
No que em beilas ha de rico:  
Vinha gente d'Arrentella,  
Só p'ra a vêr, posta á janella,  
A regar seu mangericol

A dizer-lhe frases ternas  
Os jovens, côr de papoilas,  
Tinham commoções internas  
—E tal tremura nas pernas  
Que até passava ás ceroilas!

Em fama, galgava a fama  
Das mais formosas cachopas:  
Era em summa o que se chama  
A mais bella e gentil dama  
Das damas d'essas Europas!

Como tudo, porém, passa  
Ao sabor do tempo cru,  
Foi perdendo a gentil graça  
Té ficar n'uma carcaça  
—Como o coiro d'um bahu.

Pensarão que a D. Aldonça,  
Desfeando dia a dia,  
Cuidou lá, arteira e sonsa,  
De amparar a geringonça  
Da belleza que fugia?

Isso sim! tola e vaidosa,  
Sem notar o horror da cara,  
Cada vez mais remelosa,  
Se ufanava, presumpçosa,  
Da belleza—que passára!...

Debalde, amigos sinceros  
Lhe aconselhavam, sem cura,  
Que, com cuidados austeros,  
Resuscitasse os saleros  
Da passada formosura.

Foi, de ruina, em ruina,  
Perdendo encantos e graça;  
E hoje, de tudo á divina,  
Até gallegos de esquiña  
A troçam, quando ella passa!

Qual D. Aldonça, esta terra,  
Que portugueza se chama,  
No sertão, no mar, na guerra,  
Afamada, andou na berra  
—Nos aureos tempos do Gama!

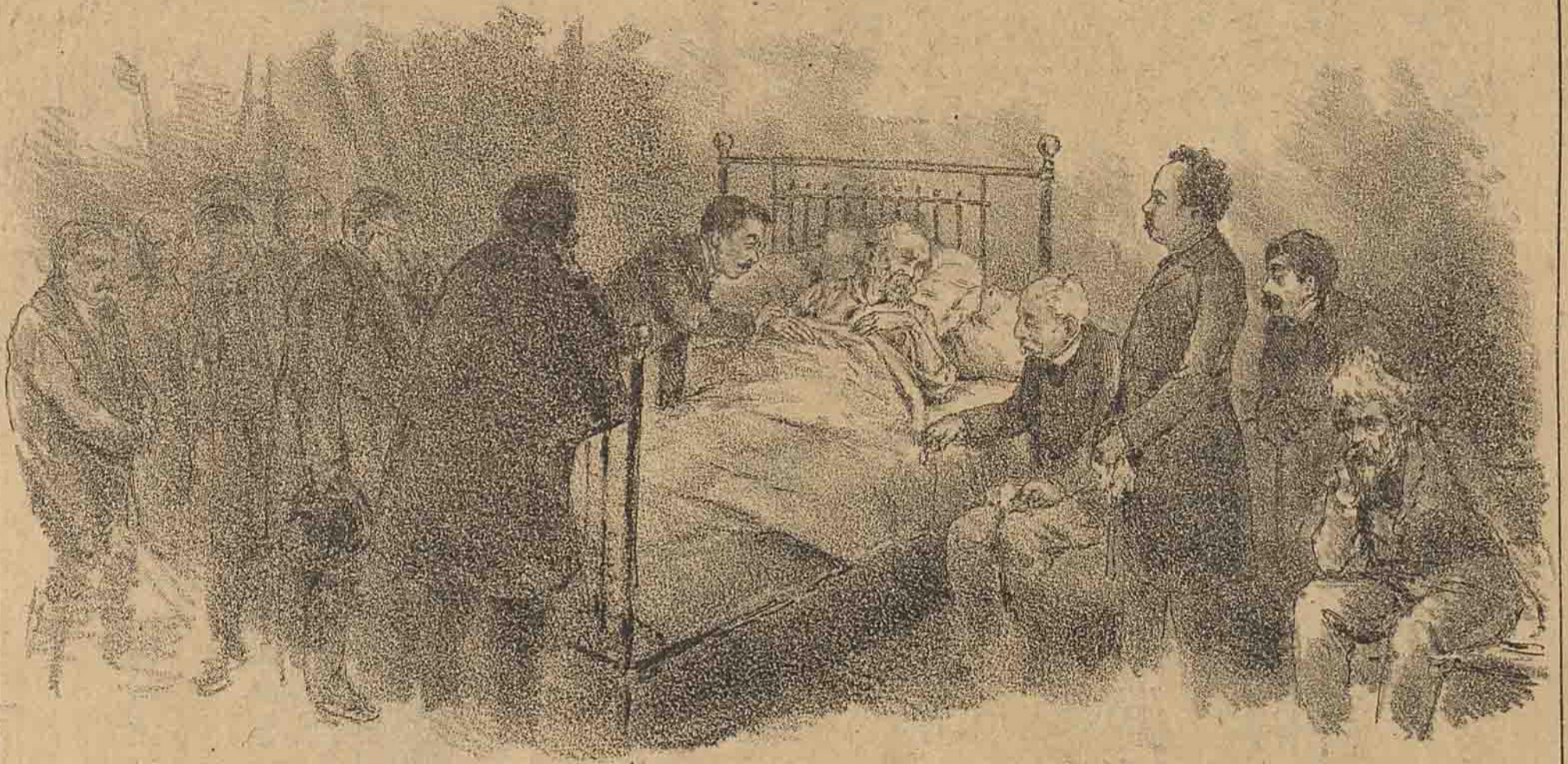
Qual D. Aldonça, igualmente,  
Foi perdendo os predicados:  
E a desfazer-se, indolente,  
Só cuidava, unicamente,  
Dos heroes... antepassados...

Hoje, o caso da Guiné  
Vem dar-lhe os ultimos botes:  
'stá tão fraca e lagalhé  
Que até os pretos—até!—  
Ousam chegar-lhe aos fagotes!!

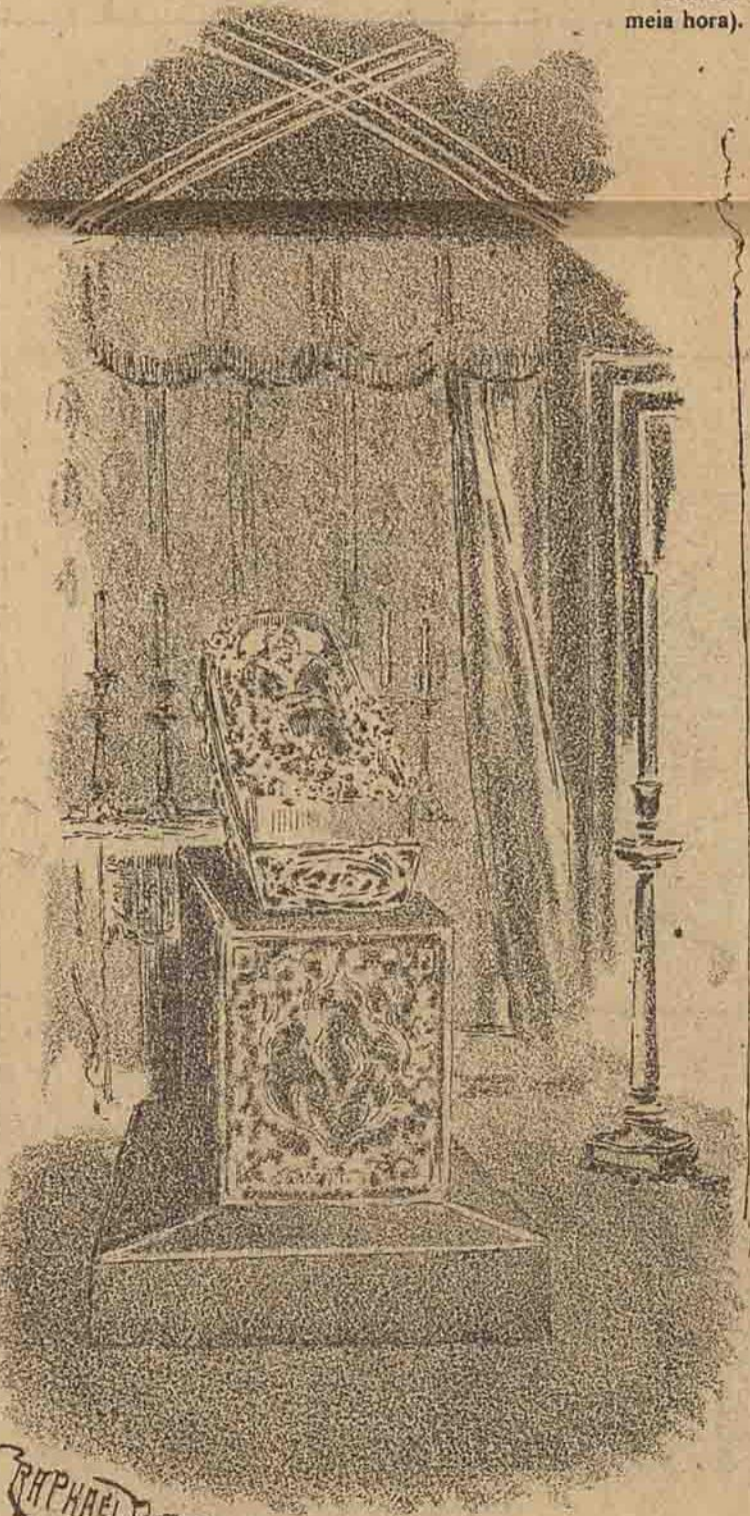
PAN-TARANTULA.

O ANTONIO MARIA

# JOSÉ ELIAS GARCIA



Ultimos momentos. (21 de abril á meia noite e meia hora).



O catafalco.



O cadaver de José Elias Garcia.



Corôa dos seus amigos políticos.

RAPHAEL BORDALO PINHEIRO

## UM PASSEIO AO MINHO

Viagem em oito quadros. — Personagens: Visconde de Rio Vez—



Barão do Alto Mearim—



— Léo de Affonseca— Commendador Lisboa— A. Cardoso— e Ro-

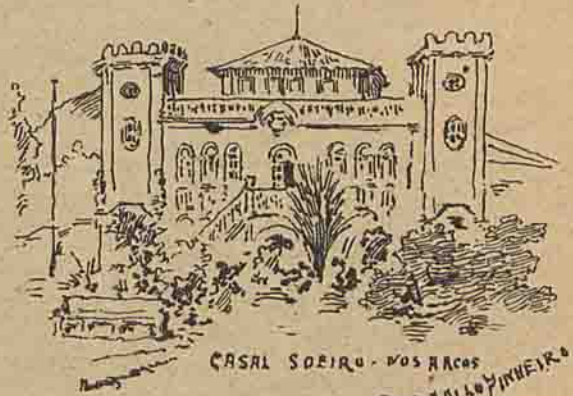


dovalho Pinheiro, a quem o vulgo chama Bordallo Pinheiro—Philarmonicas, camponezes, camponezas,



etc.—A acção passa-se em Portugal, em abril de 1891.

Para mais esclarecimentos vidé os crôquis juntos — porque seria preciso um volume para descrevermos todas as amabilidades com que nos distinguiram.



CASAL SOEIRO - DOS ARCOs

RAPHUEL BORDALLO PINHEIRO

## «A MORTA»



Acabamos de receber a *Morta*, o bello drama de Henrique Lopes de Mendonça, editado pela livraria Gomes, ao Chiado—capa illustrada por M. Gustavo Bordallo Pinheiro. A edição é primorosa, e os que applaudiram o drama devem agora comprazer-se na leitura dos seus bellos versos. E' o que vamos fazer.



## UM MESTRE COLORISTA

Sob o experto pincei do divino pintor  
Recobria-se a tela de tons deslumbrantes;  
Mas o sabão do Congo, esse fino primor,  
Ha-de dar-vos, senhoras, côres mais brilhantes.

Saboaria Victor Valsaler, Paris.

# A crise. — Quadrilha nephelibata

(MARCADA)



Chevalier seul.

En avant deux.



Reprenez vos dames.

Chacun á sa place.



Zé Povinho. — C'est fini la contra-dance! Tudo como d'antes; quartel general em Abrantes!...



Não terá a beira do tumulo, nem as lamentações officaes, nem as orações academicas, nem a pompa de todos quantos em vida se serviram do seu paiz, engordando á custa das suas desgraças e dos seus desastres. Mas terá a choral-o um povo inteiro—manifestação bem mais solemne do que todas quantas podem ser decretadas pelo *Diario do Governo*.



# Os homens da semana

## D. JOÃO DA CAMARA



Hoje, no theatro de D. Maria, ultima representação do *Alcacer-Kibir*, em honra do auctor. Este ultima, d'um original portuguez, quando o theatro está em crise, tem o quer que seja de fatidico... Lembra o *chorae irmãos!*... da *San-ha Mõcha* do mesmo drama. Ora está na mão do publico protestar com a sua presença e com os seus applausos, para ver se não acaba o theatro portuguez.

# Memoranda

25 d'abril.

Estão os empregados publicos, no dizer dos jornaes, tratando de constituir entre si uma sociedade de resistencia, que lhes permitta o insurgirem-se contra os governos que derem caça á emprego-mania, e deitarem abaixo os ministros que lhes desviem dos bolsos o dinheiro que escaccia para a commettida d'uma oxigenante e nova vida nacional. Esta sociedade, ao que se diz, defenderá com dentes e unhas, a ociosidade professada nas secretarias d'estado, e envidará esforços para que a função do governo seja dotar ricamente o rodilhão de vadios de que o Terreiro do Paço é coelheira. Assim, importa pouco que nas provincias do norte haja a esta hora cerca de trinta e tantas aldeias e logares completamente fechados, com campos ermos, igrejas em ruinas, e escolas sem discipulos...

Importa pouco que quasi todas as culturas arvenses, outr'ora riqueza e base d'um commercio consideravel, estejam hoje soffrendo molestias epidemicas, como a lorangeira, o castanheiro, a oliveira, a ponto de se suppôr que terão de desaparecer em breve lapso. Importa pouco que a navegação baixe, que a vinha murche, que a industria se onere, e o capital privado enfim cada vêz baixe mais de numero circulante.

Tudo isto são bagatellas, em face dos mangas de lustrina que as secretarias abrigam, e que necessitam de dinheiro para pagar casas de luxo, vestir e viver á grande, embora não mechendo palha dias e dias, ou prestando serviços tão subalternos, que o seu computo não vale o diá de labor do mais modesto calceteiro. O cancro burocratico pesa com decisivo prognostico sobre a vida da nossa capital, e não contente só com isso, ainda tenta absorver em si todo o chorume sterlino do paiz. Já alguém disse que Portugal era Lisbôa, e Lisbôa o Terreiro do Paço. Ora isto é nada menos do que a inscripção votiva do triumpho universal do amanuense, que cumpre vergastar e abater das suas audaciosissimas pretensões.

Sabemos que os ultimos decretos economicos do sr. ministro da fazenda, dando os primeiros córtes na exhaustinada chantage a que o capitulo *gratificações* dá logar nas secretarias d'Estado, são, como dizem os jornaes, uma gotta d'agua no mar, e em pouco aliviarão o deficit do paiz. Cumpre entretanto não vêr n'estes esforços de honestidade administrativa do sr. ministro, senão um primeiro passo para jornada mais suprema, senão a pedra fundamental de muralha mais gigante. E' natural que a obra do illustre ceifeiro se não cinja ao corte d'umas réles espigas gáfas, quaes os pequenos empregados da alfandega, senão abarque as grandes messes, e despóje, violentemente se fôr preciso, dos seus encandalosos ossos, os grandes cães que por ahí pedem a accumulacão d'empregos, pascizo das suas filaucias de luxo e vicios correlativos.

N'esses é que nós queremos vêr cortar sem piedade, á má cara, em nome da salvacão publica e da decencia, e em toda a linha, sem attentões a este que é sobrinho, áquelle que é deputado, e áquell'outro que foi ministro, porque em Portugal, com a vida barata, as benignidades do clima e as facilidades de tudo, nenhum funcionario publico por mais alto deveria auferir quantia superior a um conto e quinhentos, maximo dois contos. Todo o excedente d'esta cifra é um roubo á protecção que o Estao deve a todos, e um privilegio infamissimo que faz de Portugal a quinta de recreio de cem ou de duzentos peralvilhos. Ora como é precisamente d'estes que naturalmente sahíu a Liga dos empregados publicos, cumpre partir-lhes os dentes antes que mordam, e reduzir-lhes as ambições a termos razoaveis. Lá porque no primeiro semestre d'este anno já emigraram para o Brazil 32:000 portuguezes, não é razão para que certos magnatas, da Alfandega e dos ministerios, usufruam de 7 a 9 contos annuaes, e decretem a si mesmos ajudas de custo fabulosas, quando lhes aconteça irem villegiar para as thermas e praias de banhos.

26 d'Abrii.

D'uma reportage do sr. Joaquim d'Araujo para o *Primeiro de Janeiro*, sobre o que pensa José Dias, da situação, se collige que este illustre nephelibata politico só fará governo quando Serpa e José Luciano vierem ter com elle, a pedir-lhe «ambos» que aceite. Então fará governo «dentro da constituição» e para isso ha um homem com quem absolutamente conta: o Teixeira da Cancellia velha. Vae, reflectindo na facilidade com que as parcerias politicas de hoje rebentam as mais solidas barreiras, quer da constituição, quer do fisco, d'aqui aconselhamos o sr. José Dias que a se decidir a aceitar, dentro da Constituição, os serviços do Teixeira da cancellia velha, lhe mande pôr primeiro uma cancellia nova, da qual não estranhariamos tivesse a chave o sr. Joaquim d'Araujo—que assim poderia mysteriosamente apresentar pela cancellia, o cavalleiro d'Oliveira, ao sr. José Dias.

—Já regressou ao Porto, o sr. Fernando de Magalhães, militar valente, e chefe das forças que reprimiram a revolta de 31 de Janeiro. O governo offerecera-lhe o governo da Guiné, posto honrosissimo, dada a vergonhosa derrota inflingida pelo gentio local ás nossas tropas; mas parece que não houve meio de se acordar nas condições d'esta cavalheirosa e patriótica commissão. A' uma, o sr. Fernando de Magalhães exigia a liberdade dos revoltosos do Porto, depois que levando-os consigo, contra os selvagens da Guiné, resgatado houvesse para a patria a soberania moral perdida, e o prestigio da bandeira enxovalhada. A' outra, os avanços e pensões reclamadas pelo illustre cabo de guerra, não lograram vencer a sovínice ministerial, facto este de que jámais nos consolaremos, porque o sr. Fernando de Magalhães pedia pouco; apenas o dobro ou o triplo do rendimento da Guiné—que diabo!

—Um dos nossos generaes de divisão mais perspicazes, foi há dias ao deposito da Vista Alegre, separar um aparelho de chá. Escolheu o aparelho, pagou a importância, dizendo que voltaria para o fazer enpacotar. Effectivamente, duas horas depois eil-o de volta ao armazem—O meu aparelho?

—Aqui o tem V. Ex.ª, disse o caixeiro, apontando o serviço encomendado.

—Peço desculpa, não é este.

—Perdão, foi ó que V. Ex.ª apartou.

—Ora essa! grita o general já furioso. O sr. imagina que eu sou parvo? O que eu aparteí tinha as azas todas para o mesmo lado.



—A FLOR DO PANTANO, versos do sr. José C. Lacerda, é um breviário de bohemia escolar, onde o poeta casa facilidades sonoras de factura, com um bocadinho de sensibilidade, aqui e além polvilhada de preocupações medico-macabras. Sem deixar uma impressão profunda d'obra d'arte, a que não pode aspirar quem ainda não possui maneira propria, com tudo lê-se com um sentimento de prazer pronunciado, pela somma de qualidades litterarias que condensa. Não traz de certo a poesia uma revolta, mas enfileira mais um entre os besteiros do ideal a quem os versos de Junqueiro emprestaram as primeiras setas d'oiro, e grava na lapide um nome novo, registrando-o para os futuros jogos floraes da lyrica portugueza.

N'um gorgolejo de bũcso pessimismo, o poeta define-se d'esta guiza:

«Da geração bimana  
eu sou o gasto molde exagerado,  
o gomme-fim d'um ramo condemnado,  
da velha especie humana.»

mas apesar d'estes humores pardos, a cada instante na FLOR DO PANTANO, flammeja o amor da vida, a alma do poeta aspira á felicidade, embora chamando-lhe burguezia, e perscrutando bem, liquida-se n'este Byron um ingenuo, e n'este Mephistopheles um crente, que aspira a pater-familias afinal, como todos nós.

—Palestra reatada. Um homem de luto, com um gesto:

—Voltando á vacca fria, foi n'esse anno que minha esposa falleceu...

IRKAN.

## HOMENAGEM

Sabonete do Congo! Há lá sabão igual!  
Tudo quanto ha de bom em si elle entesoura!  
Até já uma dama e celebre escriptora,  
Disse ao vêl'-o uma vez: — Oh! é pyramidal!

Sabonaria Victor Valssler, Paris

## COISINHAS

O Times, folha pirata,  
Da terra onde a lua—ó dôr!—  
Traz perdida a côr de prata  
Nas aguas não se retrata,  
Não beija no campo a flôr;

Diz, fallando qual oraculo,  
Mas em frases desabridas,  
Que, de Inglaterra o senaculo,  
Não está p'ra ser sustentaculo  
De monarchias tremidas!!!

E a lei das rolhas não salta,  
Pondo-o a tormentos de potros!  
—Mas p'ra o fazer, que lhe falta?  
—E' porque os lobos em malta,  
Não se comem uns aos outros...

A' hora a que eu garatujo  
Estas estrophes precarias,  
Desde Mafra ao Caramujo,  
Desde o monarcha ao marujo,  
Tudo anda a pôr luminarias.

Tocam hymnos, em pandorga,  
Os fungâgás do Seixal;  
Toda a gente anda na borga,  
Festejando a fausta outorga  
Da Carta constecional.

Toda a gente que se arreiga  
A' tal Carta—e todos são—  
Canta, com voz doce e meiga:  
—Torradinhas com manteiga  
Liberal constituição!

Sobre um morto, em tudo illustre,  
Exemplo a nobres varões,  
Desabou, qual balaústre,  
O halito—febre palustre—  
De Frei Zé dos Quracões.

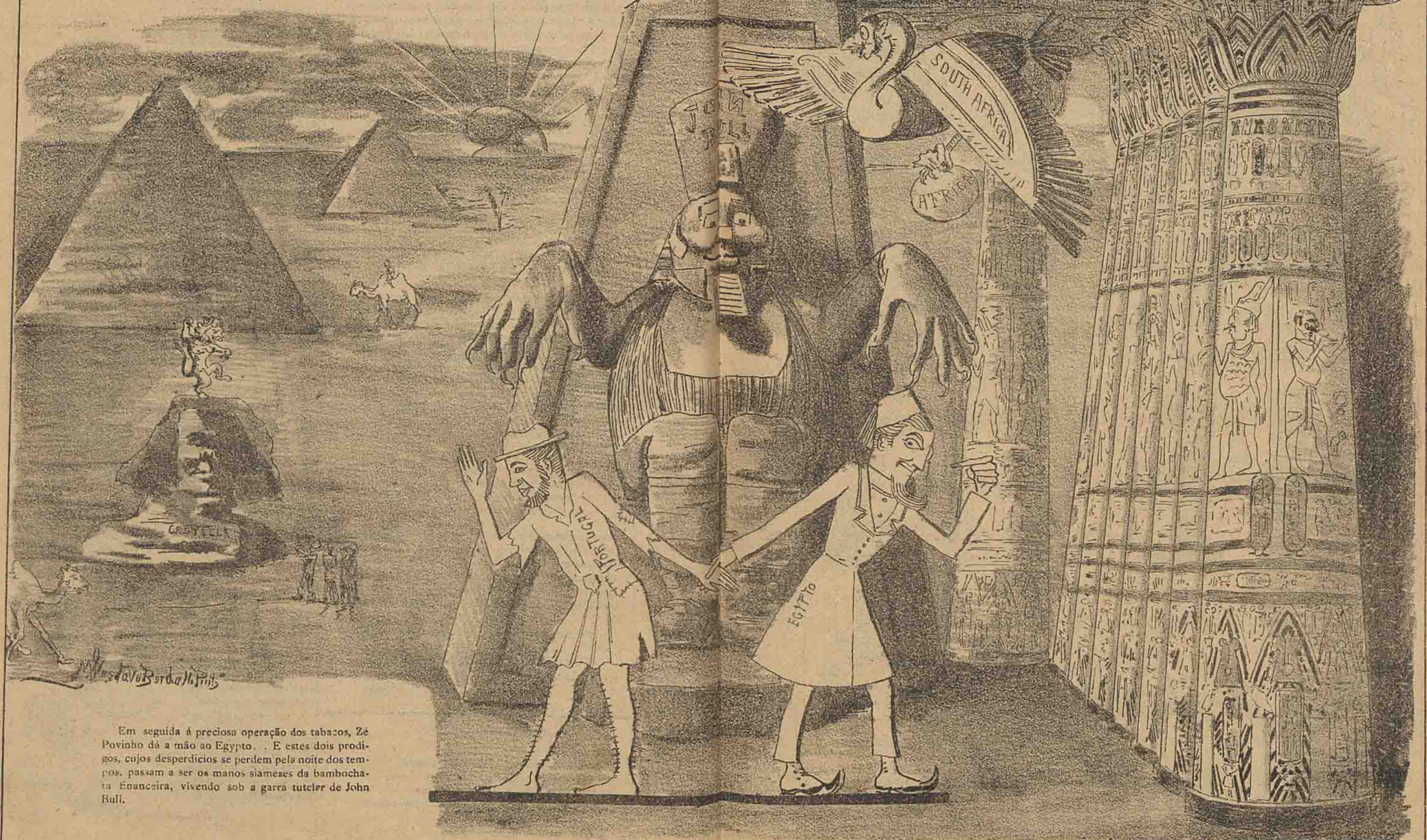
Assim sujo, emporcalhado,  
P'lo bafô de tal mondongo,  
Devêra o morto, coitado,  
Ser lavado e relavado  
Com «sabonete do Congo.»

D'ahi, não: Camões, na praça,  
Tem padrão de gloria eterna;  
E, todo o cão de má raça,  
Ao passar por lá, não passa  
Sem primeiro erguer a perna...

PAN-TARANTULA.



# O NOVOEGYPTO OU O NOSSO FUTURO



Em seguida á preciosa operação dos tabacos, Zé Povinho dá a mão ao Egypto. . . E estes dois prodígos, cujos desperdícios se perdem pela noite dos tempos, passam a ser os manos siamezes da bambochata financeira, vivendo sob a garra tutelar de John Bull.

## A' PASSAGEM DO PRESTITO



Conselheiro Acacio.—Pois sim senhor! O sr. José Elias pode gabar-se de que teve um enterro de mão cheia!...

## RUA DOS CONDES



Amanhã, no theatro da Rua dos Condes, beneficio de Souza Bastos, com o *Tim-Tim*, revista do anno de 1889, modernizado e modificado conforme as necessidades do anno de 1891. Estes modernismos e modificações querem dizer apenas que a explosão de riso que o *Tim-Tim* provocou em 1890, está destinada a prolongar-se por mais annos ainda que a propria concessão dos tabacos.

## EXPOSIÇÃO DE LEQUES



As esquinas de Lisboa acabam de nos dar parte da inauguração d'uma exposição de leques, no museu nacional de bellas-artes.

Ha duvidas cruéis ácerca do cartaz anonymo. Já houve quem o attribuisse a Chéret. Pessoas dignas de fé affirmam, porém, que é devido á collaboraçào do sr. Cotrim, na parte flôres e do sr. Inspector da Academia na parte belleza feminina.

Nós porém temos razões para acreditar que o cartaz é obra da florista franceza. E que no dia em que fôrmos ao museu havemos de nos encontrar, não em face d'uma exposição de leques—mas d'uma exposição de rosas.

## COLYSEU DOS RECREIOS



Até que enfim conseguimos lóbrigar alguns personagens da *Fatinitza*, representada no Colyseu, com um exito que se póde definir assim: Sensaçào geral d'estopada.

A imprensa apesar das 72 filas de fauteils que occupa, ainda não está contente.

O publico pouco vê e nada ouve mas a imprensa vê, começa a ouvir e se a empreza lhe dá cadeiras no palco até chegará a entender. Não sabemos o que mais quer a imprensa. Já marcou logar nas primeiras filas, veja lá agora se tambem quer que as coristas tragam ao collo os senhores criticos!

# THEATRO DO GYMNASIO EM BOA HORA O DIGA

Comedia original de Gervasio Lobato



RAFAEL BORDALLO PINHEIRO

29 d'Avril des Années de nos jours  
COMEDIA JENUINAMENTE PORTUGUEZA—UMA DELICIA—É DE MORRER A RIR.  
BRAYO GERVASIO — BRAYO VALLE.

## O JOGO DO PAPELÃO

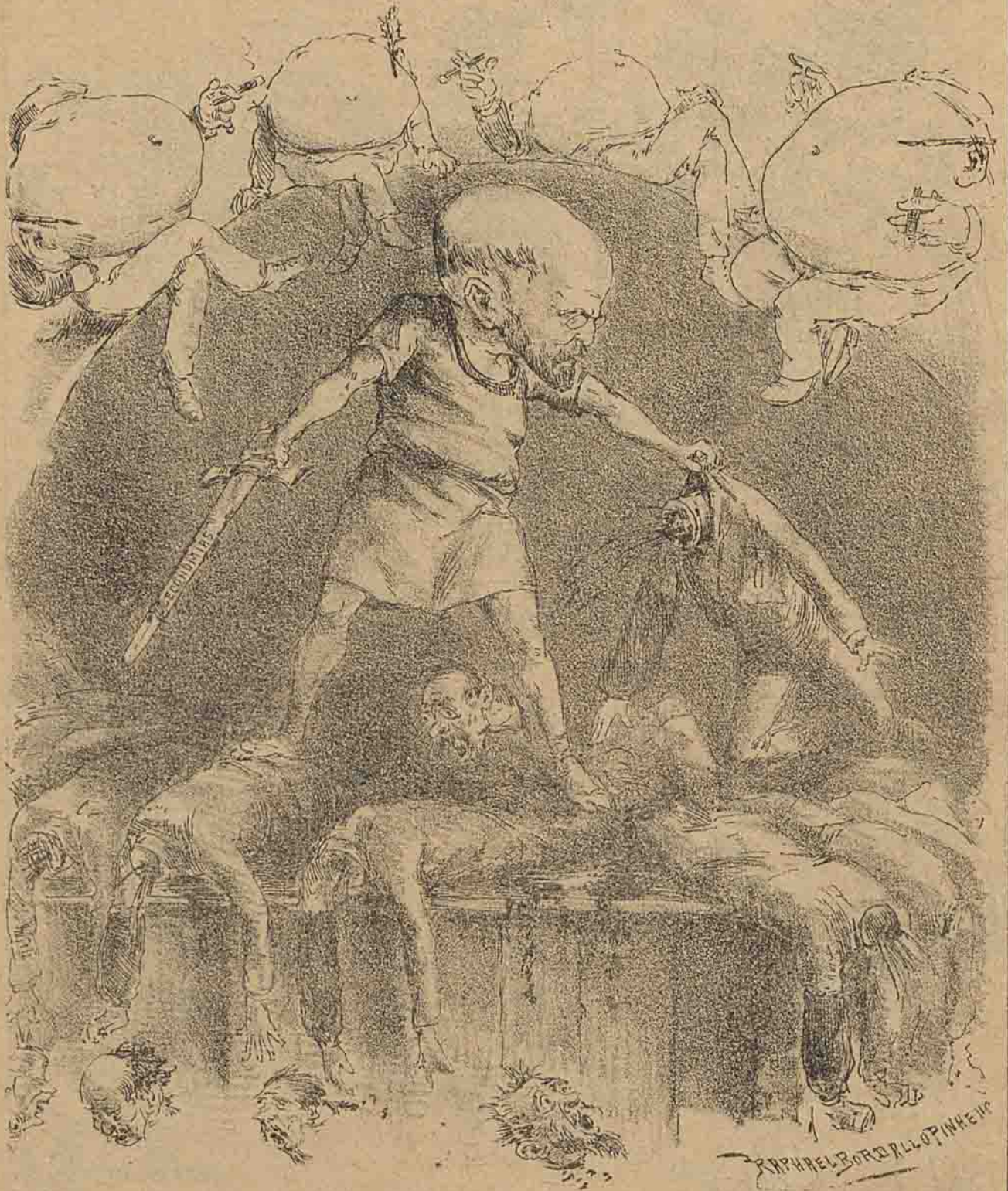


RAFAEL BORDALLO PINHEIRO

Ahi yae o papelão! —Ahi vem o papelão! —O que traz o papelão?... —Traz o addiamento. —Pois não que-  
ro o papelão!...

# Os homens da semana

## HERODES NEPHELIBATA



**Rei das Alfandegas - Anno 1891 da era de Christo**

E não podendo exterminar as barrigas que engordavam á custa do Thesouro, Herodes, indignado, resolveu degolar os innocentes.

Editor Manuel Luiz da Cruz. — Sede da administração, rua do Norte, 39, 1.º

Lithographia de Portugal, Travessa da Arrochella 2

Typographia — Imprensa Minerva — 12 Travessa da Espera, 14

## Dr. Julio de Mattos



Apresentamos hoje aos leitores do *Antonio Maria* um dos mais brilhantes espiritos da geração nova. Medico alienista, a quem coube a honra de substituir o dr. Senna no hospital do conde de Ferreira, critico dos mais eruditos, escriptor dos mais serios, o dr. Julio de Mattos é uma das glorias do Porto moderno. Publicando hoje o seu retrato acompanhamos a imprensa portuense nos applausos que ora lhe dispensa, a proposito da sua ultima conferencia.





O redactor principal do *Seculo* acaba de publicar um livro de viagens politicas, que elle intitula *Pela Patria e pela Republica*. E' mais uma prova do quanto o glorioso combatente da idéa republicana tem seguido sempre o seu caminho, fallando claro, sem hesitações e sem rodeios. E' por isso que Magalhães Lima é digno do respeito e da estima de todos—amigos e adversarios.

## Crise operaria

Os jornaes dão conta d'estarem á boa vida na cidade, cerca de 5:000 operarios, e exprimem inquietações sobre o futuro que a estiagem do trabalho prepara á pobre gente. Esta estiagem, que é já flagrante, e se virá agravando no semestre proximo, até ao paroxismo, victima principalmente os operarios constructores, pedreiros e carpinteiros, e tem por causa primeira as crises politicas dos ultimos mêzes, que retrahiram a circulação do ouro, e fizeram aferrolhar as burras ao proprietario réceo do dia d'amanhã. Mas outras causas a inquinam ainda, que poderiam ser debelladas promptamente, conseguindo distanciar por algum tempo a epidemia de fome que vem perseguindo as classes de trabalhado-

res que acima puz. Estas causas são em primeiro logar a affluencia d'operarios provinciaes, que a capital chamou a si ha tres ou quatro annos, para dar celere expediente á construcção dos bairros novos e que hoje, concluidas como vão as casas d'esse, bairros, se acham despaysdos á beira do Tejo, já sem os fartos salarios da primeira faina, mas sem coragem tambem para regressar ás suas terras, onde a vida se lhes tornou monotonica, e onde os prazeres da capital os não podiam de certo acompanhar. Porque a emigração lisboeta teve para o operario das provincias apenas isto d'efficaz—tirou-lhe a sobriedade que o fazia relativamente feliz na sua aldeia, e desmoralizou-lhe a paciencia pelo espectáculo da aliaz pouca edificante vida que os aboletamentos na capital lhe preparavam.

Reinternar gradualmente estas populações nos seus logares d'origem, fazel-as adquirir de novo, se possível ainda fôr, os antigos habitos, compenetrar-as

dos seus modestos ideaes d'outr'ora, dar-lhes o amor do trabalho obscuro, onde nos intervallos do officio, carpinteiros e pedreiros são ao mesmo tempo agricultores, eis o primeiro passo dos poderes publicos ao debellar da crise, e o mais proficuo meio de se evitar nas ruas de Lisboa esse desmoralisante quadro de magotes de homens passando a vida a pedir esmola ás rainhas e aos reis, que decerto não podem prover ás precisões de todos elles.

\*  
\* \* \*

Outra questão já outro dia debatida no comicio operario do 1.º de Maio, e que muito bem póde auxiliar a remoção da fome publica, para mais longes dias, é a urgencia de se exigir que a Camara Municipal sem perda de tempo dê curso aos innumerables projectos de construcção que se acham retidos na repartição especial, e que a preguiça dos technicos deixa dormir mêzes e mêzes nas gavetas. Pelo que respeita ao problema das 8 horas de trabalho, cuido que elle não deve preoccupar tanto os operarios portuguezes, como outros problemas que por detraz d'elle estão, verdadeiramente dignos do cogitar dos pensadores. Oito horas de trabalho diario é um lemma socialista para bordar em letras vermelhas no panno d'um guião, convenio, mas por si só não constitue exigencia *d'obliga* sobre que fazer finca-pé para uma revolução social temerosamente arcabouçada. Em Portugal não ha operario algum que produza eficazmente durante um periodo certo de oito horas, porque os entreactos de cigarrar, beber agua, ir lá fóra, etc, entrecortam a cada instante a faina officinal, por fórma a reduzirem o dia nominal de doze horas, a um trabalho real de seis ou sete. Ninguem ignora isto, e os proprios oradores que eu ouvi no dia 1.º de Maio, cuido que insistiram no ponto, mais preocupados de repetir o que a essa hora se estava arenando nos outros comicios do mundo, do que convencidos das 8 horas de trabalho serem uma exigencia inadiavel da população operaria nacional.

\*  
\* \* \*

Pois como ia dizendo: as 8 horas são o s. p. q. r. da Semana Santa operaria, e por traz d'esta senha, sedes mais asperas estão, de liberdade, de dignidade humana e de justiça. Até aqui, o operario foi nas gozadoras sociedades modernas, a besta que puxa a nora, vendada, sob o chicote do dono—nora que rega a horta do rico, sem indagar dos suores de sangue que os mineiros lá baixo suam, nas entranhas da terra, a bem de meia duzia de sybaritas detestados. Mas aproxima-se o instante em que a besta de carga se hade transfigurar em Jupiter tonante, espargindo raios sobre a superficie dos palacios, e alagando o mundo das reprezalias de sessenta seculos d'injustiças. Será um segundo diluvio sem arca salvadora, em cujo deladoiro muitas especies sociaes, omnipotentes hoje, sossobrarão. N'esse dia a besta de carga imporá os

seus direitos, filho maldicto, á communhão no patrimonio, o operario será socio, quando já por traz d'elle—quem sabe?—confrarias novas de parias, não sei quaes, erguerão a cabeça para espreitar se lhe reservaram prato no banquete.

Emquanto porem a tremenda liora não sóa, o operario já instruido e offegante de muitas bellas esperanças que decerto lhe murcharão na alma, mesmo antes da victoria chegar, o operario reclama, em voz successivamente mais alta, e na proporção do terror que infunda, para si e para os filhos, reformas e confortos que lhe vão tornando a vida menos falsa. E n'este ponto ninguem ouse dizer que não sejam sagradas as reclamações do moderno Prometheu! Nas cavallariças de luxo, os cavallos teem higienes que os ricos industriaes recusam doar ás officinas onde centenas de operarios mourejam sol a sol. Entra-se em certas fabricas como quem entra em montureiras confinadas nos canos de despejo, asphixiado, espavorido da porcariá inhospita do recinto. A officina raro varrida, poeiras nocivas fluctuam no ar constantemente a tiragem respiratoria das peças insufficiente para a continua renovação do exigenio indispensavel; e nenhum serviço de hydroterapia, o mais rudimentar, que purifique o trabalhador sequer á deixada do labor... Prende-se na engrena da machina o braço de um homem, o operario tomba doente? E' o hospital que o traça, e durante a enferma não ha uma caixa de soccorros que faça correr ao prato da familia, o salario do infeliz trabalhador invalidado. Demos que o accidente da engrena taes mutilações fez no homem, que o inutilizou por uma vez. Quem é que livra da fome uma familia? Não ha uma caixa d'aposentação annexa á fabrica, e a mendicancia da rua é o unico recurso aberto ao miseravel. Envelheceu? A penuria é a mesma. O salario, emquanto o operario activo, foi integralmente devorado, n'uma vida *au jour de jour*, sem orçamento, nem ordem, nem cautella, porque nem as cooperativas lhe forneceram os objectos de primeira instancia, a preços doces, nem a fabrica tão pouco organisou cofres *d'epargne*, que o estimulassem a pôr de banda para a velhice, quotidianamente, alguns reaes. Bolsas de trabalho, vistal-as! Escolas para os pequenos, bairros locais, jacentes á fabrica, bibliothecas e jogos phisicos para os ocios da noite e do Domingo? — nem fallar é bom.

Pois muito bem: o soffrimento humano é tão candidato, a indole do escravo branco é tão limpida, que se o patrão passa rente aos que explora, e martyriza, e infama todo o anno, alta noite, a pé, n'um sitio ermo, aquelles tristes em vèz de lhe furarem a barriga, tiram-lhe o chapéu, e dizem—*meu senhor*.

IRKAN.

### IDEAL

Transforma em alvo leite a mais atroz sardenta  
O sublime, o ideal *Sabonete do Congo!*  
Um pequenino objecto apenas com cincoenta  
Milímetros de largo e noventa de longo!

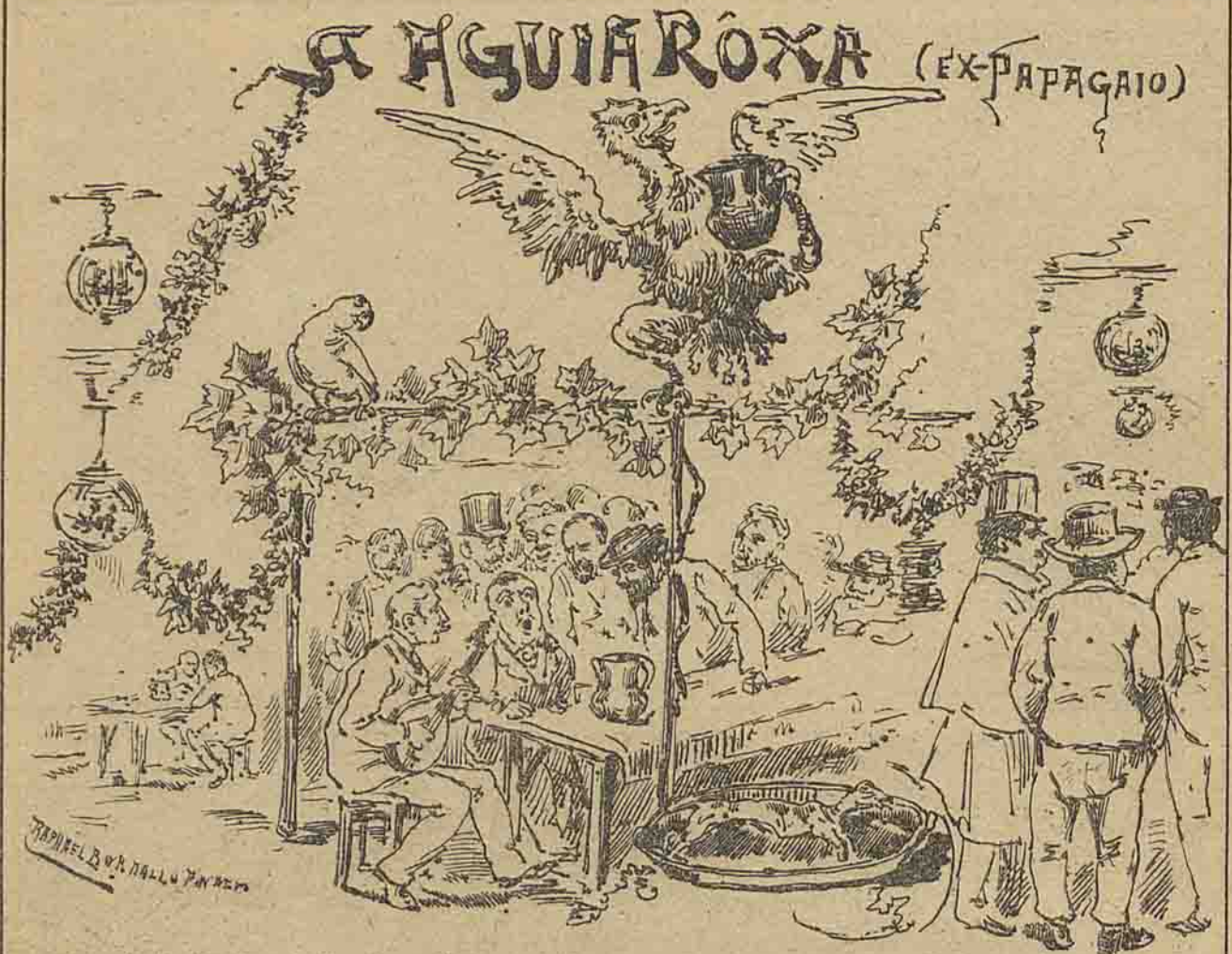
Saboaria Victor Valssier, Pariz «Depositario:  
Mellton Boldu, 87, Valverde, Madrid».



# SO DEUS!...

Imitação do quadro do pintor portuguez Metras

Dimensões d'este quadro.  
Largura:—a do Paiz.  
Altura:—a da gravidade das circunstancias.



A *Agua rôxa* (antigo *Papagaio*) e a genuína horta portugueza onde —Deus louvado!— a lista não é escripta no *franciu* dos restaurantes lisboetas, e se pode comer um prato nacional sem contrabando e sem chanfanas de parodias estrangeiras. Foi ali que se realisou a ceia em honra de D. João da Camara, e foi ali que encontramos um poeta improvisador capaz de pôr a um canto muíto vate de salão. O moço improvisador glosou n'um momento uma quaura de Lopes de Mendonça em honra do auctor do *Alcacer-Kibir*.

## ESPIGAS

(Falla o povo)

Talqualmente os animaes,  
Trago a cilha na barriga;  
Cada vez me aperta mais,  
Consumo a vida a dar ais,  
—Uma espiga!

Qual pegados co'uma obreia,  
Os partidos formam liga;  
O que são—façam ideia!—  
Assim juntos, de alcateia...  
—Outra espiga!

Fundá-se um bello hospital  
P'ra atacados de bexigas;  
Morre mais gente do mal  
E cresce o gasto afinal...  
—Trez espigas!

Como em trigo do celeiro  
Formigam cem mil formigas,  
LÁ do Paço no Terreiro  
Anda um grosso formigueiro  
—Quatro espigas!

E, por Parada de Gonta,  
Nobre Thomaz das Cantigas,  
Tudo em luxo arranja e monta;  
Juntem mais esta na conta:  
—Cinco espigas!

A policia vae-me ao pello,  
Em vez de evitar-me brigas;  
E inda por cima—camello!—  
Eu pago custas e sello  
—Seis espigas!

Como heide comer sem *parne*,  
Sempre quero que me digas?  
Desde Alfama a Sotto Marne  
Sóbe o pão, o azeite, a carne,  
—Sete espigas!

O vil catre em que me deito  
Pica qual mólho de ortigas;  
E, quem dorme em fofo leito,  
Paga o que eu pago a preceito  
—Oito espigas!

Pago mais caro o marufo,  
As congruas, as desobrigas;  
E' pagar tudo n'um rufo,  
—E eu pago sempre e não bufo...  
—Nove espigas!

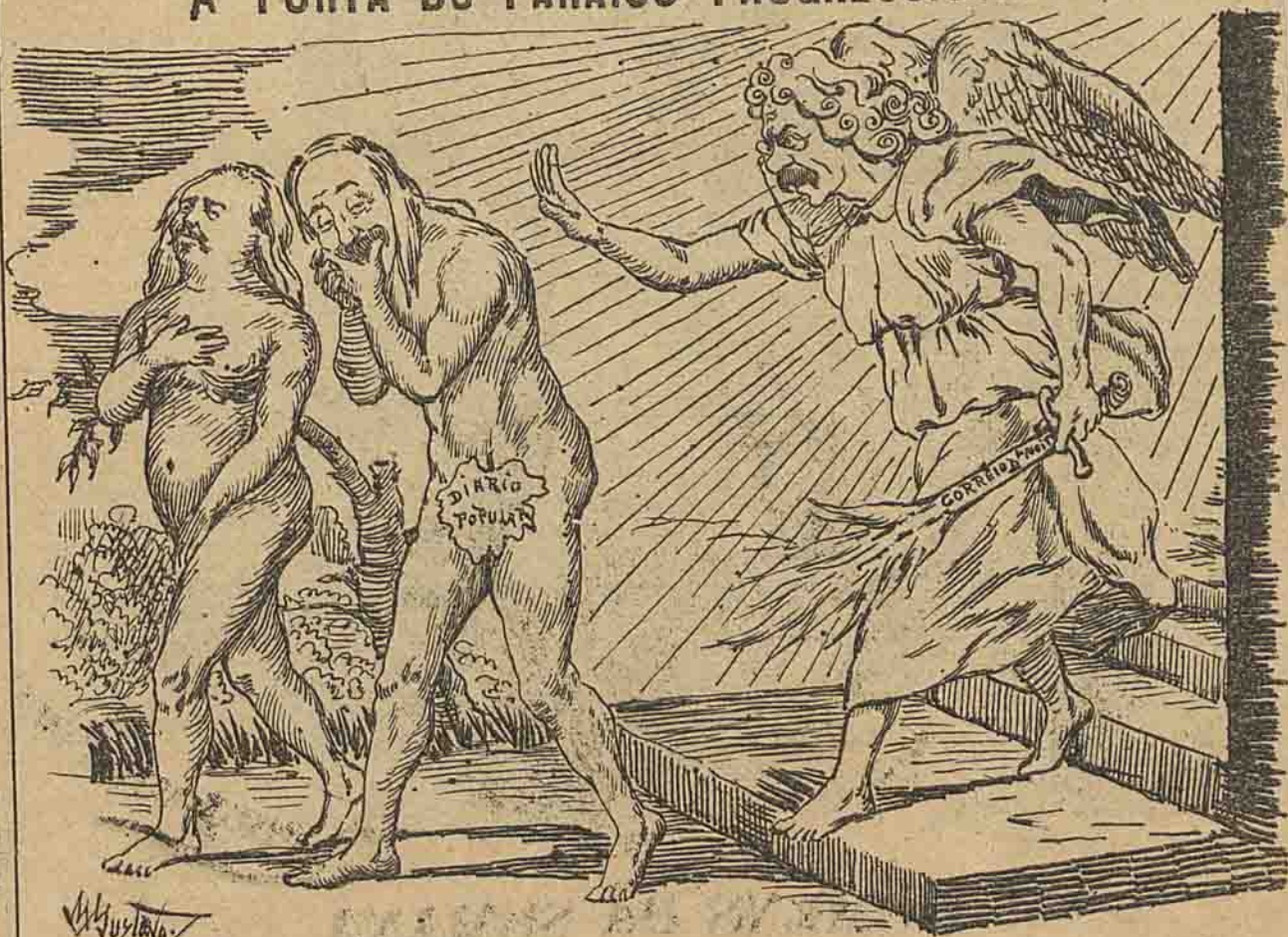
.....  
E ao tal—quem me dera léo  
De lhe fazer quatro figas!...—  
Quando o vejo—Deus do ceul—  
Inda lhe tiro o chapeul  
—Dez espigas!...

PAN-TARANTULA.



A bete noire descoberta pelas Novidades e que tanto aterra os chéché da corôa.

### A' PORTA DO PARAISO PROGRESSISTA

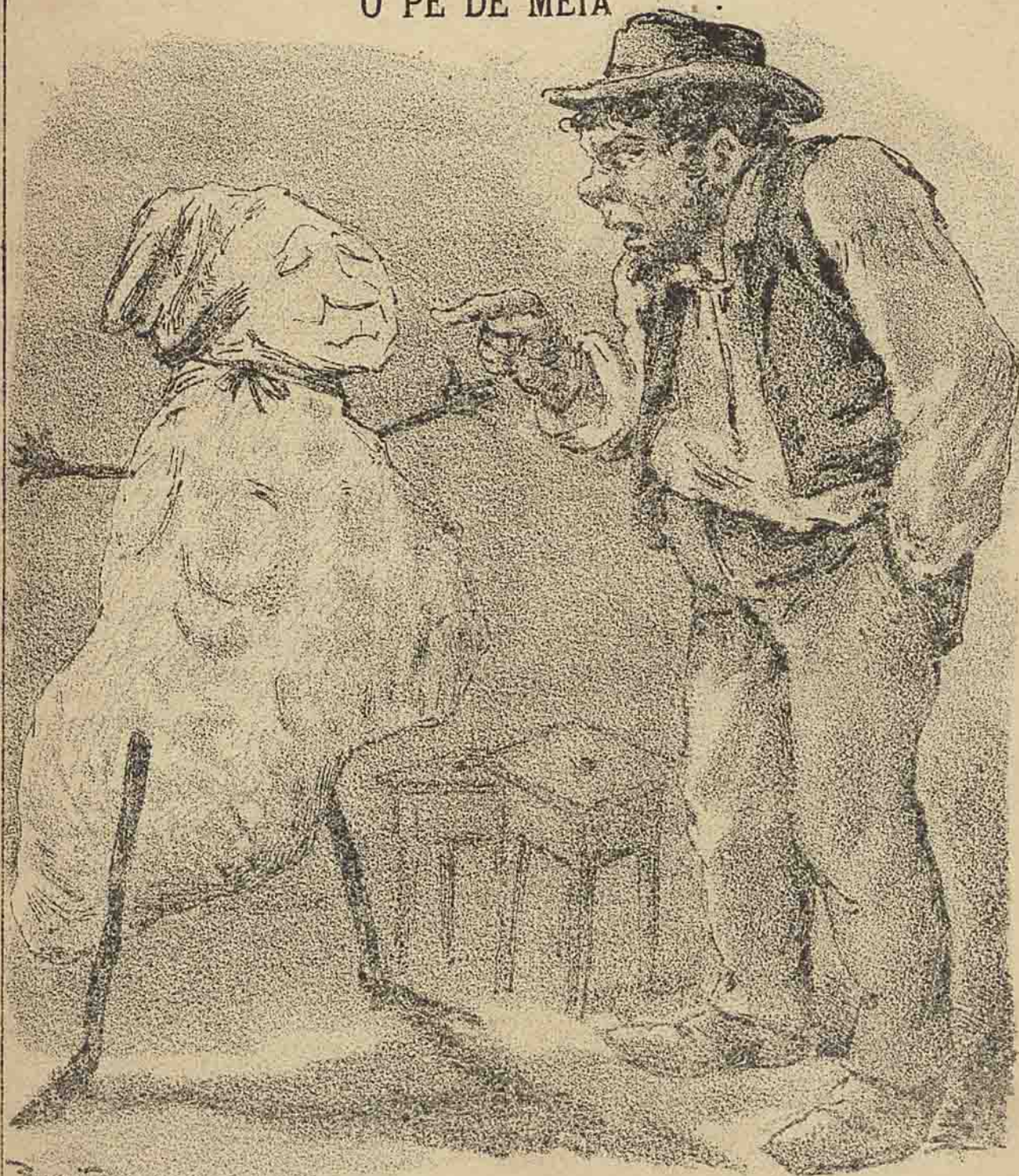


Tanto morderam no fructo prohibido que o anjo feroz os pôz no olho da rua. E' bem feito!... Mestre José Luciano vê-se, mas não se lhe toca...



# O TYPPO DA SEMANA

## O PÉ DE MEIA



RAPHAEL RAMOS LAPINHEIRO

Zé Povinho:—Você é que tem a culpa, seu pé de meia!  
O pé de meia:—Amigo!... não tenho contiança... Os bancos fazem-se mócios, e eu vou para o cauzo da gaveta!...

Editor Manuel Luiz da Cruz. — Sede da administração, rua do Norte, 39, 1.º

Lithographia da Portugal, Travessa da Arrochella 2

Typographia — Imprensa Minerva — 12 Travessa da Espera, 11

## Memoranda

Não ha dinheiro, e as moratorias do governo, tendo por fim, dizem que salvaguardar os depositos metallicos dos bancos, são o principio d'um quinto acto lugubre, onde os remediados passarão a pobres, os pobres a mendigos, e os mendigos Deus sabe se a salteadores e a assassinos. Esta situação divertida e precaria, coincidindo com o pagamento das rendas das casas—o espectro negro da gente lisboeta—e com a epocha das villegiaturas e das aguas mineraes, modificará fundamentalmente a vida da capital, principian-do por fazer acompaer alguns com os seus tarecos, no meio da rua, e por circumscrever as passeatas d'ou-tros, a mais modestas estações do verão, intra-barreiras. Isto bastá para este anno termos Lisboa singular-mente animada, nos mezes de Junho a Setembro, e para entre as exhibições do luxo estival, introduzir-mos reformas onde a economia marche de par com a elegancia, as duas revelando-se na suppressão de todos quantos objectos se possam alijar sem quebra de decencia.

Assim pois, visto não haver dinheiro para pagar o semestre, e a moratoria não ser extensivel aos in-quilinos, haveremos que deixar com escriptos bairros inteiros, e fundar-se-hão nos passeios e terrenos va-gos da cidade, bairros de tendas, pictorescamente construidas com lençoes e reposteiros estirados em paus de vassoura, onde cavalheiros e damas vivam a vida nomada de povos pastores, e o passadio con-sista n'alguuma parca sopa de malvas, n'alguum ra-gout de gafanhotos, ou caldeirada de curacoés e bi-chas-cadellas. N'essas ligeiras cidades, todas alegres das tosses dos piaços, com banquetes na herva e sal-sifrés em roupas brancas, a vida será uma d'estas coi-zas familiares como só os primeiros dias do Eden co-nheceram, e no tocante a *toilette*, a moda não póde deixar de não attender ao seguinte—o emprego da menor quantidade d'estofo, na maior cobertura de carne. Isto quer dizer que ou serão esticadissimos os trãjos, ou crescendo a carestia das fazendas, aquellas se limitarão ao strictamente indispensavel para cobrir as... ilhas adjacentes.

Reconstituam a, ora o quadro da alta *fashion* ve-raneando ás tardes pela Avenida, sob este regimen paradisiaco: os grandes janotas de sapato d'ourello e suspensorios, guiando cavallos já sem os quartos pos-teriores (por lh'os terem cortado para beefs) as hori-zontaes já não horizontaes, mas obliquas, ou cerco-vadas de lazeira, com chapéus de raios te partam, or-nados de pon-pons de notas do banco de Portugal que ninguem pága, e vestidas de folha de vinha, ze-phirinamente avoejantes por sobre nombrios litteral-mente cobertos de teias d'aranha, como porteiras por onde ninguem passa ha muito tempo. Entre a alta finança e o argentarismo, que as suspensões dos ban-cos terão reduzido a uma pelinrice ammanensal, o grande tom será trazer collarinhos de papel, pregados com alfinetes ao panno da camisola, sobrecasacas só

com uma aba, e sapatos de baile estrompados na bi-queira, mostrando os dedos dos pés, em *sandalia*—dedos cujas unhas disformemente crescidas lhes ser-virão para tocar viola nas tampas dos cofres fortes, deshabitados de *mónin*. Duquezas e senhoras d'alta gomma, trajarão nos seus laudeaus, *toilettes* magni-ficas de *Diario de Noticias* e papel para forrar casas, acolchetadas de joias que serão pasteis do Roza Arau-jo, então tornados raros como os camafeus mais pro-curados. E como por falta de freguezes, os restau-rants fecharão, e os animaes de que se alimenta o homem terão morrido, ou não haverá dinheiro para os pagar, abrir-se-ha junto ao amphitheatro d'opera-ções dos hospitaes, pequenas locandias, summamente elegantes, onde os gentis-homens regalarão suas prin-quezas com beefs de perna amputada, e *petit patés* de cancro de figado humano, exactamente como hontem ainda se fazia nos restaurants de prazer, com os cada-veres d'outros animaes.

\*  
\*  
\*

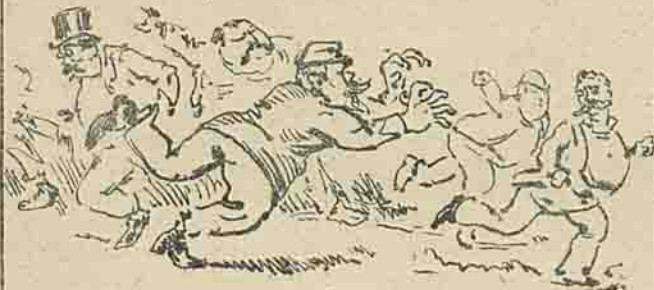
—Nos circulos bem informados se rosna que o sr. ministro do reino—cujo sensibilissimo coração lhe in-valida infelizmente a energia para grande numero de questões em que seria mister ter mão de redea, e olhos de lynce—tem ultimamente desenvolvido inso-litas prestezas a impedir que se encontrem no campo dois duellistas conhecidos, qual mais esfurado em li-quidar offensas de honra, por meio de tiros de pisto-la. No conseguimento do seu fim humanitario—e vá sem dizer—um pouco massante, emprega o sr. mi-nistro do reino todos quantos ardis a policia é capaz de pôr em exercicio, como sejam deitar agentes far-dados no encalço dos adversarios, medico e respecti-vas testemunhas, e estabelecer um serviço d'espiona-gem particular, em termos de que qualquer dos com-promettidos não dê um passo, falle a um amigo, ou compre um charuto, sem que immediatamente os te-lephones se ponham a badalar para o governo civil, e d'alli para casa da rainha Santa Izabel que se pöz de permeio aos combatentes.





Ora esta sollicitude hysterica seria encantadora como acção d'amigo, mas começa a tornar-se puerilmente sentimentel, se consideramos em que n'esta hora angustiosa deve haver no ministerio do reino, coisas muito mais urgentes a tractar do que a prohibição d'escaramuças de honra, entre dois particulares, ambos maiores. Em trens ás ordens, gratificações a policia, e subsidio á espionagem reservada dos duellistas e seus annexos, já se calcula que o governo civil tenha expendido cerca de duzentos mil réis—e isto significa que é tempo de se deixar ao destino a existencia, preciosa alia, dos combatentes, mas que para o contribuinte se começa a tornar um pouco cara.

De mais, se na consciencia dos degladiantes se adveio na impreterivel necessidade do encontro pelas armas, porque diabo se intromette a policia em negocios a que não pôde dar sancção moral? que tem ella com duas vidas que se não acham bem, funcionando paralellamente? Deixe-as lá esfuracarem-se á vontade. A funcção da auctoridade é respeitar cada cidadão no fundo dos seus brios, e jámais constituir-se em estorvo, quando esses brios reclamam purificar-se á moda antiga. Vinte e quatro libras para evitar um duello... Mas com mil diabos! sae muito mais caro do que um enterro!



—No ultimo paragrapho do relatório pelos peritos do Porto confeccionado, acerca dos envenenamentos attribuidos ao cathedratico Urbino de Freitas, vem uma conclusão que passo a copiar. N'este theor:

«... a morte deve attribuir-se á presença nas visceras, de dois alcaloides muito energicos, a morphina e a delina.»

*Delina* é o poema do sr. Thomaz das Obras Publicas. Veneno muito energico, diz o relatório. Por isso se lhe chamou, *Delina do mal*. Até ao caso Urbino, apenas era empregado como somnifero. A condensação toxicologica que levou a droga a produzir a morte, deve-se provavelmente ao facto do sr. Thomaz ter corrigido o poema, na segunda edição.

IRKAN.

### SALVÉ!

Sabonete do Congo, ó rei dos sabonetes,  
Eu me curvo ante ti, como ante Assuro, Esther,  
Soberano senhor das magicas *toilettes*,  
Onde em deusa ideal transformas a mulher!

Sabonaria Victor Vaissier, Pariz «Depositario.  
Meliton Boldu, 87, Valverde, Madrid».

## A SITUAÇÃO

Dizem diversos pandilhas  
Que isto não tem cura alguma;  
Pois eu, fallando em sextilhas,  
Posso afirmar-lhes, em summa:  
Vae tudo ás mil maravilhas  
—P'ra não diser mil e uma...

Exemplo: o peito onde vibra  
O amor da patria adorada,  
Ha tempos, sentindo a libra  
P'lo dito amor arreitada,  
Ganhou taes odios a libra  
Que nem na qu'ria pintada!

A curto trecho, a *amarella*  
Leva de todo sumiço,  
—Tal como fulgida estrella  
Correndo atraz do derriço—  
...E hoje, ninguem logra vela  
—Mesmo tendo gosto n'isso...

Inda mais: andava o pobre  
N'uma tristeza mais dura  
Que as badaladas d'um dobre,  
A lastimar-se—mentira!—  
De ter só *bagos* em cobre,  
Porque em *notas* nunca os vira.

Vae d'ahi, mercê dos Cunhas,  
Da terra gãos financeiros,  
O pobre, sem *caramunhas*,  
Já passa dias *qteiros*  
Sempre de *notas* nas unhas  
—Que ninguem troca a dinheiros...

Ha tantas *notas* que, quem  
Vae da *cazinha* ao resguardo,  
Ao guarda dando um vintem,  
Volta-lhe o guarda, galhardo,  
Notas ás cem—mais de cem!—  
Em lugar de *papel pardo!*

Andavam n'essa Lisboa  
Trinta bancos a ferver:  
—Entre muita coisa boa,  
Como está facil de ver,  
Fica sempre uma pessoa  
Sem saber o que escolher...

N'isto, começam taes bancos,  
De medo, a tremelicar:  
O do Povo, em tres arrancos,  
Fica de pernas p'ra o ar,  
Outros vão ficando mancos,  
Mais outros a coxear...

Isto é motivo—corcordem—  
P'ra se erguer as mãos ao ceus!  
Se fôr total a desordem,  
Não faça o povo *escarceos*,  
Pois pôde saccar a ordem  
Sabre o seu *banco*—o *des reus*...

PAN-TABANTUA.

# A CORRIDA POLITICA



Antonio Maria: — Oh Zé! Zé!... Onde diabo vaes parar?...  
Zé Povinho: — Não se sabe!... não se sáááabe!... (E o burro, catrapoz... catrapoz... catrapoz!...)

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

# TRIBULAÇÕES D'UM RICAÇO



Elle era a bella *charutanga!*  
Fallava-se-lhe das desgraças da patria.  
—Ora! isso são cantigas. O Povo esta feliz. O Paiz prospera.



Elle era a bella *comesaina!*  
—O Povo é uma besta! Que trabalhe!  
— Está deliciosa esta perdiz.



Elle era a bella *vinhaça!*  
—Ah! O Povo grita? Cheguem-lhe! Pois então?!



De repente... o Banco já não paga em ouro, dá prata.  
—Oh! diabo. Corramos a buscar as *massas*.  
—Oh! minha querida Patria! Oh! meu rico dinheirinho!



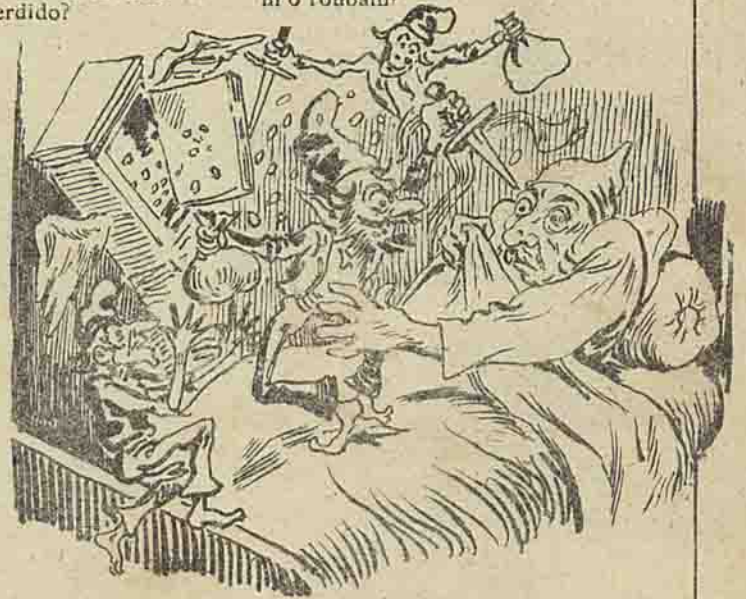
A' sahida do Banco (Gemendo ao peso da prata).  
—Que grande pouca vergonha!  
Mas então o Povo não se revolta? Isto é um paiz perdido?



—Que diabo heide fazer de tanto dinheiro?  
—Como heide guardal o? E se m'o roubam?



— Ora d'ali é que ninguem m'o tira!!



Mas tem pesadellas terriveis que se repetem todas as noites...



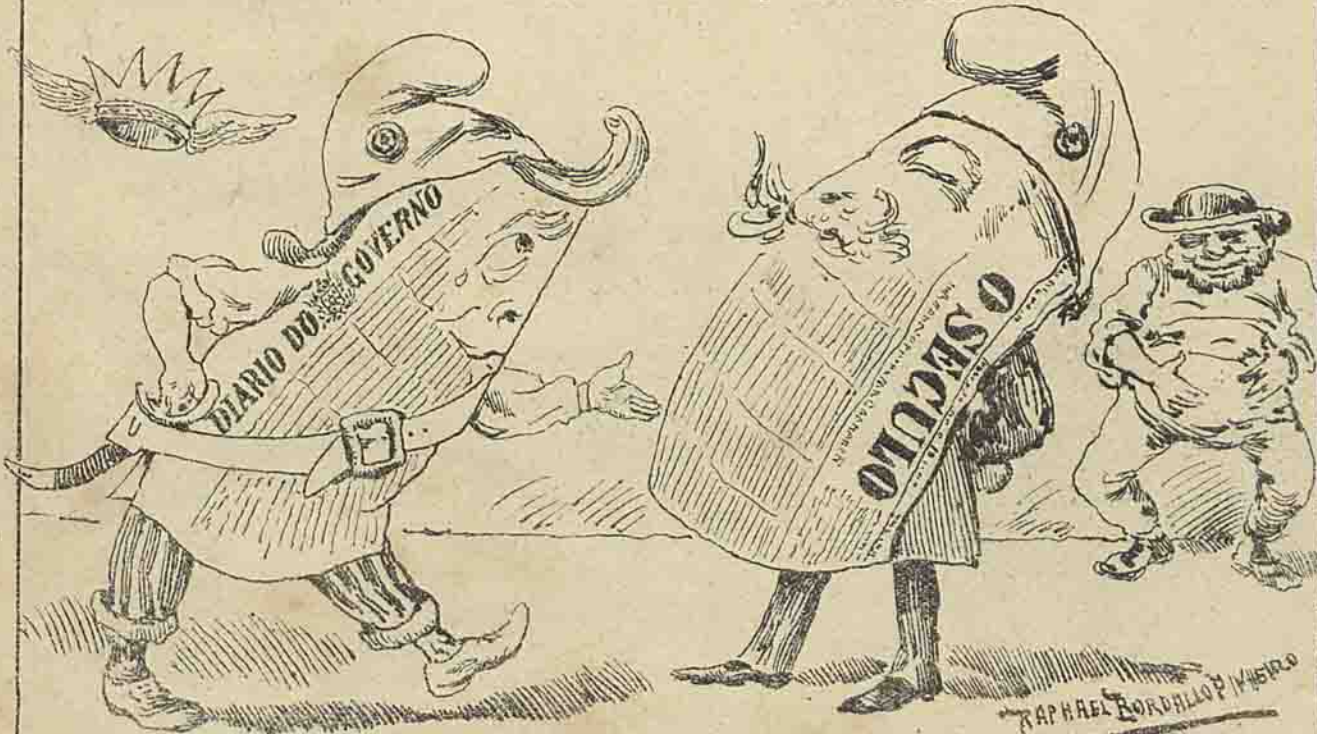
e eis aqui como o Ricaço passa agora as noites: Não come, não bebe, não dorme, nem... O que é uma pessoa ter dinheiro em casa!



M. Gustavo Bordallo Pinheiro

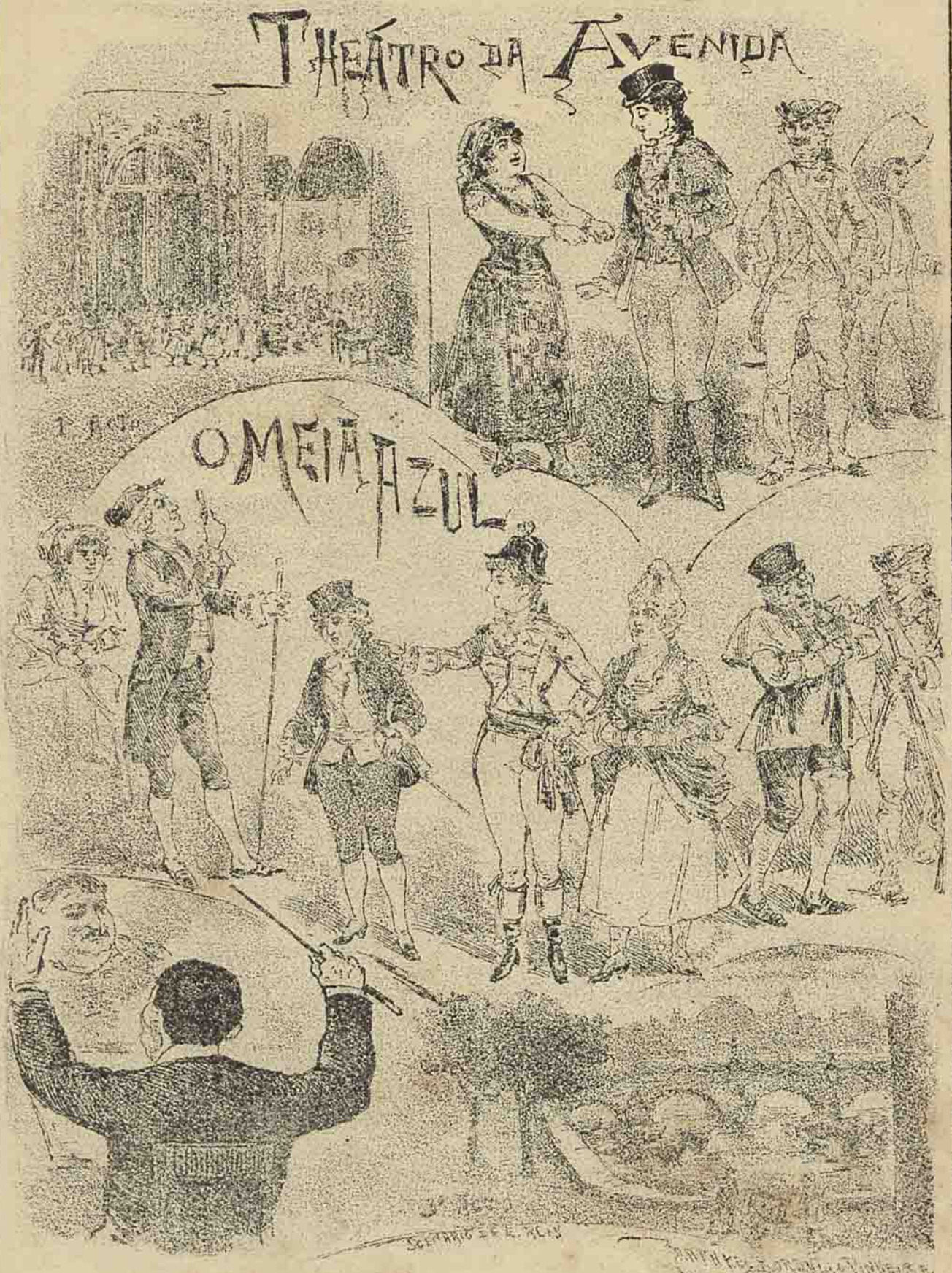
Na rua.  
 O RICO.—E' muito melhor não ter dinheiro, só para não ter a massada de o guardar.  
 O POBRE.—Não ha nada como a gente ter dinheiro, e não ter a massada de o ganhar.  
 MORALIDADE.—Ninguém está contente com a sua sorte

CASOS DA SEMANA



RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

O *Diario do Governo*, publicando a representação do Centro Commercial do Porto, passou ao estado de folha perigosa para as instituições. Em vez d'uma corôa, nós pedimos licença para lhe adornar a cabeça d'um moço mais consentaneo com a prosa revolucionaria que ora publica. E assim poderá estar ao desabrigo da lei do sr. Lopo Vaz.



O *meia azul* é o grande successo da semana. A musica é lindissima, tendo todo o encanto d'uma verdadeira opera comica. O desempenho por parte de todos os artistas, é mais uma prova do quanto pode o talento, o saber e a força de vontade d'um *maestro* distinctissimo como é Cyriaco de Cardoso. A ação passa-se em Paris, no periodo da Revolução franceza. O scenario é uma verdadeira surpresa como exa tidão e pitoresco.

# OS HOMENS DA SEMANA



O ARGUS DA POLITICA

## A solução da crise



Andava toda a gente a pedir *A vida nova*. E tanto pediram e tanto gritaram estas rãs da occidental praia lusitana, que Jupiter lhes atirou com a *vida velha*. E vae d'ahi passa nos d'um ministerio de *nephelibatas* para um ministerio de *nephelibotas*. E' de crer que teremos depois d'amanhã ministerio de *nepheliburros*!...





O ANTONIO MARIA

# A SEMANA POLITICA

Uma borga na horta das tripas

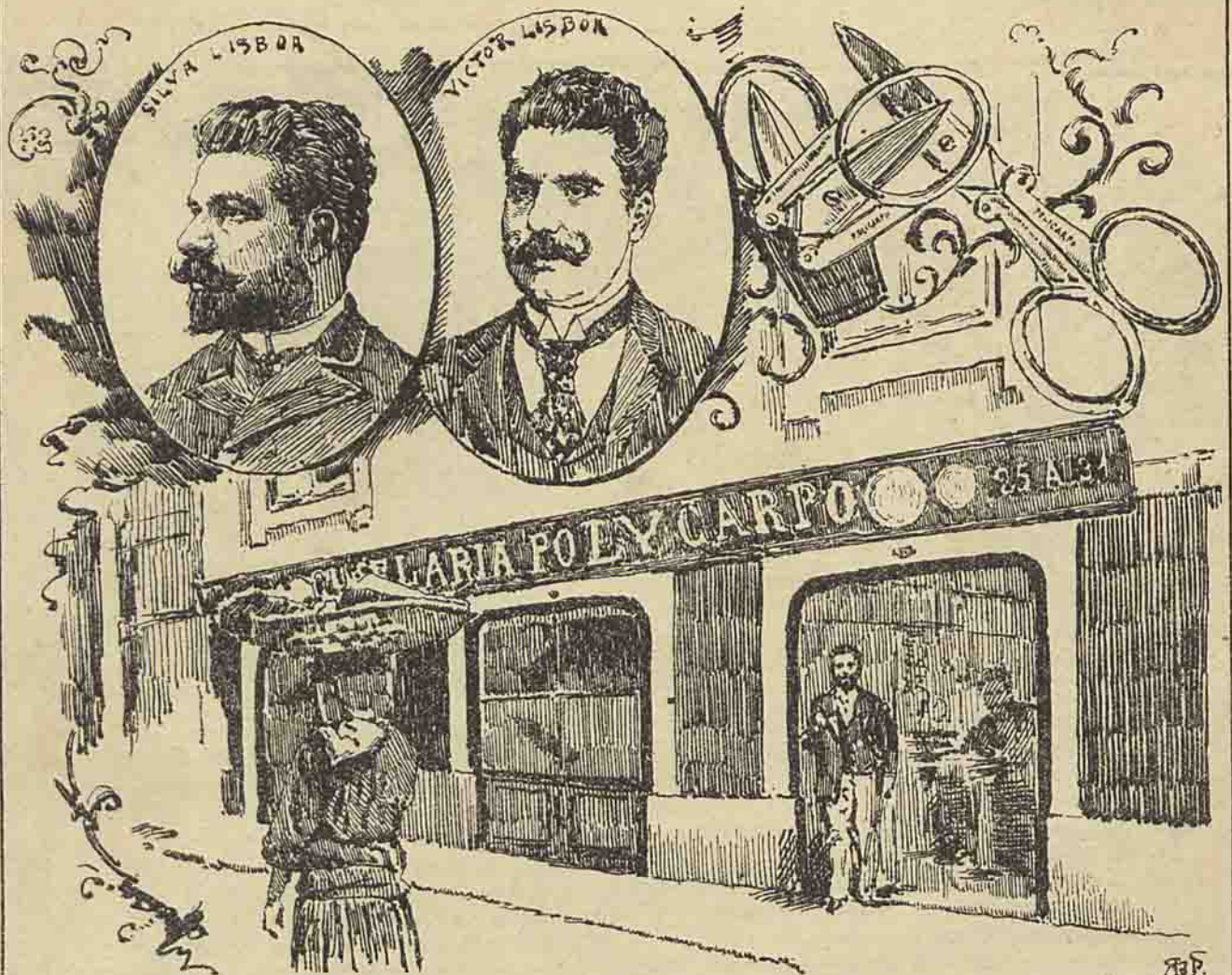


JA SEMPRE CASTANHAS A ESTALAR...

Amigo Zé Povinho!... Em vez de os mandares á fava, és tu que pagas as favas!...

RAFAEL BORDALLO PINHEIRO

## INDUSTRIA NACIONAL



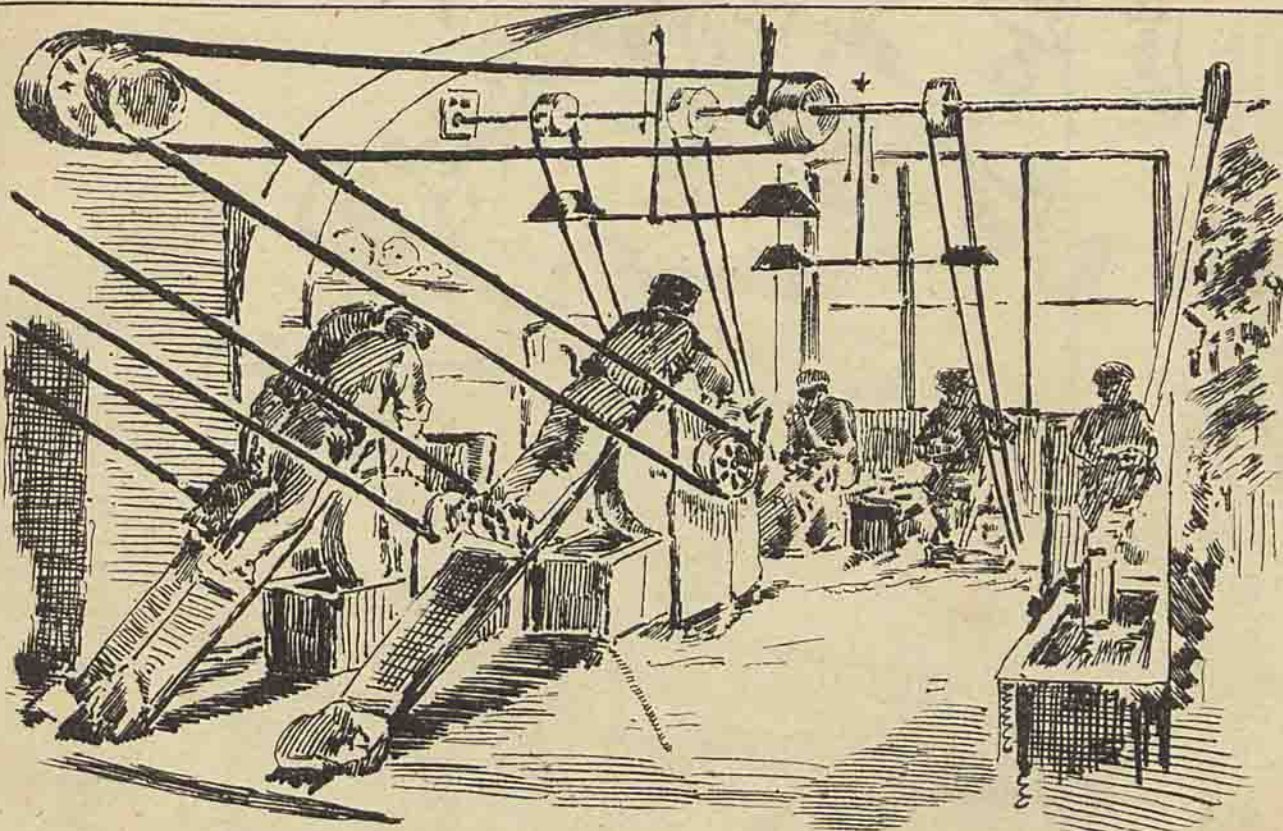
Um convite dos nossos amigos Silva Lisboa e Victor Lisboa para visitarmos a sua *Cutelaria* modernizada? Mas isso não se deve perder! Farto das sem-saborias do Terreiro do Paço estamos nós até aos olhos. Vamos ver cousa de geito, cousa que representa as forças d'este desleixado paiz em acção.

Pois senhores: a *Cutelaria Polycarpo* é uma pequena maravilha, uma officina modelo, pela novidade, esmero, e originalidade dos seus processos de fabrico, pela educação artistica do seu pessoal, á compita com o melhor no genero, que se encontra no estrangeiro.

N'outro tempo estava aii um sympathico e amavel velhinho, que ouviu zahir muita bala disparada em favor da liberdade—para afinal cahirmos na *rolha* do sr. Lopo Vaz, diga-se de passagem—, um velhinho que ensinou todo aquelle pessoal, e fez da sua industria uma cousa séria, posto que moldada nas tradições do «antigo». O velhinho desapareceu da lista dos vivos. Ficaram os filhos, rapazes educados segundo as exigencias da civilização moderna, e que por força tinham de soffrer a influencia d'essa civilização. Silva Lisboa, um d'elles, o polemista d'outrora, temido pelos contrarios, respeitado pelos seus, Silva Lisboa,

o orador, e luctador politico que mais se soube impor pela pujança das suas crenças e do seu estylo, teve de abandonar as luctas d'outro tempo para sustentar nobremente as tradições de seu pai, as tradições de uma casa industrial que tem sido e continuará a ser sempre a primeira do paiz, para continuar a honrar a obra que herdou d'esse artista, o mais perfeito da sua classe.

E! pela iniciativa de Silva Lisboa, secundado na sua obra por seu irmão Victor Lisboa, que se não poupa a esforços para honrar as tradições da casa, que a *Cutelaria Polycarpo*, entrou na phase brilhante, modernissima, distincta, que hoje se impõe á nossa admiração. E quem passa pela travessa de S. Nicolau, junto á rua da Prata, admira aquelle templo sinho da arte, que o Silva Lisboa restaurou, mercê do seu genio emprehendedor, da sua vigorosa intelligencia. Todo o seu amor está agora consagrado a essa industria, ao templo onde ella se cultiva pela harmonia e esforços perseverantes de todos os operarios que vêem em Silva Lisboa um amigo, ou companheiro apenas de trabalhos; á gerencia d'esse amozinho de estabelecimento, que tão grande nomeada alcançou no paiz.

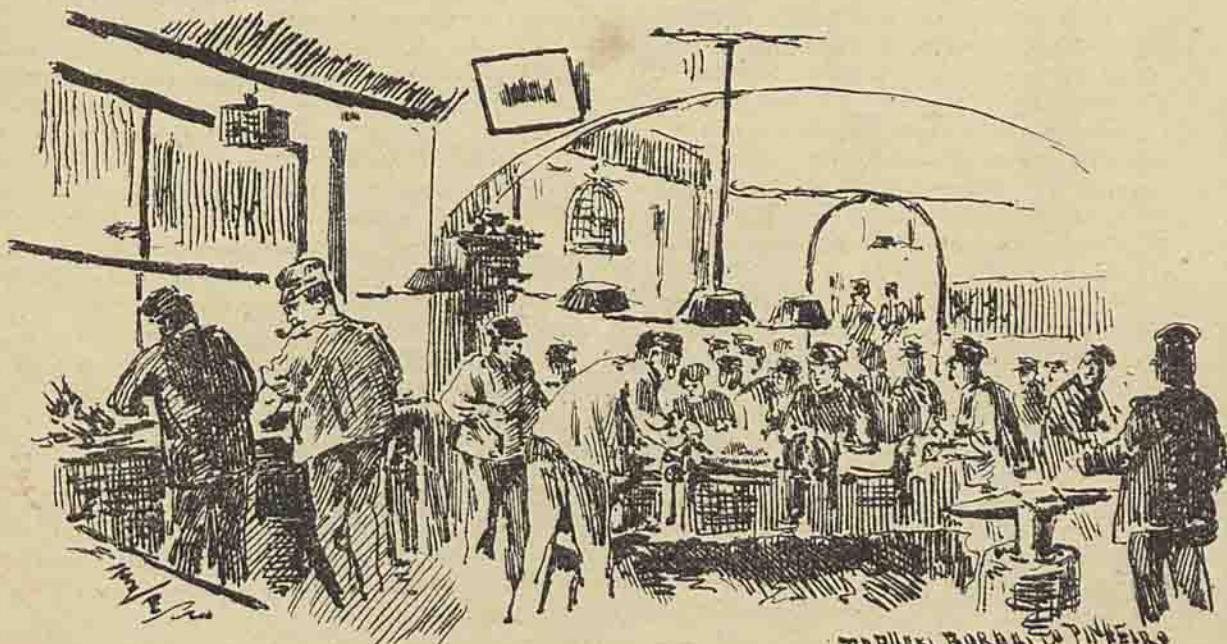


Dizer-lhes que tudo o que d'ali sae é um modelo de acabamento, de perfeição, é dizer-lhes que todos devem comprar os productos d'aquella casa, desde o artigo domestico o mais simples até ao mais complicado artigo de cirurgia. Porque esses artigos, em belleza, em qualidade, em toque artistico, rivalisam com os melhores do estrangeiro. E como agora toda a gente fala na patria e em patriotismo, parece-nos que é um acto de sincero patriotismo preferir o que é fabricado no paiz, á custa de enormes sacrificios, ao que vem de fóra em condições que não aproveitam ao nosso mundo operario.

Não digam agora que isto é *reclame á Cutelaria Polycarpo*. Devemos a Silva Lisboa essa leal camaradagem que se tem affirmado em largos annos de lucta, e move-nos a sympathia que a elle e a seu irmão nos ligam, e sobretudo, a sympathia pela sua obra que tanto importa á economia da nação.

Merece sempre o applauso publico toda a actividade que se applica ao desenvolvimento de uma industria, no momento em que tanto inutil que por ahí anda, só tem este ideal — viver á custa dos outros.

E elles são tantos!



RAPHAEL BORDADO PINHEIRO

# CABRA-CEGA MINISTERIAL



Verdadeiramente às cegas, ahi anda a augusta Chave de todo o systema representativo, a ver se é capaz de prender algum para formar ministerio. Já lhe escapou João Chrysostomo, e mais S. Januario e mais o propheta Marianno. Consta á hora em que estamos caricaturando estes mal alinhavados narizes que foi agarrado Santo Antonio de Serpa. Se assim é vamos ter mais funçanata: Havemos de morrer a rir—independentemente, de morrermos cobertos de vergonha. Seja pelas cinco chagas de nosso senhor Pinheiro Chagas!...

Editor Manuel Luiz da Cruz.—Séde da administração, rua do Norte, 89, 1.º

Lythographia de Portugal, Travessa da Arrochella 2

Typographia —Imprensa Minerva — 12 Travessa da Espera, 14

## THEODORE DECK



O *Antonio Maria* cumpre hoje o doloroso dever de registrar a morte do querido mestre e grande fayancista, Th. Deck, director da Manufatura nacional de Sevres.

Este nome, que o nosso publico talvez ignore, é comtudo o nome d'um eminente artista que, de nossos dias, deu á tayança franceza, o mesmo renome e o mesmo brilho dos tempos gloriosos das escolas de Rouen e de Nevers. Os esmaltes azues de Deck, e os seus fundos de ouro inspirados de São Marcos de Veneza, deram-lhe uma tal celebridade a uma tal auctoridade no mundo dos artistas, dos amadores e dos colleccionadores, que no dia em que vagou a direcção de Sevres o governo francez não hesitou em confiar-lhe esse lugar.

Pessoalmente, o director artistico do *Antonio Maria*, deveu lhe as mais delicadas provas de estima e de affecto, quando na Exposição de Paris foram expostas as fayanças das Caldas da Rainha.

A seu irmão Xavier Deck enviamos a expressão sincera dos nossos sentidos pesames — pesames pela morte do mestre e do amigo.

REPÚBLICA BERTALDO PINHEIRO

## OS HOMENS DA SEMANA



Sua Graciosa Magestade Gervasio Lobato Magno, coroado imperador da Pilheria e rei da Comedia, hoje 29 de maio de 1891, no theatro do Gymnasio, por todos os seus admiradores que é todo o publico. Amen.



Parece que é o doutor Pangloss que hoje redige a imprensa lisbonense.

A julgar pelo que se lê nos jornaes, dir-se-hia que o paiz se transformou n'um verdadeiro paraizo terreal, só porque o sr. Lopo Vaz deixou de ser o notavel fabricante de rôlhas que nós todos conhecemos e apreciámos, para nos apparecer mudado em anjo libertador da imprensa... Quem tal diria!

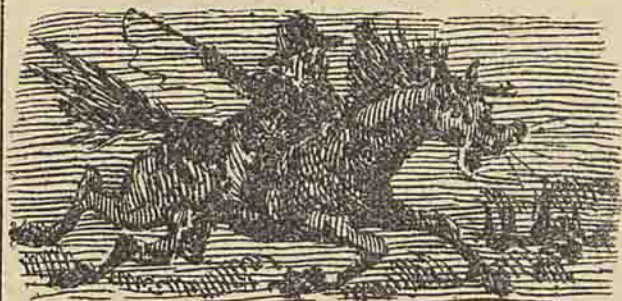
Que revolução na politica, nos costumes e na caricatura!...

Antigamente, o sr. Lopo Vaz era representado como um feroz carrasco da Liberdade, como um feroz inquisidor, submettendo os pobres ljournalistas ás torturas do Limoeiro e aos embaraços pecuniarios d'uma multa de 500\$000 réis, applicada a quem geralmente não tem 500 réis, para uma tipoia.



Agora como havemos de o representar?...

Como a tenra pombinha, trazendo no bico o ramo d'oliveira da paz e da concordia? Ou como Saturno devorando os proprios filhos?...



do posso, quero e mando, ao cabo d'alguns annos de largo trote na busca do paiz da tyrannia, foi esbarrar no paiz da liberdade e da tolerancia...

E' o momento, ó nunca! de nos voltarmos para a Nação, e de exclamarmos n'um idioma que lhe é caro:

—Quantum mutatus ab illo! ..

Ou o theatro é um cano moralizador das sociedades, ou não é.

Se é, se o Estado subvenciona certas scenas com o fim expresso de melhorar os costumes das mas as, pondo-lhes diante dos olhos exemplos de sã moral que elevem a alma do chamado charco das podridões humanas—é preciso que o theatro se apodere da crise ministerial, e lhe extraia dos tutanos a alta lição de moral e de justiça que ella em si encerra...



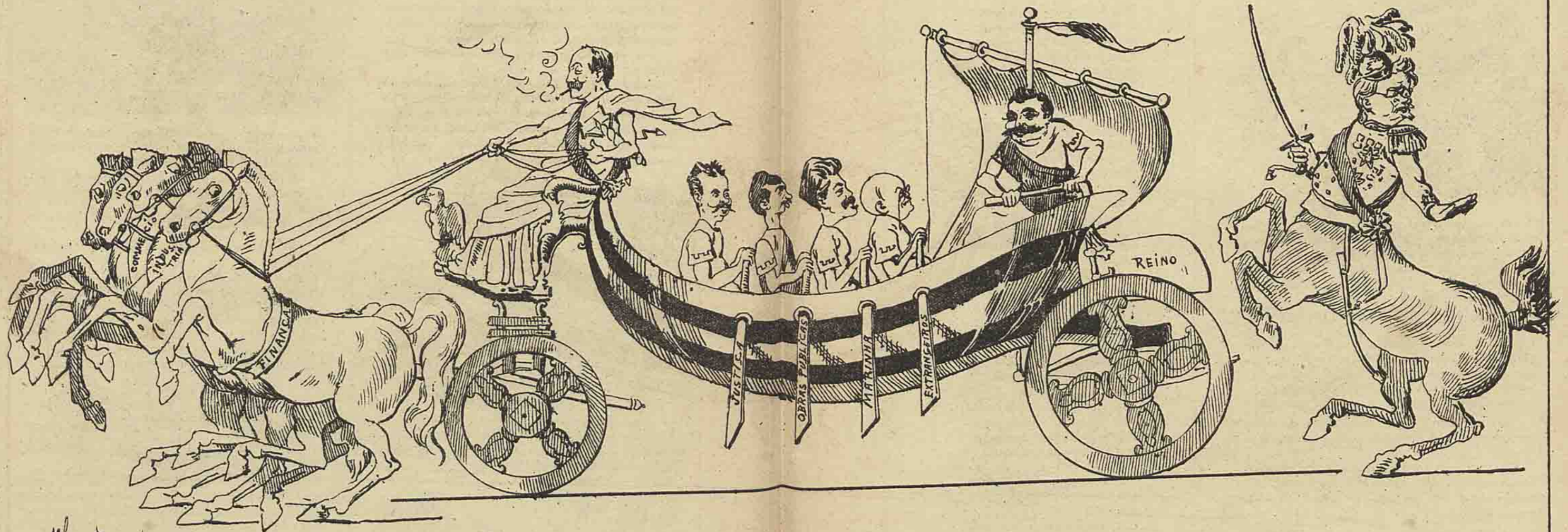
Pois quê!... Vemos um homem que toda a sua vida trilhou a senda do mal, que toda a sua vida procurou metter uma rolha na bocca da Liberdade, o que é uma tentativa de pessimo gosto, principalmente quando se pensa que a victima é uma senhora, e hoje que esse homem se arrepende e se arrepele em publico, não havemos de aproveitar semelhante acontecimento, para que sirva de eloquente exemplo a vindouros?...



Pedimos que se componha uma pantomima para a proxima epocha lyrica.

# O CARRO DO ESTADO

Projecto de decoração politica, para os muros de S. Bento



Mustafá Bordallo Pinheiro  
IMITOU DE CHARLES LACROIX.

O carro do Estado é conduzido por Sua Eminencia Marianno Jupiter de Carvalho. Os ministros estão nos seus bancos. E ao leme da governação vê-se Sua Alteza e ex-tyranno Lopo Vaz de Sampaio e Mello. O general Marte, presidente militar do Olympo, sustem os impetos do exercito... O vento enfuna a vela, e os indomitos corceis são sustidos pelo pulso de Jupiter; e tudo corre sobre um caminho de rosas... enquanto Deus Nosso Senhor quizer l...



Uma pantomina em 2 actos. O primeiro acto, passar se-ha nos infernos. Lopo Vaz, espirito das trevas, forja com os seus cumplices terriveis torturas para os pobres jornalistas. Os infelizes, mettidos n'uma jaula, amordaçados, algemados, com os punhos cerrados, conservam-se n'uma attitude corajosa e ameaçadora.

Grande bailado das multas... E' noite escura e sombria. Rompe medonha trevoada. Uma faisca electrica atravessa a scena. Hesita, pára, olha, detem-se e depois... zás!... enterra-se no touço de Lopo terrível de Sampaio e Mello.

E' a faisca da eterna justiça!...

O 2.º acto representa o paraizo, um d'estes paraizos á Puvis de Chavannes, em que os seres andam n'ús, desde o bicho de conta até ao homem e até á mulher.



Os rios são de leite, as arvores são de chrystal, os cordeirinhos são de sêda, as estradas de diamantes, e os ventos arrastam os mais doces, os mais castos, os mais imprevisos perfumes.

Esse paraizo chama-se — Portugal. Este inferno transformou-se n'um abrir e fechar d'olhos, graças á transformação do Senhor Lopo, n'um verdadeiro Eden.

Os jornalistas que ainda ha uma semana se odiavam com um odio só comparavel ao do cão e do gato, correm agora de braço dado, pela campina, entoando canucos de felicidade, beijocando-se fraternalmente, agitando as pennas em signal de triumpho.

Tal é o 2.º acto d'essa pantomima a que nós estamos assistindo, desde Melgaço ate ao cabo de S. Vicente.

Praza aos ceus que o Senhor Lopo nos appareça sempre trajando as pulchras vestes da deusa Liberdade, e que a rôlha deixe por uma vez de ser o seu melhor titulo de gloria.

QUIDAM.

### CAMONEANA

O velho Adamastor, que possuia  
A bocca negra e os dentes amarellos,  
Lavou se com sabão do Congo um dia,  
E tornou-se um janota dos mais bellos!

Sahuaría Victor Vaissier, Pariz «Depositario:  
Mellton Boldu, 87, Valverde, Madrid».

## O PATACHO

Inda me lembro de vel-o,  
—Por oc'lo de longa vista—  
O patacho Cabedello,  
Dos vagalhões sobre a crista;  
A' prôa suspensa a amarra,  
Entrava e saía a barra  
A gingar como um fadista!

Tristão Raymundo Mariz,  
Capitão d'esse patacho,  
Era—como o outro que diz —  
Levadinho do diacho:  
Pae, nem mãe—nem mesmo a prima—  
Lhe puzera a mão por cima  
— Nem por cima, nem por baixo!

Quando o vento erguia as vagas  
E entre as enxarcias bramia,  
Era um chuveiro de pragas,  
Tanta e tão negra heresia,  
Que até S. Pedro—co'a breca!—  
Passava a mão p'la careca  
A fingir que o não ouvia!

De genio heroico, indol' brava,  
Era um valente, o Tristão!  
E tanto, emfim, se lhe dava,  
Quando rugiu o tufão,  
Comer um naco de brôa,  
Como ser elle, em pessoa,  
Comido d'um tubarão!

Mas um dia, em que a tormenta  
Rebentou com furia insana,  
O Tristão, torcendo a venta,  
Ao ver o barco em pantana,  
Poz-se ao fresco e disse ao barco:  
— Já te não salva do charco  
Nem S. Chrispim—nem a mana!

E, censurado o Tristão  
Por ao barco abandonal-o,  
Do patacho o capitão  
Respondeu, sem grande abalo:  
—Se um barco se dismantela,  
Sem mastros, leme, nem véla,  
P'ra que serve governal-ol...

.....  
Inda ha pouco, o luso rancho  
Andou todo atomatado,  
A ver se pescava, a gancho,  
Já d'um lado ou d'outro lado,  
Um governo puro, extreme,  
Que tomar quizesse o leme  
D'este patacho estrompado.

Qual no caso do patacho,  
De que este caso é seguado,  
Tambem penso, tambem acho,  
Como achou Tristão Raymundo...  
E, d'esta fórmula, discerno:  
—P'ra que serve ter governo,  
Se o patacho vae ao fundo?...

PAN-TARANTULA.

# PHYSIONOMIAS DA CRISE

I



II



III



IV

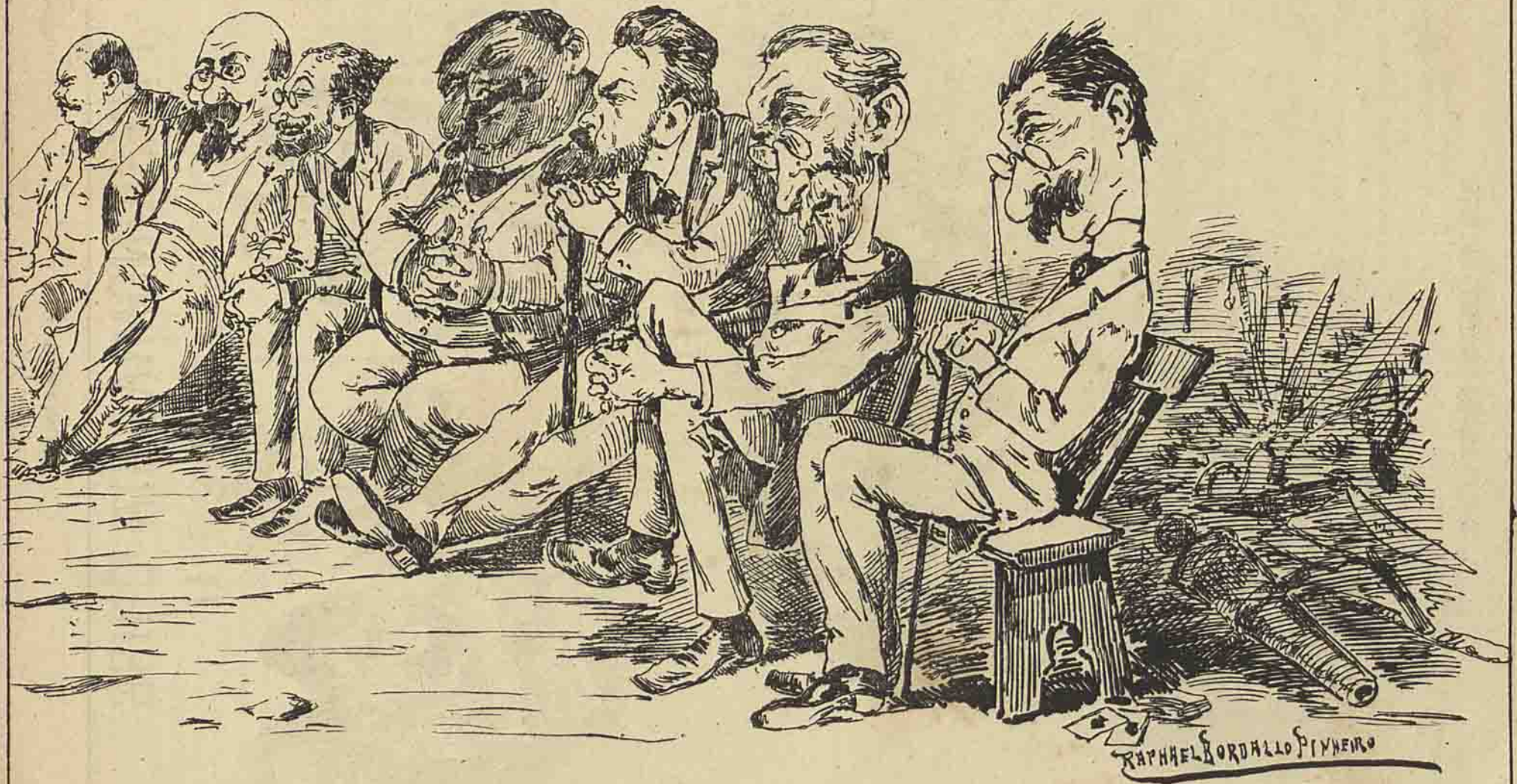


AS COMADRES

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

INTER DUO LITIGANTES TERTIUS GAUDET.

# A semana politica



Na expectativa benevola,

Editor Manuel Luiz da Cruz. — Sêde da administração, rua do Norte, 39, 1.º

Lythographia de Portugal, Travessa da Arrochella 2

Typographia — Imprensa Minerva — 12 Travessa da Espera. 14

## CUNHA VASCO



Para os portuguezes que tẽem estado no Brázil foi immensamente agradavel a noticia da chegada a Lisboa d'um dos mais sympathicos membros da colonia portugueza do Rio de Janeiro. Cunha Vasco, que tem o seu nome ligado aos trabalhos do *Gabinete portuguez de leitura*, a quantas obras de caridade se tẽem organizado no Brazil a favor de irmãos nossos desvalidos,—é tambem um fino espirito litterario, que em annos que não vão longe produziu deliciosos versos e paginas de correcta e excellente prosa, em mais d'uma publicação fluminense. Pertence ao escolhido grupo dos nossos compatriotas que, no Brazil, são os representantes da alma e do espirito nacional.

Velhos amigos e companheiros de Cunha Vasco, d'aqui o abraçamos affectuosamente—porque n'elle abraçamos um grande amigo e um portuguez de lei.



Leitor amigo:

Cabe-me o doloroso dever de te annunciar que a Inglaterra de novo nos roubou, e que ainda por cima devemos pulár de contentamento—por que nos roubou tão pouco...

Assim nol-o aconselham os mais entendidos estadistas e os mais habéis diplomatas... Portugal deve ainda ficar muito

contente, pois que, por um preço tão baixo, sahio com as costellas inteiras d'um conflicto que esteve em vespéras de o arrastar ás mais terriveis consequências.

Aguentar e cara alegre—tal é o nosso destino. E' a diplomacia europeia que o diz, e ella que o diz é porque tem boas razões.

Essas «boas razões» resumem-se a muito pouco. Ora oiçam...

A Inglaterra possui uma esquadra que contava em setembro de 1890, a bagatella de 78 navios couraçados e de 329 vapores não couraçados, sem fallarmos em 150 barcos-torpedos de 1.<sup>a</sup> e de 2.<sup>a</sup> classe.

Esta esquadra, além do seu numero, possui ainda uma outra qualidade que de modo algum pode ser desprezível—é que se move, e navega.

Effectivamente, não só a esquadra ingleza composta d'estes 557 vasos de guerra *existe*, mas ainda por cima *se desloca*, percorrendo os mares em todas as direcções.

Em Portugal, o que annunciam as estaticas, para oppôr a estes 557 estafermos de ferro e aço?... 42 vasos de guerra, dos quaes o mais florescente e valeroso é sem duvida esse *Pimpão* da Costa e Silva, que a exemplo dos mais illustres conselheiros do nosso paiz, accumula com as funções de couraçado, a função de ostreira de guerra, complicada com a função de Limoeiro fluctuante.

Só sabe estar parado e ancorado em frente do seu ministerio. Compreendeu o *Pimpão* que n'este paiz, até os couraçados devem ser primeiro que tudo empregados publicos—para não fazer nada. E' o que faz o sr. *Pimpão*.



mas taes condições, como que- res tu, Leitor amigo e prespicaz, que a Inglaterra, que nunca teve escrupulos mesmo em frente de paizes com boas esquadras, se privasse do infavel goso de nos roubar aquillo que nós não podemos guardar, nem defender?... \*

—«Mas então, dirás tu, já não ha justiça, já não ha direito, já não ha respeito pela propriedade alheia?... Está somente o fraco á mercê do mais forte?... Mas isso é uma infamia!...»

E' uma infamia, é, Leitor amigo e prespicaz. E' uma grande infamia, e uma refinadissima ladroeira, de que nós já eramos victimas pelo tratado de 20 d'agosto de 90, e de que nós agora somos victimas com as bases de 28 de maio de 91...

Grande infamia! refinadissima ladroeira!...

Mas a Inglaterra rouba-nos porque tem 557 navios de guerra para defender as suas expositões; e nós temos que nos deixar roubar, porque só dispomos da supracitada ostreira e de poucos mais vasos de guerra, para defender e proteger o que é nosso.

Grande infamia! refinadissima ladroeira!... E ergue-nos os punhos para o céu, em impetos de desespero; e sentimos que uma onda de sangue nos sobe até á bocca—porque queremos protestar e não podemos, porque queremos dizer que não, e vemos-nos sós, absolutamente sós, abandonados n'este canto do occidente, sem um amigo, sem um aliado, a mercê das ladroeiras inglezas, como a Polonia nos fins do seculo passado, á mercê da Prussia, da Russia e da Austria.



historia, Leitor amigo e prespicaz, é feita de milhares de scenas e de ladroeiras eguaes áquella de que hoje somos victimas. \*

O nosso desespero n'este momento, isto é, desde o dia do *ultimatum* até hoje, provém de que nos haviamos afeito á idéa de que Portugal era um paiz privilegiado e protegido pela Divina Providencia, no qual ninguém ousaria tocar.

Tão confiantes estavamos no auxilio da tal Divina Providencia, que foi preciso mais de um anno para nos convenceremos de que estamos á mercê, não só da Inglaterra, mas de qualquer potencia de primeira e até de segunda ordem.

Somos só nós, n'estas condições, em toda a Europa? Não somos.

Tambem á mercê do mais forte está a Belgica e está a Hollanda. Sómente, estes dois paizes fizeram mais alguma cousa do que nós—trabalharam, progrediram, enriqueceram.

Nós, não. E hoje que a Europa se volta para nos, compadecida, nós mostramos-lhe o espectáculo d'um povo muito sympathico, muito digno de estima, com uma bella tradição historica—mas apodrecido e adormecido por uma mandrice fundamental e por uma emprego-mania vergonhosa e degradante.

Santo Deus! Como nós somos mandriões e empregados publicos!... Santo Deus! Como nós somos, em grande parte, os culpados do que hoje nos está acontecendo!...

Quando me lembro, que a partir do anno de 1880 já os Estados europeus andavam empenhados com o problema africano, já se organisavam grandes companhias exploradoras.. E que faziam os portuguezes?.. Solicitavam empregos aos governos, e os governos pediam emprestado em Londres e Paris, para pagar os vencimentos aos empregados e outros parasitas do Estado...

E ninguem pensava em Africa, a não ser para mandar para lá degredados...



\*\*\*  
 EITOR amigo e prespicax :

Perdôa a gravidade do assumpto. Mas a semana assim o quer. *Semaine oblige, trait ébligé*... Quando o tratado é o assumpto de todas as conversas, seria inadmissivel que eu te vi esse fallar da influencia do camarão nos reconditos do coração humano, ou da influencia do *decadismo*, na prosa dos artigos

de fundo.

Pensem no tratado; tratemos de o ler, de o meditar, não como um documento que estabelece relações commerciaes entre dois paizes, — mas como uma pagina de alta critica e de alta philosophia politica..

Saibamos aprender na adversidade. Tratemos de ver se temos juizo, economia, previdencia, amor ao trabalho. Tratemos de viver dos nossos recursos de hoje, e deixemos em paz as gloriolas historicas.

O homem veio ao mundo, para trabalhar e para soffrer. Os proprios divertimentos e prazeres que o homem inventou, não são mais do que fatos de mascara, para mascarar a sua dôr...

Resignemo-nos e trabalhemos. Perdemos Manicô?... Com mil raios, que ainda temos intacto o solo sagrado da metropole!...

Trabalhemos! trabalhemos!... Só pelo trabalho seremos capazes de equilibrar o que nos vae ser roubado pelo illustre salteador, que se chama lord Salisbury!...

QUIDAM,

## DIFFERENTES ESPECTATIVAS



Tivemos a expectativa *benseola* dos partidos monarchicos, a expectativa *adversa* do partido republicano. Temos agora a expectativa *armada* do sr. Fuschini. Ou elle não fosse o Fuschini Campeador da Liga Liberal...

# A MORAL DO TRATADO



N'este banquete do bandidos, Portugal é o cão de caça roendo os ossos da preza...

## DE PERNAS PARA O AR

(Carta, a Marília)

Tua mãe pespegou-te um sermão,  
Poz-se toda a familia a ralar,  
Porque tu te estendeste no chão  
E ficaste de pernas p'ra o ar!

Não te importe o ralar da familia,  
Da mamã não te importe o prégar,  
Que hoje em dia, adorada Marília,  
Anda tudo de pernas p'ra o ar!

Chove e neva no tempo presente,  
E' de inverno que brilha o luar,  
—A folhinha do padre Vicente  
Anda agora de pernas p'ra o ar!

Do meu tempo os rapazes—embora  
Hoje velhos e gastos, p'ra amar—  
Valem mais que os rapazes de agora  
—Natureza de pernas p'ra o ar!

Os machuchos de varios partidos,  
Que inda ha pouco se qu'riam matar,  
Governando lá vão, muito unidos...  
—Anda a coisa de pernas p'ra o ar!

Quem, jogando, ganhou bons dinheiros,  
Deixa o jogo, quer ser titular;  
Os fidalgos vão ser batoteiros,  
—Anda o mundo de pernas p'ra o ar!

N'outro tempo, o mancebo janota  
Namorava, se qu'ria casar;  
Hoje, é *ella* a primeira a dar sota  
—E' namoro de pernas p'ra o ar...

Quem trabalhe e não ganhe—isso abunda;  
Quem mandrie, cora bom lucro—é vulgar;  
Assim pois, em geral barafunda,  
Anda tudo de pernas p'ra o ar!

*Alliados fieis*—os inglezes—  
Em que nós nos quizemos fiar,  
'stão peor's que a ralé das más rezes,  
—Tudo, tudo, de pernas p'ra o ar!

Quem, de bago sonante á pedincha,  
Notas *d'ouro* consegue trocar,  
Só se as troca por prata—e pechincha!—  
—Tudo, em summa, de pernas p'ra o ar!

Adorada Marília: isto posto,  
Um conselho—e bem bom—te vou dar:  
Sempre, sempre, que tal te dê gosto,  
Cae, ficando de pernas p'ra o ar...

Não te importe o ralar da familia,  
Da mamã não te importe o pregar,  
Que hoje em dia, adorada Marília,  
Anda tudo de pernas p'ra o ar!...

PAN-TARANTULA.

## IGNEZ DE CASTRO

Conta a lenda que Ignez, junto ao Mondego,  
Dos seus formosos olhos nunca enxuto,  
N'aquelle engano d'alma tedo e cego,  
Sabonete do Congo uzava muito!

Saboaria Victor Valssier, Pariz «Depositario:  
Meliton Boldu, 87, Valverde, Madrid».

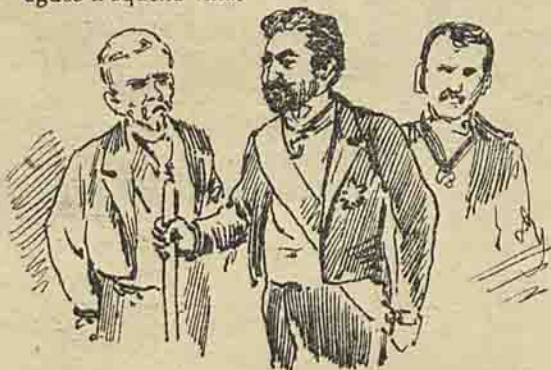
Veja se nos annuncios:

Carimbos em todos os generos; rua do Ouro, 175.

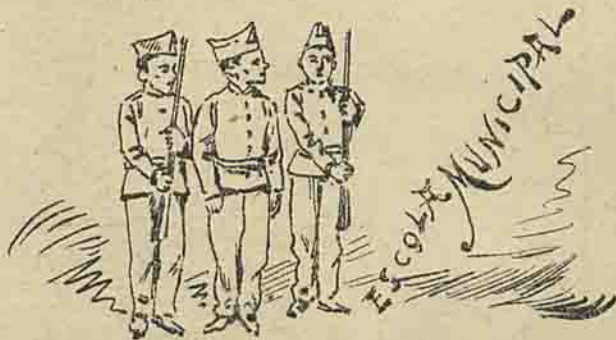
## Inauguração das aguas da Vidigueira



A redacção do *Antonio Maria* agradece á Camara Municipal da Vidigueira e ao visconde de Ribeira Brava o amavel convite que lhe enviaram para assistir á inauguração do novo estabelecimento das aguas n'aquella villa.



Aqui deixamos em rapidos *croquis* algumas impressões d'essas festas populares, para cujo brilho tanto concorreu aquelle nosso excellente e sympathico amigo.



N.º 1.—Cortejo religioso da igreja para o deposito das aguas.

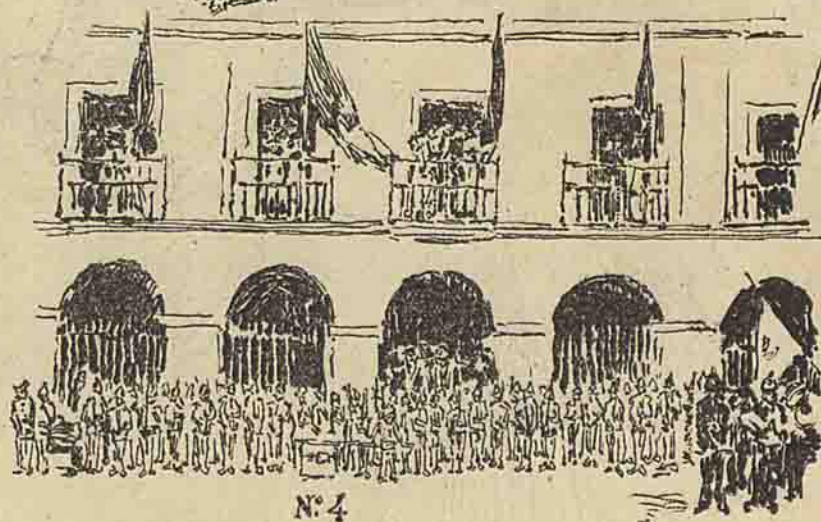
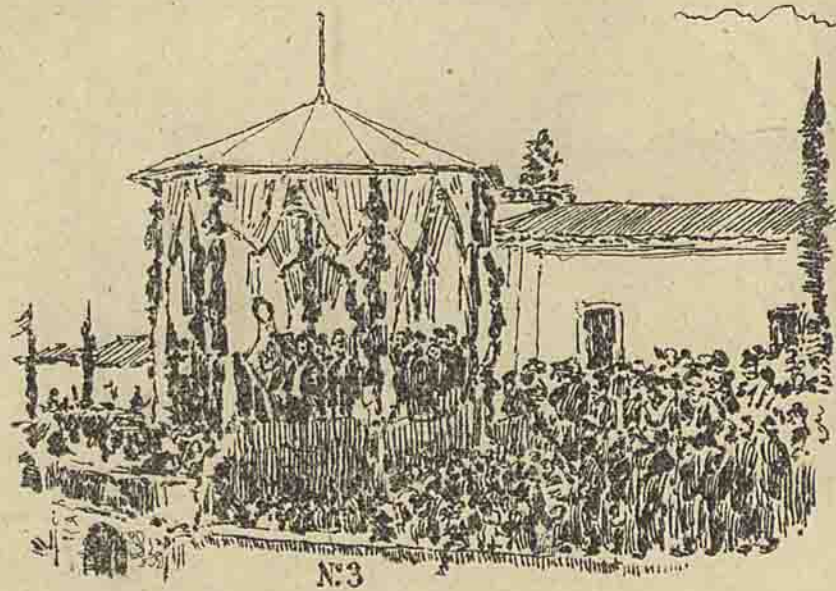
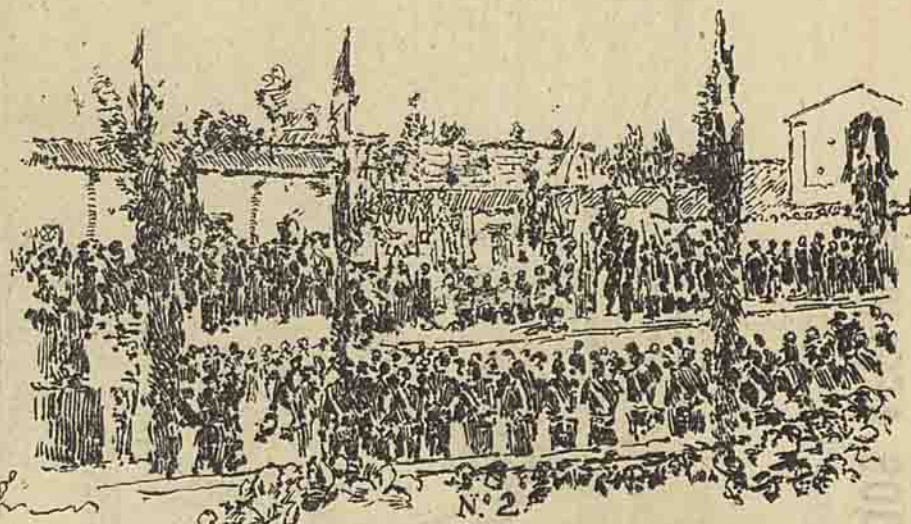
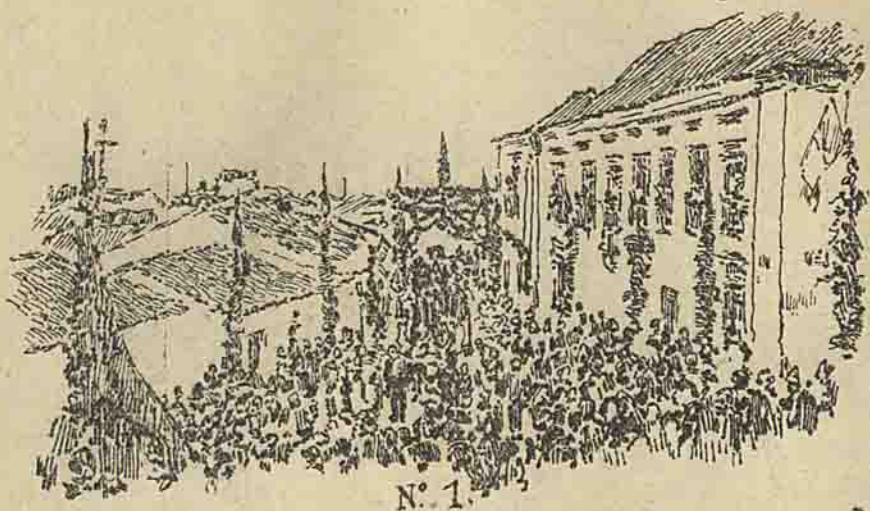
N.º 2.—A benção das aguas.

N.º 3.—O visconde da Ribeira Brava felicitando o povo da Vidigueira por aquelle melhoramento.

N.º 4.—O batalhão municipal em frente dos paços do concelho.



### Inauguração das aguas da Vidigueira



## N. S. DOS AFFLICTOS

### SALVADORA DOS LUSITANOS



Espera-se em breve, no *Sud express*... Haja massa e óniol...

Editor Manuel Luiz da Cruz. — Séde da administração, rua do Norte, 39, 1.  
 Lythographia de Portugal, Travessa da Arrochella 2  
 Typographia — Imprensa Minerva — 12 Travessa da Espera, 14

# FINIS TRATADO



RAFAEL BORDALLO PINHEIRO

Consumatum est!...  
Zé Povinho:—Oremus.

## Variações



SEGUNDO afirmam as mais auctorizadas gazetas, o thesouro portuguez acha-se desafogado dos seus compromissos até abril de 1892. Isto quer dizer que o thesouro se achava seriamente e verdadeiramente afogado.

Que vae agora succeder? Sem de modo algum queremos ser crueis com os patriotas que só se lembram de Santa Barbara quando ouvem os trovões—devemos dizer que se nos affigura uma alta inconveniencia a publicação de semelhante noticia.

Eu preferia que ninguem soubesse que estavamos desafogados; e que, pelo contrario, toda a gente visse sob o pesadello de que nos afogavamos cada vez mais, para ver se assim tomavamos algum juizo e olhavamos com mais attenção para o nosso futuro.



IMAGINEM o que vae haver por esses ministerios, com a doce e aurifera prospectiva de que temos dinheiro para todos os encargos do Estado, até abril do anno que vem!

Como essas arcadas vão regorgitar de pretendentes! Como todos os influentes e galopins eleitoraes da capital e das provincias vão bater ás portas dos ministerios—uns pedindo uma commissão no estrangeiro, outros uma estrada real e um ramal de caminho de ferro para o serviço da sua propriedade, outros uma ajuda de custa para uma estação balnear nas Pedras Salgadas, outros um subsidio para escreverem a historia da dynamite e a sua applicação nas perturbações da politica internacional, etc. etc.

Tudo pretendentes!... E se o ministro me não faz o que lhe peço, eu cá retiro-lhe o meu apoio; eu cá desanco-o na camara; eu cá escangalho-o no jornal... Pois se o governo tem dinheiro até abril de 1892, porque é que não ha de satisfazer aos nossos pedidos?...



todos nós assim pensamos, todos nós, filhos-familias, que achamos bom modo de vida pedir emprestado, sempre e sempre, imaginando que nunca faltarão banqueiros para nos emprestarem milhares e milhares de contos, com que satisfazer as nossas pretensões, com que pagar a mandrice e o far niente nacional.

Pois meus amigos, é preciso mudar de vida—na opinião dos philosophos. Os senhores,—pois eu e mais alguns portuguezes não temos nada que mudar, attendendo a que não temos nada para mudar...

Perceberam?... Teem que mudar de vida todos quantos até hoje só teem vivido do thesouro e á custa do thesouro,—porque nós pelo que nos diz respeito, só temos vivido á custa do nosso braço.

Até parece mentira. Pois é a pura da verdade. E ainda temos mais alguns amigos em identicas circumstancias...

Ainda ha d'isto em Portugal:—portuguezes que vivem sobre si, sem serem um encargo inutil para o Estado!... Ainda!...



por isso que eu jubilo com a idéa de que ha muita gente que vae mudar de vida, só porque não ha dinheiro nas arcas do thesouro para pagar serviços inuteis.

Ah! meus caros senhores! Vão agora saber o que é o pão nosso de cada dia, vão agora saber o *quantum* de exorço intellectual ou exorço physico

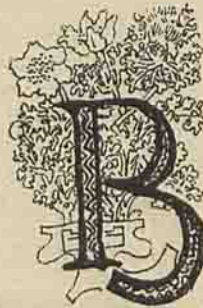
que é preciso produzir, para obter o almoço e o jantar quotidianos...

Não ha como um bocadinho de apuro e um quasi nada de adversidade, para retemperar os caracteres.

Nós andavamos ha muitos e muitos annos a levar uma existencia de pandegos e de esbanjadores da fortuna publica. Tanto pandigámos e tanto esbanjámos, que hoje só vemos credores por todos os lados, exigindo uns o pagamento das letras que lhes acceitámos, outros os juros do dinheiro que nos emprestaram.

Agora é pagar—pagar com lingua de palmo e meio—capital e juros.

Agora é supprimir as despesas inuteis, as grandes funcanatas, os grandes desperdícios. Agora é ter juizo, apertar a barriga, e trabalhar.



EM sei que trabalhar é duro, quando se passou a existencia á sombra da Arcada, á porta da Havaneza, pelos corredores de S. Bento, safando os cotovellos de encontro ás hombrietas.

E' duro e muito duro. Trabalhar, soffrer, quando a vida corria docemente, entre um artigo do *Diario de Noticias*, um

charuto de pataco, uma manga d'alpaca, e um bocado de má lingua...

Resignem-se, amigos! Acabou-se a boa vida. Os celeiros estão vãos, o thesouro não tem vintem, é preciso trabalhar—para não morrer de fome...

Já dizia o poeta:

Trabalhae meus irmãos, que o trabalho  
E' Joaquim, é Martins, é Carvalho...

QUIDAM.

## BIBLIOGRAPHIA

Por absoluta falta de espaço, não temos podido dar noticia de todas as publicações recebidas e ainda hoje, pelo mesmo motivo, não podemos referirmo-nos circumstanciadamente a cada uma d'ellas.

Por isso limitamo-nos ao sacramental «recebemos e agradecemos:»

*Poesias de Alberto d'Oliveira. Biblia do Sonho. Pores-de-sol. Coimbra.*

\*  
*Luiç Osorio. Alma lyrica. Lisboa.*

\*  
*Versos de Alvaro de Castellões. Beijos e Rosas. Lisboa.*

\*  
*F. Sá Chaves. Episódios Militares. e Casos Contemporaneos. Porto.*

\*  
*Augusto de Mesquita. D. Sebastião. Drama historico, em 5 actas, em verso. Porto.*

\*  
*Catalogo dos Trabalhos expostos no Museu Industrial e Commercial de Lisboa. Lisboa.*

\*  
*Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes. Publicação da Sociedade Carlos Ribeiro. Vol. I. Lisboa.*

\*  
*Candido de Figueiredo. Lições Práticas de linguagem portugueza. Cartas de Caturra Junior á redacção do «Portuguez». Lisboa.*

\*  
*Les Matinées Espagnoles, Nouvelle Revue Internationale. Paris.*

## PARA A QUARESMA

Do sabão do Congo é tal  
Na lavagem a influencia,  
Que até quem procede mal  
Lava com elle a consciencia!

Saboaria Victor Valssier, Pariz «Depositario:  
Mellton Boldu, 37, Valverde, Madrid».

## O DIREITO DA FORÇA

Era a Narcisa Talone  
Lavadeira de Caneças;  
Era um tenro especione,  
Franzina, debil, *mignone*  
Como a flor do *Não te esqueças*.

O carreiro Antonio Pontes  
Era o contrario d'aquillo:  
Um bruto d'um brutamontes,  
Que trincava mastodontes  
E fazia um bello chilo.

Uma vez, junto á ribeira,  
Por branda noite de calma,  
O carreiro e a lavadeira  
Se encontraram, de maneira  
Que não estava nem viv'alma...

Viu logo a pobre pequena  
Que estava metida em danças ..  
Ella, a gentil açucena,  
Assim sosinha—que pena!—  
Co'aquelle tragalhasdanças...

Assim foi; elle, em voz cava,  
Pedi se lhe dava um beijo,  
Ella, franzina mas brava,  
Respondeu que não calhava  
Acceder a tal desejo.

Em vista do «nãõ» redondo  
Abespinhou-se o devasso;  
Mais guloso se foi pondo,  
Logo em seguida propondo  
Que ella lhe desse um abraço.

Com outro «nãõ» mais se agasta,  
Quer-lhe dar torpe apalpão:  
E a Narcisa, toda casta  
E pudibumda se afasta,  
Outra vez dizendo «nãõ!»

Coração duro de loisa,  
A' bella o bruto se atira,  
Seus labios nos d'ella poisa,  
Pedindo então outra coisa  
—Muito mais do que pedira...

De pudor velando a face  
Cedeu ella ao atrevido;  
Pois, se inda se recusasse,  
Sabe Deus de que outra classe  
Seria o novo pedido...

.....

Co'a Gran-Bretanha bravia  
Deu-se um caso tal qual cru...  
Se a gente mais resistia,  
Sabe Deus se ella pedia...  
O que, leitor, sabes tu...

PAN-TARANTULA.

# A CHEGADA DE SÃO SALVADOR



O santo:—Foi o que se pode arranjar! . . .  
Vozes:—Venha a nós toda essa massa!

# O HERDEIRO D'UM TIO



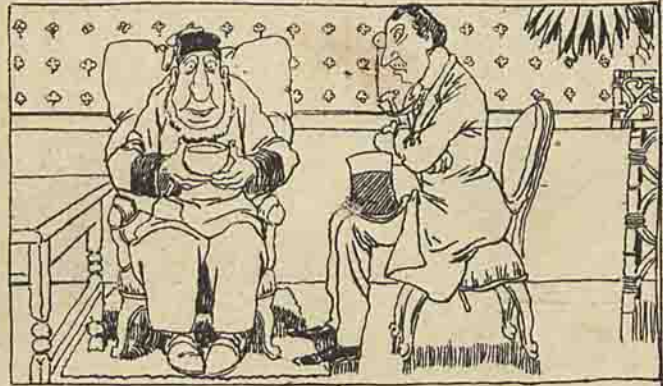
Domingo



Quinta



Segunda



Sexta



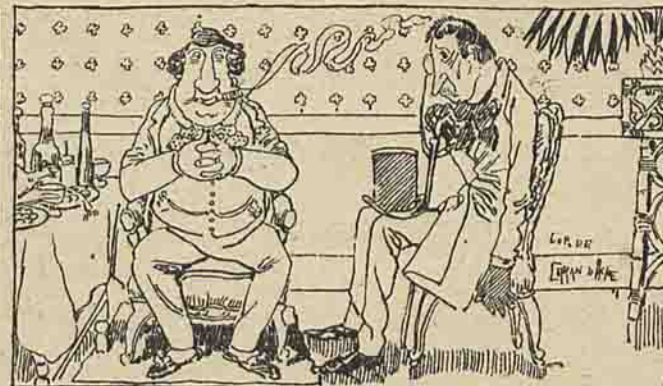
Terça



Sabbado

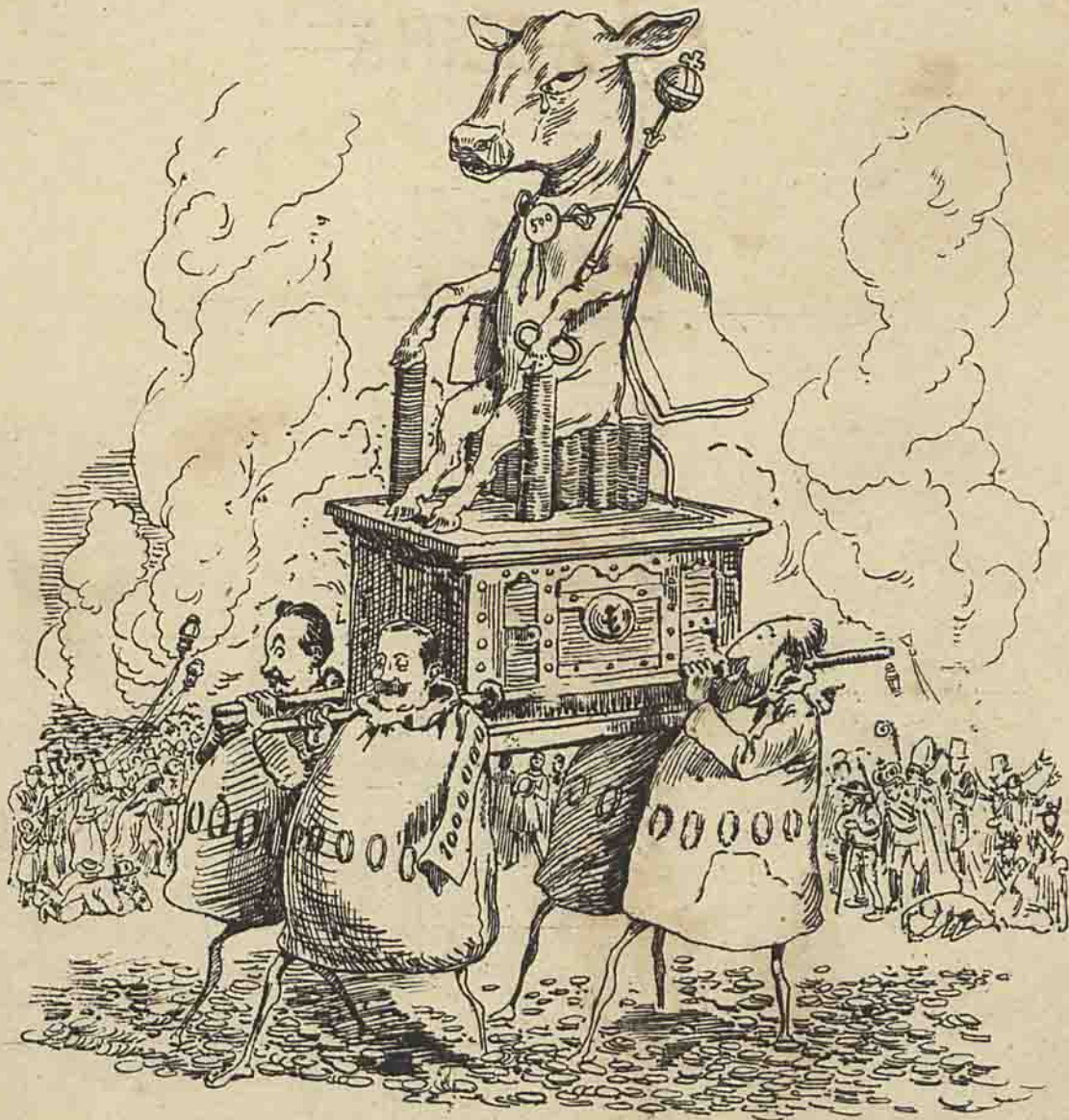


Quarta



Domingo

# O idolo de todas as semanas



A verdadeira festa não é a de Santo Antonio, — é a do Bezerro d'Ouro. (Será bom não confundir com o drama do sr. Santa Rita) Este bezerro constitue agora a adoração dos lusos, justamente no momento em que esse precioso metal é cada vez mais raro. Melhor seria tel-o poupado em vida, do que festejal-o agora quando o animalo já não deita pinga de prata, quanto mais pinga de ouro.



Um problema difficil



# A VACCINA



O doutor:—Pegará?...  
 Zé Povinho:—Hum!...

O ANTONIO MARIA

# NO HIPPODROMO DA POLITICA



*Gustavo Bordallo Pinheiro*  
imitou de  
CHARLES ACHILLE.

O Grand-Prix d'este anno. Ganho por uma cabeça.

# JOHN GRAND-CARTERET

# CRISPI

# BISMARCK

## ET LA TRIPLE ALLIANCE

## EX-CARICATURES



Acabamos de receber este interessante volume do historiador da caricatura moderna. O auctor acompanha a attenciosa e delicada remessa do seu livro ao director artistico do *Antonio Maria*, com uma dedicatória e uma referencia que muito nos penhoram.

N'esta ingrata tarefa de caricaturista portuguez resta-nos ao menos a consolação de ver de tempos a tempos o nosso nome benevolmente citado entre os nomes dos caricaturistas estrangeiros, e em livros que hão de ficar para a historia da caricatura. E' o melhor pago de tanto trabalho, d'esta obra de tantos annos, que tem sido mordente para muitos, alegre para todos, mas nunca injusta ou odiosa para ninguem. — A Grand-Carteret os nossos sinceros agradecimentos.



São, como um pêro !

Era uma vez um sujeito,  
Que caiu doente—e mal!—  
Muita febre, dor's no peito...  
—'stava a morte a pôr-se a geito  
P'ra lhe ir, lampeira, ao faval...

Tinha pedra na bexiga,  
Tinha gota em cada pé,  
Tinha umas dor's de barriga  
Das taes de que é bom se diga  
—Lib'ra nós e dominé!...

Tinha cária em cada dente.  
Tinha na testa um lobinho,  
E o sangue, fraco e doente,  
Semelhava, exactamente,  
Capilé de cavallinho!

Tinha aspecto agonizante,  
O estertor da morte, e o frio;  
Tinha, em resumo, o bastante  
P'ra poder, no mesmo instante,  
Morrer dez vezes a fio...

De quatro mezes ao termo  
Da impertinente morrinha,  
Alguem, á porta do enfermo,  
Bateu—e veiu o estafermo  
Da criada da cosinha.

Após o programma findo  
Dos cumprimentos da norma,  
Perguntou-lhe o recém-vindo:  
—O patrão como vae indo?  
E ella fallou d'esta fórma:

—Ao patrão—louvado Deus!—  
•A doença já não prostra;  
•E, segundo os calc'los meus,  
•Dos mil soffrimentos seus  
•Já não tem nem um p'ra amostra!

•Foi-se o sangue-capilé,  
•A dôr de barriga foi-se,  
•Deu na gota um ponta-pé  
•E até no lobinho, até,  
•Salvo seja, deu um coice!

•Foi se aquelle desespero  
•Da doença malfadada;  
•E, digo-o sem exagero,  
•Se não está são como um pêro,  
•P'lo menos não soffre nada!

•Já não tem mal que o consuma,  
•Achou, p'ra todos, cauterio!  
•E, tanto assim, que hoje, em suma  
•Do meio dia p'ra a uma,  
•Vae sair..... p'ra o cemiterio!..

.....  
Esta anecdota, aqui posta  
P'ra que o povo se edifique,  
Foi por nós assim disposta  
A pello da tal proposta  
P'ra a venda de Moçambique.

Se a tal Africa nos causa  
Gastos em vez de proveitos,  
Que a morte ao mal ponha pausa.  
—Uma vez cessando a causa,  
Cessam p'ra logo os effeitos...

PAN-TARANTULA.

### CAMONEANA

O velho Adamastor, que possuia  
A bocca negra e os dentes amarellos,  
Lavou-se com sabão do Congo um dia.  
E tornou-se um janota dos mais bellos!

Saboarda Victor Vaissier, Pariz «Depositario  
Meliton Boldu, 37, Valverde, Madrid».



IVEMOS sabbado e domingo cor-  
ridas de cavallos no hippodro-  
mo de Belem.

Aquella parte da população  
lisbonense que antigamente era  
classificada pelo *Illustrado* de  
*high life*, mas que deixou de o  
ser com grande magua de nós  
todos, no dia em que lord Sa-  
lisbury se lembrou de *ultimatu-*

*mar* o sr. Barros Gomes,—di-  
rigiu-se com fervor desusado para o campo de cor-  
ridas, desafiando o sol, desafiando a poeira, desafian-  
do os atropellamentos, desafiando os desvairamen-  
tos do *pari mutuel* a dez tostões por aposta.

Nunca pensámos que Lisboa tivesse a dita de pos-  
suir tantos *sportmen*. E tão grande era o seu numero  
e tão conhecidas as physionomias, que acabámos por  
nos convencer de que todos os lisboetas são *sport-*  
*men*, pela mesma razão que são *jornalistas*, que são  
*amanuenses*, que são *janotas*, que são *seductores* e que  
são *conselheiros*:—sempre por accumulção.

Essas pessoas acumulam. Foram *sportmen* no sab-  
bado e domingo das 3 ás 6, n'aquella encosta visinha  
da Casa Pia, como são nos dias ordinarios *amanuenses*  
das 1 as 3, *janotas* das 5 ás 6 na Avenida, *jornalistas* das  
11 á meia noute, e *D. Juans* até que canta a coto-  
ria.



UANTO ás corridas em si, como  
espectaculo e como *sport*, pro-  
duziram-me o effeito d'uma  
ceia de comedia, sendo tudo de  
papelão—os empadões, as gal-  
linhas, as fructas, e até as gar-  
rafas e as taças de Champagne.

Esta mania do *chic* e ainda  
mais da macaqueação de tudo  
quanto se faz lá fóra, é que nos  
leva a essas exhibições ridicu-

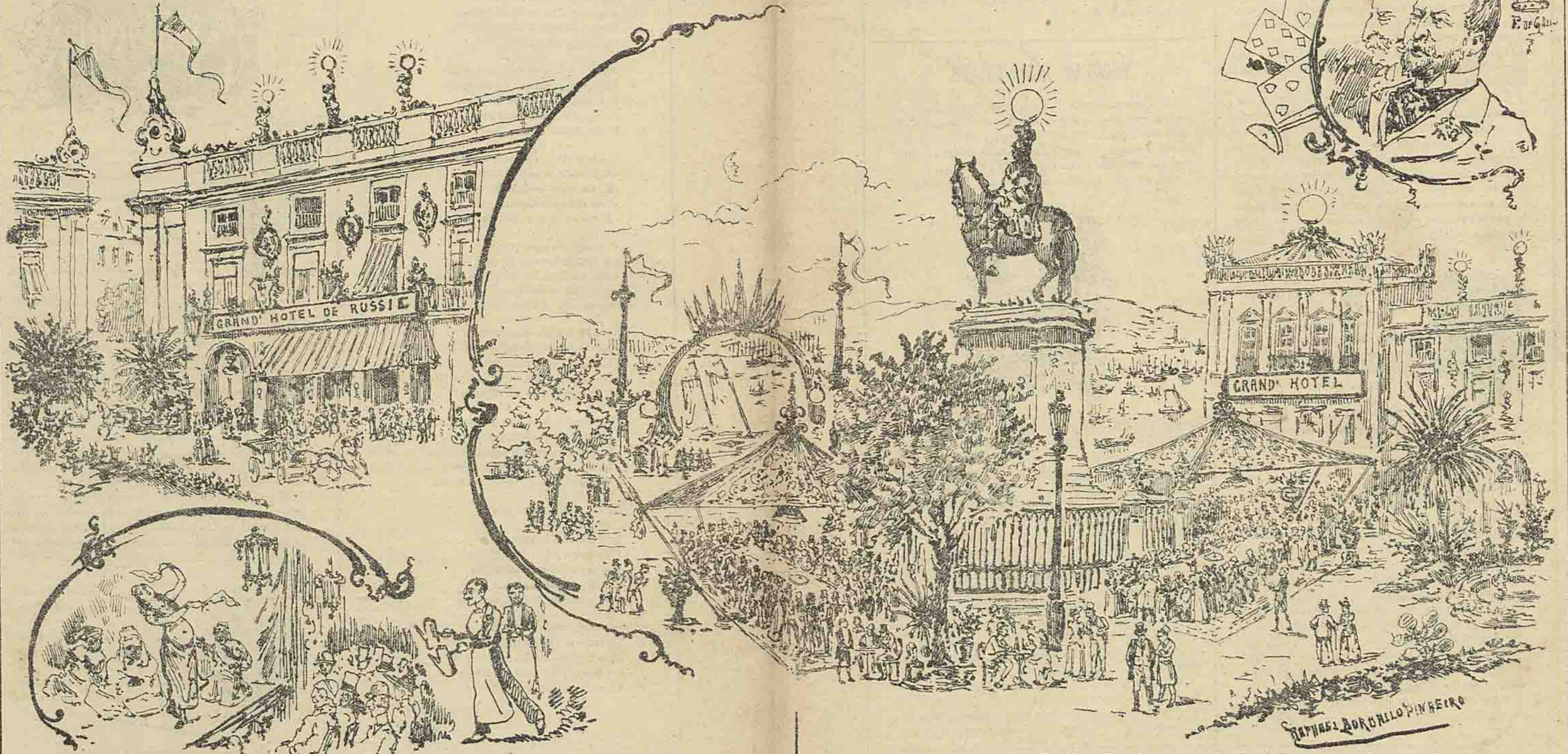
las, transformando nos n'um paiz, que já não é de ne-  
phelibatas, mas de vulgares *rastaquouères*, como se  
diz nas alturas do *Café de la Paix*.

Só dois *sports* nos deviam interessar e preoccupar  
quotidianamente—o *tauromachico* e o *nautico*.

Temos uma arte nossa de *tauromachia*, com to-  
das as brilhantes e elegantissimas tradições do secu-  
lo XVIII—e Lisboa, ó *rastaquouères* d'este nosso fim  
do seculo sem vintem e sem ideias!—não tem uma  
praça de touros para divertir o povo, e os estrangei-  
ros que nos visitam!..

# UMA IDEIA LUMINOSA

A GRANDE BATOTA UNIVERSAL



Em vez de vender Moçambique, o que talvez seja uma coisa triste, a'uzemos a cidade a Grande Batota Universal (Sociedade anonyma, de responsabilidade illimitada), o que sera com certeza, uma coisa alegre e nos permitirá prolongar indefinidamente este nosso dulce far niente.

No Terreiro do Paço estabelecer-se-hia a grande rolleta ao ar livre. Fresco, commodo, bem ajardinado e bem illuminado. Pedimos a attenção de S. A. R. o Principe de Galles e de mr. Gordon.

As secretarias do estado facilmente se poderiam transformar em magnificos hotéis com todas as commodidades e o luxo devido aos frequentadores de Monaco, (Não nos referimos ao estanco do sr. Cruz, do Rocio).

Os funcionarios publicos, com uma pontinha de boa vontade e uns mezes de pratica, dariam certamente excellentes criados d'hotel e de café. As gratificações seriam substituidas pelo pour boire.

A lingua official d'este eden á beira mar plantado, passaria a ser a franceza ou a ingleza, ficando para todo o sempre, abolida a lingua nacional.

Para divertir e attrahir os jogadores, haverá nos theatros magicas inglezas, operetas francezas e danças austriacas, musicas tzingaras, sexteto Quilez, danças de ventre debaixo da Arcada, Bella Fatmá, cascata e montanhas russas debaixo do arco da Rua Augusta, corridas de cavallos, regotas, galeotas alugaveis á hora para passeios no Tejo.

Todas estas diversões para os jogadores, em sorte. Agora, para os desafortunados, dispomos de excellentes meios de transporte para a paz eterna.

Temos o zimbório da Estrella, os Arcos das Aguas Livres, o Arco da Rua Augusta, o Tejo de Christal etc, etc, etc.

.....  
 Não seria este, um meio de facil e rapida execução, para se ganhar muito dinheiro com pouco trabalho?

Nós temos um rio que é a admiração de todos quantos chegam a Lisboa, um rio admiravel, onde se podiam organizar festas das mais encantadoras, regatas, passeios aos domingos, illuminações.

Pois abandonamos os divertimentos naturaes, para irmos para Belem assistir a um espectáculo que é uma parodia de tudo quanto se faz em França e Inglaterra; ou então para a Avenida, só com a ideia de macaquearmos o parisiense, que á mesma hora vae para o Bosque de Bolonha, ou o londrino que vae para Hyde-Parck.

E aqui está o que nós somos—uma capital de *ras-taquouéres*, sem caracter, sem originalidade, vivendo de imitações ridiculas, sem termos ainda importado uma só das coisas agradaveis e uteis á capital e ao paiz que se encontram pelos paizes do norte.

E aqui está o que nós quèreriamos ser—um bairro de Paris, com muitas *cocottes*, muitas casas de jogo, onde se vivesse uma vida artificial de mandriões e de pandegos, sem precisarmos, nem trabalhar, nem tão pouco estudar.



icos mandriões que nós somos!

Ahi temos agora esse sol de junho que é mais um pretexto para nada fazermos, e dizermos mal uns dos outros.

Exclama-se pelas secretarias:

—Que calor! Nem se pode trabalhar!...

E quando todos concordam que effectivamente se não pode trabalhar com semelhante calor, arrancha-se á bella da má lingua, para passar o tempo.

Tudo para! Ninguem tem coragem, nem mesmo para se abanar! E continuam as exclamações:

—Está muito calor! mas que lindo dia!...

E na contemplação do azul profundo do céu e do rio, e no goso ineffavel da brisa que ás vezes passa refrescando os rostos apoplecticos—a capital dormita, sem cuidados, importando-se pouco que os inglezes nos invadam as colonias, que na praça de Paris corra grande risco o nosso credito, mas acordando apenas para protestar contra a *ideia infame e odiosa* da venda de Moçambique.

Mas se fosse um deputado francez que no parlamento do seu paiz erguesse a voz para apresentar um tal projecto, diriamos nós:

—Aquillo é que é gente pratica! Aquillo é que é ter juizo!

QUIRAM.

*Post scriptum.*—Um companheiro de redacção faz-me notar que o *Illustrado*, no dia em que se assignou o tratado com a Inglaterra, solemnizou esse facto tornando a intitular *High-life* a sua secção de vida elegante.

Sempre me quiz parecer que tudo n'este paiz é artificial, até mesmo as exaltações patrioticas. Desde o momento em que era um opprobrio classificar de *high-life* a alta sociedade onde a gente se aborrece, só porque lord Salisbury mandou um *ultimatum* ao sr.

Barros Gomes—não vemos como é que o opprobrio desappareceu, só porque se assignou um tratado, que não passa d'uma expoliação do mesmo lord, em proveito do duque de Fite e em prejuizo de Portugal.

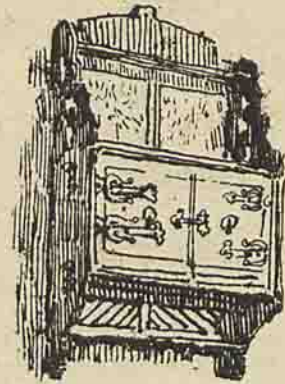
Seja tudo para gloria d'estes reinos e satisfação do supracitado *Illustrado*.

Q.

## ESCOLAS INDUSTRIAES

Chegámos, vimos e apreciámos devidamente os bellos trabalhos e o grande adiantamento que já se nota nas escolas industriaes *Marquez de Pombal, Affonso Domingues* e outras sendo estas duas excellentemente dirigidas pelos srs. Leitão e Vaz.

Damos em seguida a reprodução d'um armario



executado pelos alumnos da escola *Affonso Domingues*, e onde tambem vimos notaveis trabalhos de azulejos e de coiros lavrados.

O que é pena é que essas escolas estejam cheias de modelos estrangeiros, na sua maior parte alle-mães; e que os alumnos educados na contemplação de artigos de industrias que pouco teem de artisticas, não aprendam nos antigos modelos nacionaes a tradição da arte ornamental portugueza, de que ainda ha tão bellos e tão delicados documentos.

E' n'este ponto que reside a superioridade das artes decorativas em França, pois que todo o ensino profissional é baseado no estudo, no aperfeiçoamento e na transformação dos documentos nacionaes.

N'estas escolas o que mais resultado tem dado é o ensino de applicação immediata, obrigando os alumnos a executarem trabalhos completos.

As aulas de physica e chimica acham se montados com verdadeiro escrupulo.

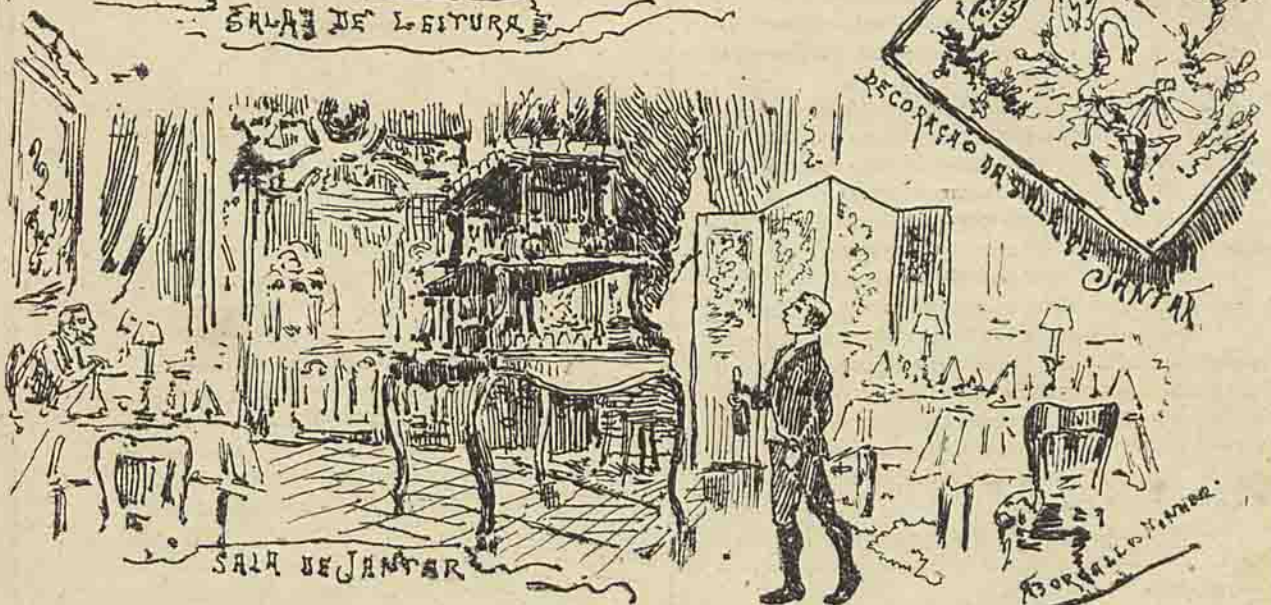
Os nossos agradecimentos ao sr Leitão, pela maneira com que nos conduziu na visita a essas escolas.



# Turf-club



SALA DE LEITURA



SALA DE JANTAR

No dia 12 do corrente o *Turf-Club* convidou os seus amigos e mais pessoas das suas relações a visitarem a nova casa do Chiado, onde se acha agora definitivamente installado.

Foi o barão da Regaleira o socio escolhido e o encarregado pela direcção do *Turf*, de ir ao estrangeiro escolher toda a mobilia para a nova casa, e dirigir as installações d'aquelle club. A escolha não podia recahir em pessoa mais competente, pois que o *Turf* pode competir, sem ter de corar, com qualquer *cercle* de Paris, ou qualquer club de Londres.

Quem já tenha entrado no *cercle* da rua Volney, nos antigos *Mirlitons*, ou no club de Saint-yames, é

que pode fazer justiça ao luxo e ao bom gosto com que acaba de ser installado o *Turf*.

O que sentimos de veras é que um outro club de Lisboa—o *Gremio Litterario*—arraste uma existencia melancolica e sórna, sem introduzir nenhuns melhoraamentos, e conservando impenitente o seu ar de botica d'aldeia, só propria para a má-lingua e para o gamão, distracções estas já tão fóra de moda no tempo de Tolentino.

Emquanto o *Turf* se acha verdadeiramente *fin de siècle*—o *Gremio* limita as suas phantasias directorias proporcionando aos socios um chá que é mau e umas torradas que são pessimas.

Tudo em honra do gamão e mais da botica!

## A LEI DOS MEIOS

- Cantarolando•.
- Se passa a vida•.
- Do meia dia•.
- As quatro horas•.

O conselheiro Fonseca Gomes, chefe da 2.ª secção da 5.ª repartição da extincta contabilidade dos Proprios Nacionaes.



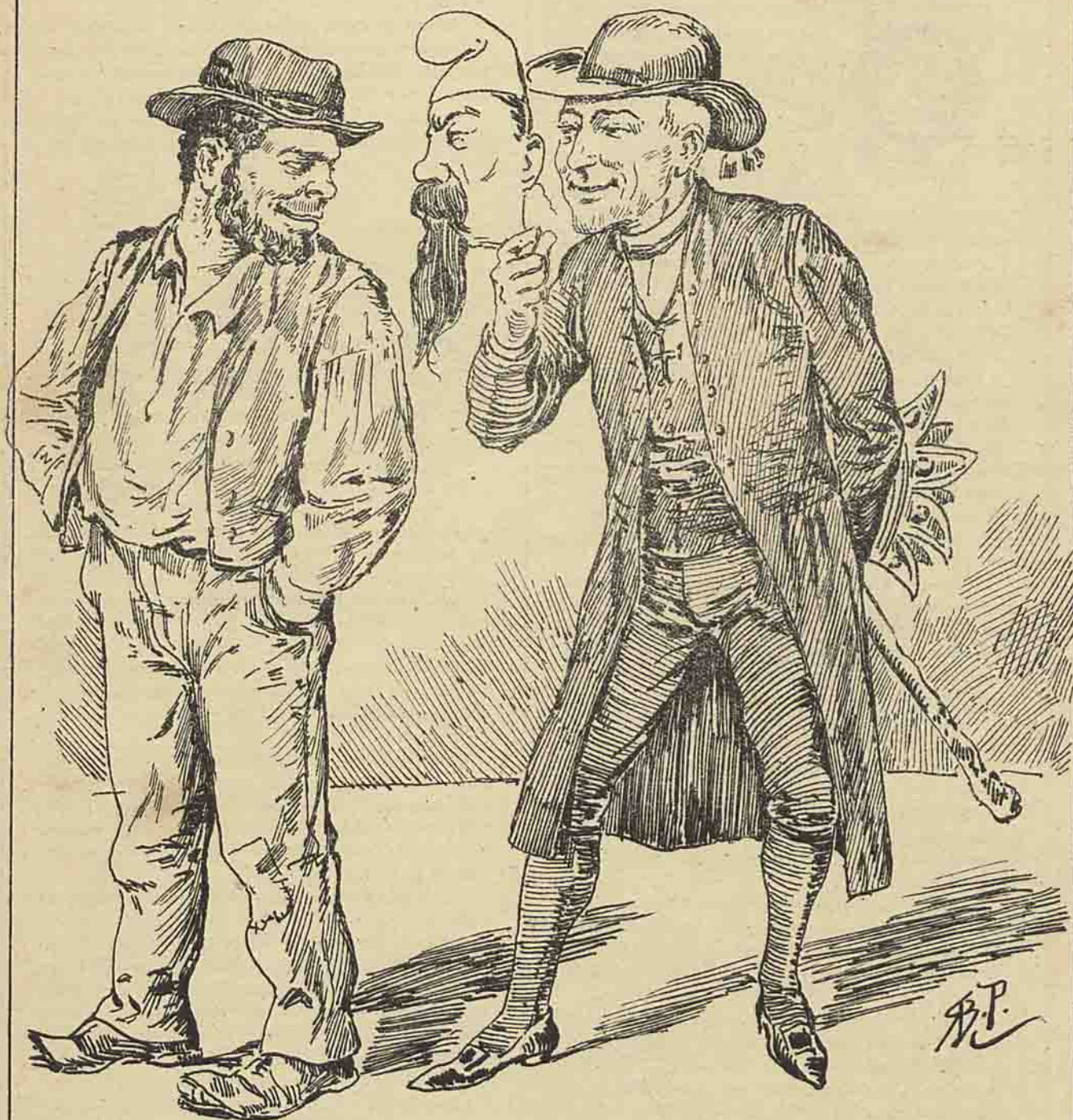
A CIGARRA E A FORMIGA. Augusto Bordalo Pinheiro.

Cantaste? . . . Pois dança agora!!!



## OS HOMENS DA SEMANA

Uma sotaina vermelha



Tivemos esta semana a curiosa transformação d'um bispo reaccionario em bispo revolucionario. A camara dos pares transformada em club de jacobinos. Como documento de dissolução é o que ha de melhor no genero: como documento de sinceridade politica e democratica Zé Povinho exclama:

— Bem te conheço, Eminencial Agua benta e cacete!..

## Variações



que ha de mais curioso n'este *fin de siècle* da burocracia indigena, é a indignação e a algazarra das *mangas d'alpaca*, só porque um ministro se lembrou de reduzir os magros vencimentos dos srs. burocratas á infame e vergonhosa quantia de 2 contos e 600 mil réis.

Que grandissima patifaria!..  
Ousar reduzir e limitar a réis

2163666 mensaes os ordenados de modestos e prodigiosos trabalhadores, que entram para os cortiços do Terreiro do Paço depois do meio dia, e ali se conservam o tempo necessario para fumar um cigarro, ler o *Diario de Noticias*, e escrever «Deus guarde a V. Ex.» no fecho d'uma folha de papel d'officios!

Que grandissima patifaria!..

Nem eu sei como se não levantaram as pedras das calçadas para protestar contra semelhante infamia. Porque é necessario que o digamos bem alto—mais alto que o sr. Augusto Ribeiro e que o proprio sr. conselheiro Nazareth, mais alto até que a propria torre Eiffel—é preciso que o digamos bem alto, á face do *Antonio Maria* e de todo o paiz. . que a *manga d'alpaca* constitue um d'estes augustos privilegios, que nem á Providencia é dado atacar ou aluir.

A *manga d'alpaca* deve ser considerada sagrada e inviolavel. Quebrem-se os idolos, mas viva a *manga*! Apeie-se Deus do seu throno de nuvens, apeiem-se os Reis dos seus thronos de oiro ou de papelão doirado, façam-se revoluções, destruam-se os idolos, arrazem-se os templos, caia chuva de fogo celeste sobre as capitaes impuras—mas, por Jupiter! que niuguem ouse attentar contra essa *manga* divina, que é a gloria d'estes reinos e suas dependencias ultramarinas.

Não ha dinheiro nas arcas do thesouro para que as *mangas* conservem o fausto e a magestade a que teem direito?... Vendam-se as colonias, mas salvem-se as *mangas*!

Não ha mais dinheiro?... Pois declare-se a guerra ao grão-turco, declare-se a guerra ao Schah da Persia, tome-se de assalto o Banco de Londres, e o Banco de França, faça-se tudo, tudo, o possivel e o impossivel ..

Mas, por Deus! Que as *mangas* continuem fumando tranquillamente ao longo dos corredores dos ministerios; que as *mangas* disfructem, á custa do contribuinte, das doçuras das praias e do campo do prazer das viagens a Paris; que tudo e todos se sacrificuem pelo mais bello padrão da nossa mandrice d'esta vida airada indigena, que constitue o encanto de Portugal, e o assombro da Europa ..

Viva o funcionalismo! viva a burocracia!..  
Que se lhe dêem todos os dinheiros publicos, que se cubra de titulos e de grã-cruzes, que se lhe erga um altar, e que, posta sobre um altar a famosa Burocracia, o paiz inteiro por decreto d'el-rei com força de lei,

seja obrigado, de cocoras, muito de cocoras, rosto no chão, e punhos sobre o peito, a adorar, a venerar e a amar, como se ama! Deus, Nossa Senhora Burocracia, mãe da ralaceira, virgem de todos os afflictos que precisam acumular os mais bellos vencimentos para realisarem este ideal de tanto portuguez—ser rico, sem trabalhar!..

Avante mangas d'alpaca! Avante destemidos! Qu'importa que portuguezes aos centos corram para outros continentes, em busca do pão que não encontram na sua patria! Qu'importa tudo isso!

O essencial é que Sua Magestade a Manga, Nossa Augusta Soberana, não soffra nas suas regalias e prazeres...



VEMOS na camara dos pares a famosa lucta entre o sr. bispo de Bethsaida e o sr. Lopo Vaz de Sampaio e Rolha.

Começou o desafio rhetorico e politico pelo inesperado procedimento do sr. bispo, que andou durante 20 annos a recolher quantas cascas de cebola, quantos talos de couve e quantos cacos de vidro e loiça encontrou no saguão da nossa politica sertaneja—para vir despejar na 4.ª feira o seu barril do lixo sobre todos os homens publicos do seu paiz.

Este acto de Sua Reverendissima, n'um paiz em que a caqueira-la e a pulha carnavalesca teem sido elevadas á altura d'uma instituição e até d'um jogo de sociedade e de salos—foi immensamente apreciado por uma parte da população lisbonense que tem o culto da má lingua, levado ao ultimo grau de aperfeiçoamento.

Vasado o barril do lixo tribunicio, Sua Reverendissima afagou o seu solidéo; passou a mão pelo crucifixo, para vêr se Jesus estava contente com a investida contra os infieis; sentou-se na sua cadeira senatorial de carneira esfolhada:—e esperou pela arremetida do sr. Lopo.

Essa arremetida foi um outro barril do lixo vasado sobre a cabeça do sr. Bispo de Bethsaida,—barril que continha as velhas diatribes do famoso prelado contra a liberdade de pensamento, a liberdade d'ensino e a liberdade d'imprensa, de mistura com as suas intrigas e salamalecks junto da curia romana, e com as fraquezas da sua carne prelatia que se flagella com ricos ordenados que montam todos os annos a alguns contos de réis.

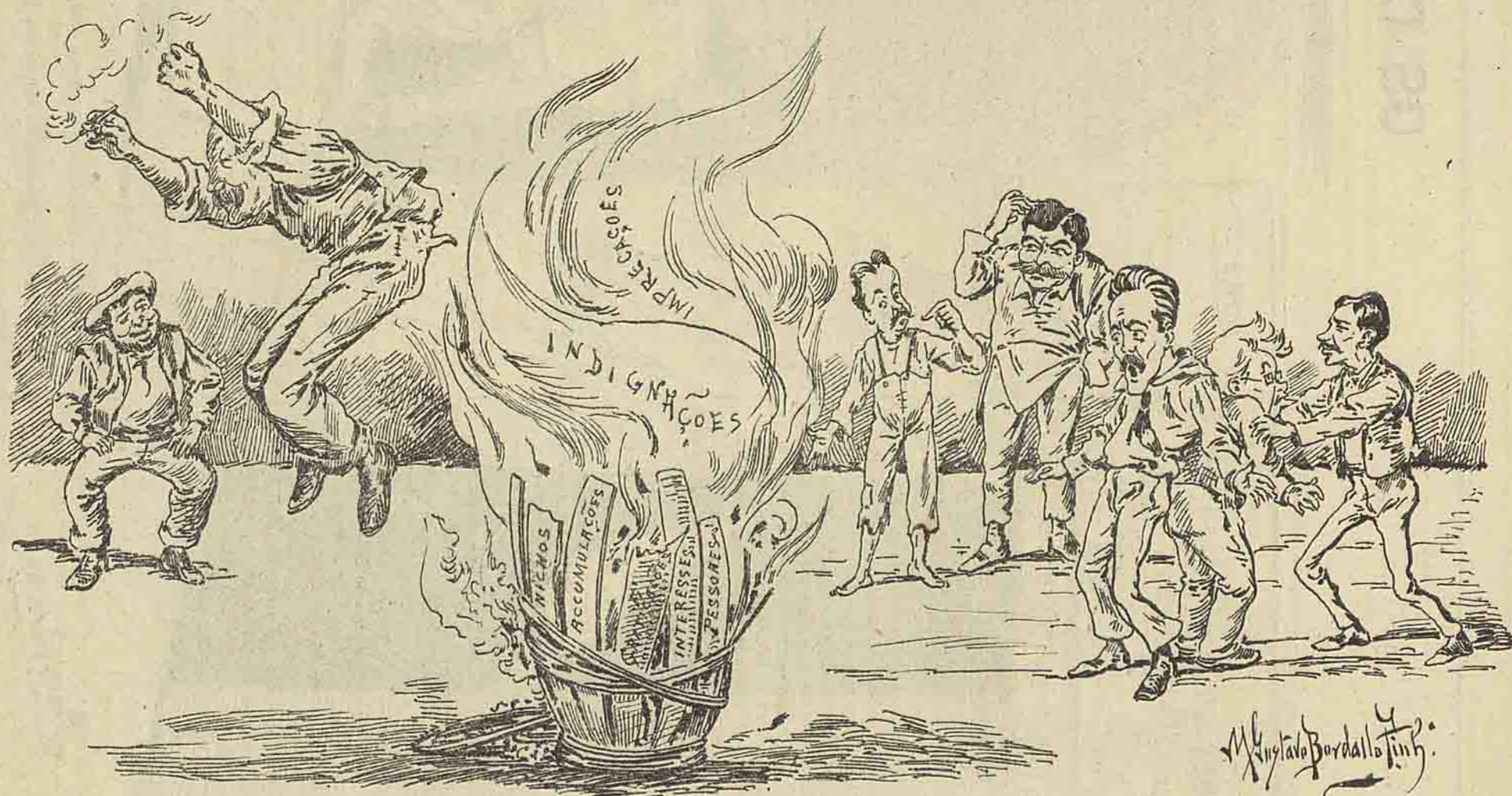
Este jogo de barril do lixo trouxe toda a semana presa a attenção da *Havaneza*, da *Arcada* e d'outros sitios não menos mal afamados.

Parece que entre nós não ha nada que tanto disperte a curiosidade do publico, como um esgoto que se abre á luz do sol.

Seja pelo divino amor de Deus!

QUIDAM.

# A fogueira de S. João Chrysostomo



O governo, para festejar o seu S. João Chrysostomo, accendeu a fogueira das economias. E enquanto um dos festeiros salta por cima das terribes e ferozes labaredas,—os outros tranzidos de medo, esperam que o fogo abrande, para ver se podem saltar, sem chamuscar os fundilhos ..

# OS DRAMAS DA ARCADA

LASCIATE OGNI SPERANZA, VOI CHE' NTRATE  
Ó VÓS, QUE ENTRAIS, DIZEI ADEUS À ESPERANÇA

DANTE - CANTO III

MINISTERIO DA FAZENDA



BORRALHEIRO.

Peça em varios paragraphos e muitas economias, original do sr. ministro da fazenda. A acção passa se no Terreiro do Paço no anno de graça de 1891

Scena final:—A indignação das barrigas. A orchestra é ferozmente conduzida das columnas do Economista pelo maestro Kariho.

## Desconegado!!!

«O arcebispo de Constantinopla de-  
sarceblapoconstantinopolisca-se; se o ar-  
cebispo de Constantinopla se não de-  
sarceblapoconstantinopolisasse, quem o  
desarceblapoconstantinopolisaria?»

Vae ser amaldiçoado,  
Com trezentas maldições,  
Marianno, esse damnado,  
Que deixou *desconegado*  
Frei José dos Quracões!

Andava o frei descontente,  
Porque conegos não tinha.  
P'ra os juntar em S. Vicente,  
N'uma festa auriluzente,  
*Conegando* a ladainha.

Sempre em febre tristonica,  
Que até lhe mirrava a face,  
Procurava, antes da missa,  
O ministro da justiça,  
A pedir que o *conegasse*.

O ministro, que não arde  
Por questões de conezia,  
Retrocava a tanto alarde  
— Que mais tarde, que mais tarde,  
Mais tarde o *conegaria*.

P'la demora sempre azedo,  
La vivendo esp'rançado,  
De que ao fim de tanto enredo  
Sempre havia, tarde ou cedo,  
Conseguir ser *conegado*...

E, quando despia as vestes  
Dos actos episcopaes,  
Na cama dormindo prestes,  
Tinha mil visões celestes,  
Tinha sonhos *conegaes!*

Ai! como o fado damninho  
P'la mão d'um ministro—ó ancia!—  
Impediu que esse santinho  
Gosasse o terno carinho  
Dos prazer's da *conegancia!*

Hoje, triste, como quem  
A dôr profunda se entrega,  
Vae viver p'ra Santarem,  
Ja certo de que ninguem  
Cá n'este mundo o *conéga!*

E, n'um desespero insano,  
N'um desespero sem nome,  
Diz, em triste desengano:—  
—Marianno! Marianno!  
Patifel *Desconegou-me!!!*

E, consultando o Zodiaco  
P'la fresta da sua cella,  
—Affirma o dr. Cyriaco—  
Morre *conegomaniaco*  
Co'a tal *desconegadell!!!*

PAN-TARANTULA.

## Bibliographia



Acabamos de receber um magnifico volume intitulado *José da Silva Carvalho e o seu tempo*. E' a compilação, acompanhada de curiosas notas elucidativas, dos manuscritos encontrados no espolio do famoso revolucionario de 20, e que o auctor tambem herdou de Joaquim Leocadio da Costa. Este volume é uma preciosa lição de historia; lança uma grande luz sobre uma das liguras mais austeras da revolução liberal: mostra-nos—infelizmente para nós e para o nosso futuro—a differença que vae dos homens de hoje para os homens de então, e é um bello titulo de gloria para o seu auctor o sr. Antonio Vianna, moco intelligente e estudioso, possuidor de avultada fortuna, que em vez de passar o tempo nas farofias d'uma ridicula e deprimente *haute gomme*, prefere deixar o seu nome ligado a obras que os estudiosos e os curiosos da nossa historia hão de folhear com interesse e com respeito.

Os nossos sinceros parabens.

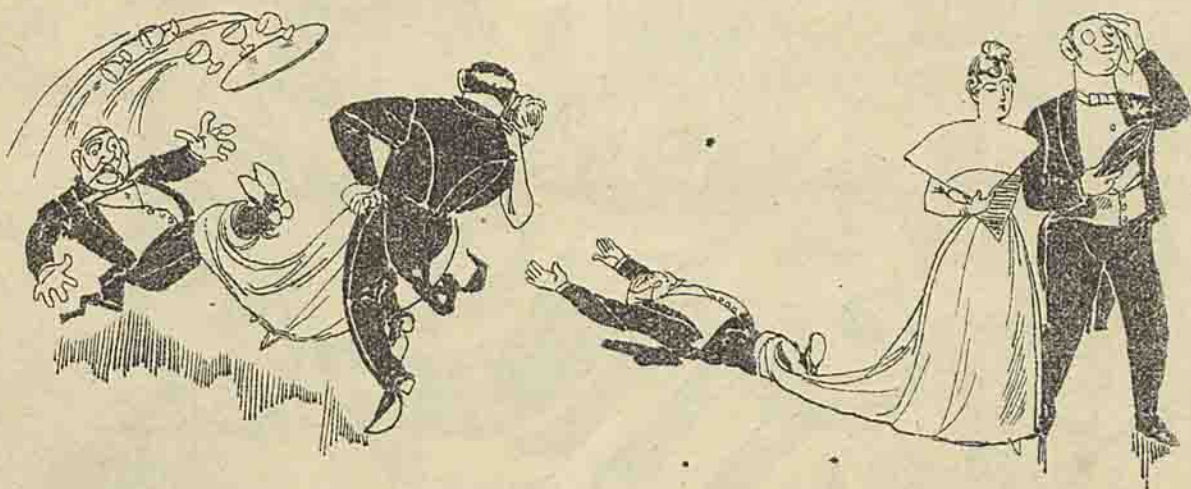
### NOITE E DIA

Meu primo Eleuterio teve  
Uma preta de Caongo  
Que se fez branca de neve  
Com o sabonete do Congo!

Saboaria Victor Vaissier, Pariz «Depositarrio:  
Meliton Boldu, 37, Valverdé, Madrid».

# UMA VALSA VERTIGINOSA

(Copia de Godefróy)



COZ. DE  
GODEFRÓY

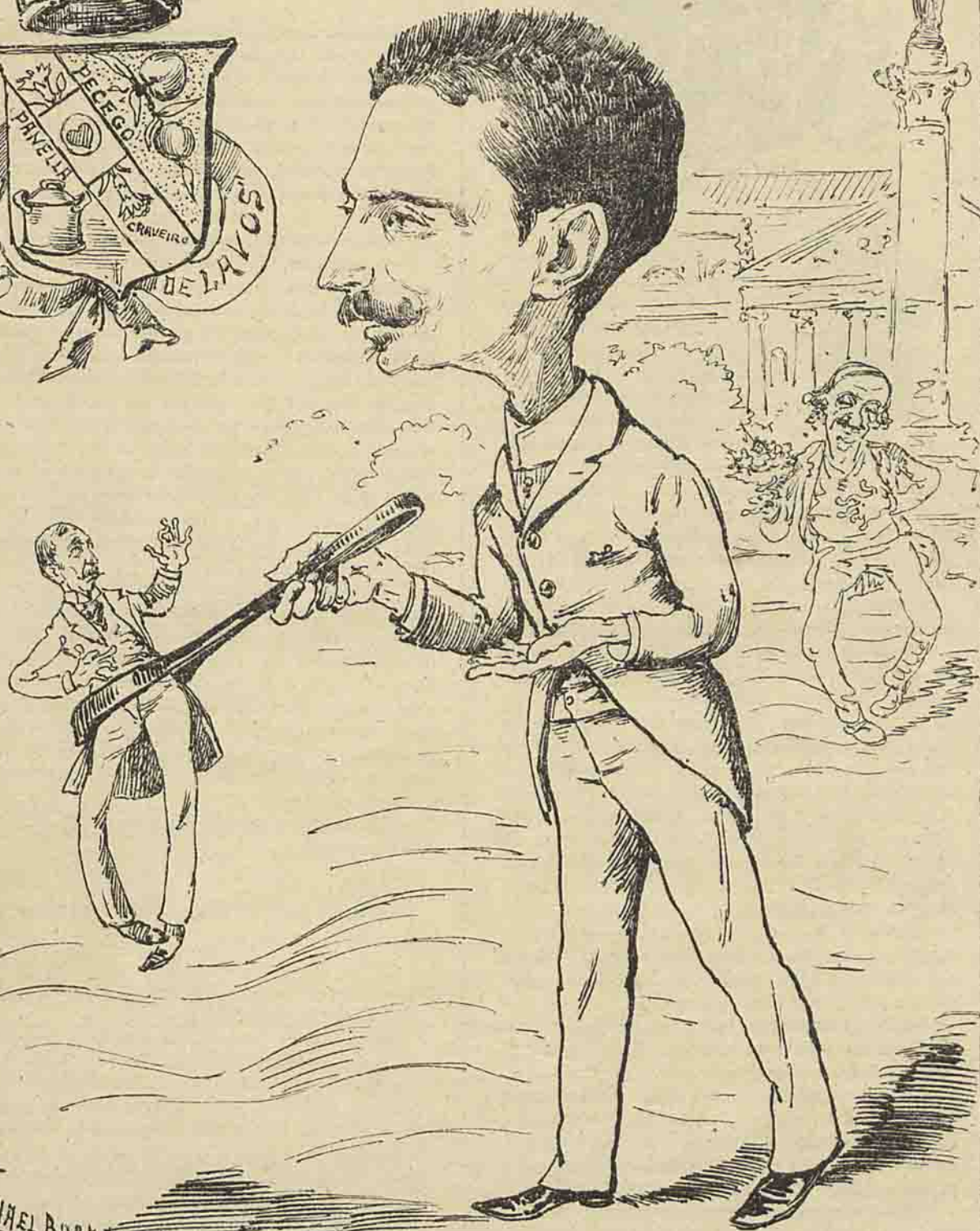
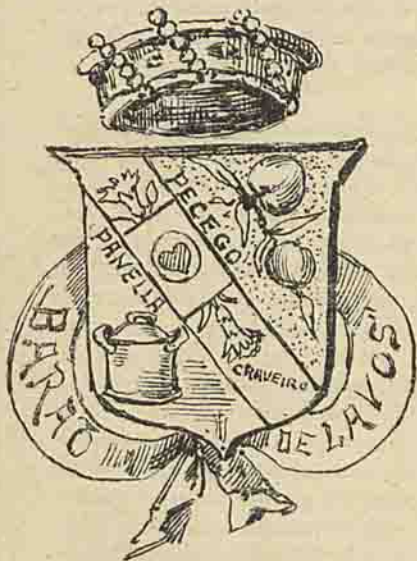


O successo theatral da semana foi a representação da *Grân-duqueza de Carolstein* no teatro da Avenida. Esta casa de espectaculos, cuja existencia o publico pareceu tantas vezes ignorar, apesar das lindas operetas ali postas em scena—conta agora enchentes todas as noites, graças á musica offenbachiana, e ao modo como a *Grân-duqueza* é cantada e representada por toda a companhia.

Faltando-nos espaço para um artigo que metteria a um canto todos os Sarcevs da Baixa—faltaríamos ao mais sagrado dos deveres d'uma justiça bastante implacavel, como nos prezamos de exercer, se não especialisásemos os nomes de Cinira Polonio—*Grân-duqueza* adoravel—de Candida Palacio—um *Cornelio Gil* de verdadeiro Saxe—e tambem os nomes de Setta da Silva e de Costa, um *Fritz* e um *General Boum* que pertencem ao dominio da bôa caricatura. Mello ensaiou a peça, pelo que foi muito applaudido, e Cyriaco de Cardoso só veio provar-nos mais uma vez que é um dos mais brilhantes maestros do nosso paiz. Fez prodigios...

# OS HOMENS DA SEMANA

Abel Botelho



RAPHAEL BORDALO PINHEIRO

A figura supra é a do distinto auctor do *Barão de Livos*, livro este onde se observam casos da vida dissoluta com taes minudencias e detalhes, que nos declaramos insufficientes para apreciar-os, attendendo a que, se taes casos se deparassem a nossos olhos, em vez de os observar—tel-os iamos corrido á bengallada!...





STAR no meio d'um anno, é ter chegado ao fim do primeiro semestre e pôr o pé no limiar do segundo. . . — sabedoria esta das nações que se teem regulado pela mesma folhinha depois da era de Christo.

Occasão fatal, pela ordem naturalissima das coisas, a que raros se evitam, e a cujos phenomenos só escapam, por de-

ferencias da sorte, os mesmos raros. . . —Apenas!

Venho por aqui para me referir ás *mudanças*. . . E não deixarei esquecido este fim de dialogo, proposito ouvido hontem, entre senhoras que esperavam carro para Algés, sob o arco da Rua Augusta:

—Mudanças! mudanças! agora lá está meu marido a mudar de opiniões. . . Passa se para o Marianno.

—Pois eu, tambem lá tenho o canario na muda da penna. Se não se fôr, fica lindo, com a colleira dourada. Parecerá da *geographia*!

E' uma pandega de tarecos fóra de portas. Ha mudanças que lembram regressos das hortas: sofás de palhinha que fazem ss de cahir, velhos pianos que dão bórdos hipercarraspanicos, mezas de jantar que se trocam os pés e a custo se aguentam com a tremenda. . . Lisboa inteira se parte agora na troca de casas, e é de ver o que essas carroças e padiolas de gallegos levam da Pampulha para a Graça, e da Penha para casa do diabo!

Andam na baila os desgraçados que não teem casa sua, e sahem d'este predio para aquelle porque a chaminé mette fumo nos quartos ou porque o senhorio lhes mette os pés nas algibeiras.

Sei d'uma familia que agora veiu para ali, defronte. E' um commendador, cheio de filhas. Façam favor de entrar. . .

Estamos no seio de uma habitação alfacinha, que é a mais característica das habitações alfacinhas que eu conheço. Observem, com olhar intelligente a disposição dos moveis, a ornamentação, a decoração das paredes. Quanto mau gosto, e casquinha!

Sofá e poltronas de cretone, de cretone os repositores e bambolins, — cretone de ramagem abundante, exagerado de amarello, amarello que, chocado ao sól, mudou de ovo em canario. As cortinas, cahindo das janellas a prégas retezadas á força de gomma e ferro, pejam n'uma dobra que arrasta e prendem-se, por braçadeiras de fita azul, a prateras de

latão dourado. Não falta o piano, á esquerda, encapado de flanela verde com debrum escarlate, muito discreto no seu segredo de compra a prestações na *Companhia propagadora de instrumentos musicos*. . .

Cobrindo uma mezinha redonda, pé de gallo, que panno curioso aquelle! primorosa excentricidade de invenção: chromos recortados de caixas de phosphoros, unidos a crochet, e franjas. Trabalho ingenho de uma das filhas do commendador, que, vae em dois annos, junta caixinhas vasiaas, utilizando-as assim. O panno é, na verdade, interessante, tendo graça, bem arranjadinho e inoffensivo. Bonito, realmente.

—Sempre ha mãos bem habilitosas!

—E prodigios de imaginação!

Sobre a meza, albuns de retratos, poesia, maximas e ditos agudos, variados e avariados. Retratos da familia, numerosos, de amigos e pessoas conhecidas; poesia e o mais de pessoas conhecidas, amigos e de familia. Abrindo qualquer d'elles, extraordinarias coisas se nos mostram, em photographia, e em verso. Este grupo, por exemplo, reproduzindo ao ar livre, fingindo de campo ao fundo: uns noivos, de fresco, ainda com o vestuario do casamento, enlaçando-se as mãos, e contemplando-se, sentados á bordinha d'um banco de rolha. . . de cortiça. Grande força expressiva, sobretudo. O photographo gritou-lhes:

—Atenção! — e ficaram-se, attentamente, preocupados de extase, a pensar no futuro, nos filhos, no lar, na viuvez, quem sabe? esperando que a machina os apanhasse, assim, em flagrante de ternura conjugal. E' bem certo que as apparencias muito enganam e eis aqui de tal verdade um frisantissimo exemplo: oito dias depois de tirarem este retrato, esses noivos, — conheço-os — tratavam de divorcio, sabendo-se até que, interrogada a esposa a respeito de maus tratos que o marido lhe dava:

—Mas com que pretexto bate elle em v. ex.ª?

Respondera:

—Saiba v. ex.ª, sr. juiz, que não é com um pretexto. . .

. . . ?

. . . é com uma bengala!

Indispensavel, em sala de gente boa, boa gente, gente de consideração, a bilheteira. . . Eil-a aqui, repleta. Cartões de visita, de boas festas, bons annos, pezames, sentidos pezames, parabens. Nomes de pessoas que muito honram Salles, que muito o prezam, collegas na commenda e collegas na repartição, titulares, influentes eleitoraes, conselheiros, dois deputados pelo ultramar, notabilidades de industria e do commercio, o carteiro, o distribuidor do jornal, o guarda nocturno. . .

Depostas nas prateleiras de duas *étagères*, que estão symmetricamente collocadas aos lados do sofá, uma em frente da outra, quantas surprehendentes coisinhas mosaicas, figurinhas de loiça, bonequinhos de barro, conchinhas, passaros empalhados em attitudes

de museu, um relógio antigo, sob redoma, parado, ha annos, nas quatro e vinte e cinco!

—A nossa collecção de *bibelós*—do francez *bibelôts*—aponta uma das filhas.

Pelas paredes, destacando muitissimo bem do papel que as forra, côr de perola com arabescos a oiro, quadros oleographicos de trechos pastorís, passagens da Biblia. e assumptos parisienses. Encimando o sofá, rico espelho talhado sobre o comprido, do Margoteau, mas adquirido em segunda mão, mais em conta—Pois en?o?—e vedado ás cagadelas das moscas, por metro e meio de gaze verde. Emmoldurado em verniz negro, com filetes aureos. o busto a crayon, admiravelmente parecido, preço quatro mil e quinhentos, do dono da casa, gravata branca, engommado a lustre. crachá, bello ar, soberbo ar, ar imponente, *Te-Deum* na Sé. Frente a frente, um outro busto, em gesso bronzeado, encara-o, a serio, fechando um olho e abrindo o outro: Camões...



POCHA de exames.

Exames nos lyceus, exames nos cursos superiores. Como das mais vezes, como nos outros annos, como sempre, certas perguntas de examinadores e respostas de examinados que são para estoifrar o cós, de irrisorio.

Algumas de cahir.

Referem-me esta, authentica, apanhada n'um lyceu provinciano. Tratando-se de historia, historia universal, historia particular, historia nacional:

—Diga-me lá, faça favor, qual foi, «pouco mais ou menos» o primeiro rei de Portugal?

Ao que o examinando, prodigioso, certo d'um *louubr*, sem pestanejar:

—Dom Sancho segundo, por cognome, o *desejado*!

E est'outra, na Escola Medica, ultimamente:

—...Manifestando-se assim a pneumonia dupla, no outro dia mais dupla, no outro mais dupla...

*Nemine-discrepanté!*

ALFREDO.

### PHRASE CELEBRE

A historia conta que Voltaire disse,  
E aqui eu o assignal-o:  
«Se do Congo o sabão não existisse  
Preciso era invental'-ol».

Saboaria Victor Faissier, Pariz.

## GRANDE!!!

(Hymno, para ser cantado em côro)



Elle é grande nas coisas que tem,  
Elle é grande nas coisas que faz,  
Elle é grande no Grande Armaçem  
Elle é grande de frente e por traz!

Elle é grande da bota ao bonet,  
Elle é grande no bom coração,  
Elle é grande deitado ou de pé,  
Elle é grande em qualquer posição!

Elle é grande das unhas aos dentes,  
Elle é grande nas obras mais cultas,  
Elle é grande nas coisas presentes,  
Elle é grande nas coisas occultas!

Elle é grande em caracter gentil,  
Elle é grande qual outro não acho,  
Elle é grande de frente e perfil,  
Elle é grande por cima e por baixo!

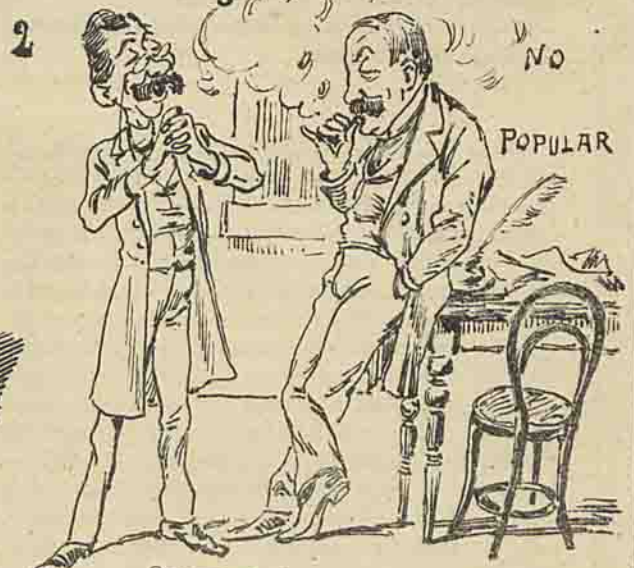
Elle é grande no gráu mais gráudo,  
Elle é grande em qualquer bagatella,  
Elle é grande de tudo e por tudo,  
Elle é grande, é grande elle—o Grandella!!!

PAN-TARANTULA.

# TRANSFORMAÇÕES



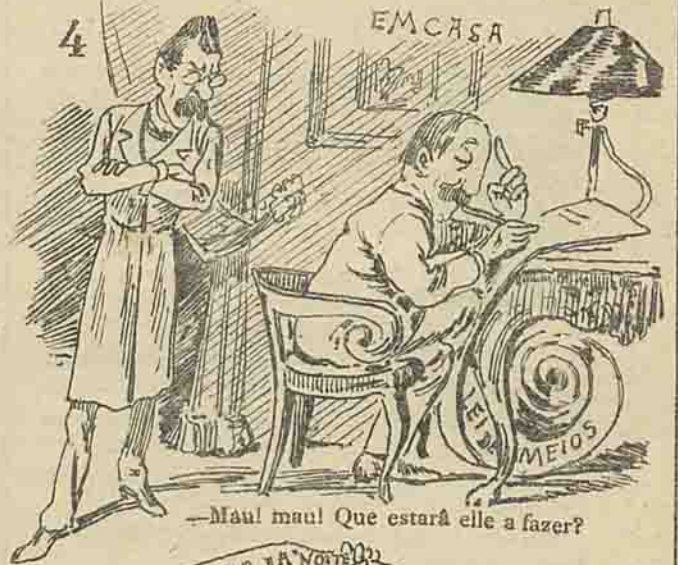
—Chegou o Marianno.



—Que grande homem este Marianno ! ?



—Economias! Muitas economias!  
Nós cá estamos na expectativa benevola !



—Mau! mau! Que estará elle a fazer?

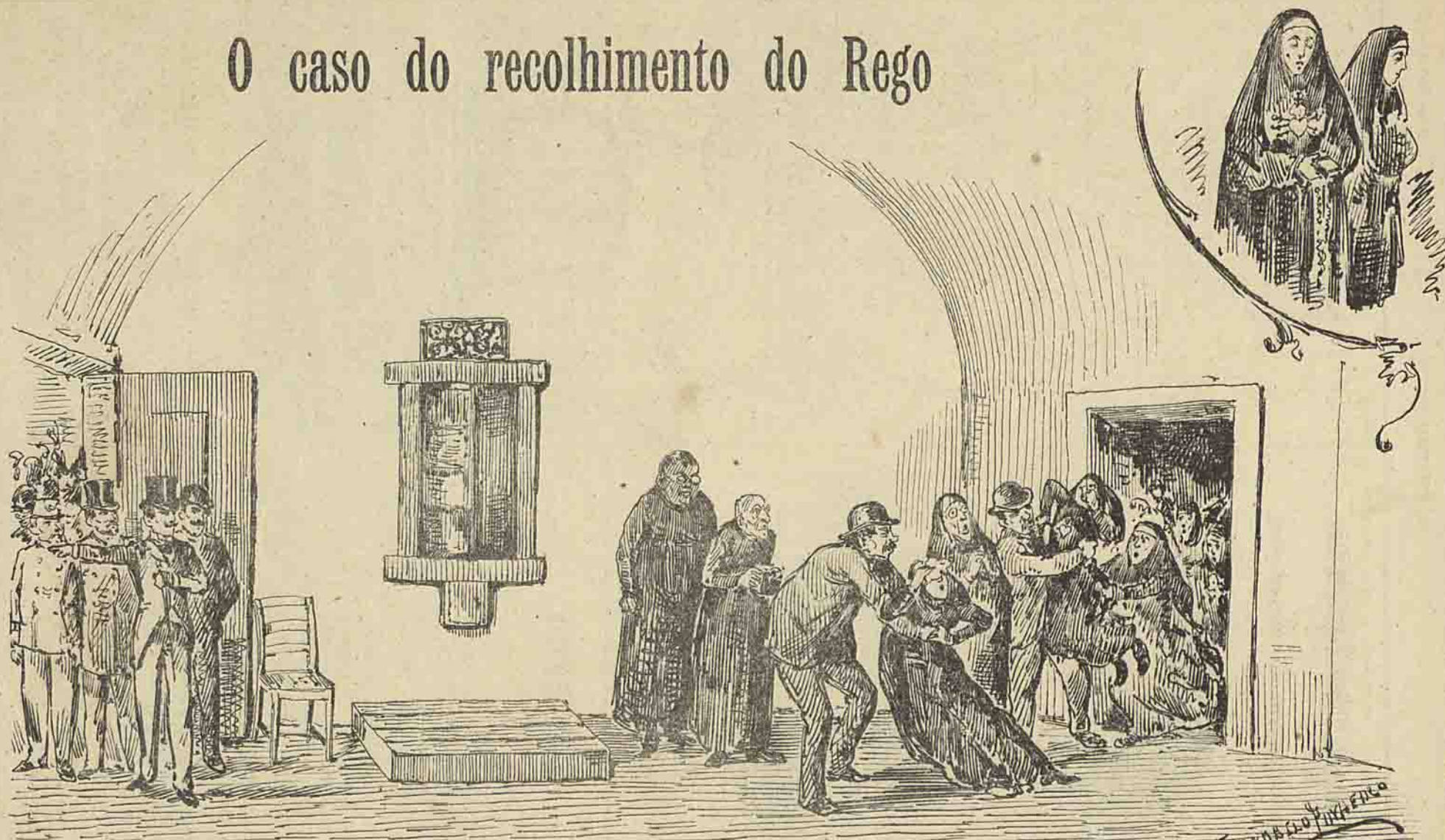


—Eis as economias.  
—Oh! ,mas isso é medonho!!! não póde ser! Im-  
possivel!!! Este homem...



O que faz o tempo...

# O caso do recolhimento do Rego



Eis tanto quanto nos foi possível reconstituir-a, a scena que se passou n'este recolhimento, que mais parece uma enxovia, quando a policia de Lisboa foi arrancar duas pobres creanças ás garras das santas harpias do Senhor.

Bom é que a policia, em vista do occorrido, proceda a visitas rigorosas pelas divinas cavernas que ha espalhadas por todo esse paiz, e onçe nos parece que nem só se passa o tempo na adoração das cinco Chagas de Christo.

## A pequena Juliana San Sebastian

(da *Ilustracion Española*)

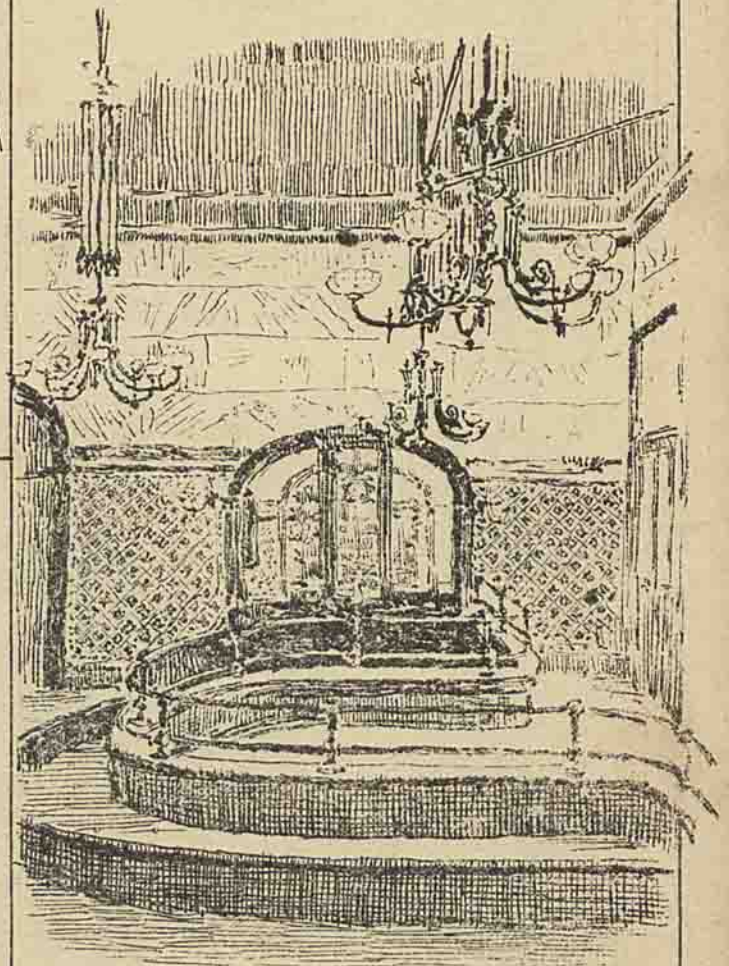


A victima da duqueza de Castro Enriques

Toda séria e moralista,  
Toda pudor e receios,  
N'essa primeira entrevista,  
Deu-me os regalos da vista,  
Mas, de outros gosos — *nem meios!*  
.....  
Passou-se o tempo, passou-se  
Nos seus continuos passeios ..  
Hoje, Anacleta, mais doce,  
Dá muito mais; — amoldou-se  
A' questão da lei de *meios*...

PAN. TARANTULA.

## VACCARIA NORMANDA



No dia 23 houve a inauguração da *Vaccaria Normanda* na calçada da Estrella 118 a 128. Agradecemos á Empreza o amavel convite que nos enviou. Quanto á excellencia do leite reservamo-nos para em manhã mais opportuna saborear devidamente os primores das excellentissimas vaccas, com os quaes teremos o maior prazer de travar... perdão, de saborear relações!

## LEI DE MEIOS

Aos encantos de Anacleta  
Fiz milhões de galanteios;  
D'amôr ferido p'la seta  
Amei-os, de amor pateta,  
Pateta de amôr — *amei os* ..

Catrapiscando-a, na sala,  
Cantei-lhe ternos gorgeios;  
— Depois de catrapiscal-a,  
P'ra que ella chegasse á falla,  
Empreguei trezentos *meios*.

Ella annuiu; veiu leda  
Ao clamor dos meus anceios;  
Toda vestida de seda,  
Como dama a quem succeda  
Dispôr de alentados *meios*...

E dispunha! — Bem se via  
Por traz dos fartos arreios ..  
— En já me satisfazia  
Se chegasse a ter um dia  
Metade d'aquelles *meios*...

## COLYSEUS DE LISBOA



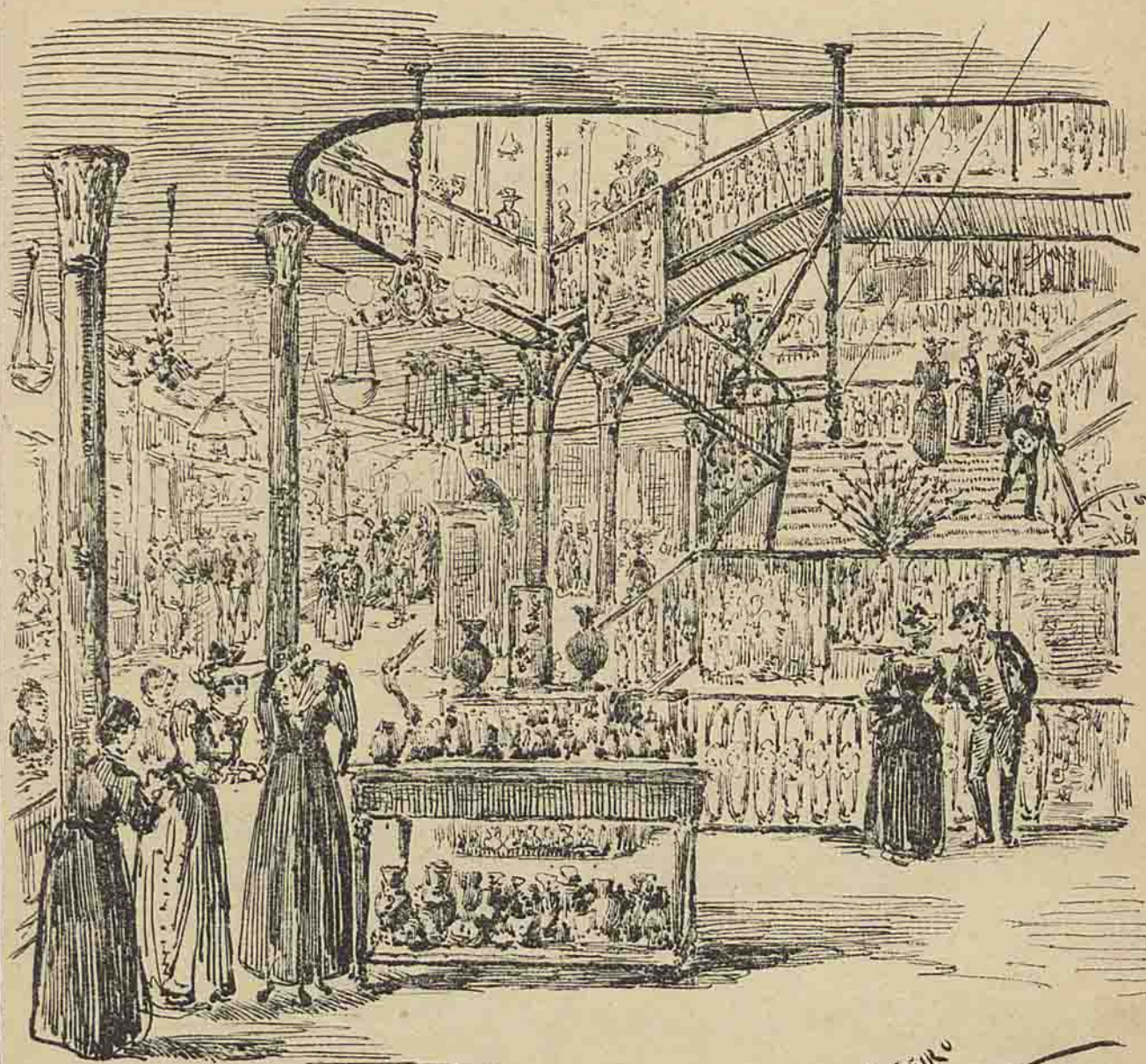
No antigo Colyseu o publico mostrou-se agradavelmente reconhecido com a exhibição d'uma companhia de zarzuela e baile que, se não attinge primores de graça e *salero*, como é de uso exigir a uma *troupe* de hespanholas, e se não nos mostra formosuras que ponham a um canto as *Mariones* e as *Oteros* que n'este paiz tem vindo abordar,—é pelo menos digna do nosso applauso, porque nos faz passar uma noite agradável.

Mas no Colyseu novo o publico mostrou-se menos benevolente e provou mais uma vez a rude altivez dos seus tacões, sem duvida devido ás obesidades e deformações de certas dançarinas que encobriam todo o palco, transformando-o, não n'um eden coreographico, mas n'uma verdadeira arrecadação de velhos obuses na inactividade ..



TUDO O QUE VIMOS — TUDO O QUE OUVIMOS FOI ISTO

## OS GRANDES ARMAZENS DE GRANDELLA & COMP.<sup>a</sup>



AO ARCHITECTO ASCENSHO MACHADO  
 AO MESTRE DA EMPREITA DA JOÃO PINTO DOS SANTOS E  
 AO MESTRE DA CONSTRUÇÃO METALLICA  
 JOSÉ GONÇALVES OROFRA

MUITOS PARABENS

MANUEL LUIZ DA CRUZ

A imprensa diaria festejou largamente a inauguração d'aquelles importantissimos armazens, que veem pôr uma nota de elegancia e de commodidade na nossa vida commercial. A falta de espaço, que não a de boa vontade, impede-nos de acompanharmos a imprensa diaria nas minudencias de detalhe que justamente merece a descripção d'aquelle soberbo estabelecimento.

E limitamo nos por isso á publicação d'uns pequenos *croquis*, como simples registro do acontecimento e em homenagem a Grandella, o emprehendedor arrojado, o trabalhador infatigavel, o caracter honesto e o espirito culto de portuguez são, a cuja iniciativa fica Lisboa devendo o seu melhor estabelecimento, e as industrias na cionaes hãode vir a dever, estamos certos, um valioso auxilio para a sua larga desenvoltura.

## O PADRE BARROSO

Novo prelado de Moçambique

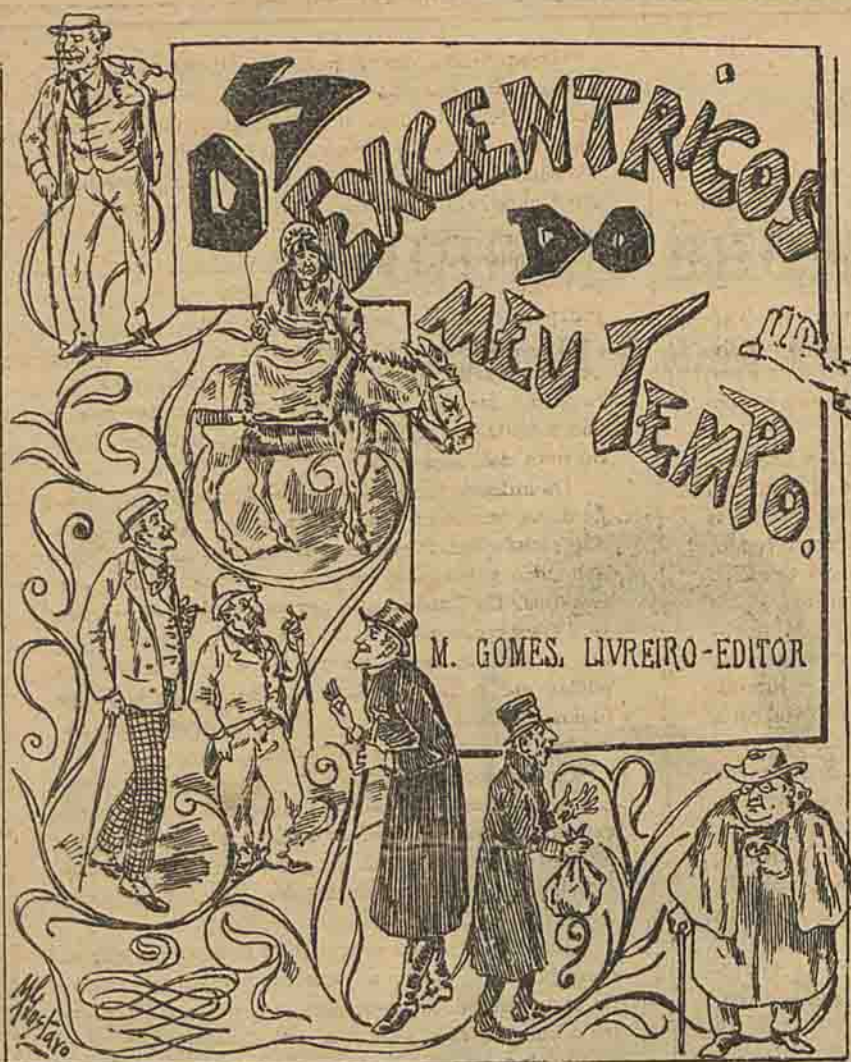


Os poderes ecclesiasticos não fizeram mais que o seu dever confiando a preladia de Moçambique ao Reverendo Barroso.

Abramos parenthesis no gracejo habitual, para registrar esta nota seria. Este padre tem sido inspirado na causa da religião e da patria, por tão nobre espirito de sacrificio, e com tamanho desinteresse se tem arriscado a perigosissimos commettimentos, que a sua sagração como bispo de Himeria é, talvez, o acto de maior justiça, que n'estes tempos tem sido decretado pelo respectivo ministerio.

Que, por mal dos nossos peccados, os bispos portuguezes entram nas dioceses como o outro *bispo* entra no arroz: por descuidos do cosinheiro.

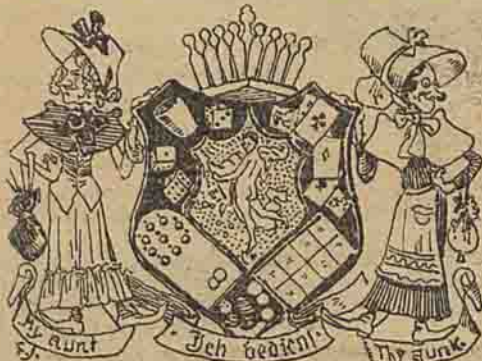




Está sendo lido com avidez o recente livro do sr. Luiz Augusto Palmeirim, que é uma carteira de notas retrospectivas sobre os excentricos do seu tempo, carteira aberta á curiosidade dos muitos que se interessam e, vão do interesse ao deleite, por recordações patúscas de typos e casos que já lá vão, e não voltam...

Livro que é um encanto, para quem saiba apreciar a boa, a fina cavaqueira de um velho saudoso da mocidade, que evoca os espiritos dos mortos que conheceu vivos, e com quem conviveu, typos unicos, rarissimos, dotados de modos de ser especiaes, feitos extravagantes, destacados do vulgo por suas ratices inegalaveis. Como aquelles que Manoel Gustavo escolheu d'entre muitos, para os desenhar em cartaz, na capa do volume, chamando a attenção para os mais: D. José Coutinho, Madame Collaço, Bernardino Martins, Castellani, o Abbade de Castro, o José das Caixinhas, o Feliciano das Seges ..

PROJECTO DE BRAZÕES



Diz-se que um alta personagem inglez, (será o principe de Gálles?) mandou executar para seu uso, uns braços absolutamente pessoaes, que tem obtido um grande successo devido, decerto á sua originalidade.



Creação da mulher

Por suas mãos, no Genisis se lê,  
Formou Deus a mulher formosa e boa;  
Faltava-lhe porém um não sei quê...  
Veio o sabão do Congo, e completou-a!

Saboaria Victor Valssier, Pariz.



um paradoxo de actualidade, com suas pretensões a trocadi-lho, mas do qual o sr. Mendonça e Costa não tem, por enquanto, o privilegio de invenção:—De como vai desafiadissima esta musica da ope-reta nacional, sem que, no em-tanto, ninguém troque as *no-tas*...

A falta de trocos continua a ser a abundancia de assumpto para os articulistas de fundo, para os chronistas financeiros, e de pretexto para muitos irem vivendo, menos mal, á tripa fôrta, por conta do tendeiro que dá fiado, e do talho, que faz outrotanto.

Sei eu d'um... Mantem-se o patife, e dá de comer aos filhos, vai em dois mezes, com uma nota de cinco mil réis que ainda não gastou, e traz inteira. Eil-o que entra, impávido e estrategico, na mercearia da esquina, e manda ao caixeiro que peze, dando-se ares de freguez taludo, tanto de seccos, e que meça tanto de molhados...—«Que lh'o levem a casa!»—e sacca da carteira a perfida da nota.

Sorriso complacente da boa pessoa do caixeiro, todo dedos espetados em manteiga, o qual, por não ter prata, por não ter cobre, por não ter troco, mas confiado, fia:

—Vossa ex.<sup>a</sup> pagará depois, ..

E' isto o que sua ex.<sup>a</sup> quer ouvir: sua ex.<sup>a</sup> não pagará nunca!

\*  
\*  
\*



ARIANDO, por aqui e por acolá, vejo uma estatistica curiosa, que provoca considerações, como ao Conselheiro Carrilho outras estatisticas. E' o caso que um pachorrento se deu ao trabalho de contar quantos quartos de aluguer em Lisboa se annunciaram durante o primeiro semestre do anno que decorre: 10.642!

Exploradissimo negocio este, como se vê, dos quartos alugados, patenteando um dos mais desoladores aspectos do doentio vegetar lisboeta.

O errantismo d'essas gentes que mudam de habitação duas vezes por anno, baralhadas no estropeamento semestral do vai-vem das mudanças, como colonias tristes de feirantes condemnados ao externo armar e desmanchar, ramifica-se em uma enorme legião de abandonados, de separados da familia, de vagabundos do Destino, que arrastam a incerta vida quotidiana dos que não tem casa sua pelas casas dos outros, a tantos réis por mez: o homem só, a viuva sem filhos, o estudante, a deshonesto, a ignota pessoa decente, pessoa de probidade...

Desdobrado um numero do *Diario de Noticias*, tem-se, alargando da segunda para a terceira pagina, secção de annuncios, o vasto panorama da cidade que esses nomadas povoam—cidade feita de cubiculos sem luz, de alcôvas sem ar, de miseria, immundicie e vicio, em montão, da Baixa á Alta, das sobrelojas ás trapeiras.

Ha quartos a alugar em todos os sitios, por todos os preços, em condições das mais varias. Quartos independentes ou quasi independentes, com porta para a escada ou com porta para o corredor; com, ou sem janella,—janella que abre sobre a rua, ou deita para o saguão; quartos interiores; quartos sim ou não mobilados, com cama para um, para dois *n'um*, ou para dois separados.

Os independentes são preferidos pelos individuos de maus costumes, que fazem o que querem e não dão satisfações. Prestam-se a recintos de escondidos deboches, patuscadas immoraes, grandes brodios particulares. Os Bazilios que pervertem Luizas servem-se d'elles como *paraiços* da sua pouca vergonha. Tôcas reconditas onde amores illicitos se acoitam, é n'elles que o furão policial vai buscar as raparigas fugidas da casa dos paes nos braços raptos dos namorados. Custam caro, portanto.

Os interiores, mais baratos, são sujeitos a condições especiaes que irritam e logo desesperam os locatarios: toque de recolher a horas certas, passagem por outros quartos de cama, passagem pela cosinha, exalações e miasmas de familia, maus cheiros circumvisinhos ..

Quanto detestavel este convívio de gente que se não conhece, a quem um annuncio de jornal relaciona casualmente, de momento, e que, sem mais, entra a compartilhar a mesma vida domestica, em contacto sob o mesmo tecto, ás vezes, na maior parte das vezes, em difficil incompatibilidade de habitos.

Degrada o pouco caso que assim se faz dos penates, um tal «não se me dá» pela boa ordem caseira. Prostitue a semcerimonia que se usa no convite dirigido ao primeiro transeunte, para que suba, entre e se ponha á vontade, a troco de qualquer mediocre interesse ajustado, regateado, ali, á porta, se quer quer, se não quizer, não queira...

\*  
\*  
\*

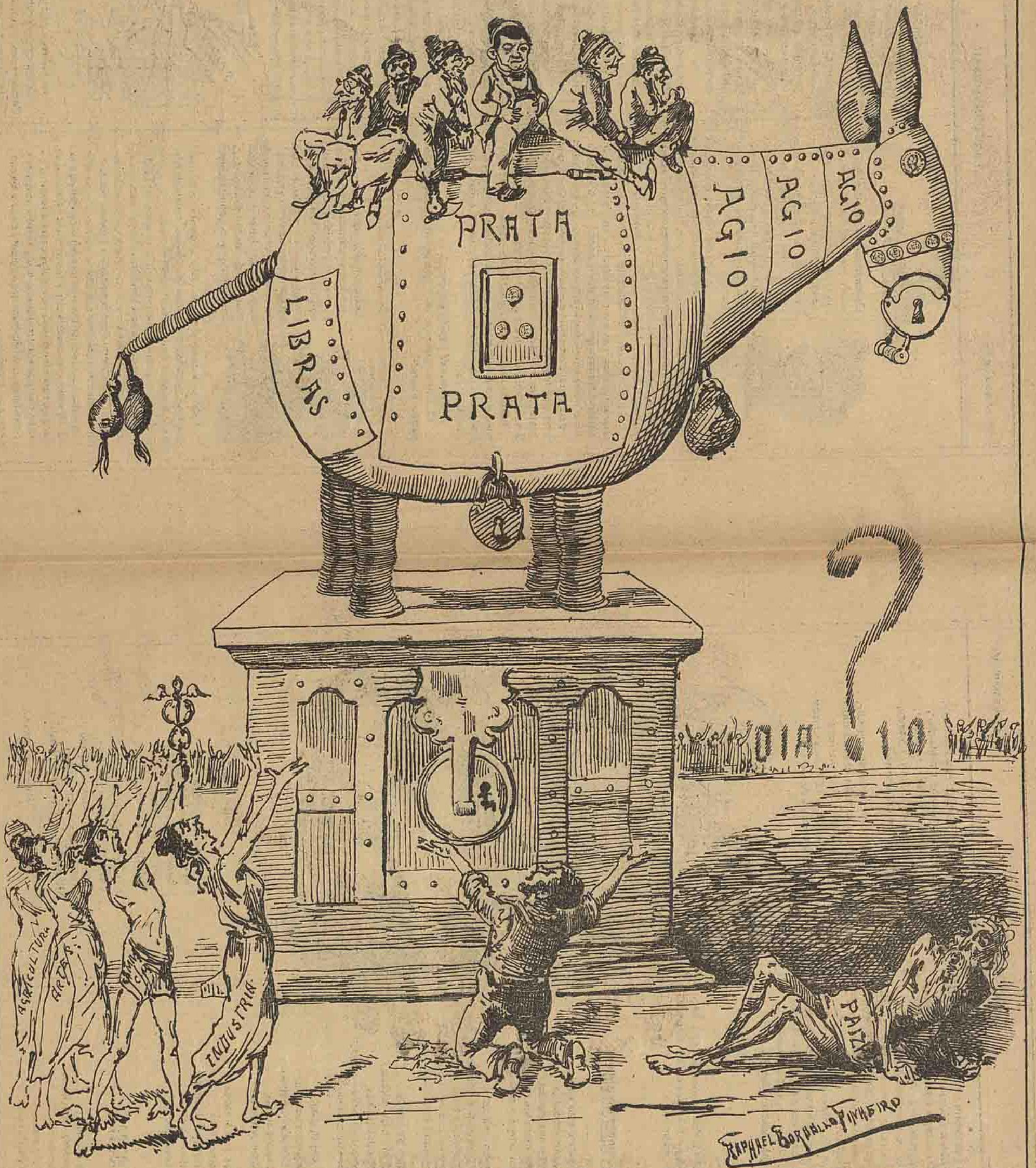


ICARESCOS da semana:

—Ephemeride notavel, d'um dos dias ultimos: «Faz hoje 60 e tantos annos que começou a funcionar a guarda municipal.» Notavel... para as criadas de servir.

—Um estabelecimento denominado *Concurrencia Leal* (ha um outro, no Principe Real, assim: *Aurora e liberdade*!) annuncia que vende, todos os dias, muito refrigerante e saborosa, agua de Caneças aos copos, tendo a amabilidade, diz o *Seculo*, de offerecer caramellos a todos os freguezes que lá vão compra-l'a.

# A monstruosa burra do paiz



A miseria é grande, é enorme; o commercio parado; as industrias moribundas; o paiz agonisante—e os agiotas sem descerem da burra!

—Jantar intimo, a que abanca um grande comilão, de visita, distrahidissimo, e de quem se contam qui pro quos terriveis. Ha creanças na casa, que brincallham á meza, mal comportados, e chiam. Mas serve-se um prato magnifico, com molho de tomates, e o convidado entra por elle como em tentativa de suicidio, a despedir-se d'este mundo. Quando a dona da casa, porque o filho mais novo dêsse motivo á pergunta, interroga o gulotão:

—Gosta de meninos, sr. Borges?

Ao que elle, todo mettido no guisado, desmentindo inconscientemente depravações de Barão de Lavos, que podessem attribuir-lhe, e distrahidissimo:

—Nunca comi, minha senhora! nunca comi!

ALFREDO.

Duvida esta, em que tal noticia me põe: dá o homem caramellos a quem fôr á agua, ou dá o homem a agua a quem fôr aos caramellos?

### Receita contra o calor

No mez de julho, e co'a calma  
Que sem dó nos esbódega,  
Nos arromba e nos espalma,  
Não ha melhor que uma rega  
P'ra consolar corpo e alma!

E n'estes termos, eu acho  
Que, se uma rega, que é femca,  
Nos consola d'alto a baixo,  
Melhor então—sem blasfemea—  
Será o Rego—que é macho...

—Até li, entre as verrinas  
Que vêm n'um jornal burlesco  
Contra a seita das batinas,  
Que o Rego em questão «é fresco»  
P'ra educação de meninas!»

Se, como assim fica dito,  
O citado Rego, em summa,  
E' fresco—e fresco bendito—  
Vamos nós, todos á uma,  
P'ra o tal Rego sobredito.

Posta a coisa n'este estado  
Só falta que frei José  
Conceda ao povo encalmado  
Que todos vamos—olé—  
Ao Rego supracitado...

### OUTRA

Se a gente sua e resua  
Sem que lhe sobre uma brisa,  
Apetece andar na rua,  
Não direi de todo nua,  
Mas em fralda de camisa.

E, p'ra andar d'essa maneira,  
Todo o povo, e a fidalguia,  
Junte-se á porta, em fileira,  
Do Antonio Manel Teixeira,  
Que botou camisaria.

Comprem duzias seis ou sete,  
Que as camisas não são caras;  
E Antonio Manel promette  
Que, quem lá fôr, não se mette  
Em camisas de onze varas...



### Mais outra

Outra receita apropió  
P'ra o calor e falta d'ares:  
Melhor que banhos no rió  
E' ir ouvir o Baillio  
Fallar na cam'ra dos pares.

Desde o gallego ao soldado  
Desde o soldado ao gallego,  
Tudo diz que elle, occupado  
A dar á lingua um bocado  
E' melhor—de que ir ao Rego!

PAN-TARANTULA.

## INTERMEDIO COMICO



Estreou-se ha dois dias, com grandes applausos, no Circo Parlamentar, o clown Mr. Valladas. E tem graça, affectivamente, o ratão. E merito, na verdade: as jonglerias com os tres mestres de cerimoniaes são bem feitas, com muito olho. Muito bom olho!

Mr. Valladas imita com infinita pilheria e bem apanhado, os gestos, as falas, a deslocação de dedos que são pecculares do sr. marquez d'aquelle apellido,—dedos nas melemas, dedos nos orelhas, dedos no nariz...

E o revirar dos olhos, e o revirar das fórmas, tal qual.

—Aí! meninos, que encanto!—cacarejava a velhada da geral—que bem apanhado... Que bem, que bem que elle apanha!



# HOMENS DA SEMANA

LUCIANO CORDEIRO



Com disvellos paternos e carinhos maternas, Luciano Cordeiro lá mudou, da Parreirinha para as Chaasg, a Sociedade de Geographia. «Pae, mãe, e ama da geographica» disse, d'elle um humorista, e assim é. Um pae não quer mais a um filho do que elle á quella instituição; uma mãe não se sacrificaria mais por um fructo do seu ventre, do que elle se tem sacrificado por aquelle fructo do seu grande trabalho; e uma ama por melhor leite que tenha para a creança que a sugue, conseguirá dar ao petiz o alimento que elle tem dado á quella sociedad e —Sociedade a que todos os portuguezes devem muito, a que Portugal deve muitissimo.

Editor Manuel Luiz da Cruz. — Séde da administração, rua do Norte, 39, 1.º

Lithographia de Portugal, Travessa da Arrochella 2

Typographia — Imprensa Minerva — 12 Travessa da Espera, 14

# O PROTECCIONISMO DA FRANÇA

## UM BOM EXEMPLO



—Arranja-te agora como puderes...—é o que a França acaba de dizer ao commercio de vinhos portuguezes. Chorar na cama, que é sitio mórrno. «Cautaste? pois dançaçagora!» Nós não queremos mais o teu Moscatel, nem o teu Torreano, nem o mais summo de tuas uvas. Acabou-se-te a chucha-leira... Adeusinho!



NDA na baila dos jornaes diarios a mania da caricatura, em poucas linhas, de notabilidade<sup>s</sup> contemporaneas.

Deve dar-se o seu a seu dono, a Cesar o que é de Cesar, e ao sr. Luiz d'Araujo a paternidade, ou a maternidade, d'esta mania, pois foi elle quem, na sua prosa vervejada, ou verso prosejado, do *Diario de Noticias*, começou a publicar uma semelhante collecção de bonecos de caixas de phosphoros a que chamou «Personagens da Avenida». Eram os bonecos anonyms, mas com tal exactidão de traço o illustrissimo e popular poeta os dava, que aquillo advinhava-se de longe, e branco era, galinha o punha. D'estes, por exemplo :

«Lá vae este cavalheiro,  
Um bom amigo leal,  
O homem mais servical  
Que tem o paiz inteiro!  
Muito mais alto elle é  
Que as velhas torres da Sé,  
E que o senhor conselheiro  
José Duarte Nazareth!!!  
Rapaz de bello bigode,  
Mais negro que o azeviche,  
Uma péra... boa péral  
Como nem tem um derviche!  
Proporcionado e airoso,  
Muito amavel e bondoso.  
Deputado dedicado.  
Administra um conselho,  
Com interesse té não mais,  
De villa que sendo alegre,  
Por signal acaba em... ais.  
E' perfeito rapsgão,  
Um verdadeiro... pimpão!



Estava-se a ver: o Vasco da Gama, sem tirar, nem pôr. Alguem achou certa ambiguidade n'este kodak e viu n'elle o sr. Jayme Arthur da Costa Pinto, deputado pela Outra Banda e par do reino pela administração do concelho de Cascaes. Sophismando, allegava esse alguem que, afinal, tanto podia ser um, como o outro, por serem ambos *pimpões*.

Foi o arauto Araujo. Atraz d'elle, veio o sequito de parodiadores que é infallivel ás idéas boas. E com elles, eis que se roliça e se rebola, se intromette e se espapaça, Gabriel Claudio, abrindo album de photographias instantaneas, no *Lisbonense*, e apanhando d'isto no aparelho:

«Alto como uma torre, esguio como um cypreste, bcundo como um pecego.

Pavoneia-se, direito e hirtto, como um lord, embaalhado na sua grande sobrecasaca, florida de frescas rosas *Marechal Niel* ou de viçosos cravos.

A politica é o seu grande sonho absorvente, que lhe povoa as noutes de visões de poetas e de espectros de correios a cavallo. Já poz o pé no primeiro degrau: é deputado e foi secretario de um ministro opiado, que presta culto acima de todas as divindades olympicas e sublunares, ao Deus Morphéu.

Ligeiramente conselheiro Acacio, nas tendencias para o decorativo.»

A respeito do qual se hesita: entre o monumento dos Restauradores á entrada da Avenida da Liberdade e o sr. Augusto Ribeiro á sahida do Ministerio da Marinha.



MA folha da manhã, commiseradora e de grande tiragem, publica na primeira pagina:

#### «O drama da miséria

Apontamos á caridade dos nossos leitores, confiados nos bons sentimentos que,—louvado Deus!—ainda por ahí ha, um par de moribundos ligados matrimonialmente, que espicham, por falta de comer, na desgraça de uma agua-furtada, e a quem o *prégo* tem posto em coiro. São duas victimas do theatro portuguez: elle, bem ou mal, fazia centros comicos; ella, conforme podia, interpretava protogonistas. E assim iam vivendo... —vegetando, vegetando, que aquillo viver não era. Porém, n'este final de seculo que só está para as companhias hespanholas de zarzuela, o theatro nacional desfinha e os que d'elle comiam morrem á fome.

Compedeei-vos!

E o nome da rua, e o numero da porta, que aqui se eliminam.



Está n'isto a explicação de uma noticia espalhada agora pelos bastidores da vida scenica, e que é a de alguns actores sem theatro, para quem a sorte e as empresas teem sido adversas, desde Dona Maria ao Rato, não tendo já platêa que os ature, nem caridade de umigo que tome bilhete para um beneficio, se combinaram, se colligaram, para ir representar em Africa... a expensas do governo! Tencionando pedir passagens gratuitas para lá, a titulo de colonos, e despezas pagas depois de lá estarem, em nome da civilisação.

Já a *blague* forja versões varias sobre este caso, e assim se diz que o ministerio do Ultramar tomará muito a serio a proposta questão, prevendo bellissimos resultados patrioticos da civilisação ministrada ao preto, pelo theatro, como pelo systema Froebel; falando-se d'um concurso aberto a auctores dramaticos para peças *ad hoc*, cujo assumpto, deprehendendo-se, será sempre uma manifestação do desenvolvimento social do selvagem d'azeviche arrancado ao sertão e trazido para o convivio da Europa... pelo methodo de João de Deus.

No reportorio figurará—certamente!—o *N'guvo*, do sr. Joaquim Miranda.



ICCARESCOS da semana:

«A ambição de todo o portuguez—dise não sei quem, —é ser empregado publico, e não ir á repartição.» D'aqui os mil e um expedientes inventados por amanuenses e officiaes, afim de se escaparem á obrigação profissional, á massada dos officios, dos *Deus Guarde*, do papel Tojal do Estado...

Este, que agora me chegou aos ouvidos: um amanuense, que habitualmente se limita a assignar o ponto, fôra ameaçado de demissão, se continuasse tal irregularidade no desempenho do seu cargo, e como as desculpas para com o seu chefe, por faltas, não lhe accudissem razoaveis, teve um bello dia esta:

—Queira Vossa excellencia desculpar-me... De todo em todo impossivel sabir de casa hontem: minha mulher teve um parto...

Desculpadissimo! caso de força maior.

Oito dias se passam, e a mesma escusa se repete:

—Minha mulher... um parto...

Podia bem ser, considerou o chefe: talvez phenomeno de algum gemo retardado.

Mas, não decorre um mez, não decorrem quinze dias, nem uma semana, e outra vez o amanuense se chega, se aproxima, dando voltas de atrapalhado ás abas do chapéu fino, e attenuando:

—Minha mulher...

—Outro parto? Pois é possivel? sua mulher tem, por ventura, fecundidade de coelha?

—Minha mulher, senhor chefe... não é bem coelha... minha mulher... é parteira!

ALFREDO.

## De que me serve a bolsa?

Em tempos—de que eu conservo  
Saudade incommensuravel—  
Teve, leitora, o teu servo,  
Alem de ardor, vida e nervo,  
Uma bolsa—formidavel!

Essa bolsa, o meu thesoiro,  
Não era de rêde ou malha;  
Não era de prata ou oiro,  
Era uma bolsa de coiro  
—Ou d'outra coisa que o valha...

Sem ser no genio Harpagão  
Dado a ajuntar pé de meia,  
O grande caso é que então  
A dita bolsa em questão  
Quasi sempre andava cheia!

Co'as *despezas* que eu fazia,  
Duzentas vezes no mez,  
Tão depressa era vasia  
Como de novo se enchia  
— P'ra se vasar outra vez...

E é que chegou a ter fama  
A minha bolsa, na Europa!  
No Cairo, em Malta, na Alfama,  
Fallava d'ella a madama  
D'ella fallava a cachopa!

Só p'ra a ver—as que a não viam—  
Tinham desejos aos molhos;  
Todas que a viam, sorriam,  
Todas, em summa, lhe qu'riam,  
Como ás meninas dos olhos!

Como eu vivia feliz  
Co'a bolsa—no aspecto futil... —  
A má sorte, porém, quiz  
Que, não tendo uma de X,  
Seja a bolsa um traste inutil!

Hoje em dia, no mercado,  
Só *notas* se desembolsa:  
De desgosto arrelampado,  
Sem dinheiro de contado,  
O que heide eu metter na bolsa?...

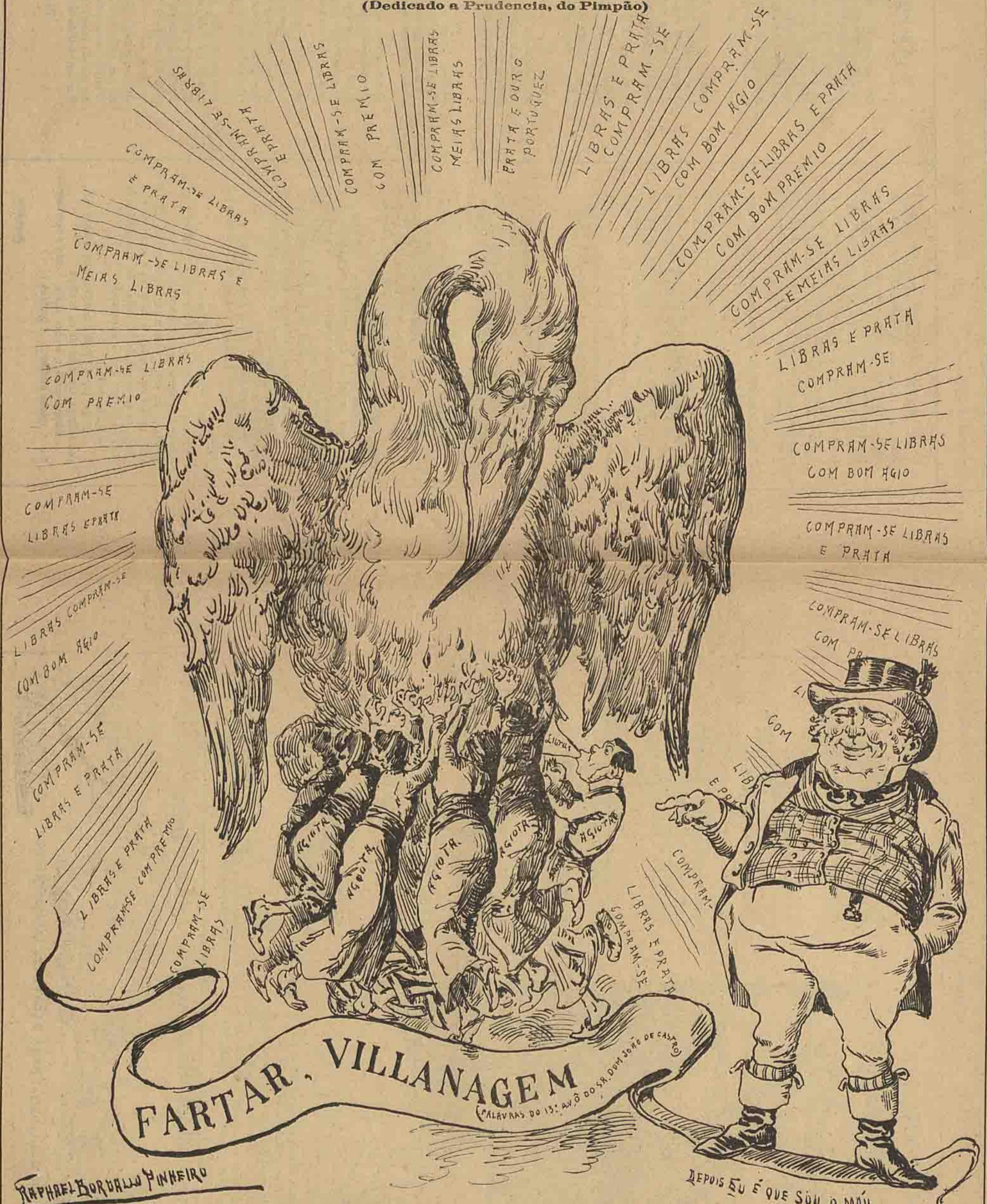
Sem ter de cobre um vintem  
Aquella bolsa de estimar,  
E' tal qual o Pedro Cem,  
Que teve e agora não tem,  
A minha bolsa—ó vendima!  
.....

Mas se no Rego—almas nobres!—  
Ha paz, amor e socego,  
A minha bolsa, sem cobres,  
Ao som de funereos dobres  
Vae ser mettida no Rego...

PAN-TARANTULA.

# INGLEZES LUZITANOS PORTUGAL PELICANO

(Dedicado a Prudencia, do Pimpão)



RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

DEPOIS EU É QUE SÓU O MÁU...

John, John for ever, tem agora uma ponderação, que nos é desfavoravel, mas que, devemos confessal-o, desgraçados que somos, é justa. O patife não perde de vista tudo o que por cá vae, e olhando a gana com que os portuguezes sugam Portugal, sorri-se:—Eu roubo-o, para engrandecer o meu nome de ladrão celebre; elles sugam-o para encherem a barriga propria. All right!

## POR UM OCULO...



Quanto a libras, apenas restam por cá as 200:000 de que accusam o aureo Seixas, do Rocio.

A exportação levou todas as mais que haviamos e uma ou outra a que o premio dos cambistas ainda consegue deitar unha tão alto sóbem e tão ligeiras se evolum, que, agora, vê-as .. só por um oculo!

## FLORES D'ALGIBEIRA (1)

Sterlinas libras que dominam bellas.  
ai! amarellas, de tão linda côr;  
tem atrativos e são convincentes,  
são eloquentes expressões de amor.

\*

A meiga libra sobre nós derrama  
lucida chamma. sem o ardor que mata,  
tel-a no bolso é dos mortaes a gloria,  
pois a victoria com primor retrata.

\*

Que amenidade, se nas algibeiras,  
tinem fagueiras, alentando as fibras,  
se ha céu na terra, se ventura ha n'ella  
na face bella se achará das libras.

\*

Filhas do oiro, bem como o oiro puras  
de mil venturas corretoras bellas,  
se a sorte grande me saisse um dia,  
ai! que folia me não davam ellas!

\*

Se desgraçado pelo amor trahido,  
já tens sentido pela vida o tedio,  
ai! não te mates, comprarás cautellas,  
nas amarellas acharás remedio.

\*

Pobre viuva, em soluçar dorido,  
vendo estendido seu marido morto,  
embora n dôr lhe despedaçe as fibras,  
herdando libras logo tem conforto.

\*

Lá quando a morte resfriar meu coiro,  
cubram-me d'oiro meu gelado cólo,  
na tumba escura já eu seja, embora,  
Saltando fora dançarei um sólo.

(1) A proposito da falta de libras, encontramos, retrospectivamente, estas quadras no *Roberto*, do Barão de Roussado, que dedicamos, com adeviada venia, ao capitalista Seixas, do Rocio.

## OS CENOBITAS — DEDICADO AO "NACIONAL".



RETIRADA DOS DESILLUDIDOS PARA O CONVENTO DA MONTANHA

QUEM ME DERA  
A SUA EDADE.  
ESPINHO DO DIABO



## «OS MEUS AMORES»

Por Trindade Coelho

A livraria portugueza tem tido uma enchente, como raramente lhe succede, na ultima quinzena. Depois do exito do romance de Abel Botelho e do livro de memorias de Luiz Palmeirim, veiu o volume de contos de Trindade Coelho, com a amavel denominação de «Os meus amores.»

Aqui o temos, já todo aberto, já todo lido... E' originalissimo, agradabilissimo o modo de escrever, de descrever, de dizer, de contar, que usa o auctor d'este bello livro,—agradabilissimo contista, escriptor originalissimo, cujo nome a bibliographia regista hoje, tão notavelmente, como o jornalismo de ha muito o registrara.

A quem o ler, garantimos, sob a palavra de honra do nosso gosto, algumas horas muito bem passadas, passeadas por aquellas paizagens e recantos provincianos que elle pinta, tão real e verdadeiramente como se lá se estivesse; em companhia d'aquelles typos que elle retrata, tão photographicos, tão nitidos, que é estar a gente a vel-os, a ouvil-os, a falar-lhes...

—Os meus amores, meus amores, que encanto!

# KODAKS



Entre os Kodaks que o *Jornal do Commercio* dá, dia a dia, veiu agora o nosso, apanhado pelo amigo desconhecido que se assigna Nadar da Bitesga. Reconhecidamente lhe agradecemos as mui graciosas e mui amaveis linhas instantaneas que a nossa figura lhe mereceu.



O *Amphion*, minhas senhoras, o *Amphion*, meus senhores, é o verdadeiro, o unico, o genuino jornal das familias—que têm piano...

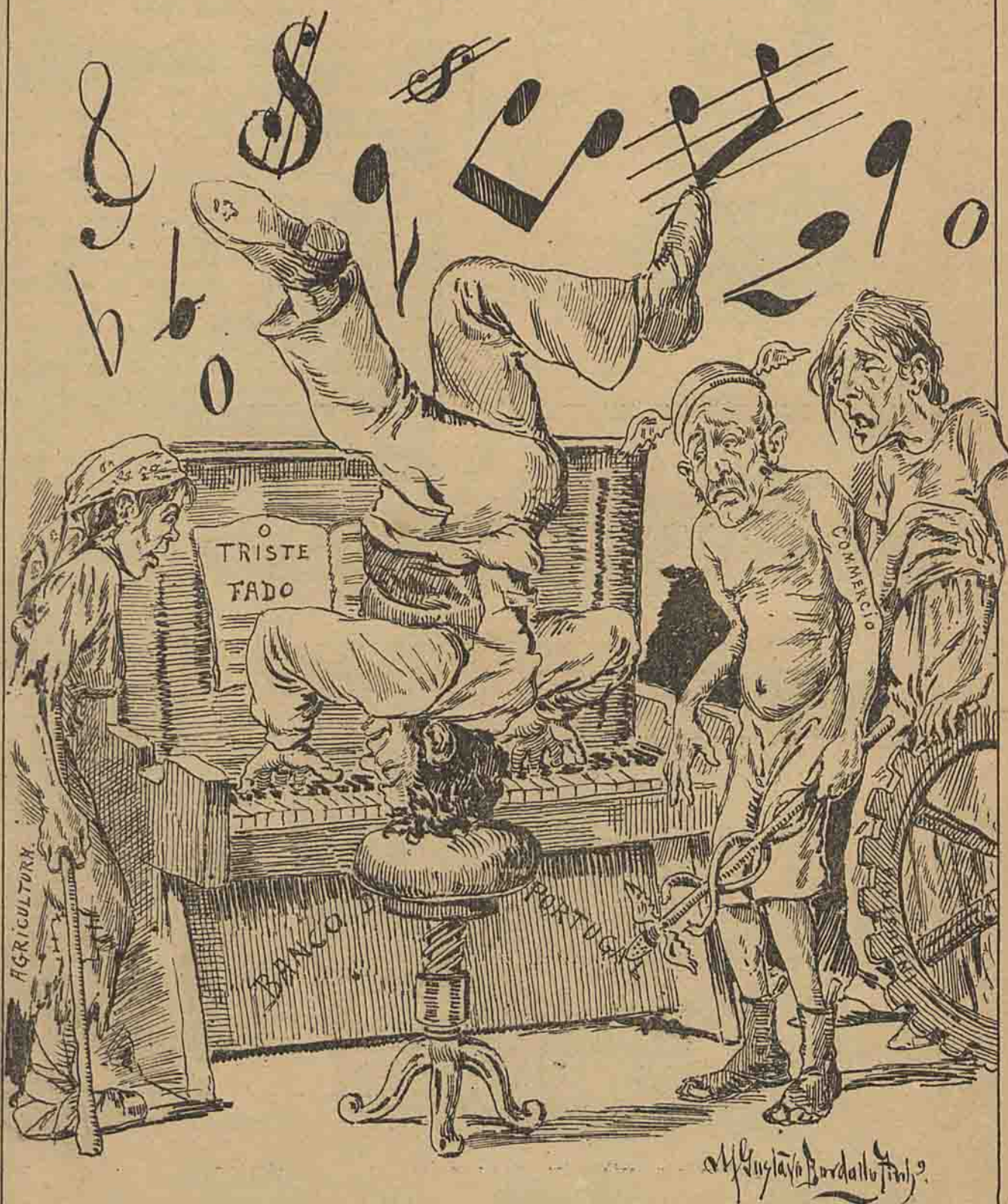
Publicação quinzenal de musica para piano, Neuparth & C.º 97, Rua Nova do Almada, 99.

## INVESTIGAÇÃO

O velho Testamento um facto ommitte  
Para não ser demasiado longo:  
Quando a Hophernes foi tentar Judith,  
Lavou a cara com sabão do Congo!

Saboaria Victor Valssier, Paris.

# Prodigio musical



O phenomeno Zé, apesar da sua posição ligeiramente desequilibrada, lá vae tocando o *Triste Fado*... sem trocar uma só nota.  
Prodigioso !!!

## HOMENS DA SEMANA

D. Amélia Cardia



Figura, no reino das mulheres mais uma clinica, a primeira facultativa portugueza: D. Amélia Cardia, que agora defendeu these na Escola Medica, e se acha habilitada, legalmente, para remediar os que soffrem. Muita clientela—é o que desejamos a V. Ex.<sup>a</sup>, doutora...



ONTA-ME um jornal que, ha tres dias, um individuo chegado da provincia, d'um paradisiaco recanto de provincia onde a falta de trocos não se tem feito sentir e d'onde as libras nunca foram exportadas, entrou n'uma tabacaria da Baixa, para comprar charutos, e saccou da bolsa uma reluzente sterlina para pagar o tabaco.

Emquanto esperava pelo troco, entretinha-se cortando a ponta a um dos charutos, mettendo o entre os labios, accendendo-o, puxando-lhe duas fumacas...

E só depois de todo este trabalhinho feito é que notou que o caixeiro não lhe entregara ainda a demasia, e se occupava, e se preocupava, mirando e remirando a aurea moeda, ora firmando o olho sobre a effigie da velha Rainha, ora voltando-a, e fermando-lhe o nariz no outro lado, a experimentar o olfacto. Depois, atirava-a d'alto sobre o balcão, para lhe ouvir o som, e como ella tinisse muito forte e claro, e muito verdadeira, o rapaz tomava-a outra vez entre os dedos e, de mais alto, outra vez, a atirava.

O comprador, á vista d'aquella duvida em que o outro se mostrava, de ser ou não ser boa a graciosa rodella, quasi se indignou, e se melindrou na sua sensibilidade de honrado provinciano, que vem á capital para ser intrujado, mas nunca para intrujar, — isso não!

—E' boal é boa! Então o sr. não sabe quem sou eu? Olhe que na minha familia ninguem jámais se atreveu a passar moeda falsa!

Mas o caixeiro não queria saber lá d'isso, e continuava a atirar com a libra, que tinha e retinha que fazia gosto.

Gente que passava, e ouvia a sonoridade rara d'aquelle bocadinho de oiro inglez, era attrahida de repellão, e vinha, de largos olhos esbugalhados, de venta no ar, do unhas e dentes aguçados, juntar-se á porta, n'um sobresalto, inquieta, inquietinha por se lançar á libra.

—Ai! que luz!

—Ai! que som!

—Ai! que côr!

—Que luz! que som! que côr!

Desesperado, fulo, fóra de si, ido aos ares, o provinciano esbravejava, esbracejava, esmurraçava:

—E' boal já lhe disse...

Se era boa! Tão boa, tão bonita, tão real e verdadeira, que o Fonseca, se a apanhasse, dava um quartinho de premio. *Dio del oro...*

—Justamente por isso, obtemperou o caixeiro, é que eu não acredito n'ella. Pois se esta libra não fosse falsa...

—Não é! já lhe disse!

...—Perdão... pois se esta libra não fosse falsa, cuidam que este senhor não a teria já vendido?

Este caso, meus senhores, é bem caracteristico da situação a que chegámos. D'aqui se depreheende que em Portugal não ha hoje uma sterlina que não seja falsa, porque ninguem houve que não vendesse aos cambistas todas as boas que havia.

Excepção feita, e honrosa, para o sr. Seixas, o Rotschild do Rocio, que não se desfaz das suas duzentas mil...

—A não ser que lh'as paguem muito bem!

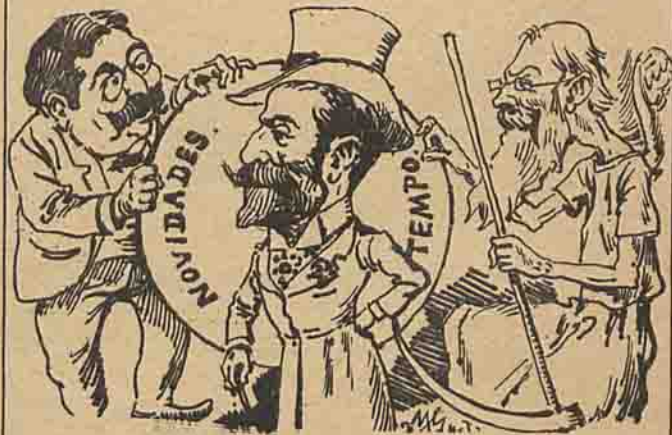
—Lá isso...



ANDA aferrada a mania dos *kodaks*. Um photographo amator remette-me este, anonymo:

«De casaca e brilhantes abotoando o peitinho. Chronista da vida elegante, noticia o jantar diplomatico a que foi, a partida d'um banqueiro que acompanhou á gare, a recita de S. Carlos com a *Mala Pasqua*

Suas Magestades e bailados. No dia seguinte, *picnic* em Cintra, *rendez-vous* no concerto de Collaço, *raout* intimo em casa do ministro; para o outro dia, recepção no Paço, um casamento nobre, beneficio de creches. Gira n'uma roda viva de convites para festas de alta roda. E a nenbuma de exime...: «Entre os convidados, vimos as sr.<sup>as</sup>... e os sr.<sup>s</sup>...» terminando sempre por se ter visto entre os outros.



Deve ao apuro do vestuario e do trato as innmeras sympathias que gosa e a alta afinação a que chegou pelo diapasão do Bom Tom. As mulheres adoraram-o:—Adoravel homem!—e é de ver como se imana á preferencia d'ellas, sobre maridos e sobre namorados, incompativel no gosto da gravata, no es-

guião da Bretanha de collarinho e punhos, na seda da Escocia que calça em meias, na lã dos carneiros de Cheviot que veste, no *Gran Mogol* que traz em anel. Inegualavel na escolha de conversa, no corte bicudo da barbicha, na lapidação das unhas, na densidade antiga de espinhela e braços...

Todos se admiram de que elle ainda não tenha sido condecorado e nomeado diplomata. Eu, se fosse o ministro que o convida a que vá jantar lá a casa, intitularia-o, pregava-lhe o crachá de Christo e punha-o secretario de legação, ou sobre a meza da sala.



\* \* \*

**ICARESCOS da semana:**

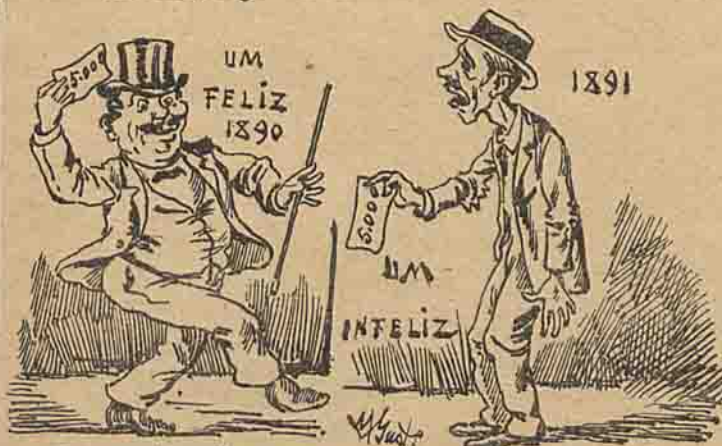
Informam-me de que o *Almanack das Senhoras* para o proximo anno de 92, se Deus quizer, vem animadissimo. Bellos retratos, bellas prosas, bellas poesias. Além de muitos conselhos uteis, tabellas de trens de praça, cnaradas, enigmas, logogriphos...

Mas uma coisa me surprehende, ao que me dizem: entre os collaboradores, figura o sr. Alfredo Gallis, de pseudonymo *Rabelais*, que é, essencialmente, distincto litterato... só para homens.

—Curioso annuncio de criada que se offerece, com longa pratica, e dando as melhores abonações:... «E, sobretudo, muito fiel, ha tres annos que está com o mesmo *municipal*»

ALFREDO.

## MUDANÇA DE TEMPO



Um possuidor d'uma nota de 5.000 réis em 1890.

Um possuidor d'uma nota de 5.000 réis em 1891.

### IMPOSSIVEL !

Ha flores sem perfume, ha peitos sem amor,  
Auroras ha sem sol, ha noites sem luar,  
Cometas ha sem cauda, estrellas sem fulgôr...  
Mas sem *sabão do Congo* é que não ha *boudoir* !

Saboaria Victor Vaissier, Paris.

## NO BALÃO

N'algun tempo, ir de balão  
Era caso—e bem distincto!—  
Tinha guizo e tinha cão,  
Ninguem tal fazia, não,  
Como o fez Gouveia Pinto.

Hoje, é coisa ao proprio alcance  
Do mais simples lagalhé:  
Não ha quem não se abalance  
A passar o dito lance  
No balão do tal Julhés!

Sempre que anda annuciado  
Que elle vae subir ligeiro,  
Vem no annuncio relatado  
Que «será acompanhado  
D'um distincto cavalheiro.»

Muita dama se desgosta  
Co'este caso—e razão acho—  
E até ha quem faça aposta  
Em como o Julhés só gosta  
De subir, levando um macho!

E' talvez, pois, por disfarce  
Que á má lingua ponha diques,  
Que, domingo, ao elevar-se,  
Fará elle acompanhar-se  
D'uma dama—toda triques.

—Ai! se o balão se aproxima  
«Das brancas nuvens d'alem,  
«Que estranho (diz minha prima)  
«O tal Julhés la por cima.  
«E ella por cima tambem!

«Passando as nuvens então,  
«As nuvens brancas de prata,  
«Que soberba occasião  
«P'ra provar, do pé p'ra a mão,  
«Um beijo... nephelibata!

«E, passando o expesso veu  
«Das nuvens, n'um rasgo afoito,  
«Que prazer, calculo eu,  
«Subir ao setimo ceu  
«... Se os taes ceus não forem qito...

«E emfim, já soffrendo enfartes  
«D'ir a subir de gangão,  
«Abrir a valvula, em partes,  
«Mostrando ao Julhés ter  
«P'ra lhe abaixar—o balão...

PAN-TARANTULA

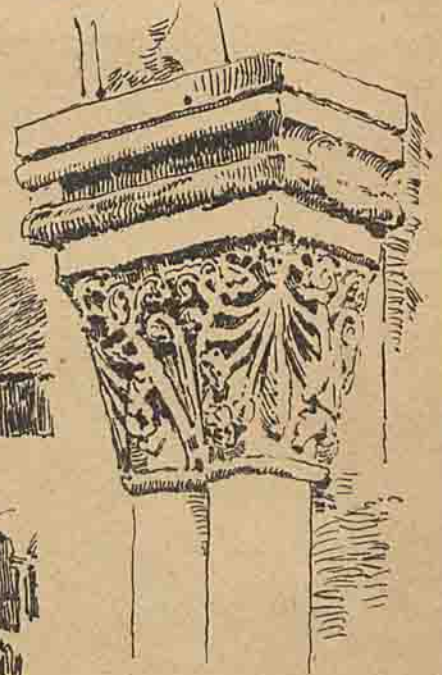
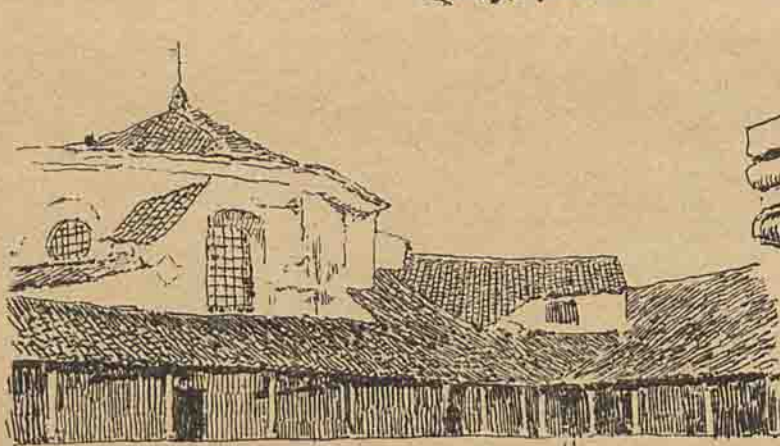
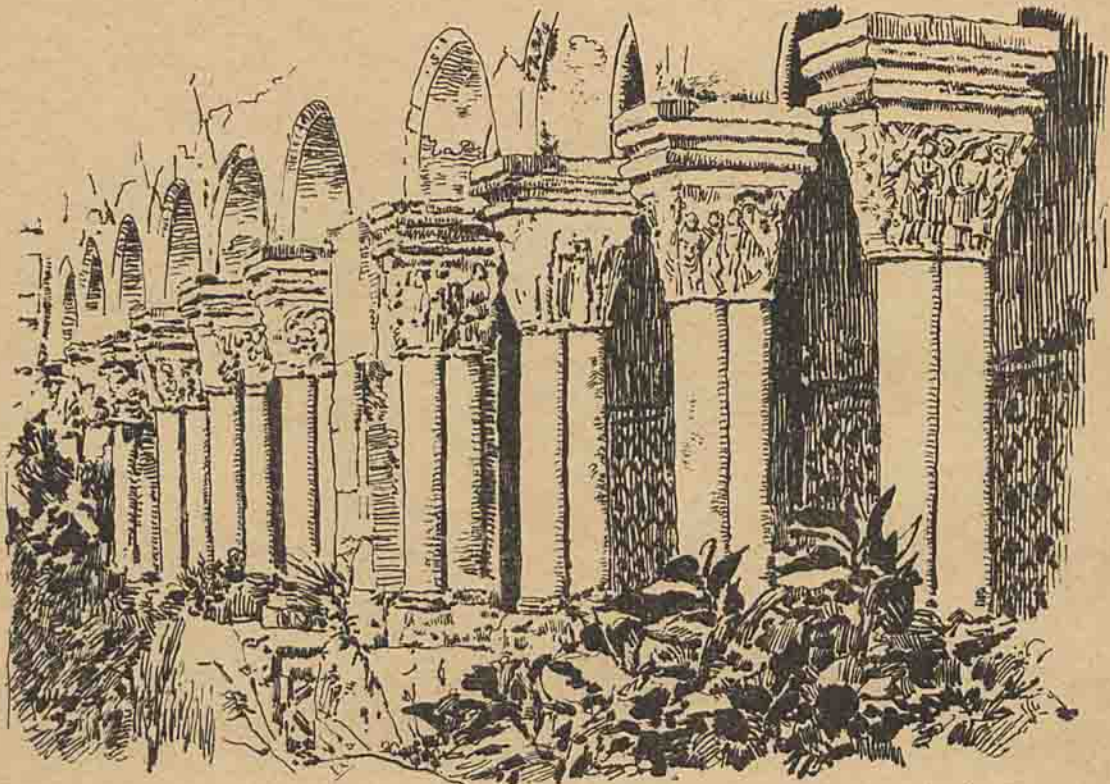


# OS PASTORES DAS VACCAS MAGRAS



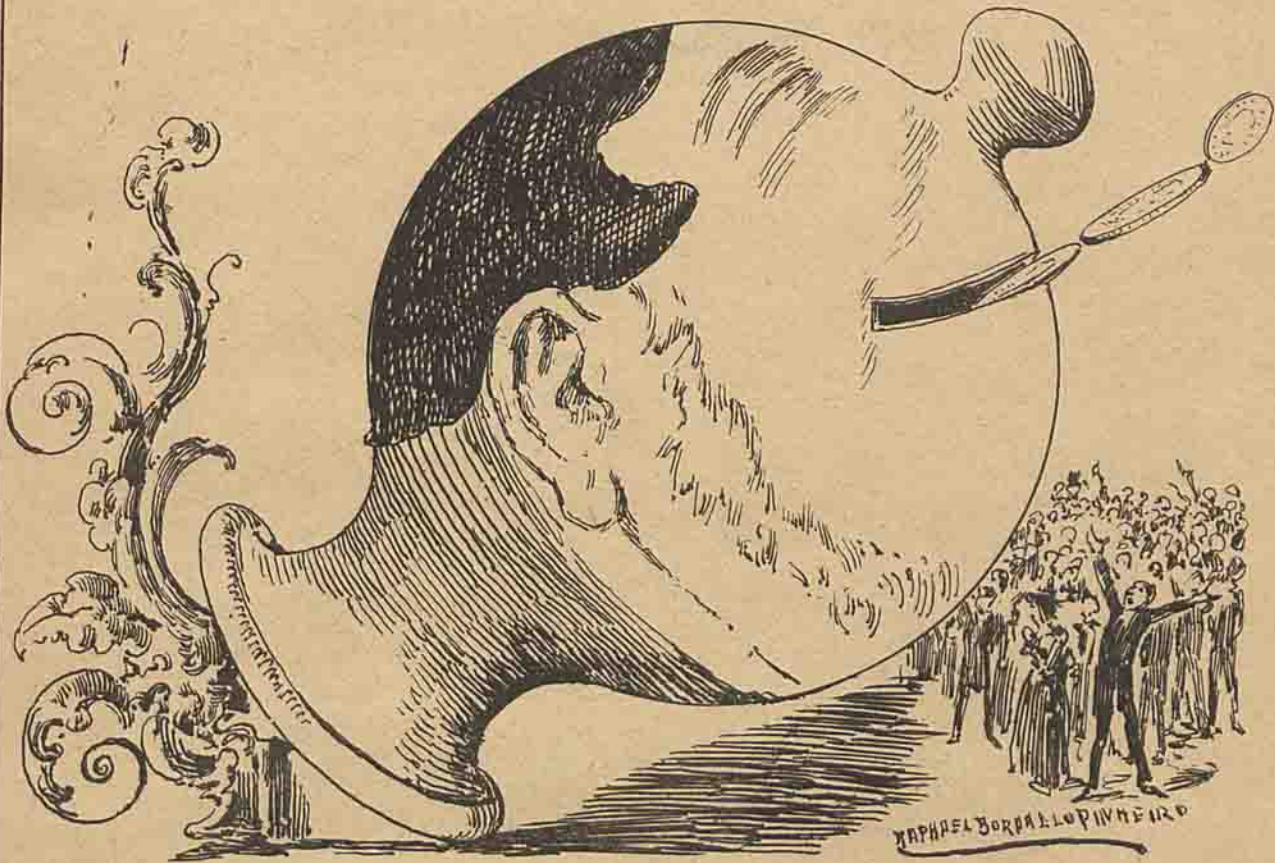
— Vocês sem pasto, e nós sem trocos... Comam-se umas ás outras, como os grillos, que o mesmo faremos nós, quando fôr preciso. Falta de verde e falta de cobres, que é um louvar a Deus...

## O CLAUSTRO DE CELLAS



Aqui temos boa ocasião, illustres directores das Bellas Artes, para os senhores provarem que tem alguma utilidade nacional o seu ministerio. Trata-se do claustro do mosteiro de Celas, em Coimbra, que esteve para ser posto em hasta publica (!) do que se livrou, graças aos clamores da imprensa, que apregoaram tal barbaridade, conseguindo evital'a. Agora, a Arte Portugueza pede a conservação d'esse bello monumento, que deve ser transportado, tal e qual, para a Escola Brotero, na cidade do Mondego.

### SYMBOLO AUGUSTO DO PATRIOTISMO INDIGENA



Quando o grande migalheiro se rachar, se partir, para onde correrá a massa ?

### NOVISSIMA INVENÇÃO

**Luvas vingativas**

*Para cumprimentar agiotas.*



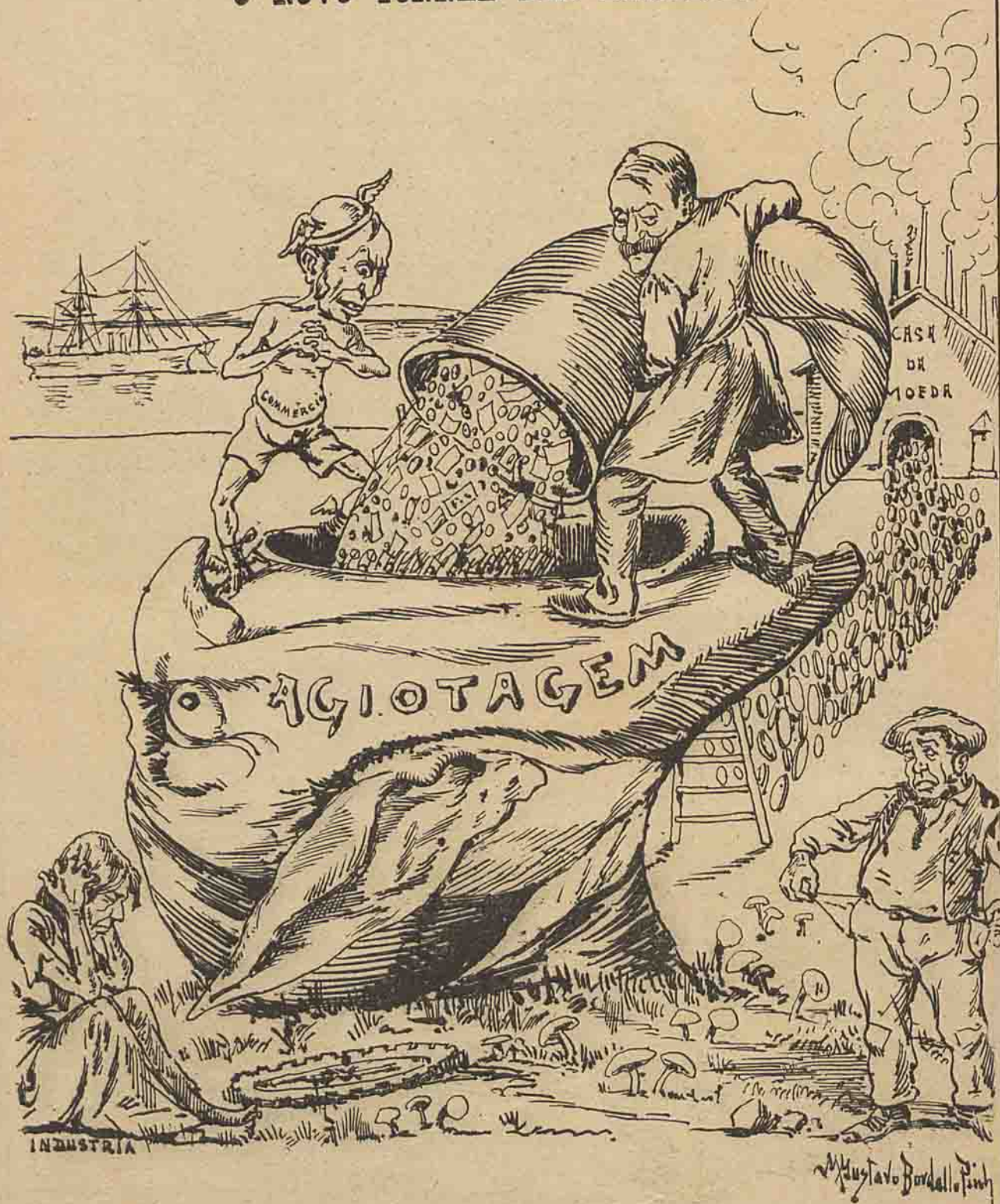
(A' venda, dizem-nos, nos Grandes Armazens do Grandella).

Modo de as usar:  
Calça-se a luva na mão direita, e quando o *nosso amigo* se chega a interessar-se pela nossa *bizarria*,

estende-se-lh'a, com grande affecto, e aperta-se com força—mas força! — a d'elle:

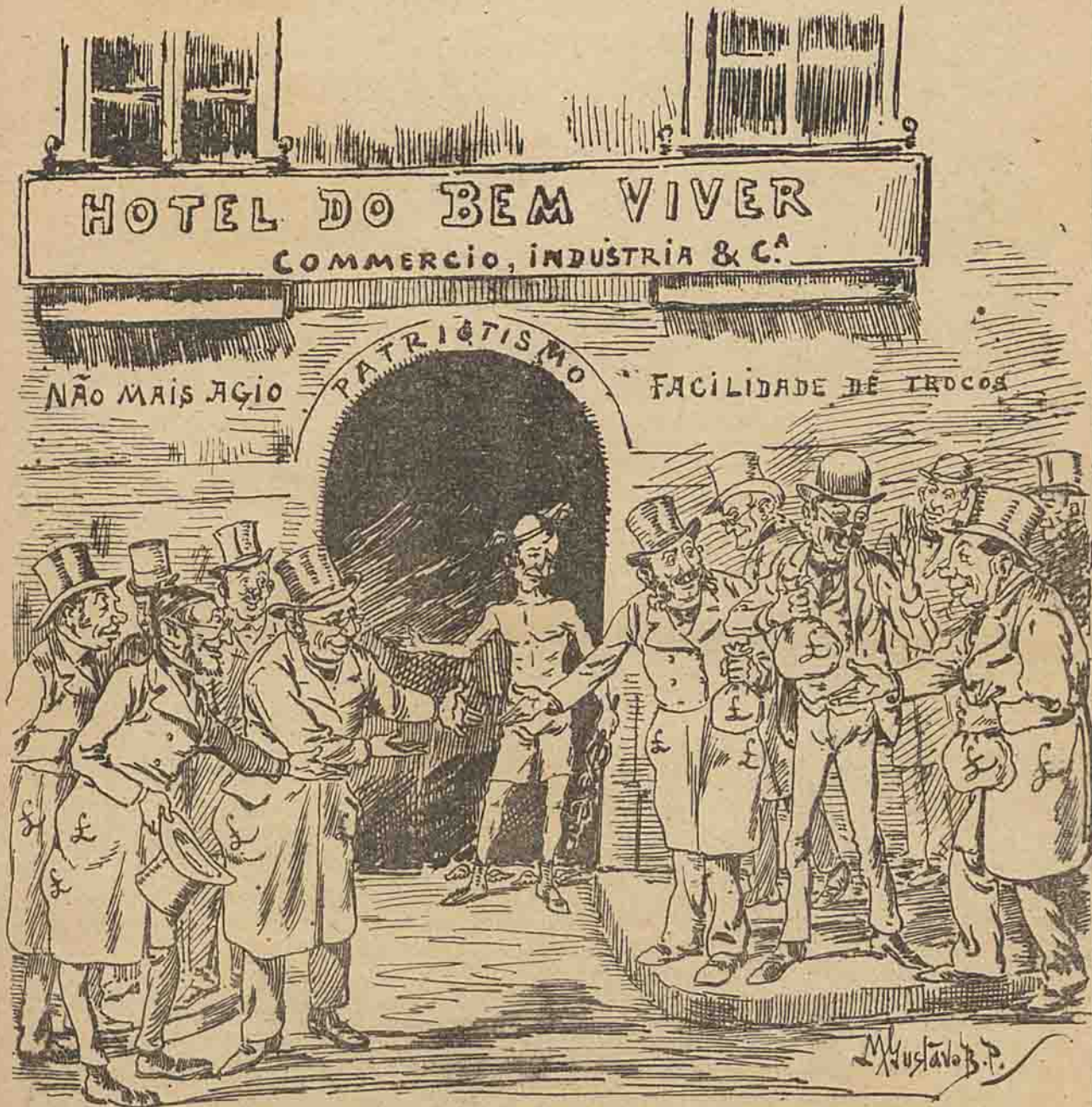
—«Que tal, o *negociosinho?*»

## O NOVO TONNEL DAS DANAÍDES



São um poço sem fundo as guellas da agiotagem, a esconder toda a prata que o governo, o Banco de Portugal, e a Casa da Moeda, lhes lançam, sem conseguirem enche'l'o.

## AGIOTICAS CERIMONIAS



O *Commercio*:—Então, meus senhores... Façam favor de entrar... Não estejam com essas coisas...

1.º *agiota*:—Entre o cavalheiro...

2.º *agiota*:—Não senhor... Vã o amigo entrando...

3.º *agiota*:—Ora essa! Essas cerimoniaes não são para nós... entrem...

Todos os *agiotas*:—*Après vous, cavalheiros, après vous...*

E como nenhum quer ser o primeiro a entrar, nenhum entra..

E a hospedaria ás moscas!



caso do convento das Trinas é o caso mais curioso da semana. Pelos jornaes diários, já os senhores sabem do que se trata. Houve suspeitas de que fôra commettido um crime dentro d'quelle convento, onde estão installadas as Irmãs Hospitalarias Portuguezas.

Ora, não será do crime que eu fallarei, mas de certas revelações muito deveras interessantes, que agora se fizeram aos olhos profanos dos que andam cá por fóra, relativamente aos costumes religiosos das que vivem lá por dentro:

Vê-se que aquellas creaturinhas de aspecto sympathico, que passam pelas ruas da cidade aos pares, como patrulhas da guarda municipal celeste, muito



acceiadas em suas vestes e parecendo aceiadissimas em suas consciencias, levando tão branca a alma como a touca, e contando no cadastro da irmandade, tantas boas acções como de contas no seu rosario—que aquellas creaturinhas, com fachada de ermida, teem portas secretas, e dando-se ares seraphicos de não quererem nada com este mundo, dão-se á má vida dos antigos conventos, sem dispensarem communicações de sachristia, e regalias de claustro a horas mortas ..

O *Seculo* tem publicado depoimentos de testemunhas oculares, que provam larga parte da verdade que se vae abrindo agora á vigilancia da policia, chamando a attenção do conselho de hygiene e dos poderes ecclesiasticos para esses covis de educação religiosa, onde se submettem creanças infelizes a regimens austeros de fanatismo e de caldeiradas de feijão.

Averigua-se que quando essas tristes sahem de lá, trazem monomanias freiraticas e dispepsias tremendas. Conta-se até que, d'uma vez, indo o Patriarcha visitar o mesmo recolhimento onde se deu o caso, a proposito do qual venho fallando, combinaram as educandas apresentar-lhe um protesto contra as feijoadas frequentes que a comunidade lhes punha no prato. Sua Eminencia apparecera-lhes sobre o jantar, á hora das rezas de graças a Deus. Não podia chegar mais a tempo. Veiu a irmã Colleta, participar-lhes a chegada do mestre Cardeal, e lembrar-lhes que se portassem bem. Logo ellas, mal a outra voltou as costas, se prepararam, e quando Frei José entrou, lhes sorriu, e quiz saber de sua justiça, todas, á uma, abriram valvulas ás tympanites, em surdina, e baixaram os olhos resignadamente, sem responder. Ao mesmo tempo que subia, e davam signal na pictuaria do Patriarcha, olores de legumes em digestão difficil...



—Mas... ia para dizer Sua Eminencia, dilatando a venta e aspirando forte... mas, minhas filhas, que mau cheiro é este?...

Ao que as rapariguitas, alargando-se mais, lhe respondiam:

—Somos nós, Reverendissimo... somos nós... E' para que saiba! Cheira-lhe mal, cheira? Pois mande á irmã Collecta que nos não dê feijão tantas vezes a miudo...

Foi n'este momento, então, que Frei José teve aquella ponderação, de pollegar espetado apontando, que os jornaes reproduziram:



—E' assim que ellas vão esticando o pernil! E' para que saibam! E' assim...



Associação Commercial dos Logistas de Lisboa reuniu-se em assembléa geral, n'uma das ultimas noites, para tomar resoluções perante a crise dos trocos, que continua. Falaram muitos commerciantes que Lisboa bem conhece pela peor ou melhor qualidade dos seus secos e molhados, e sua mais ou menos modicidade de preços.

Alvitres muito aproveitaveis apresentaram uns, brilhantes discursos exposeram outros. Falou-se energicamente contra a agiotagem e verberou-se o governo porque não se oppoz ainda a essa terrivel especulação.

Contam me que um dos oradores, desviando-se bastante do assumpto predominante, chamou a atenção para as suas convicções, referiu-se aos seus ideias politicos, deu por paus e por pedras, foi aos ares, e no auge do enthusiasmo que fervia no auditorio, bravo, palmas, apoiado! muito bem! muito bem! accentuava:

—Meus senhores! O homem que n'este momento vos fala, foi sempre,—podem testemunhal-o todos os que o conhecem de perto—um caracter firme e incorruptivel. Foi sempre fiel aos puros principios de 89...

—Por cento! fulminou, em aparte, um dos taes que muito de perto o conheciam.



ICARESCOS da semana:

GRANDE reboliço n'uma travessa do Bairro Alto, gritos de socorro, oh! da guarda! toda a vizinhança em sobresalto. O que é, o que não é, o que foi que seria?...

Averigua-se o seguinte: um sargento d'artilheria que ha tres annos partira para Africa, deixando cá a mulher e dois

filhos, encontra, ao voltar inesperadamente, um filho a mais.

D'aqui, o borborinho, porque ia dando cabo da perfida, com o cabo de uma vassoura. Accodem-lhe vizinhos da escada, e um d'elles, experimentado em coisas d'este mundo, trata de apaziguar o sargento trahido:

—Homem! não seja desagradecido á Providencia... Você, se tem coração de bom pae, deve antes querer um filho a mais, do que um a menos... Não bata mais na mulher, homem!

ALFREDO

### NEC PLUS ULTRA

Mas que finissima essencia!  
Que fragancia delicada!  
Que perfume uza vocencia?  
Sabão do Congo e mais nada!

Saboaria Victor Vaissier, Paris.

## OS CONVENTOS

Quem quizer, p'ra seu socego,  
Descartar-se de meninas,  
A' sã moral tendo apego,  
Ou vá mettel-as no Rego,  
Ou no convento das Trinas.

Em casa, o que é que as espera?  
Longas noites de vigilia,  
O trabalho, que macera,  
E uma vida, pouco austera,  
Co'os malandros da familia!

Quem no convento as não ponha,  
C'oa a graça de Deus—amen!—  
Vêl-as-ha gannando ronha,  
Chegar—que pouca vergonha!—  
A gostar da propria mãe!!!

E, menina que uma vez  
A ser de Deus se dispoz,  
Aprende, em menos d'um mez,  
A mandar a mãe—que a fez,  
P'ra a grande pata—que a poz!

Bebem-se alli—aos almudes—  
Virtudes, n'aquelle centro;  
E em castas beatitudes  
Fica um poço de virtudes  
Cada menina—por dentro...

Menina que alli se entrega,  
Do mundo furtando-a ao p'rico,  
Póde contar, p'ra a socega,  
Que apanha sempre uma rega  
De virtudes—que eu nem digo...

Vive debaixo dos tectos  
Da mais pura e sã moral:  
Debaixo—em varios aspectos—  
Debaixo de almos affectos,  
Debaixo *et coetera* e tal...

Debaixo do serio estudo  
Que ensina as religiões,  
Debaixo d'um santo escudo,  
Debaixo, em tudo e por tudo,  
De frei Zé dos Quracões!...

Se dos santos passatemplos  
Viver debaixo lastima,  
Não surgindo contratemplos,  
Poderá, co'andar dos tempos,  
Passar a viver por cima...

E, se um mau desejo a impelle  
A deixar tão santo amparo,  
Ou lhe dão cabo da pelle,  
Ou tem de ir enferma, imbelle,  
Dar um passeio até Faro...

PAN-TARANTULA

# A agiotagem e a crise



Foi o agiota que fez a crise?



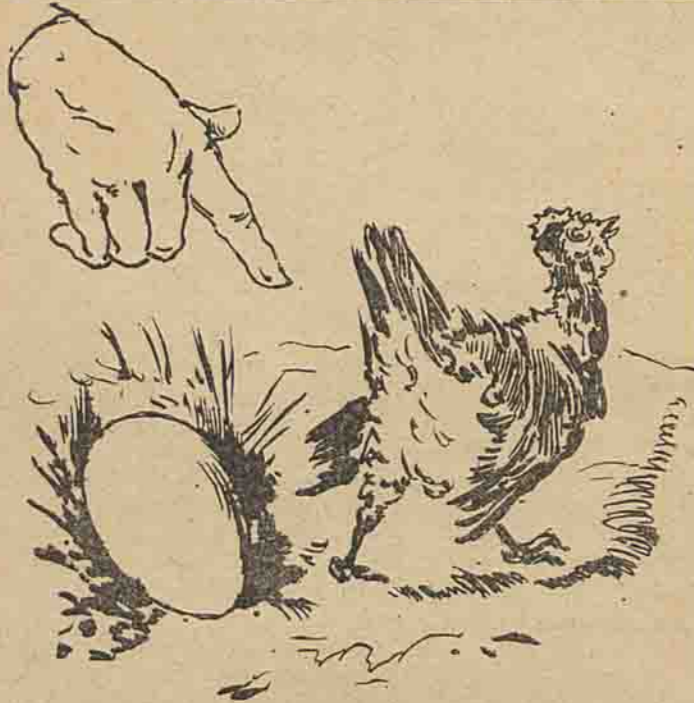
ou foi a crise que fez o agiota?



Porque se não houvesse crise, não existia o agiota



e se não houvesse o agiota não existia a crise.



E' o caso do ovo e da gallinha: foi o ovo que veio primeiro? ou a gallinha?



Se foi o ovo, que gallinha o pôz?



Se foi a gallinha de que ovo sabiu?



Afinal, o que nasceu primeiro?



## TALENTO BUROCRATICO

Não resistimos á tentação de transcrever da «Revista Illustrada», para aqui, esta exacta caricatura de um typo tão nacional, tão nosso conhecido.

Que o querido collega nos perdoe esta unhada no alheio mas o alheio, n'este caso é irresistivel á unhada.



«Palavra que o Eusebio é um rapaz astuto:  
Não é um imbecil, como ha alguém que pense.  
Tinha um ar de quem anda em busca do absoluto  
E andava era a scismar na manga de amanuense.

Mal vagou o logar foram dez cães a um osso,  
E elle é que o abocou. Ora o commendador  
(O tal que usa um grilhão pendente do pescoço)  
Influiu: mas o Eusebio ainda operou melhor.



Foi aberto concurso, a bem da velha pratica,  
E o Eusebio (por si—sem ter quem o guiasse)  
Fez no requerimento onze erros de grammatica,  
Sete de ortographia e quatro de syntaxe.

Assim li n'um jornal. Os outros concorrentes,  
Sem um erro sequer, estavam muito abaixo.  
O Eusebio apresentou asneiras convenientes  
E foi elle, bem visto, o que alcançou despacho.

Eil-o, pois, amanuense. Agora vae casar-se.  
Comprou já chapéu alto e um valioso anel.  
O pae gaba-o e diz:—«E' pena não formar-se!...  
Fazia-se d'ali um rico bacharel.»

E' um moço prendado e é justo o seu alarde.  
E então (elle é que o diz) não tem sequer um vicio...  
Não ha quem puxe um D como elle no Deus guarde,  
Nem tambem quem faça mais erros n'um officio.

Em contas nem falar: é mesmo prodigioso!  
Não conheço ninguem mais forte na taboada;  
Aquillo é segurinho, exacto, escrupuloso...  
—«Tres vezes tres são seis. Dez, nove fora, nada»

Em summa, é um zeloso. um optimo empregado  
Foi acertada a escolha; e só me desconsola  
Que elle não possa ser mais bem utilizado.  
Que penal uma aptidão que dava um mestre escola.

GARCIA MONTEIRO

## UMA BOA PARTIDA





2.



3.



4.

**Quem rouba a labrão  
Tem cem annos de perdão**

(Extrahido do «Fliegende Blätter»)

## ROLHA NAS MADRES



—Caluda! ordenou Sua Eminencia ás superiores dos conventos. Aqui não se dão satisfações... senão policia! Nada de palavras: só obras...

Madres, calluda! á menor indiscripção, mais rolha... Rolha por cima, rolha por baixo.

## HOMENS DA SEMANA

PEDROZO DE LIMA



E' o mais *faro* de todos os commissarios, e o mais ladino de todos os policias. Possui o apito mais estridulo de todos os apitos, e o gatazio mais valente de todos os gatazios. Tem uma cabeça de motim e pesadelos constantes de revolta. Monarchico ferrenho, mas paradoxal, o seu maior prazer politico é vêr em perigo as instituições, para as salvar.

Enquanto não metter toda a gente em S. Julião não descansará, e toda a sua pena é, não ser elle proprio a Torre, para engulir todos.

# CONCHA MARTINEZ



*Concha Martinez*

*El qui quiera probar cosa buena... vá ao Real Coliseo, ver, ouvir, cheirar... (param aqui os sentidos!) a admiravel, extraordinaria, de primeirissima ordem primeira tiple D. Concha Martinez, a mais applaudivel de todas as tiples que a Hespanha tem gerado e que empresas nossas cá tem trazido.*

*E porque nos é prohibido o contrario, assim fazemos: muitos beijos em Santos Junior que a trouxe, e mil gracias a ella, porque se deixou trazer.*

## O gaz

Ninguem já falla das Trinas,  
Nem dos trocos caso faz:  
Velhos, moços e meninas,  
Tudo, em raivas leoninas,  
Vocifera contra o gaz!

Ninguem pensa na Inglaterra  
Nem nas faltas de dinheiro:  
A' questão do gaz se aferra  
Toda a gente cá da terra  
E do gaz não quer—nem cheiro!

A propria brisa que passa,  
N'um canto divino, eoleo,  
Junto aos vidros da vidraça  
Canta assim:—Gaz de má raça!  
Morra o gaz! Viva o petroleo!

Ouvi contar no Rocio  
—E acredito não ser peta—  
Que a *Gazeta do chefe*  
Vae dar prova de alto brio  
Tirando o *gaz*—da *Gazeta*.

Passa, assim, d'um tit'lo gebo,  
Ao tit'lo mais or'ginal:  
Pois, trocando o *gaz* por *cebo*,  
Ficará—ao que eu concebo—  
*Ceboeta de Portugal!*...

O governo não se poupa  
A protestar assidado,  
E quer que o rancho da tropa,  
Em vez de feijão, na sopa,  
Seja carneiro guisado.

Este processo ligeiro  
Resolve a magna questão:  
O soldado, o corneteiro,  
Terão *cêbo*—de carneiro  
Em vez de *gaz*—do feijão...

Senhoras d'alto respeito  
—Tal como a D. Cecilia—  
Que usavam *gazes* no peito  
—Lindo adorno, com effeito  
P'ra os salcifrés em familia,

Nunca mais fazendo as pazes  
Co'o tal *gaz*—coisa mofinal—  
Quando valsam co'os rapazes,  
No peito, em lugar de *gazes*,  
Mostram côtos—de stearinal!...

PAN-TARANTULA.

### Hamlet (monologo)

Ser ou não ser! eis o problema ingente  
No qual debalde o meu scismar prolongol  
Ser ou não ser... possivel que se invente  
Sabão melhor do que o *sabão do Congo!*

Saboaria VictorVaisler, Paris.

## (Historia simples d'uma noite composta)



Eu sou Bento.

O meu patrão é Alonso Gonsalves, meu tio, e terceiro.

E tança tem sido a minha vida pelo respeito que lhe devo e pela illustração que tenho. E assim, ha annos, que amargas hesitações me fazem balouçar entre o preço dos assucares e o valor do Rocambo-le.

Eis que porém o caso do gas estardalhaçou brus-camente na minha rude vida.

O patrão ia fechar ao tiro do sol posto. Assim o declarou ao Roque, regedor. E eu vi-me nitida-mente entre a minha arca de pinho e a enxerga do meu catre, a uma luz placida d'azeite, subtilmente escamoteado ao patrão, relendo o Carlos Magno, es-tudando o Manual; ou então, em gaudío grande, a rabona nova envergada iria rua fóra até ao Tejo en-cher os pulmões d'ar e de poeira.

Indiscutível é tambem que todos os freguezes me conhecem como homem de saber. Inda ha pouco o Cardoso, barbeiro aqui do lado, me veiu entre duas barbas, consultar velhacamente sobre um caso devé-ras intrincado: *qual era... por favor... o preço das ba...ba (elle é gago) o preço das batatas, e que lhe dizia eu do caso de Cron... cron..., do caso de Cronstradt?* Eu ouvi, sacudi as moscas da balança,

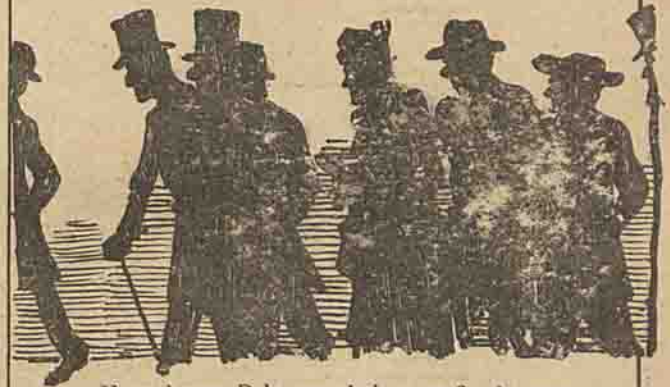


e escorreguei lentamente a minha opinião: *a dois e cinco a nova, e o resto era politica.* E esta minha resposta tão profunda produziu um enthusiasmo grande do Cardoso que levou as batatas sem pagar.

De manhã mais uma vez o Roque veio saber á oja se sempre se fechava. O patrão poltava furiosa-mente os dentes, muito á fresca no seu casaco de brim:

—Pois então... seu Roque... contra patife, pa-tife e meio... Em 73 (o patrão falla sempre em 73) o tio do meu cunhado que tinha ido á Allemanha viu lá muito papel, *soberbava-os tãmen uma crise com'a esta, mas fosse lá alguém explorar assim o commer-cio... que eu já estou republicano á força das cir-cumstancias... republicano em idéas, você percebe seu Roque, eu não quero o socialismo, esse absolutismo d'entre elles, que lhe anda está bem visto, na massa do sangue... você não ouve, ó Bento, de chouriço a essa menina... sim!... eu não quero nem o de cima p'ra baixo, nem o debaixo p'ra cima... mas tenho muito medo, seu Roque, muito medo, do debaixo p'ra cima.*

.....  
E eram sete horas e dez quando o patrão mandou pôr os taipaes.



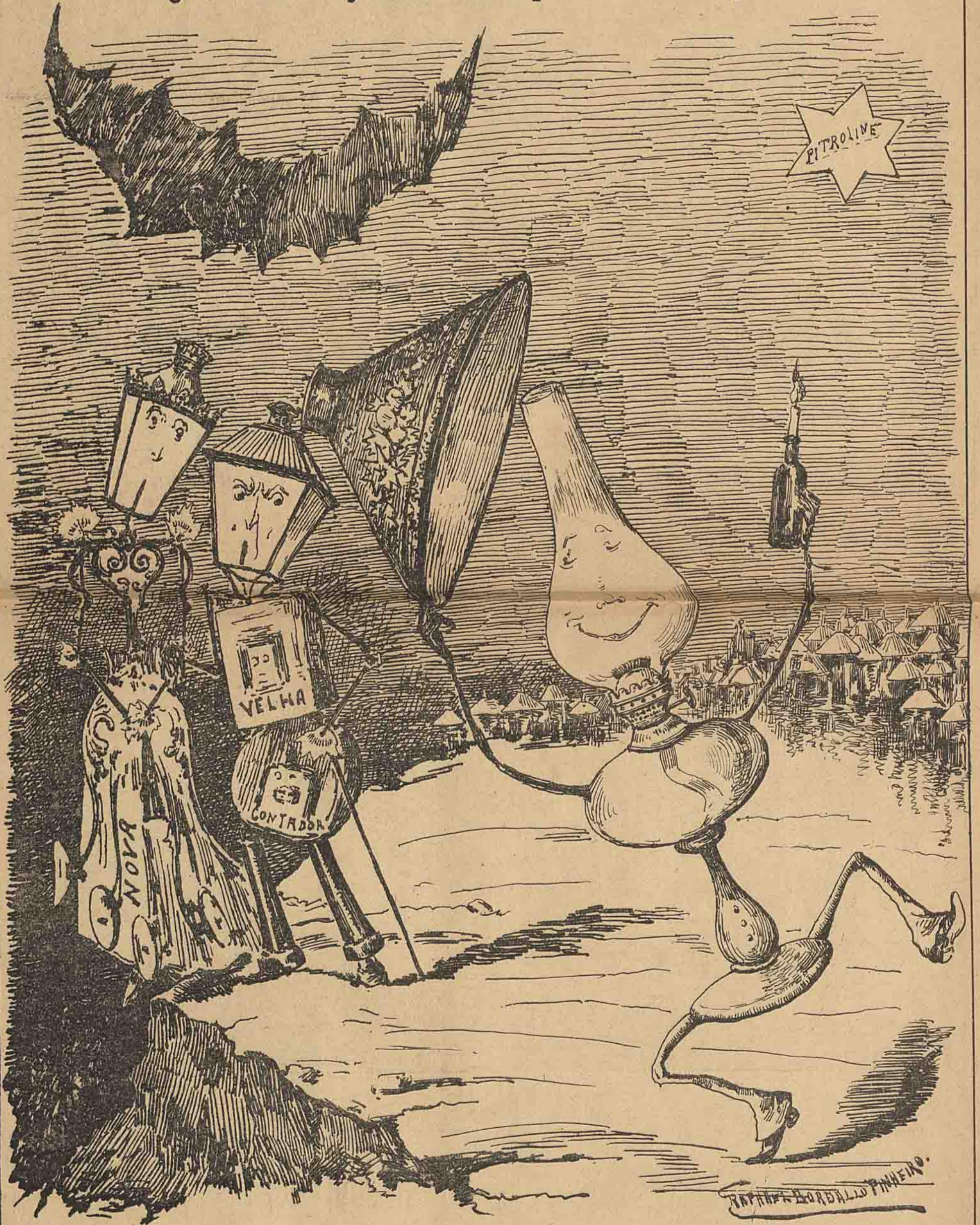
Nove horas. Pela rua abaixo um fio de gente caminha na mesma direcção. Tudo apagado. A hervanaria tem luz, luz do costume, velho candieiro de pe-troleo que defuma a rua inteira pela noite adiante. Sigo tambem atraz d'aquella gente. No chiado dois homens olham-me muito, eu puxo a gravata, os ho-mens somem-se. E vejo cheio de espanto ao fim da rua um calibre de policias içando gente.

Mas que feito de nora eu alli noto! Passivamente aquelle povo sobe como agua em alcatruzes, conti-nuo, pachorrento, n'uma comedia que advinho... p'los jornaes. A *pavorosa*, rapazes, eil-a alli! Gente ensaiada! Ha dias que uns malandros andam pagos p'r'aquelle grande effeito... assim-o disse o escama lá do lado. E pensei eu: ora como não sou dos con-tractados vou vêr a cousa ao pé. E fui.

Como n'um sonho o calibre subia silenciosamen-te. Da baixa vinha apenas muito vago o ruido longi-quo d'algum trem, avultando immensamente no grande calmo da noite, e era monotona a conversa sciciada dos que passavam no mesmo passo de magalas: o alcatruz-policia—a agua-malandrão.

—Por aqui ó coiso... tens ahí um *paivante?*

# A greve dos lojistas ou o petroleo triunphante



Um grupo de municipaes desce o Chiado com o batuque pausado e ôco dos sapatos no macdam da rua socegada, um accende a beata, e é rubra a sua cara feroz á luz do phosphoro que as mãos em



concha avermelham intensamente. Ouço murmurar ao pé de mim: «E' qu'inda não vi nenhum de chapêu alto...» Eu enraiveço no meu coco honesto. E olho o burguez estúpido que exige revoluções de chapêu alto, como quem pede azeite... n'um cartucho.

E desço a vêr se vejo o fundo ao poço. Caminho... caminho muito e sempre... Immenso o tal calabre!... De repente... um alcastruz partido... um homem levantara uma bengalla!... e zás!... a nora chia... apitos... eu fujo...



Foi no café *Salero* á mouraria que eu tive uma aventura, faz tres annos no dia d'Ascensão. Hespanhol: e boa, que me chamou amor só porque lhe falei em—coloráu,—e recitei um verso da judia. E não houve mais nada entre nós dois. Mas como depois d'isso eu não tivera folga para, a ver, trazia já de casa, bem ferrada, a idea de lá ir.

Razão porque talvez, eu estaquei na Rua do Amparo admirado de mim... da minha fuga... com uma soada enorme nos ouvidos e a cabeça tonta de calor.

Do pé de mim, do solo, um homem surge... eu pinoteio de susto... e o homem gurne debaixo d'um tapal com um enorme candieiro de petróleo.

Da praça, em frente um magote de policias sae em chusma, n'um alarido grande.



O magote cae sobre o homem... Eu acocoro-me n'uma escada. E vejo ovantes dois policias agarrando o homem que grunhe um choro ingenuo. N'uma das quatro mãos a auctoridade brande o candieiro enorme. E a chusma affasta-se.

De novo eis-me na rua. Tremulo... hesitante sinto o vacuo de todo aquelle abandono... colloco, disfarçando, a bengalla ao canto d'uma escada e vou-me a passo vagaroso, sem mesmo olhar p'ra traz.



... E fui parar a um beco escuso... ouço que me chamam... das janellas baixas jorra para o negro da rua uma luz forte pautada duramente a sombra por taboinhas verdes... ao fim, n'um botequim vibra uma valsa pifia... e uma patrulha passa de perna teza e arma ao collo... E tive uma idea...





Escoava-me já por uma porta perto quando ao alto do beco uma nuvem de policiaes cresce, que me deixa estacado como um frade. Com estrondo as portas fecham.

Apitos... Cozido com a parede como um facinora que toda aquella matula perseguia, eu fujo como um reptil... uma mulher agarra-me:—*entra aqui sympathico... entra aqui home do diabo*—fujo-lhe

n'um repelão e em duas passadas largas encontro um muro alta a embargar-me a fuga—um muro alto! era sem sahida o beco e tinha a um lado apenas uma taberna estreita que um candieiro de petroleo, de vidro bojudo e negro illuminava funebremente, ao fundo entre botijas um papagaio palra, e um marujo enorme quebra ao balcão polido a sua figura magra estendendo o busto todo até quasi encostar a sua face de trigueiro a cara rubra d'uma femea... berram-me ao pé—*Eh! Luiz misca-te home.*



E vi o marujo então no justo cãmbalear da sua bebedeira endireitar a figura esguia n'um ar de immenso desprezo como quem cuspinha um escarro infecto por sobre toda aquella porcaria.

A mulher corre ao fundo, ergue os braços, arranca a gaiola do papagaio e corre direita a mim—Sinto o vento das suas saias gommadas—Ha gritos d'infinita affeição por toda a rua. Uma voz brada—



*leva este ó 70, então aquelle ó bruto, mais este ó 22, e das portas homens sahem entre homens, enfiando o cazaco, apertando a cinta.*

Perdido!

E quando um dos maisins me basculhava já com a ponta do seu sabre no canto onde me agachava, apitos estridulam lá longe e a matula foge.

Corri tambem como um possesso a rua toda; ao dobrar da esquina eu vi passar por pé de mim o moço do *Salero* o avental sob a jaqueta, prezo tambem, e ha um policia que estadea á frente como arma prohibida: um sacarolhas!



Finalmente salvo... na rua escura apenas a hermanaria tem ainda a sua luz acceza.

Encontrei o Cardozo ao cimo do Chiado, soube então bem o valor d'aquella rusga... a angaria da... e fugi rudemente ao Cardozo que cheio de medo deitou tambem a correr atraz de mim.

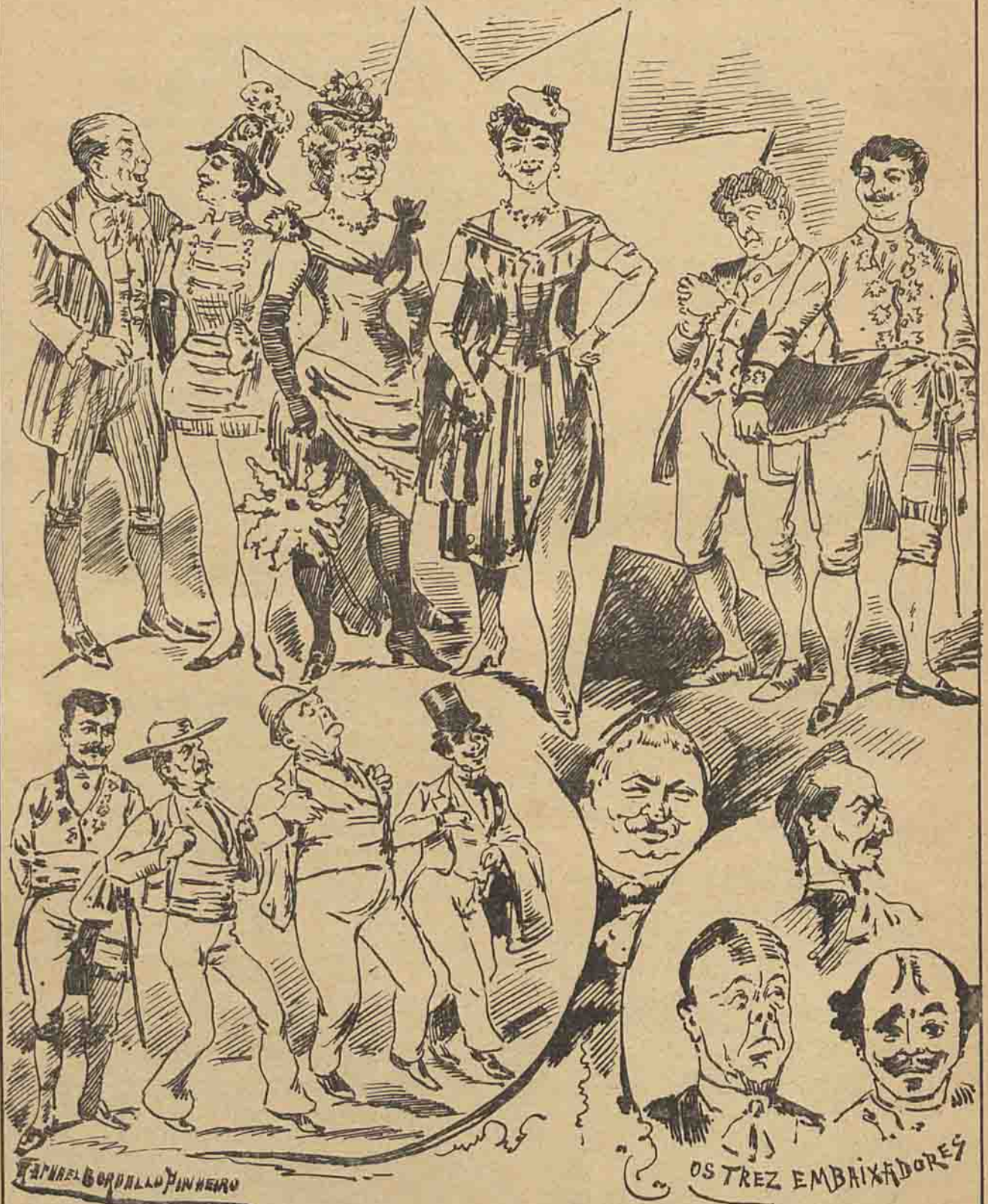
E só na loja, á luz d'um couto e com uma folha enorme de papel pardo febrilmente agarrada, eu contei estrondosamente ao barbeiro amigo, todo o valor objecto da minha fuga.

E quem não fez como eu, ... foi prezo.

ARNOLDO.



## O REINO DOS HOMENS



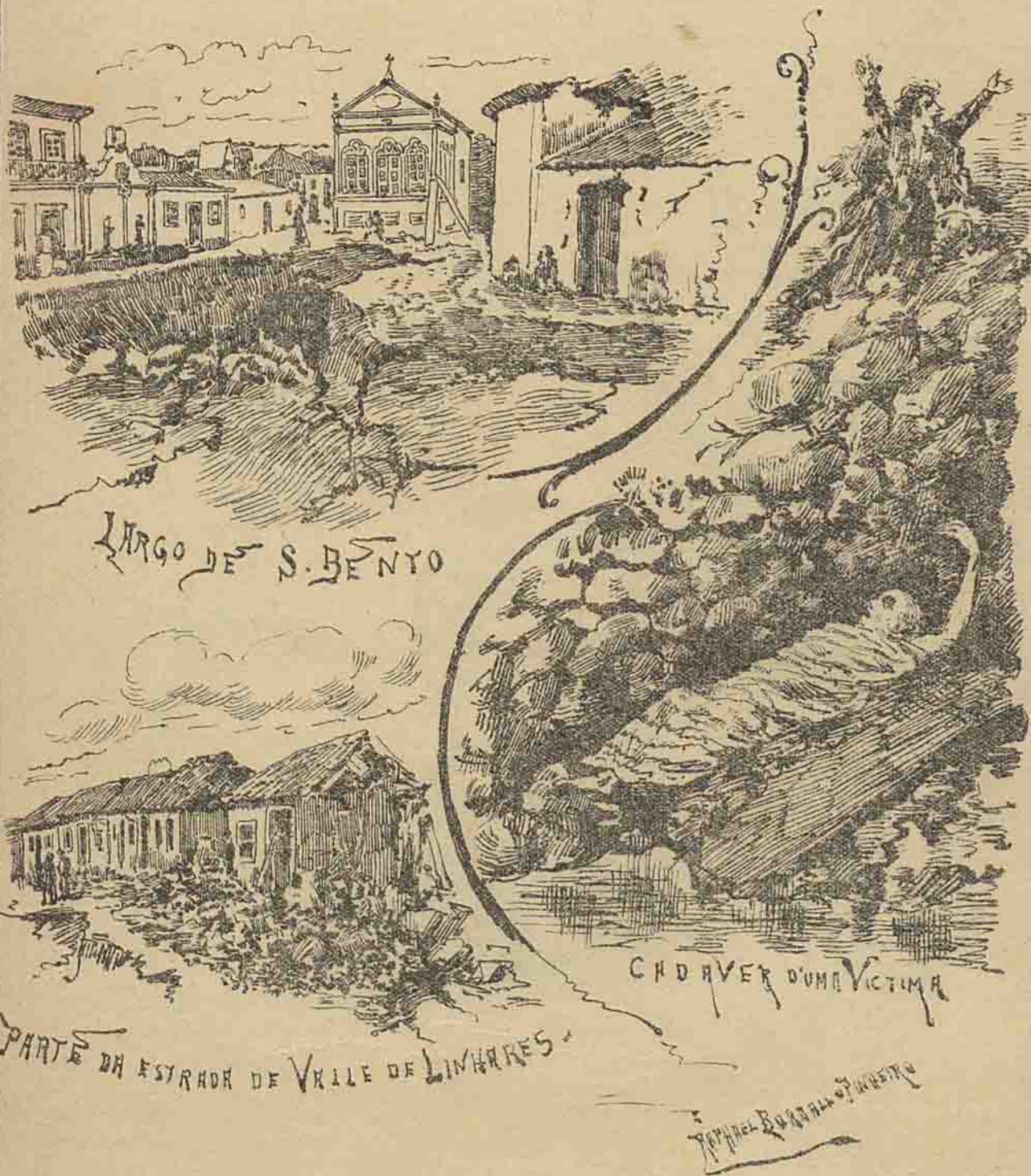
Bravo! seu Sousa Bastos! Bravo! seu Salvador Marques! Bravo! seu Machado! Vocês, se a musa não tivesse falhado d'esta vez ao Stichini, e se a thesoira não falhasse também ao Cohen, tinham arranjado no *Reino dos Homens* o melhor do seu reinado. Bellos ditos, lindo scenario, grande arrojado de *mise-en-scene*. . . Se os fatos das coristas tivessem mais inspiração, e os numeros de musica fossem melhor cortados, o exito excellente seria completo—porque nem falta á peça as graciosidades da Pepa, o comico da Barbara, a physionomia do Alfredo de Carvalho, a elegancia do Telmo, o Dias, e, sobretudo, os tres enviados extraordinarios d'aquelle governo tão patusco. . .

Editor Manuel Luiz da Cruz. — Sêde da administração, rua do Norte, 39, 1.º

Lithographia de Portugal, Travessa da Arrochella 2

Typographia — Imprensa Minerva — 12 Travessa da Espera, 14

# OS INUNDADOS DA TERCEIRA



LARGO DE S. BENITO

CA D'AVER D'UMA VICTIMA

PARTÊ DA ESTRADA DE VILLE DE LIMHARES

FRANCO BUCALLO

Um povo ilheu, o povo terceirense, nosso compatriota d'alem mar, acaba de ser assolado por uma grande desgraça, por uma inundação que lhe destruiu a obra de muitos annos de labuta, e o resultado de muitos sacrificios. E como não lhes bastasse n'isto a desventura, victimou a catastrophe, de morte, quatro pessoas. Trata-se, empenha-se a gente em soccorrer aquelles desditosos, noriuguezes como nós, e nossos irmãos. Abrem-se subscrições, imploram-se soccorros... Da cada qual o que pode: nós damos o que podemos e offerecemo: a intervenção do nosso jornal para levar ao seu destino qualquer donativo.

Do Antonio Maria réis. 50000

# Um grande actor

João Caetano



O Brazil festejou ha pouco, solemnemente, a memoria de um seu compatriota notabilissimo, o actor João Caetano. Inauguraram-lhe uma estatuá no Rio de Janeiro, por iniciativa de um outro brasileiro notabilissimo tam bem, e outro actor, o actor Vasques, o qual, por intermedio de terceiro notavel, o nosso querido Taborda, nos enviou uma medalha commemorativa d'aquella festa. Obrigadissimos!

## Variações



CHOAM pelos ares de Lisboa dois gritos estridulos de protesto: um contra o Recolhimento das Trinas, outro contra as companhias d'illuminação.

Ranchos e ranchos de indignados percorrem as ruas da cidade em altas vozes, esmurrando brados violentos, para que, d'um lado, se faça luz sobre o caso mysterioso em que andam envolvidas as Irmãs Hospitaleiras, e para que, do outro, se apague o gaz.

No meio de tamanho barulho, que tão complicadamente se baralha, andam as *manas* na balha, e os logistas em bulha.

O sr. Patriarcha e o sr. Pedroso de Lima são os homens salientes do dia,—o primeiro empenhado em salvar a honra do convento, o segundo a commandar a policia. Pelo que se tem visto, porém, acredita-se que é Sua Eminencia o cardeal quem commanda a policia, e sua Excellencia o Commissario quem se empenha pela honra do convento...

Parece que tudo isto tem tido, afinal, sua utilidade evidente, pois que já não se falla tanto da crise dos trocos. Hoje, são as *madres* que estão com a crise; e porque n'estes tempos, ninguem ha que lhe escape, tambem á *Nova* e á *Velha* appareceu o incommodo.

Da campanha dos jornaes e da Associação dos Logistas resultou serem corridos das Trinas os padres do Varatojo, e das lojas da cidade os contadores do gaz. De maneira que, agora, só véla...

\* \* \*



litteratura feminina vai ser enriquecida por um livro que deve obter exito enorme. E' um volume de notas e impressões de viagem escripto por uma senhora nossa compatriota que ha pouco tempo regressou da America, aonde a levou o seu genio um pouco aventureiro, algum tanto bohemio. Essa senhora occulta o nome por um pseudonymo, e não seremos nós quem o revele, porque o livro tem paginas que não honram muito,—nem pouco—quem as escreveu. Sei d'isto por um excerpto que se me depára publicado em um jornal, e que eu transcrevo para prova:

«Corria branda a noite... (O Tejo ia sereno?) Vogávamos pelo Atlantico como se vogássemos n'um lago. Em volta, á tona d'agua, phosphorescencias extranhas; no ceu, cardumes de estrellas.

Uma placidez de grande mosteiro sem rézas, e só o movimento da machina, monotono, perturbava o somno do monstruoso oceano.

Sobre o tombadilho, apenas quatro pessoas: o piloto, de quarto, o homem do leme, eu, e o capitão... Mas o piloto e o do leme estavam longe: o capitão cahira a meus pés, de joelhos, e de mãos postas sobre os meus joelhos, implorativamente, pedia-me beijos. Subito, o luar rompeu, e eu, para fugir ás vistas dos outros dois—o do leme e o piloto—, desembarcei-me do apaixonado maritimo e precipitei-me na camara, e fechei-me no meu camarote. D'ahi a pouco, batiam com grande descricção á porta: era o capitão. Conheci-lhe a audacia, e dei volta á chave.

—Abra, senão, faço rebentar o navio a dynamitel—ouvi-lhe, contra a fechadura.

... N'aquella noite, salvei a vida aos duzentos passageiros que o paquete trazia...»

\* \* \*



ICARESCOS da semana:

Decididamente, entrámos em periodo de serias economias. Afinal, compenetrámos-nos dos deveres nacionaes, e estamos dispostos a tomar o caminho da regeneração, tratando de pagar as nossas dividas, para desassombro das nossas tradições honradas e desforra dos menos cabos que nos tem sido ançados. Muito bem, meus senhores! muito bem!

Assim, em todos os ministerios ha ordens expressas para a maxima poupança, e os minimos desperdícios são abolidos. Em vista d'isto, um caso muito curioso se deu, outro dia, n'uma secretaria do Estado.

O chefe notou que um dos amanuenses copiava um officio em papel de grande formato, e logo o admoestou:

—E' trabalho perdido pretender incutir nos senhores algumas noções d'economia... politica. Para que gasta o senhor n'isso papel d'esse tamanho, e d'essa qualidade?

Arrepellido, o amanuense suspendeu a escripta, pousou a penna, rasgou o officio, e, muito contricto, de rabo entre as pernas, foi buscar uma folha de papel mais pequeno, e mais ordinario, onde recomeçou o trabalhinho...

\* \* \*

O Jardim Zoologico enche-se todos os domingos, desde que o aeronauta Julhès d'ali parte, no seu balão, por ares e ventos, a tomar a direcção da Outra Banda. No domingo passado, fui até lá, e enquanto o aerostato se enfunava, se alargava, tomei logar no marmore de uma banca, ao lado do coreto, e ao lado de duas senhoras que bebericavam refrescos.

Percebi que falavam de achaques, de mal-estares, doencas, coisas tristes. Uma d'ellas queixou-se de constantes insomnias que soffria, e a respeito de insomnias tambem a outra se queixou das que victimavam seu marido:

—Passa noites e noites em claro... E, de dia, nem consegue dormir na repartição...

ALFREDO.

# A ALLIANÇA FRANCO-RUSSA



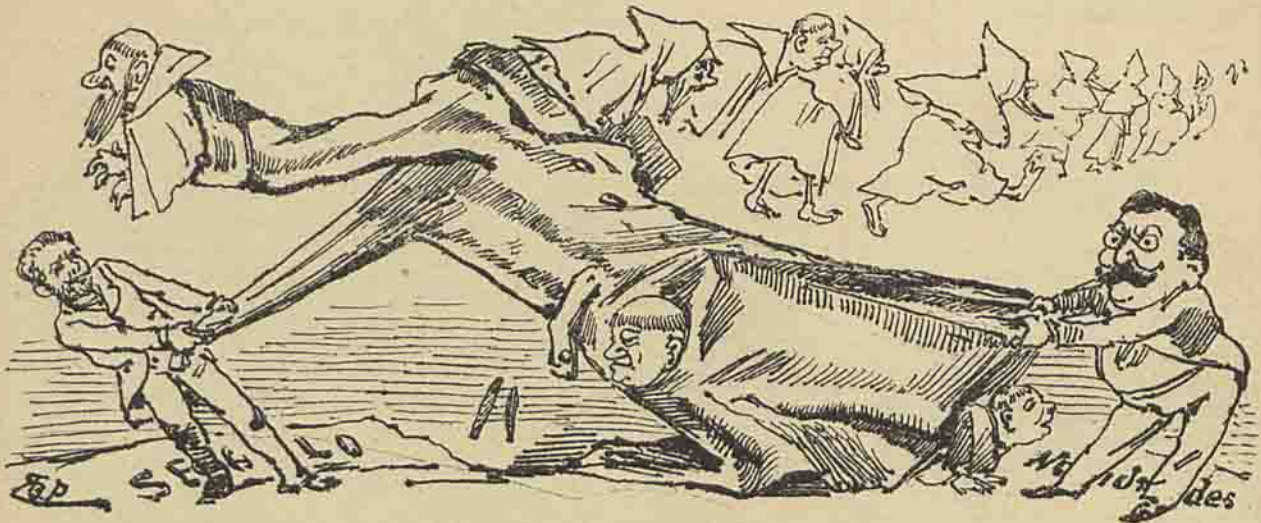
OH! SE EU TIVESSE O PENACHO...

P'ra vida e p'ra morte... e para tudo o mais que estiver ao meu alcance.

Augusto Bordallo Pinheiro

Zé Povinho á Hespanha:—Oh! muchacha! E nos que papel representamos n'esta dança?

## O CASACÃO MYSTERIOSO



Tanto pucham, tanto pucham, que ainda estes olhos verão sahir um convento inteiro, com guardião e tudo do forro d'este prussiano ... do Seixal!

## NOVOS BANCOS... EMISSORES



--Mestre! E as minhas botas?  
--Já não faço botas... passo cheques. Deixei a tripeça, tenho banco.

## MALANDROS

Saltam dois cães á tapona,  
A' luz do sol—ou da lua;—  
Toda a gente logo abona  
Que é *malandro* o dono, ou do na  
Dos taes cães—que andam na rua.

Passa dos cães a carroça:  
E em vez de dar parabens,  
Toda a gente se alvoroça,  
Chama *malandro* em voz grossa  
Ao sucio que apanha os cães!

Anda na rua, impudente,  
A fadistagem revolta:  
Grita logo toda a gente  
Que é *malandro* quem consente  
Que aquella corja ande á solta.

N'isto apparece—ó delicia!—  
O das guardas *mancipaes*.  
Tudo berra, a tal noticia,  
Que é *malandro* o da policia,  
Que prende sem mais nem mais!

Tudo affirma, dando soccos  
E a gritar—arreda! arreda!  
Que é *malandro*, como poucos,  
Quem mandou dividir trocos  
Só na casa da moeda!

E após dizerem d'est'arte,  
Logo em seguida ouvireis,  
Que é *malandro*,—e com encarte—  
Quem derrama em toda a parte  
Tanta sorte de papeis!

Torvo olhar, gesto sinistro  
E aspecto de fariseu,  
Gritam todos—e eu registro—  
Que é *malandro* um tal ministro,  
Porque fez e aconteceu.

Cedendo ao geral aneio,  
Vae-se o ministro nefario:  
Mas diz tudo, logo em cheio,  
Que é *malandro* o outro, que veiu  
Fazer no caso o contrario!

.....  
Convencido, em summa, acabo,  
—Sem bulir n'outros meandros—  
Que o paiz—ora o diabo!—  
Se compõe, de cabo a rabo,  
D'uma sucia de *malandros*!

PAN-TARANTULA.



Está a espreitar... E não tarda que appareça, para alegria de todos nós.

N'estes tempos de crises, minhas senhoras, cada qual deve gastar o minimo que lhe for possivel. Assim, dispensem V. Ex.\* as despesas das modistas, cortando por suas proprias mãos os seus vestidos... Pois não é verdade? Aconselhamos-lhe o *Novo Methodo de Côte* e maneira de qualquer senhora confeccionar por suas proprias mãos todos os seus vestuarios os de seus filhos, etc. etc. E' illustrado com 244 gravuras e verdadeiramente util custa apenas 700 réis. A' venda em todas as livrarias.

### FOI BEM FEITO

Tu não sabes? O Felisberto Senna  
Já não casa com a filha do Roquete,  
Soube pela creada que a pequena  
Não usava do congo o sabonete!

Sabonaria Victor Valssier, Paris.

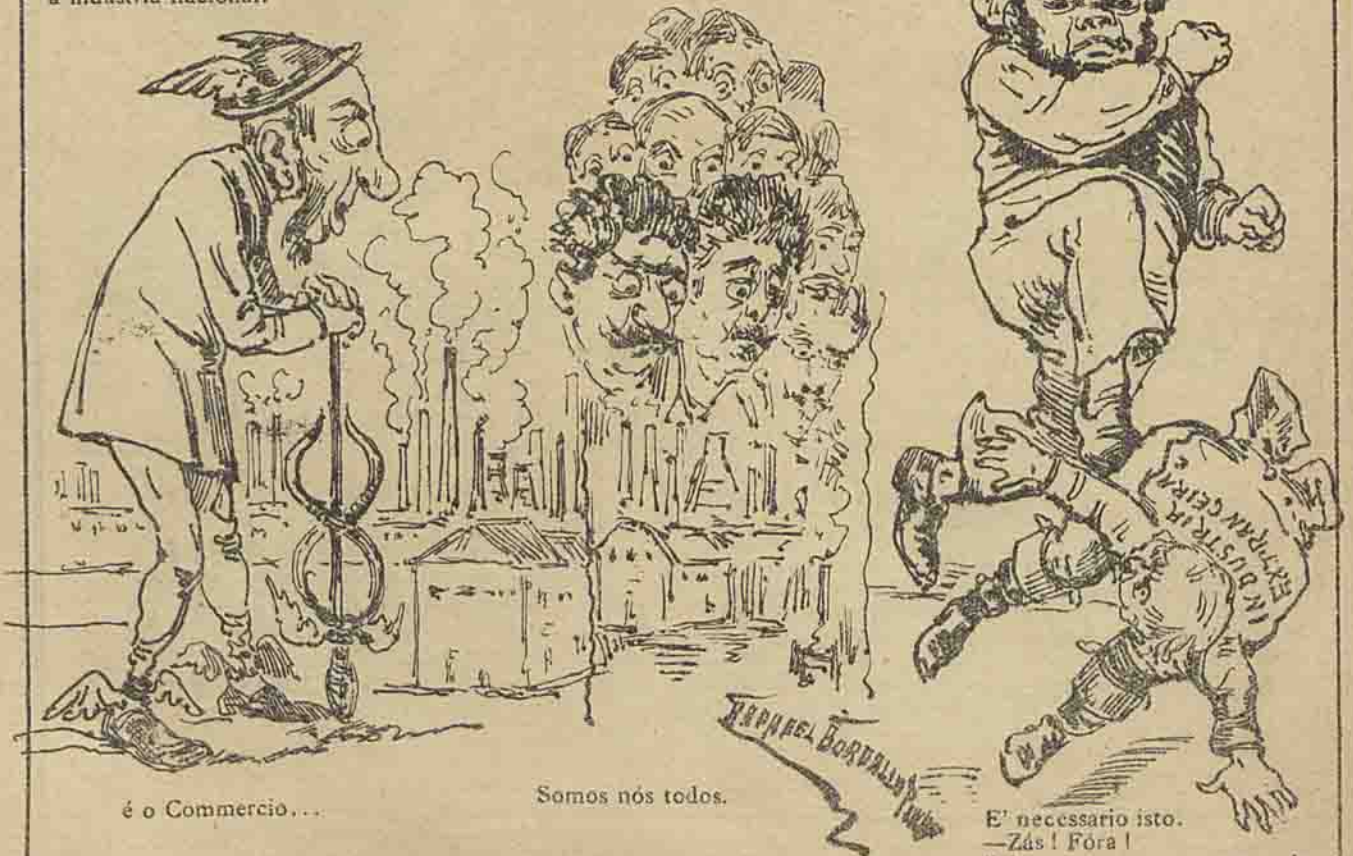


# Proteccão á industria Nacional



Não é só o governo que tem de olhar e proteger a industria nacional.

E' o Povo...



é o Commercio...

Somos nós todos.

E' necessario isto.  
-Zás! Fora!  
Sejamos portuguezes em tudo.

## LUIZ SORIANO



*Sinão José Vi Luiz Soriano*

O venerando homem que acaba de fallecer, e de quem damos o retrato, era um dos raros representantes d'essa heroica e ousada geração de 30 que se bateu sem temor pelas ideias liberaes. Luiz Soriano escreveu a *Historia do cerco do Porto*. D'elle ainda ha outros livros. Mas ha sobretudo um pagina—a vida inteira d'esse homem, luctando, combatendo, sacrificando-se por uma ideia—que fórma um doloroso e desconsolador contraste, quando a comparamos com o egoismo, a indiferença e a relaxação dos homens de 91... Chega-se a duvidar que estes sejam os herdeiros d'aquella geração de heroes...



ão ha nada como uma boa crise monetaria e um bom regimen de papel-moeda para pôr uma população em festa e aguçar-lhe o desejo de gosar e de se divertir, desejos que essa mesma população não tinha nos bons tempos em que aos mortaes ainda era dado o prazer de ouvir tilintar uma libra.

E ainda ha quem falle em trocos, e em falta de moeda, e em crise de toda a ordem. Historias, meus senhores, historias!...

Uma pessoa chegada hoje de Badajoz afirmou-me que ali se havia encontrado com cerca de 3:000 portuguezes. E eu fiquei a scismar:

—Pois quê!... Ainda ha em Portugal 3:000 portuguezes que podem fazer a viagem de Badajoz, só para assistir a uma corrida de touros, vendo-se obrigados a comprar por 1\$200 réis o *duro* que não deve valer mais de 900 réis?...

Pois hal... E o que é mais espantoso, é que entre esses 3:000 portuguezes, não apparece um só que de sua profissão ou temperamento seja banqueiro ou millionario, enquanto que apparecem varios amanuenses,—d'esses que por ahí ha que tem a suprema habilidade de, com 15\$000 réis, levarem uma vida que qualquer de nós não poderia levar com menos de 200\$000 réis...

De sorte que, no portuguez, a primeira condição para se divertir e para viajar—é não ter dinheiro!...



INDA sou do tempo em que o portuguez tinha dinheiro!... Ainda me lembro de o ver puchar por uma libra, para comprar uma caixa de phosphoros; de o ver protestar nos cafés e nas lojas quando lhe davam todo o troco em prata; e de o ver recusar desdenhosamente notas de cobre, do valor de 10\$000 réis, como sendo a ultima das degradações a que um homem podia chegar.

Ainda me lembro d'esse tempo, como se fôsse hoje. Pois então, que se era rico, que as libras andavam por ahí a rôdo, graças aos successivos empréstimos que se faziam em Londres e em Paris, e ás remessas de dinheiro que vinha do Brazil -- o portuguez a maior loucura que se permittia no verão, era ir beber um copo d'agua de Cintra, ali ao Rocio, e ir respirar

o seu bocadito de poeira até ao Passeio Publico.

Agora... agora! Pois não-fôste!... Nem temos a praça de Paris para nos emprestar mais dinheiro, nem Brazil para nos mandar as suas economias. E é exactamente por isso, porque não temos *vintem*, na mais pobre accepção da palavra *vintem*— que vamos assistir a touradas a Badajoz, sem fallarmos nas ricas passeatas a Cascaes, a Cintra, ás Caldas da Rainha, a toda a parte emfim onde haja um hotel para nos roubar, e um agiota para nos descontar uma nota do Banco...



ANTO paiz! Encantador paiz! Só lhe falta uma cousa— um ministerio do pagode publico.

Esse ministerio seria encarregado de tudo quanto dissesse respeito aos divertimentos da nação. O ministro seria vitalicio, e a pasta seria dada por concurso entre os primeiros pandegos da nossa terra.

Teria varias direcções geraes:

—a direcção geral dos *pic-nics* e passeatas; a direcção geral das touradas, corridas de cavallos e corridas de burros; a direcção geral das caçadas, da pesca á linha, e da pesca ao candeio; a direcção geral das hortas e caldeiradas; a direcção geral dos bailes, bailados, bailaricos, fogo preso e bichas de rabear; a direcção geral do amor e artes correlativas; etc.

Talvez que assim se equilibrassem as finanças do Estado! Um qualquer cidadão desejava ir com a familia e com os amigos, veranear. E dirigia-se ao ministerio do pagode publico, para tirar licença:

—Para onde?— perguntava-lhe o continuo. Para o Bom Jesus? Para o Bussaco? Ou para a Horta das Tripas?...

—Não senhor! Para a Figueira.

—Então é por esse corredor fóra, sempre em frente; depois volta á sua direita, sempre em frente; depois sobe uma escada de pedra, volta á esquerda, volta á direita, e dá de cara com uma porta envernizada, que tem escripto por cima *Direcção geral dos banhos de agua doce, agua salgada, thermas e agua suja de Pedrouços*. E' ahí, na 2.<sup>a</sup> repartição.

E um qualquer cidadão tirava a sua licença de banhos do mar—segundo o louvavel côstume das nossas secretarias—no anno de 1891 para lhe ser concedida ahí nas alturas do seculo XX...

Pela qual pagaria uma contribuição correspondente a 10 por cento das despezas que tencionasse fazer nas praias.



EM POR sombras me anima a vaidade ou o desejo de ser financeiro, n'um paiz onde os financeiros augmentam á proporção que as finanças se arruinam. Porque não sei se já notaram na quantidade verdadeiramente phenomenal de financeiros e economistas que tem apparecido á flor das gazetas, á proporção que a moe-

da é uma cousa que em Portugal só hoje se encontra no dictionario da lingua.

Só se lêem alvitres... Toda a gente tem alvitres. Ha alvitres para tudo. Toda a gente exclama:

—Fosse eu ministro da fazenda, e o senhor veria o que era acabar com a crise!...

Ainda hontem me disse isto mesmo o meu sapateiro. Era capaz de acabar com ella! Ao que eu lhe retorqui respeitosa-mente, que melhor fôra que me acabasse o par de botas porque os meus pés de ha muito anceiam...

Mas voltando á vacca fria... Sem pruridos de financeiro, quer-me parecer que um ministerio do pagode publico—seria talvez um meio de equilibrar as finanças do Estado.

Porque a verdade é esta. O que o portuguez quer, é pagode, é pandega... Pois collecte-se o pagode, visto que não ha mais nada n'este paiz que collectar nem mesmo a vaidade e o sangue azul—tanta corôa por ahi anda arrastando-se, aos tombos, n'essa feira da ladra das consciencias!...

QUIDAM.

## Para os inundados da Terceira

Transporte..... 58000 réis.

Continua aberta a subscrição no nosso escriptorio, rua do Norte n.º 39 1.º  
Scena I.—O somno do justo.

### HISTORICO

Por Francisco Primeiro diz se escripta  
Esta phrase subtil d'um vidro ao longo:  
«A mulher é ligeira, qual do Congo  
Espuma do sabão que o vento agita!»

Saboaria Victor Vaisster, Paris

## As nadadoras

N'esta terra, onde o canario  
Tem a côr da gemma d'ovo,  
Todo o mundo, em genio vario,  
E' bombeiro voluntario  
—Da nobreza ao reles povo!

D. Affonso—o proprio infante,—  
Que em nobreza tudo arromba,  
Esse mesmo, é commandante  
De bombeiros, e arrogante  
Não duvida dar á bomba!

Até dama—e de chupeta—  
Ha, que a isso se abalance,  
E, desprezando a etiqueta,  
Vá pegar n'uma agulheta  
—*Honni soit qui mal y pense...*

Desde os principes da egreja  
Ao vadio, que anda á matroca,  
Tudo, emfim, quanto o sol beija,  
E' bombeiro—salvo o seja  
Cá p'la parte que me toca...

Isto posto, eis a rasão,  
Que é bem clara, julgo eu,  
Porque o povo, em turbilhão,  
Quiz fugir da inundação  
Que houve lá no Coliseu.

Povo assim, tão dado á fragoa,  
Que p'ra o fogo tem ralés,  
E' justo que em funda magoa  
Mal sinta uns borrifos d'agoa,  
Fuja logo a sete pés!

Aos homens, como ás senhoras,  
Faz espanto—espanto aos feixes—  
Ver as gentis nadadoras,  
Dentro d'agua, sedutoras,  
A nadar melhor que os peixes!

Mas dizia o Gil Carvalho,  
P'ra as irmãs—tres lambisgoias:—  
—Fazem bem o tal trabalho,  
«Mas não valem mais que eu valho,  
«Pois nadam, mas é com boias.

«Eu, sem gosar das alcunhas  
«De nadador—faço apostas!—  
«Digo-o aqui, com testemunhas:  
«Passem-me as boias p'ra as unhas  
«E até vou nadar... de costas!

«Com taes boias ao pescoço,  
«P'ra nadar não tinha empacho,  
«E, no mais vivo alvoroço,  
«Até me atirava ao poço  
«—E de cabeça p'ra baixo!...

PAN-TARANTULA.

O ANTONIO MARIA

# O MILAGRE DA AVENIDA



MAGNIFICA SCENA DO 2º ACTO  
ADMIRAVELMENTE DITA PELO ACTOR  
VALLE

OS AUTORES  
E MESTRO

RAPHUEL ROZALLO PINHEIRO

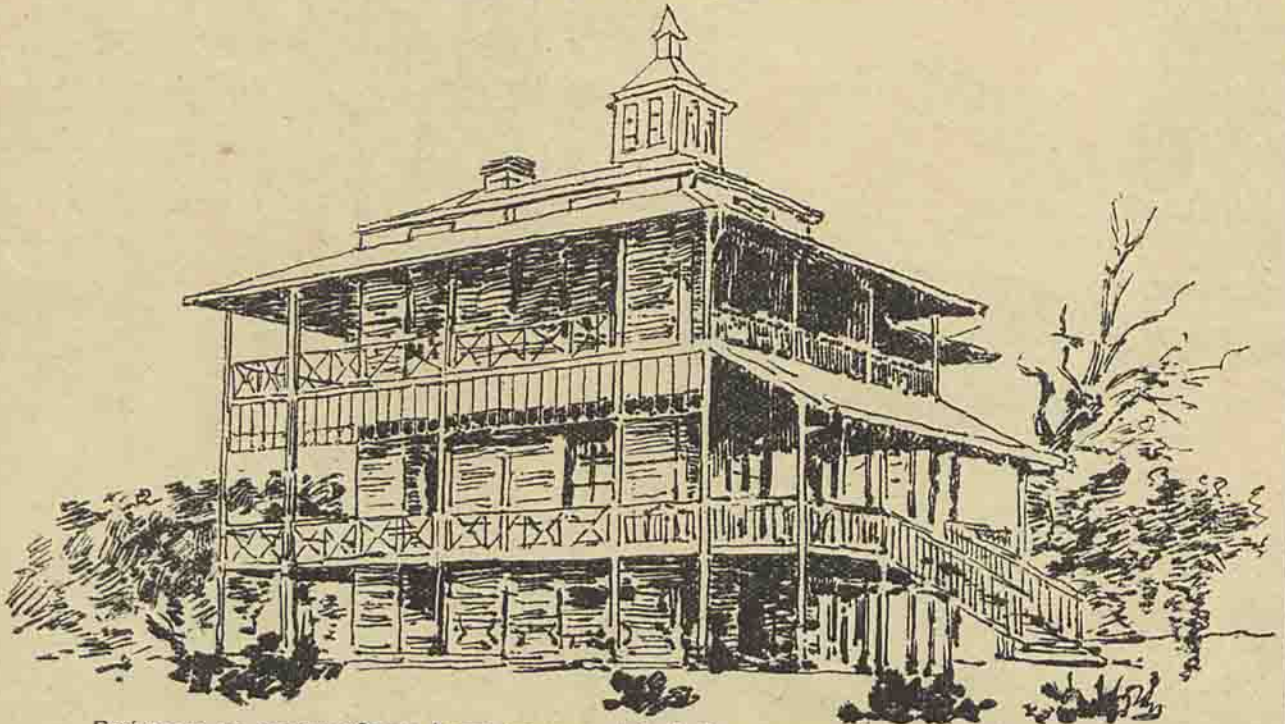
ENSAIADOR.

No theatro da Avenida está agora em scena um milagre em 3 actos. O povo tem ali corrido em massa todas as noites, para presenciar esse prodigio divino, que consiste n'uma peça com assumpto portuguez, libretyrannia das peças estrangeiras. E resolvendo dotar o seu paiz com uma peça verdadeiramente nacional, produziram esse milagre que se chama *O Burro do sr. Alcaide*, que a companhia da Avenida desempenha a primor, e que se *Burro* que não nos cansaremos de applaudir. Amen.

Esta redacção—fiel ás suas tradições religiosas—vae organizar um *Te Deum* em acção de graças pela apparição d'es-

# Construções d'aco e ferro

• Société Anonyme des Forges d'Aiseau •



Está agora em construção no Aterro uma casa toda de ferro, amostra de construções do mesmo genero exportadas da Belgica para a Africa e America do Sul. E' bom que os nossos industriaes ponham os olhos n'essa construção, para ver que genero de trabalhos devem tambem executar e expedir para as nossas colonias d' Africa, a exemplo do que hoje se faz nas officinas de França, da Belgica e da Inglaterra.

## NO COLYSEU DOS RECREIOS



A nova empresa inaugurou os seus interessantes espectaculos com uma *réclame* verdadeiramente *americana*. Imaginem os leitores que se havia anunciado a transformação do circo em piscina, com exercicios de que effectivamente se hia trabalhar dentro d'agua, a empresa mandou collocar 150:000 litros d'agua por cima dos guinte... Oh! que enchente!... Bravo, sr. Brito!

Então?... é ou não é uma *réclame* *americana*?!...

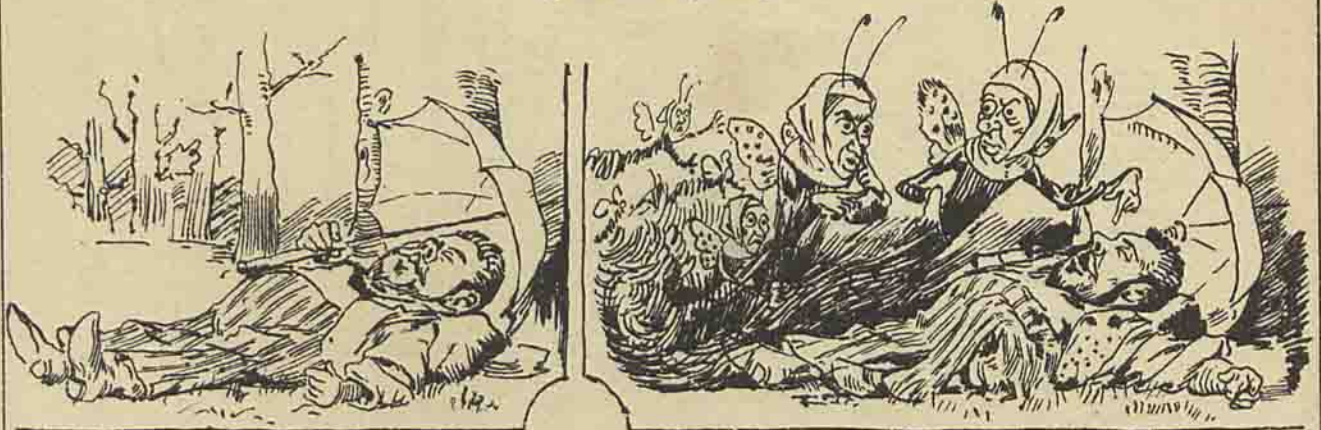
# A crise dos trocos. O mysterio da agiotagem



N'este jogo das escondidas da illustrissima agiotagem nacional, em que toda a gente desempenha com inexcédível perfeição o papel da agiota, é o caso de dizer a quem aguenta com as palmadas:—Pois advinha quem te deu!...

# O pesadello d'um redactor do SECULO

(IMITAÇÃO)



Scena I.—O somno do justo.

Scena II.—O pesadello.



Scena III.—Hórrivel vir gança das madres!...



Scena IV.—A lucha.

Scena V.—O despertar.

Mustavo Bordallo Pinheiro  
IMITAÇÃO

Editor Manuel Luiz da Cruz.—Séde da administração, rua do Norte, 39, 1.  
 Lythographia Luzitana, R. do Ferregial de Baixo, n.º 36.a 40.  
 Typographia —Imprensa Minerva — 12 Travessa da Espera, 14



## A SALVA BRAVA



Quem te mandou, oh *salva*... tyranna, ser brava e recalcitrante, nos tempos que vão correndo?... Agora  
ahi estás, oh *brava*... tyranna, mais mansa do que um borrego... Tró-laró... laró... laró!...



ão é fácil descrever o terror que vai por Lisboa, só com a idéa de que este inverno a capital será privada do prazer de ter uma estação lyrica.

Parece que os cantores, não contentes de pedirem sommas fabulosas por cada noite que desafinam, exigem mais que os seus vencimentos sejam pagos em metal sonante inglez, isto é,

—em ricas libras sterlingas.

D'aqui nasceu aquillo a que nós chamaremos a rede das complicações. Desde o momento que as libras podem custar desde 4\$500 até 6\$000 réis, e que os srs. cantores preferem a libra ás lindas notas furtas-cores do Banco de Portugal—o que é evidentemente uma falta de confiança lyrica para com aquelle estabelecimento de credito—a empresa vio-se violentamente obrigada a reflectir...

E como a acção de reflectir ainda é uma d'estas coisas raras que evitam a realisação de muitissima asneira,—a Empresa concluiu que sendo possivel pagar aos srs. cantores em notas, não podia de modo algum fazer esses pagamentos em ouro.

Ao que os artistas abanam as orelhas—como se diz em estylo academico e grandiluoquo—preferindo os theatros estrangeiros ao theatro de S. Carlos.

E como nós nunca nos demos ao trabalho de educar cantores, e de conservar em Lisboa os cantores portuguezes que andam espalhados por esse mundo de Christo, e que se educaram á sua custa, e lá fóra, apesar de para ahi haver um albergue diurno e nocturno a que pomposamente se dá o nome de *Conservatorio*,—succede que estamos condemnados a ir ouvir a *Carmen* para os cafés das *camareras*, attendendo a que estarão fechados os camarotes do theatro lyrico.



\* \* \*

AQUI provém o terror a que acima alludo respeitosamente.

Porque são incalculaveis os effeitos que hade produzir em Lisboa esta crise lyrica, mais terriveis que os produzidos pela crise monetaria.

A razão é simples. Não podem ser funestas as consequências d'uma crise de dinheiro, n'uma terra onde toda a gente

sempre se queixou que os negocios iam mal, que os empregados publicos eram mal remunerados, e que toda a gente tinha uma lettra para ser reformada.

Mas n'uma terra onde toda a gente vive de vaidades e ostentação, onde toda a gente procura aparentar de grande da côrte, de millionario e de descender das cruzadas, uma crise lyrica, obrigando S. Carlos a fechar,—é um d'estes cataclysmos como ainda não contou outro igual a nossa historia.

Porque o lisboeta pode não incomodar-se com o futuro politico, economico, colonial do seu paiz; pode não ter nenhum desejo, nem de ir trabalhar para o Alemtejo, nem de ir ganhar a vida para Moçambique; pode não querer saber se, no grande jogo actual da politica europeia, o seu paiz está á mercê da politica franco-russa, ou da triplíce alliança... Mas o que o lisboeta não pode, nem quer, é deixar de ter um anno o direito e a satisfação de dizer mal do Tamagno, ou da Patti, ou dos Andrades...

Lá isso é que não! Vão-se muito embora as colonias e os Açores, mas abra-se S. Carlos; e que nós em S. Carlos, todas as noites, possamos discutir, berrar, gesticular e até jogar o sócco, por Wagner ou por Gounod—que digo eu!—pelos olhos da *prima-donna* ou pelas pernas da primeira bailarina.

Ah! rico sol peninsular d'uma canna só! Como tu inflammas os nossos corações!...



\* \* \*

AJA vista ao que se está passando com as nadadoras do Colyseu dos Recreios.

O chronista das «cem linhas» das *Novidades* canta-lhes as carnes rosadas e frescas e as fórmas ondulosas, como se diante dos seus olhos de epicurista tivessem passado as mesmas visões carnaes e diabolicas que dentro da gruta vieram atormentar Santo Antonio, não o de Padua, que fazia cocegas ás raparigas, mas o Anachoreta, que vivia com um pôrco.

Os poetas dedicam-lhes versos. E os simples mcrtaes, se não lhes offerecem a mão, offerecem-lhes sommas verdadeiramente estonteadoras, para um paiz pequenino e pobresinho onde, com meia libra na algibeira, já ninguem faz figura de pelintra...

De sorte que as nadadoras podem dentro em breve orgulhar-se de terem começado em Lisboa por nadar em agua, acabando por nadar em dinheiro — de tal modo os seus trabalhos e a sua plastica tem atrahido concurrencia ao Colyseu dos Recreios.

Não ha como os espectaculos que fallam ao sentimento e á imaginação dos povos peninsulares, para despertarem aquelle enthusiasmo que por vezes toca as bem conhecidas raias do delirio.

\*  
\*  
\*



AS francamente, que não posso ainda fazer uma ideia das caras dos chamados *habitués* e *dilletante* do theatro de S. Carlos, quando virem em Novembro o theatro fechado, sem esperanças de o verem abrir...

Oh! almas penadas do sr. José Saragga, e mais do illustre picador sr. Antonio Duarte!...

Oh! almas penadas de todos os

criticos, cuja vida se passava na decifração dos mysterios insondaveis do monocórdio e do contraponto!... Oh! almas penadas de vós todos!...

Que sahirá de semelhante crise?... Que passará a dizer toda esta gente que só vivia para fallar de operas e de cantores?...

Para onde se precipitará todo esse mundo?... Para onde se vão mudar todas as vaidades e todas as *toilettes* de S. Carlos?... Para onde se vão transferir todos os namoros apenas esboçados, e que ainda não chegaram, nem ao epilogo do adulterio, nem do rapto, nem mesmo do casamento?... Para onde irá esse deserto de calvas, esses constellações de condecorações, esses ramilhetes de hespanholas, esse mundo de gommosos, entalados em peitinhos de lata, engasgados em collarinhos de ferro, apertados em sapatos de verniz, armados de rozas e camelias, de nariz dilatado e olhar amorudo, dardejando chispas?...

Para onde irá toda essa gente, toda essa espuma d'uma capital vaidosa, para quem S. Carlos é o supremo goso da vida, de mistura com um linguado frito e uma salada de camarões, n'um gabinete do Augusto?...

Para onde irás, ó catitinha Lisboa?!...

\*  
\*  
\*



ESTA crise lyrica será fatalmente o começo d'uma transformação nos divertimentos da capital. O dinheiro que se não gastar em S. Carlos ha de ser distrahido para outros espectaculos, e os empresarios lisbonenses ver-se-hão na necessidade de ter mais um bocadinho de imaginação e de phantasia, para chamar ás suas casas esse publico rico e

desempregado...

Em S. Carlos ha os amadores de vozes, de orchestra, de plastica, de bailados e de scenographias. Ha os que só se apaixonam pelas gargantas, outros pelas fôrmas vaporosas das dançarinas, outros pelos bailados propriamente ditos e outros pela *mise-en-scene*.

Temos pois uma quantidade de gostos e de pontos de vista a satisfazes todas as noites. E é de presumir que o encerramento de S. Carlos seja o unico motivo para que os outros theatros se dêem ao trabalho de nos distrahir com mais um bocadinho de gosto e de imaginação.

\*  
\*  
\*



u, pela minha parte, declaro que sou apaixonado de *mise-en-scene*, e que ainda não ha como uma *magica*, a valer, para me obrigar a pagar com prazer um bilhete de theatro. E se vou com prazer a uma opera, opera-comica, opereta ou bailado, é porque só ahi encontro restos, vagas reminiscencias do meu espectaculo favorito.

rito.

Não sei se são da mesma opinião, ou se tem a coragem de dizer o que pensam. Sejam ou não sejam, tenham ou não tenham,—o que eu lhes digo e afirmo, segundo os impulsos do meu temperamento, do meu espirito e da minha educação; é que no theatro só tolero a *magica*—pela simples razão de que a *magica* pode ser tudo no theatro: comedia, drama, canto, musica, bailado, phantasia, tudo, meus senhores, absolutamente tudo!...

Porque o drama só pelo drama, a comedia só pela comedia, a opera só pela opera,—tudo isso eu detesto e odeio profundamente.

O drama! a comedia! Um auctor ter a audacia de querer prender a attenção d'um publico durante uma noite, com os seus dialogos, as suas reflexões, os seus pensamentos, as suas sentenças,—tudo isso emfim que constitue a bagagem, o egoismo e o orgulho d'um auctor dramatico.

Emquanto que na *magica* tudo e todos collaboram, e só quem tem mais phantasia é que é mais applaudido, como só a actriz mais formosa é que é a mais celebrada.

Oh *magica*!... Como eu te queria ver rehabitada pela phantasia dos auctores de genio!...

QUIDAM.

### SUICIDIO

Suicidou-se uma Rosa .  
Apóz soffrimento longo,  
Por se vêr menos cheirosa  
Que o *sabonete do Congo!*

Saboaria Victor Vaissier, Paris.

# O CASO DAS TRINAS



Andam muitos padres no ar e muito sal d'azedas nos conventos !. . .

## O TREMOR

Tal como, ao sopro da gente,  
Treme da vella o fogacho,  
Em 22 do corrente,  
A cidade, de repente,  
Tremeu toda d'alto a baixo!

Um noivo—o Paulo da Gama—  
Do tremor quasi no fim,  
Accordou; tremia a cama;  
E perguntou p'ra a madama:  
—Porque é que tremes assim?

E ella, da cama no extremo,  
De tremuras no vaivem,  
Disse, n'um grito supremo:  
—Tremo... tremo... tremo... tremo...  
Porque tu tremes tambem...

Uma dama, já viuva,  
—Mas muito bem conservada—  
Tremeu, como um cacho d'uva  
Quando após medonha chuva  
Vem do vento a rabanada.

E hoje diz:—Dês que ao Enêas  
M'o levou p'ra sempre a morte,  
Eu por mim não tenho idéas  
De sentir carnes e veias  
A tremer d'aquella sorte!...

Uma menina hespanhola,  
Natural de Vigo ou Tuy,  
No seu quarto, n'uma argola,  
Pendura sempre a gaiola  
D'um cocnicho que possui.

E diz que, no brando nicho  
Da sua cama deitada,  
Sentiu tremer o cochicho,  
N'um tremor de crear bicho,  
Ao romper da madrugada!

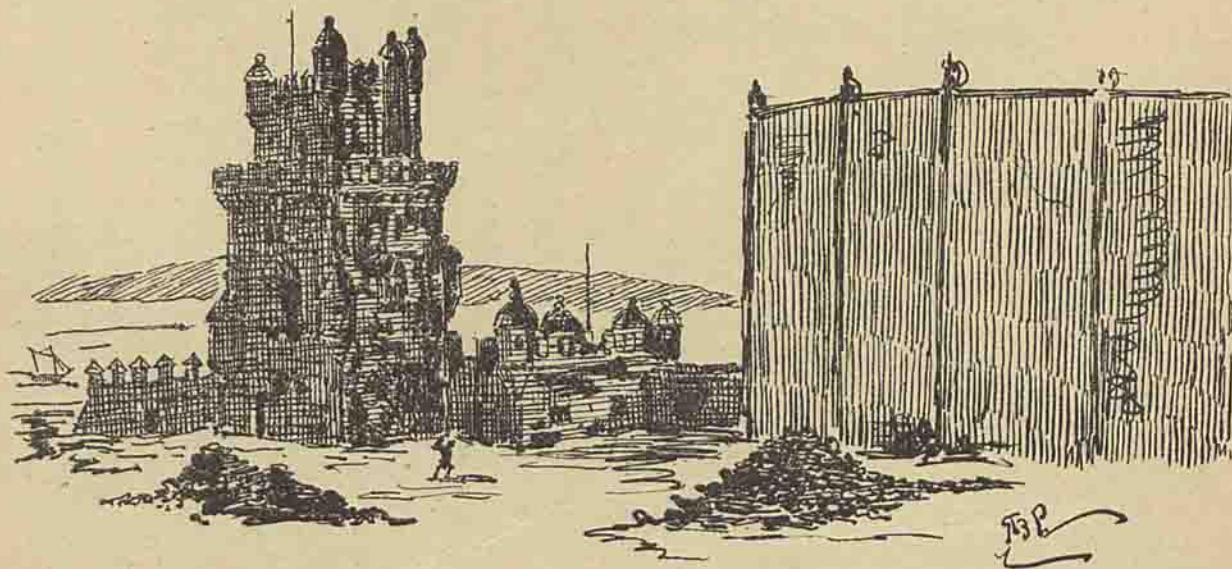
Junto ao quarto, muito estreito,  
Que occupo ha dias no hotél,  
Outro quarto ha, cujo leito  
Se encosta, como suspeito,  
No tabique de papel.

E eu creio que houve chilique  
No tal quarto—que é de Arman da—  
Pois que, p'ra lá do tabique,  
Foi mais forte o tremelique  
De que cá p'ra a minha banda...

E o nocturno referiu  
Que o tremor foi muito medio;  
Pois, tremor's de tal feitio,  
—Diz elle—sempre os sentiu  
Alta noite, em todo o predio...

PAN-TARANTULA.

## Abaixo assignado

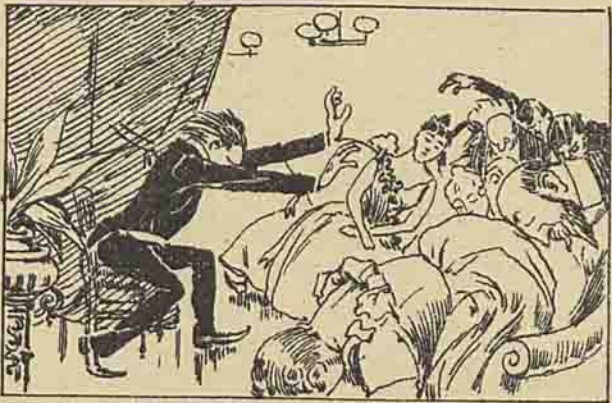
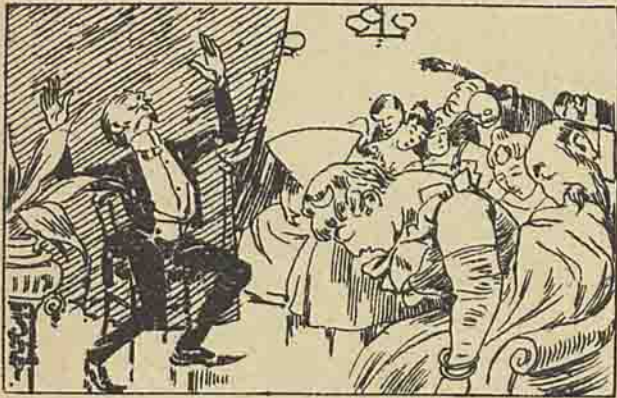
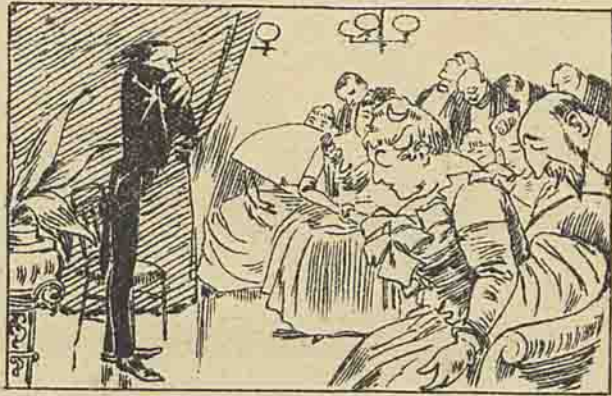


Os redactores, collaboradores, leitores e não leitores do *Antonio Maria* tem a honra de ponderar ao sr. ministro da instrucção publica e bellas artes que, visto as companhias do gaz serem agora uma só e não necessitarem de tantos gazometros, seria decoroso para o paiz libertar a torre de Belem da vergonhosa visinhança com que a dotaram a estupidez e a ganancia dos srs. argentarios.

# N'UM SALSIFRÉ

Um vate incompreendido

Extrahido da «Revue Illustrée»



COPIA DE GODFREY.

## THEATRO DA AVENIDA



A'manhã, sabbado, temos recita do *Burro do sr. Alcaide*, em honra dos auctores. São trez... trez *sebastianistas* a cavallo no mesmo burro, e a quem o publico não deve regatear applausos, porque foram elles os primeiros que escreveram uma operetta verdadeiramente portugueza.

Editor Manuel Luiz da Cruz. — Séde da administração, rua do Norte, 39, 1.º

Lythographia Lusitana, R. do Ferregial de Baixo, n.º 86 a 40.

Typographia — Imprensa Minerva — 12 Travessa da Espera, 14

# A CRISE



RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Viva a folia Toca a dançar, Haja alegria Á beira mar!...





o que parece, está a crise monetária resolvida, ou prestes a resolver-se...

Os mais illustres astrónomos financeiros d'este paiz, acabam de assestar para o horisonte os canudos da opinião publica. E á força de investigação e olho de lynce, descobriram nos ares symptomas de compradores de vinhos dos lados de Bordéos, e

indicios de papel cambial vindo dos lados do Pão d'assucar...

D'ahi um regosijo inaudito e indescriptivel. E a tal ponto indescriptivel e de tal modo inaudito, que os srs. astrónomos não resistiram á tentação de vir para as gazetas dar conta dos resultados das suas observações e descobertas.



avaliar pelos artigos de certas folhas excessivamente circumspectas e consoladoras vae chegar do norte — não se sabe ainda se em manhã de nevoeiro — um bando de negociantes que ha de comprar todo o vinho que ha por essas adegas.

E logo a seguir das bandas do sudoeste, surgirá uma nuvem de letras de cambio. E' o Bra-

zil inundando-nos com uma chuva de patacas.

Vamos pois ter dinheiro á farta... A imprensa rejubila, e com a imprensa rejubila a nação.

Pudéra!... Tínhamos pela prôa uma perspectiva de *struggle-for-lifismo*, de economia, de trabalho nacional em lucta com a concorrência estrangeira, que estava de todo em todo fóra dos nossos habitos.

Com mil diabos!... Ter a gente de trabalhar! Temos de pensar em sermos uma vez na vida «um povo agrícola»; em reorganisar e desenvolver as industrias, em tomar a sério o commercio e a navegação, em explorar as colonias... Que prodigiosa massada! que assombrosa deshonra!

Mas de repente, no meio da afflicção geral, sobem os gageiros ás vergas, trépam os jornalistas para os cimos do artigo de fundo, espreitam os ares, investigam os horisontes, e para logo exclamam ao paiz desolado por ter que se mexer:

«—Olé rapazes! Viva á folia, dançar, dançar! Haja folia, á beira mar! Olé! rapazes! Lá vem dinheiro do lado de Bordeos! Lá vem dinheiro do lado do Brazil! Olé! rapazes! Viva a folia! mandriar! Haja folia, á beira mar!...»



ninguem mais pensa em trabalho, e ninguém já quer saber do dia de amanhã.

Vae acabar a crise. Vamos ter dinheiro fresco. E é pegar da guitarra, e começar a cantar ao lindo amor,—e que trabalhem os outros, porque o trabalho é só para o preto...

Se as columnas d'esta folha fossem dadas a cogitações moraes e ainda por cima philosophicas, muito teriamos que philosophar ácerca d'este symptoma do ideal lusitano.

Toda a gente sabida em coisas economicas diz para ahi que a crise actual é a consequencia dos nossos erros e principalmente do nosso desmazello e da nossa mandrice.

Parecia pois natural, que se pensasse em resolver uma crise originada pela indolencia, com algum estudo, algum trabalho e uma melhor comprehensão do que é a vida, e do modo como vivem e luctam as sociedades modernas.

Pois não senhor! Em que se pensa é na riqueza, não resultante do trabalho, mas do acaso; em que se pensa é na fortuna que hade vir, não do suor do rosto, mas do céu aos trambulhões.

Que os outros trabalhem para nós; que os outros nos tragam o ouro,—que nós só temos tempo para fazer versos á luz, para passear vaidades por essa Averdeia, e para distrahir maguas por essas praias.

Santa gente!... Descuidada gente!... Que Deus Nosso Senhor continue a dar ao Brazil bellas colheitas de café, para nós pedermos coçar os cotovellos á porta da *Havaneza!*...

QUIDAM.



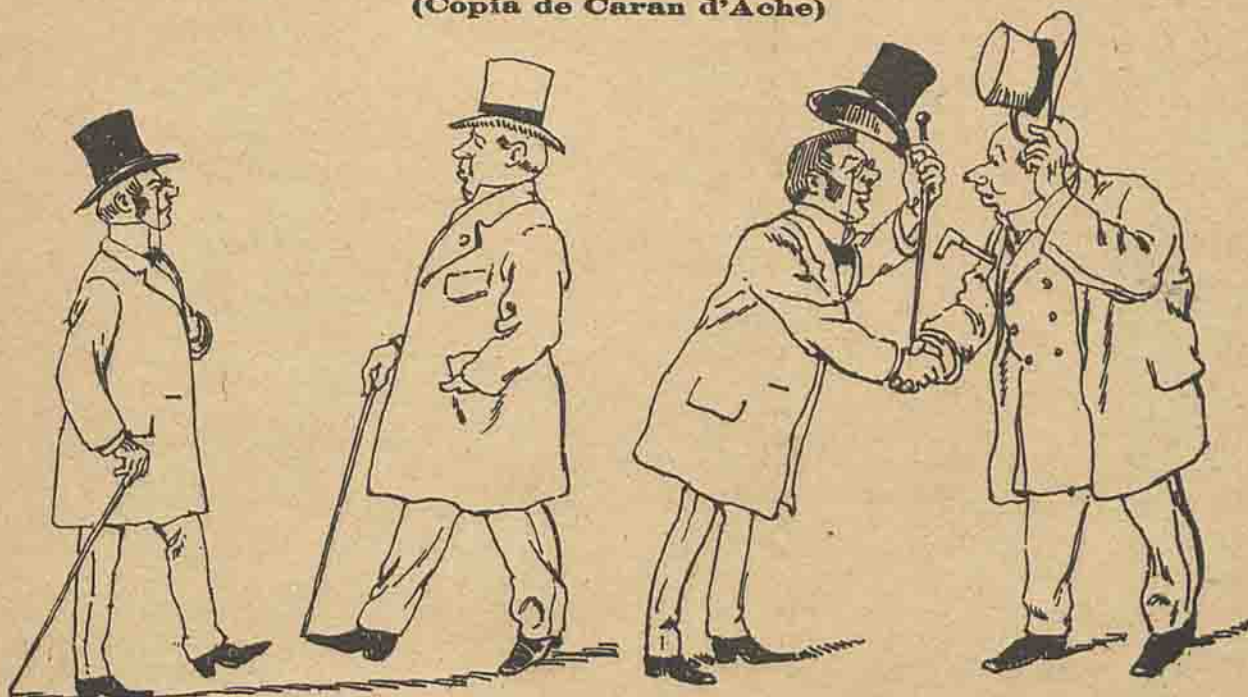
**Nec plus ultra!**

Sabonete do Congo, ó divinal conjuncto,  
De quanto ideal e bom creou a natureza,  
Com esta phrase vou pôr ponto sobre o assumpto:  
—E's a pedra angular do templo da Belleza!

Se boaria Victor Valisier, Paris.

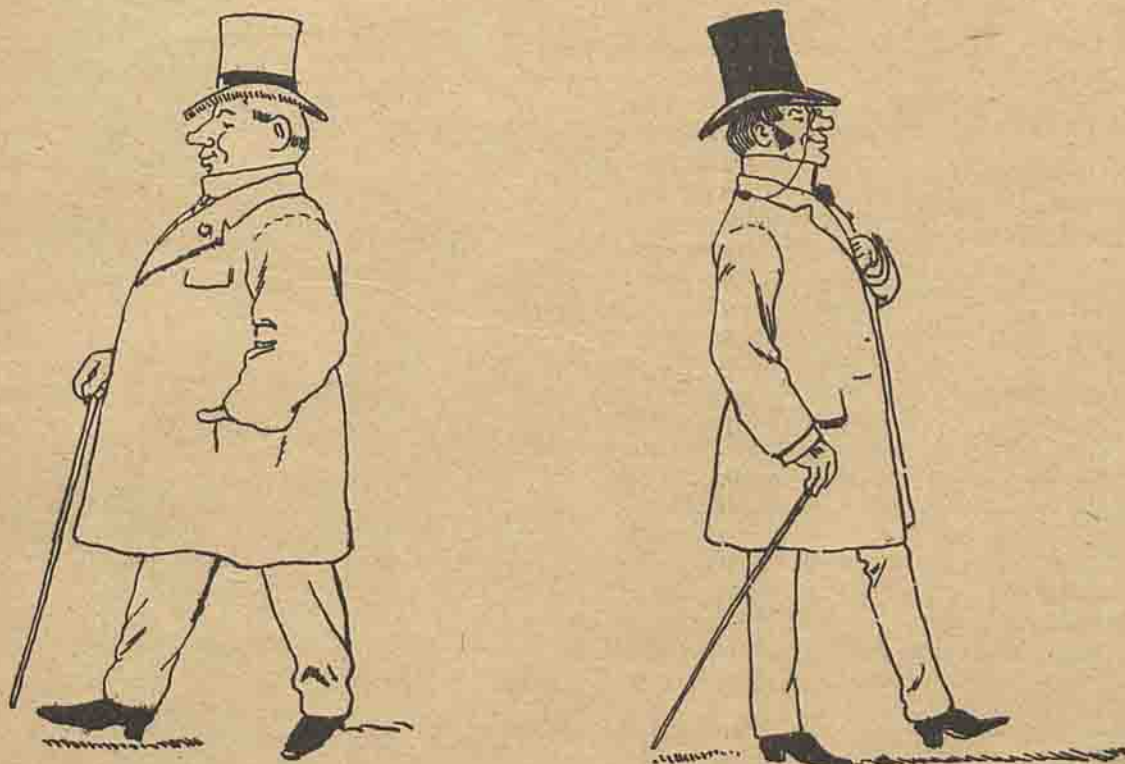
# OBSERVAÇÃO SIMPLES

(Cópia de Caran d'Ache)

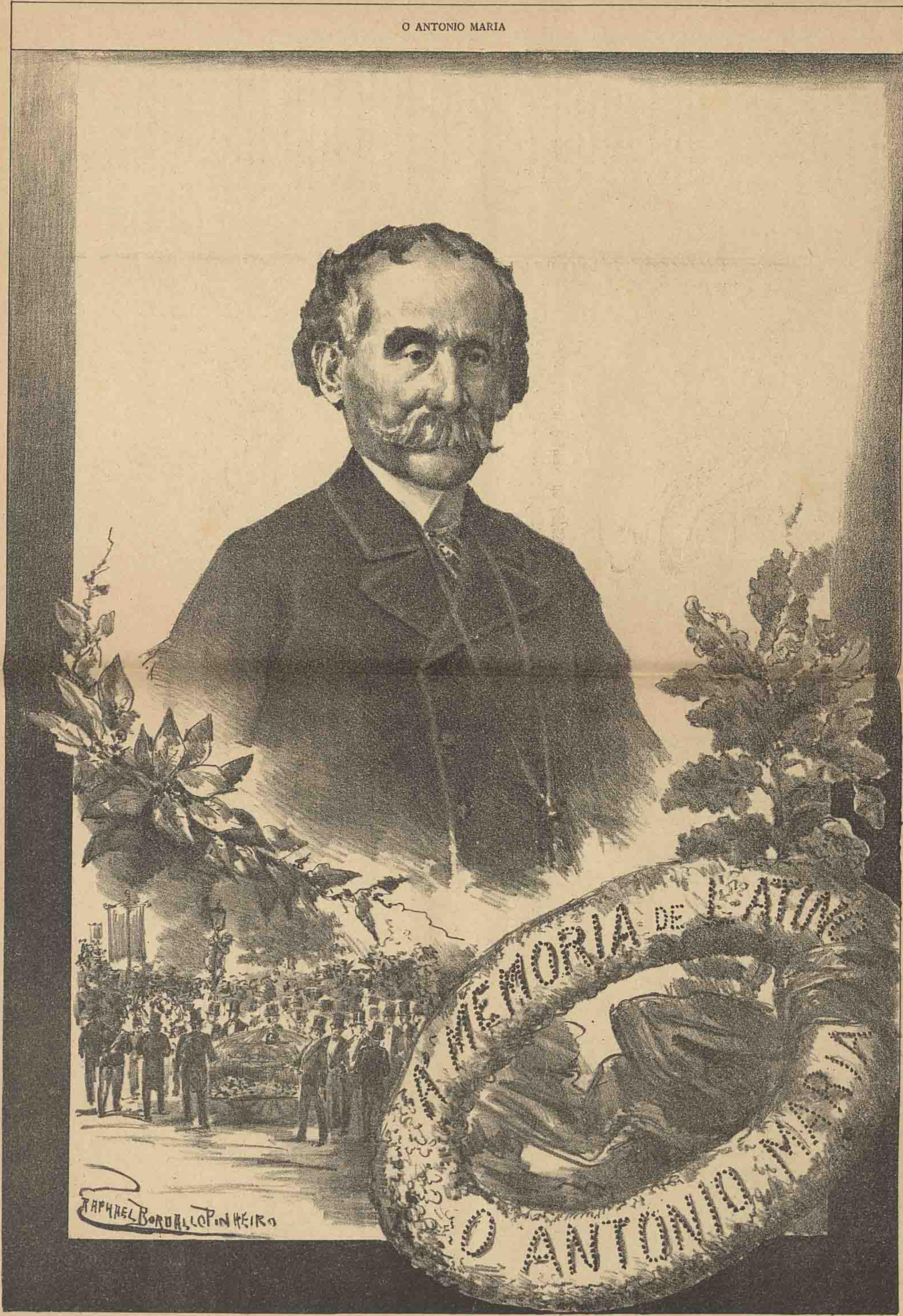


Por que motivo dois cavalheiros bem postos, com toda a apparencia de urbanidade e de circumspeção quando se encontram na rua,

Depois de calorosamente se haverem informado das respectivas saudes,



Se afastam, cada um para seu lado, com um ar soberanamente accacio de profunda e maligna satisfação intima?



## A SALVA BRAVA

Gil Aniceto Mathias  
da Costa Carvalho e Soisa  
Afez-se, em casa das tias,  
A comer todos os dias  
—Salvo seja!—a mesma coisa.

Após do almoço o chorume,  
Em que Gil comia em barda,  
Ia a moça pôr ao lume  
A panella do costume:  
Feijão, com couve lombarda.

Podia faltar á missa  
O Gil—que era bom christão—  
Mas, nem por grande preguiça,  
Se esquecêra da hortaliça  
Mais do seu socio—o feijão.

Da gostosa petisqueira  
Tasquinhande sem limite,  
Comia o Gil, da maneira  
Como come uma frieira  
—Que tenha bello appetite!

Fumista por condição,  
Tanto do fumo gostava,  
Que após comer o feijão,  
Ao fazer da digestão,  
Era salva... e salva-brava!...

Dizia até p'ra a vizinha,  
Que era uma esvelta senhora:  
—Esta *salva* é que é galinhal  
«Esta *salva* é que é a minha  
«Verdadeira *salvadôra!*...

«Co'o tal feijão, estoirnava  
«N'uma enorme indigestão!  
«De certo não me salvava  
«Se não fosse a *salva...* brava  
«Logo em cima do feijão!

Vivia alegre Aniceto  
Co'a vida que assina passava,  
Quando, qual lustre de tecto,  
Lhe, cae em cima o decreto  
Prohibindo a *salva...* brava...

N'uma profunda afflicção  
Que a cabeça lhe põe calva,  
Pensa o Gil, e com rasão:  
—Como heide eu comer feijão,  
«E passar depois sem *salva?*...

«Sinto aqui, no... *gorgomillo,*  
«Da couve lombarda as folhas!  
«É a *salva,* a *salva* de estylo,  
«Como heide evitar aquillo!...  
—«Só se fôr co'a lei das rolhas...

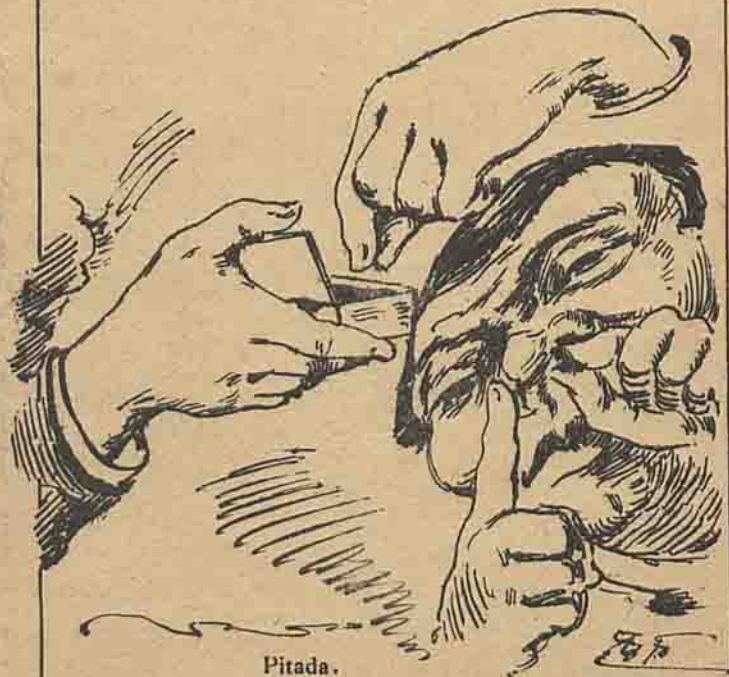
PAN-TARANTULA.



No certamen musical, que ha dias se realisou em Badajoz, sahiu victoriosa a banda de infantaria 4, de cujo mestre, Domingos Antonio Caldeira, publicamos o retrato.

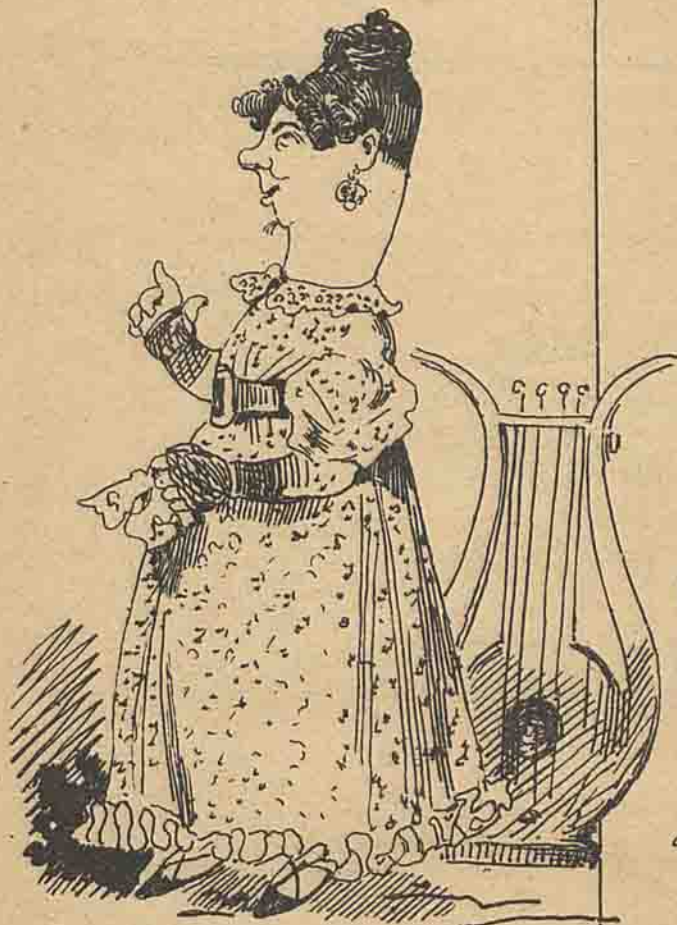
Parece-nos que o governo poderia marcar tres á preta se tivesse o bom senso de nomear o dito sr. Caldeira para o melodioso cargo de Orpheu Luzitano. Seria para ver como as bestas feras do agio encolheriam as gananciosas unhas, e tugiariam á influencia vil das *notas* de papel, mercê das *notas* de prata que o distincto musico se encarregaria de ir espalhando ao longo da rua dos Capelistas e adjacentes.

Utensilios indispensaveis para a leitura da  
«Chronica das Praias» de Augusto  
José:



Pitada.

Evocação da tia Catharina, inspirada poetiza do seculo passado.



Um callo, uma unha encravada e uma aprasivel pontinha d'hemmorroidal.



Quem tiver a boa chança de viver n'uma atmospherasinha embalsamada de mijo de gato, e de possuir um dente pôdre, oh! então tal leitura será um ceo aberto.

# CHERINOLA

OU

O chronista de Cascaes, Augusto José

Oh mineiro oh! mineirinho  
Oh mineiro de Cascaes,  
Por causa de ti, mineiro  
Fogem za filhaã aos paes.

Cherinola, Cherinola,  
Cherinola de Cascaes,  
Graças a ti, Cherinola,  
Fogem leitor's aos jornaes.  
E ficam soltando ais...  
Cherinola, Cherinola,  
Cherinola de Cascaes.



Santo Ignacio de Loyola,  
Quando pregava aos mortaes  
Mettido n'uma gaiola,  
Ao som da amena viola,  
Já dizia, Cherinola,  
De ti, cousas immortaes,  
Que a aza dos vendavaes  
Propalava desde Angola  
Té aos plainos d'Oliveas,  
Cherinola, Cherinola,  
Cherinola de Cascaes.



Não ha ninguem, Cherinola,  
Que não tenha vendavaes  
De riso, quando tu vaes  
Semeando nos jornaes  
Tuas graças, Cherinola,  
Cherinola de Cascaes.

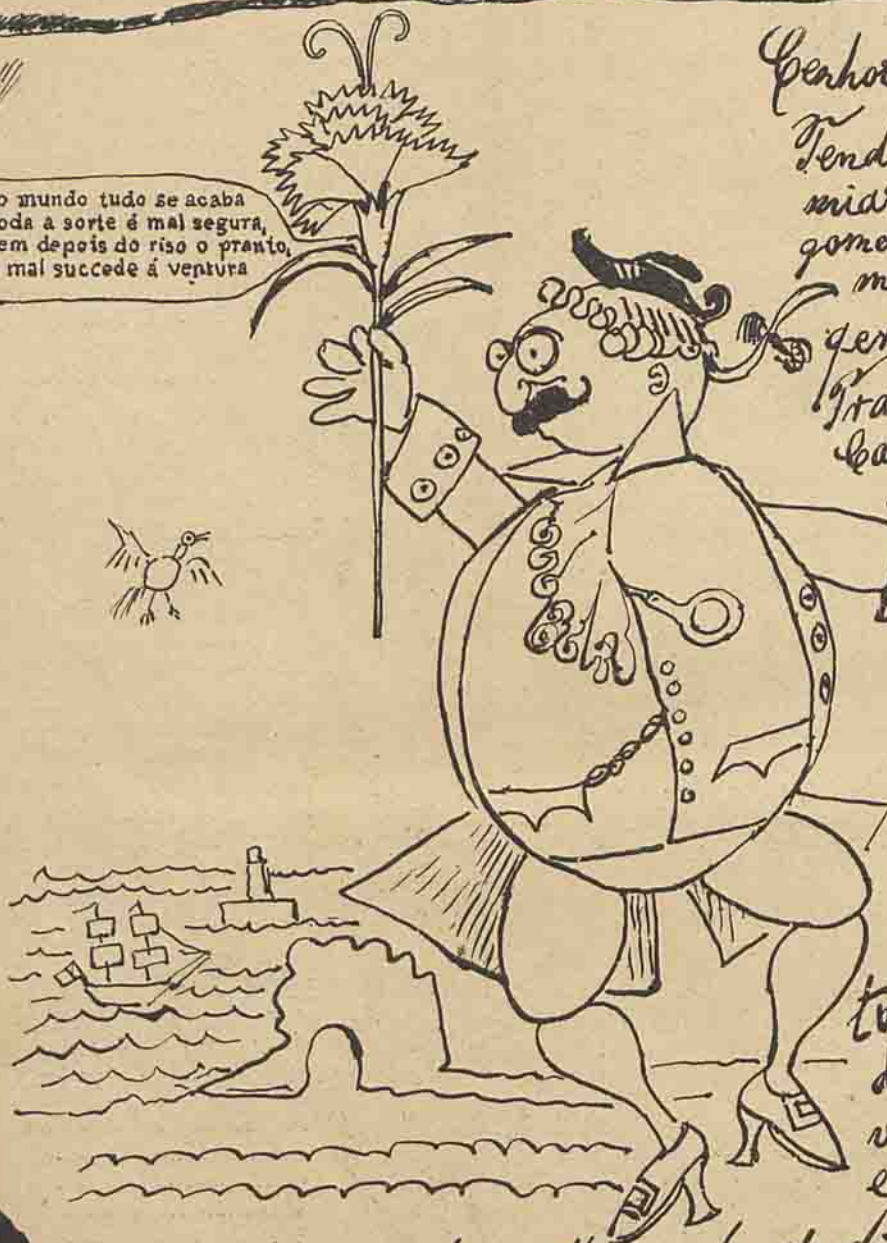


Continua Cherinola  
Lá d'essas plagas ignotas  
A contar cousas joviaes...  
Tudo é sombrio: os Guindaes  
Vão cahindo e os agiotas  
Enriquecendo co'as notas...  
Só tu nos dás auroraes  
Alegrias, Cherinola:  
Continua, Cherinola,  
Cherinola de Cascaes.



Do framaçeutico de Cascaes, Augusto José, a quem se attribuiram as *Chronicas das Praias*, que estão sendo publicadas nas *Novidades*, recebemos um retrato e uma carta que abaixo publicamos, sem emendas, com respeitosa fideidade, certos de que, com esta publicação, amornaremos a accessa curiosidade que vae lavrando em torno do famoso chronista, todo graças Luiz XV e Marrare...

No mundo tudo se acaba  
Toda a sorte é mal segura,  
Vem depois do riso o pranto,  
O mal succede á ventura



Senhor Redattore  
Tendo ouvido alu-  
miare u meo home  
como autore das  
mais qe lindas  
geronicas das  
Praias de  
Cascais nu  
jornale as

Novida-  
des i  
pra  
castifa-  
gere a  
ciuvidade  
de us lei-  
tors, veinho  
tumare a libar-  
dade de em-  
viare un  
esbousso de

a supposto autore de as ditas geronicas  
qe ~~plano~~ Voç Belensia phará publi-  
gar con us correivus percizus a degenho  
feito sem apuru i como de peçona qe  
numga aprendeo mas qe çabes como agou-  
tesse a todos qe numga aprenderam.  
U framaçeutico Augusto José.

# INAUGURAÇÃO DA LINHA DA BEIRA BAIXA



O Antonio Maria, graças a um amavel convite da Companhia Real dos Caminhos de Ferro, acaba de assistir á brilhante inauguração da linha da Beira Baixa, cujos trabalhos foram confiados á direcção do distincto engenheiro Porto. D'aqui agradecemos aos directores e engenheiros da Companhia as provas de delicada sympathia com que nos distinguiram durante a viagem. E d'estas portas de Rodam, saudamos os amigos que deixamos na Beira Baixa, os bons e alegres companheiros, cuja hospitalidade tanto nos commoveu e tanto nos penhorou...

## Variações

Esta semana fomos procurar impressões, longe do Chiado, da Arcada e mais das nadadoras.

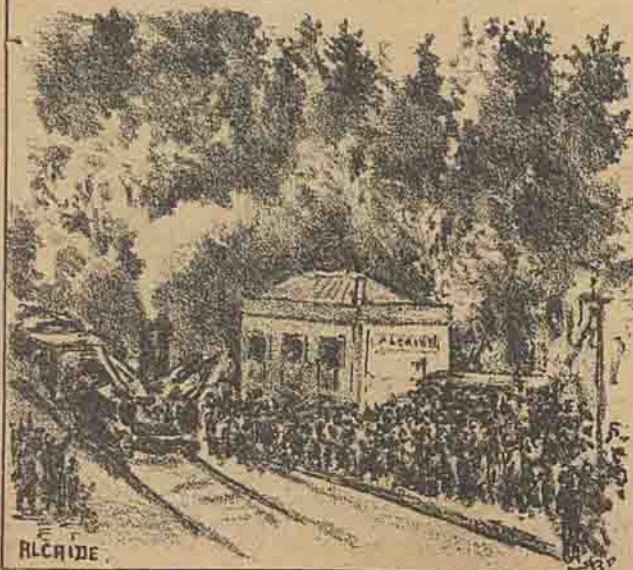
Graças a um amavel convite da Companhia Real dos Caminhos de Ferro, eis-nos de ponto em branco e tambem de ponto em preto, mais lindos que o lindo amor, encasacados, engravatados de branco, en-



tre um mundo de casacas, de fardas, de grã-cruzes, de condecorações,—enfiando tuncéis, trepando montanhas, atravessando campinas e rios, mais rapidos que a rapida setta, mais alegres que a propria alegria, mais solemnes que um *Te-Deum* e tambem por vezes mais graves que o mais grave e circumspecto conselheiro.

E não foi só tuncéis que enfiámos, nem montanhas que trepámos, arrastados por uma damnada locomotiva que só 24 horas mais tarde entrava no santo gremio da Igreja, graças á agua benta e a algum latim com que para dentro das guelias lhe arremessou Sua Reverendissima, o sr. bispo de Portalegre.

Tambem enfiámos por arcos de triumpho, tambem atravessámos ondas de fumo e ondas de harmonia e de *fungá-gás* metallicos, atordoando os ares com o hymno real, entoado na razão de cem hymnos por hora—e por estação...



Tambem nos acenaram com lenços, tambem vimos mãos que diziam adeus para o nosso vagon, tambem sobre as nossas cabeças nada reaes cahiram algumas flôres do regosijo popular, tambem aos nossos ouvidos eccoaram palavras da mais puxada e repuxada rhetorica.



E depois de tanta aventura, de tanta surpresa, de tanto regosijo, de tanto foguetorio e de tão louros, tostados e ssudosos perús e leitões assados,—



eis-nos confundidos, atordoados, esbodegados de sensações e de pitéus absolutamente novos e de poeira absolutamente preta, sem saber como reunir as notas que tomámos, para dar aos leitores do *Antonio Maria* a boa e grata noticia de que o mundo não acaba no Caes dos Soldados como por ahi se julgava,—e de que ainda ha terras por esse paiz onde se vive uma vida sufficientemente agradavel e risonha, sem se ouvir fallar no caso das Trinas, e sem ninguem se preoccupar se S. Carlos abrirá ou não, no proximo inverno...

Parece incrível, parece uma redonda mentira. Pois damos-lhes a nossa palavra d'honra que é verdade—que passámos tres dias sem ouvir fallar na irmã Colleta, nem sequer n'esses cantores que teem o mau gosto de preferir a uma nota do Banco o tilitar d'uma libra sterlina.

E nem por isso deixámos de comer com soberano appetite, de rir com vivo prazer, e de dormir o bom somno do justo—do justo que sente dentro em si os doces effluvios d'um vinho digno de reis e d'uma cabidella como nem os anjos jámais hão-de provar...

Parece incrível... Pois palavra d'honra que é a pura da verdade!...





O COLLOSSAL PINHEIRO.

N'essa viagem, através das mais pittorescas paisagens, desde as formosas margens do Tejo, até ás portas de Rodam, e d'ahi até ás faldas dos montes Herminios a que o vulgo chama Serra da Estrella, admirando castanheiros, azinheiras e tambem algumas oliveiras, sem fallar das arvores panileras; por esses caminhos até então impervios e hoje cortados pelos rails do progresso e da sciencia humana, na



phrased tão pomposa quanto colorida d'um nosso companheiro de viagem,—só tivemos um pezadello...

Madame Maney! Madame Maney! Como as suas reflexões nos azedaram por vezes o nosso bom humor e até a nossa paciencia.



Madame Maney! Madame Maney! Effectivamente nós somos um paiz e um povo impossivel de aturar, e que só supportam os estrangeiros sem melhor collocação no seu paiz.

Madame Maney! Madame Maney! Effectivamente nós não somos dignos de que o *American register* tenha n'este paiz um correspondente, cuja prosa ainda ninguem teve occasião de lobrigar impressa.



Madame Maney! Madame Maney! Por quem é, deixe de nos causticar com as suas reflexões de mau humor, com os seus azedumes de phrase, com os seus desdens, com as suas censuras a tudo e a todos.

Madame Maney! Madame Maney! Por quem é, deixe-nos ser selvagens á nossa vontade, deixe-nos ser immensamente selvagens... Nós não queremos da sua civilisação, nós não queremos dos seus conselhos... Este paiz não é digno do seu prodigioso saber, do seu assombroso espirito, do seu extraordinario *humour*... Este povo e esta imprensa não são dignos do convivio d'esta escriptoras que não escreveu as cartas de Madame de Sévigné porque já estavam escriptas, nem os romances de Madame Sand pelo mesmo eloquente motivo, nem os versos de Madame Ackermann tambem pela mesma razão...

Madame Maney! Madame Maney! Por quem é poupe-nos! Por quem é, evite-nos!



Portugal nunca lhe hade dar um livro—nem mesmo o livro da má-lingua.

Porque tambem já o escreveu outra madama—madame Ratazzi.

Já vê, Madama, que outros paize a reclamam, que outros povos esperam o momento ditoso em que sejam apreciados pelo seu prodigioso saber, pelo seu assombroso espirito, pelo seu extraordinario *humour*...

Madame Maney—adeus!...

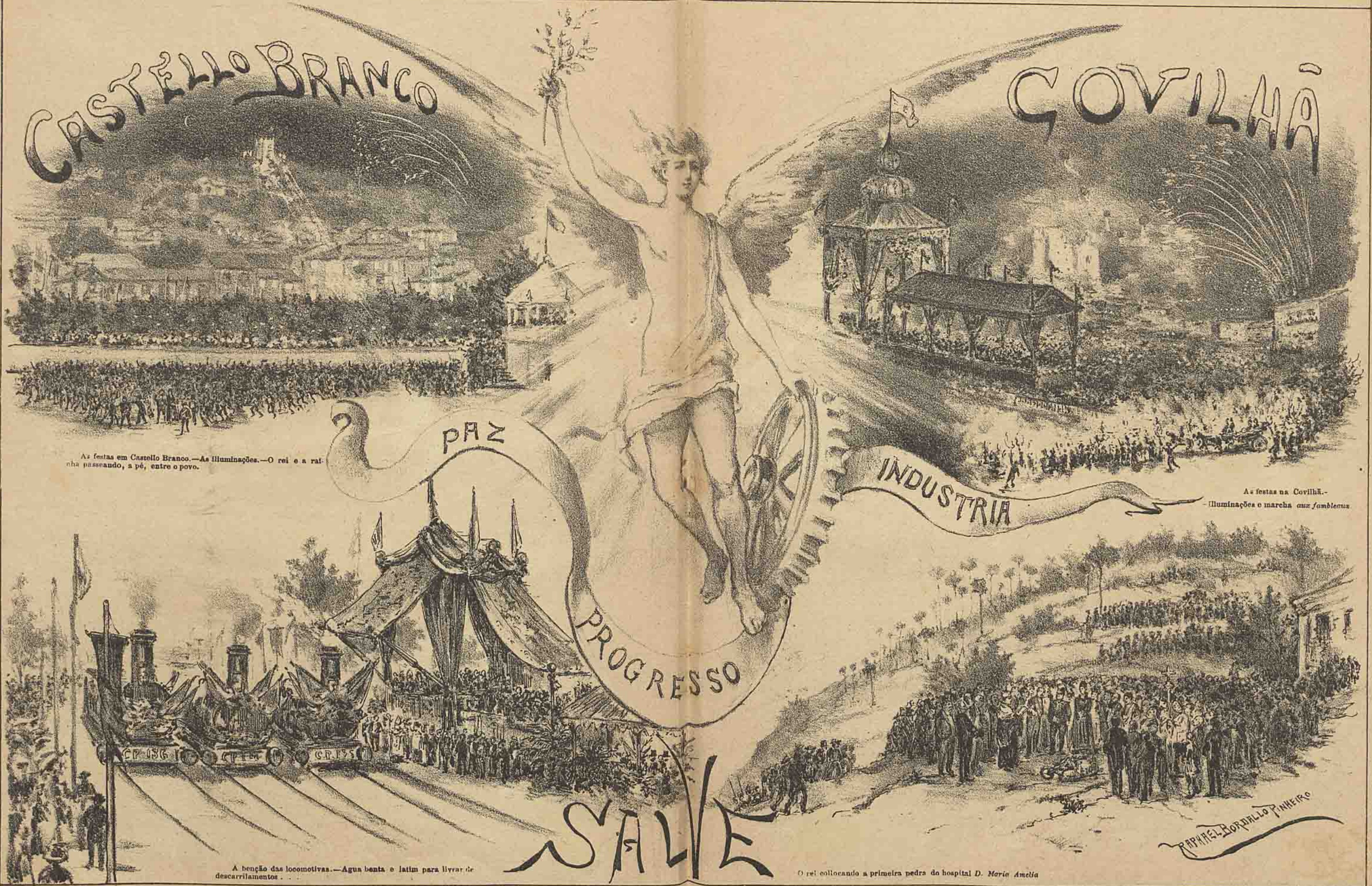


A' parte este pezadello, a poeira do caminho e os efeitos imprevistos e assaz indelicados d'uma talhada d'essa famosa e collossal melancia, cujo coração teve a honra de ser atravessado pela primeira espada d'estes reinos e outras espadas subalternas, e



# CASTELLO BRANCO

# COVILHÃ



As festas em Castello Branco.—As iluminações.—O rei e a rainha passando, a pé, entre o povo.

As festas na Covilhã.—Iluminações e marcha aux famblicas

A benção das locomotivas.—Agua benta e latim para livrar de descarrilamentos . . .

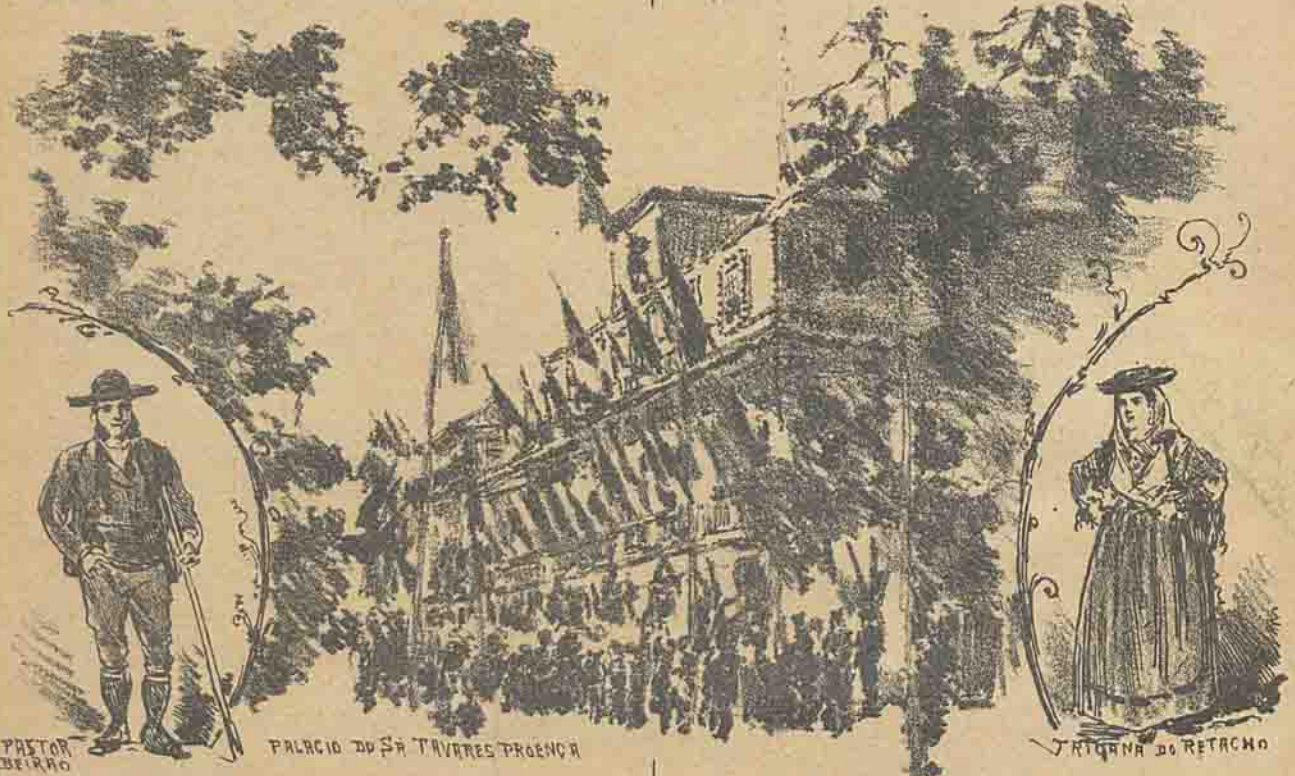
O rei collocando a primeira pedra do hospital D. Maria Amelia

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

a que um illustre viajante chamou a *campanha da Melancia*,—áparte estas ligeiras contrariedades, essa viagem deixou-nos a grata recordação e a certeza inabalavel de que ainda ha um Portugal que tem a coragem de ser *portuguez*, por estes tempos de *estrangerismo* que tem dessorado, avariado e pervertido o sangue e até mesmo o inoffensivo capilé que gira nas veias de muitissimos luzos.

Estivemos—ó maravilha das maravilhas!—em terras de Portugal, onde encontrámos portuguezes comendo á moda dos antepassados, e não tendo vergonha de se apresentarem vestidos com fazendas manufacturadas em fabricas nacionaes! . . .

Estivemos—ó raridade das raridades!—em terras de Portugal, onde á meza dos amphitriões se serve em vez de *petits patés*, e de *mayonnaise de poulet*, um

PASTOR  
BEIRÃO

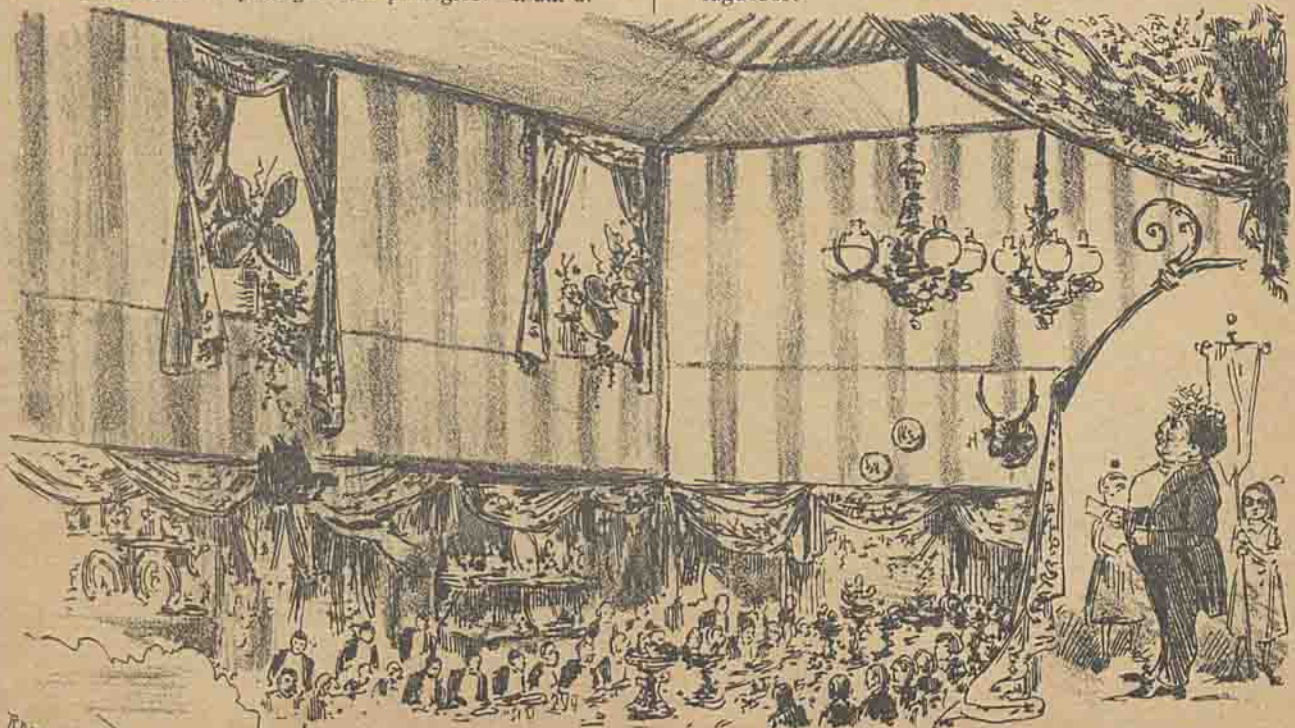
PALACIO DO S. TAVARES PROENÇA

TRINHA DO RETORNO

prato de cabidella e uma travessa de leitão assado, e isto sem os mesmos amphitriões corarem de semelhante serviço.

Estivemos—ó prodigio dos prodigios!—n'um al-

moço a que presidia o Chefe do Estado, dentro d'um sala toda adornada das mais lindas e preciosas colchas, das que outrora sahiram bordadas de mãos portuguezas.



TOMAS BORDADO PINTOR

SALA DE JANTAR - DECORAÇÃO DE MUITO BOM GOSTO COM RIQUISSIMAS COLCHAS

Estivemos—ó assombro dos assombros!—em terras de Portugal onde as casas que sorriam por entre encantos e maravilhas de verdura, ainda conservam o typo genuinamente portuguez, sem que a paisagem uma só vez nos apparecesse manchada com esses ridiculos e pretenciosos *chalets* que os suburbios de Lisboa imitaram d'essa horrorosa Suissa, para uso exclusivo dos viajantes da agencia Cook.

Estivemos em Portugal!... E de lá voltámos, se assim se pôde dizer, mais portuguezes do que para lá tínhamos ido; de lá voltámos, se é possível, ainda com mais horror e mais odio a esse vil *estrangeirismo* de contrabando, que tem sido o assassino do nosso caracter nacional, a vinagreira do gosto, a ruina da nossa industria, a aniquilação de tudo quanto tinha o typo e o caracter portuguez.



O TREMIDINHO COMPANHADO A ADUFE



FANJO DE RESPEITO

De lá voltamos adorando ainda mais este lindo paiz e este povo tão bondoso, apesar de todos os defeitos que lhe possa encontrar a desdenhosa Madama americana que foi nossa companheira de viagem.

E de lá voltamos gratos e reconhecidos a todos—porque todos nos receberam de braços abertos, porque todos nos acolheram em suas casas com aquella afabilidade, com aquella estima, com aquella franqueza, só proprias da fidalguia com que o portuguez de boa tempera costuma receber o hospede e o amigo...

QUIDAM.

## EXPEDIENTE

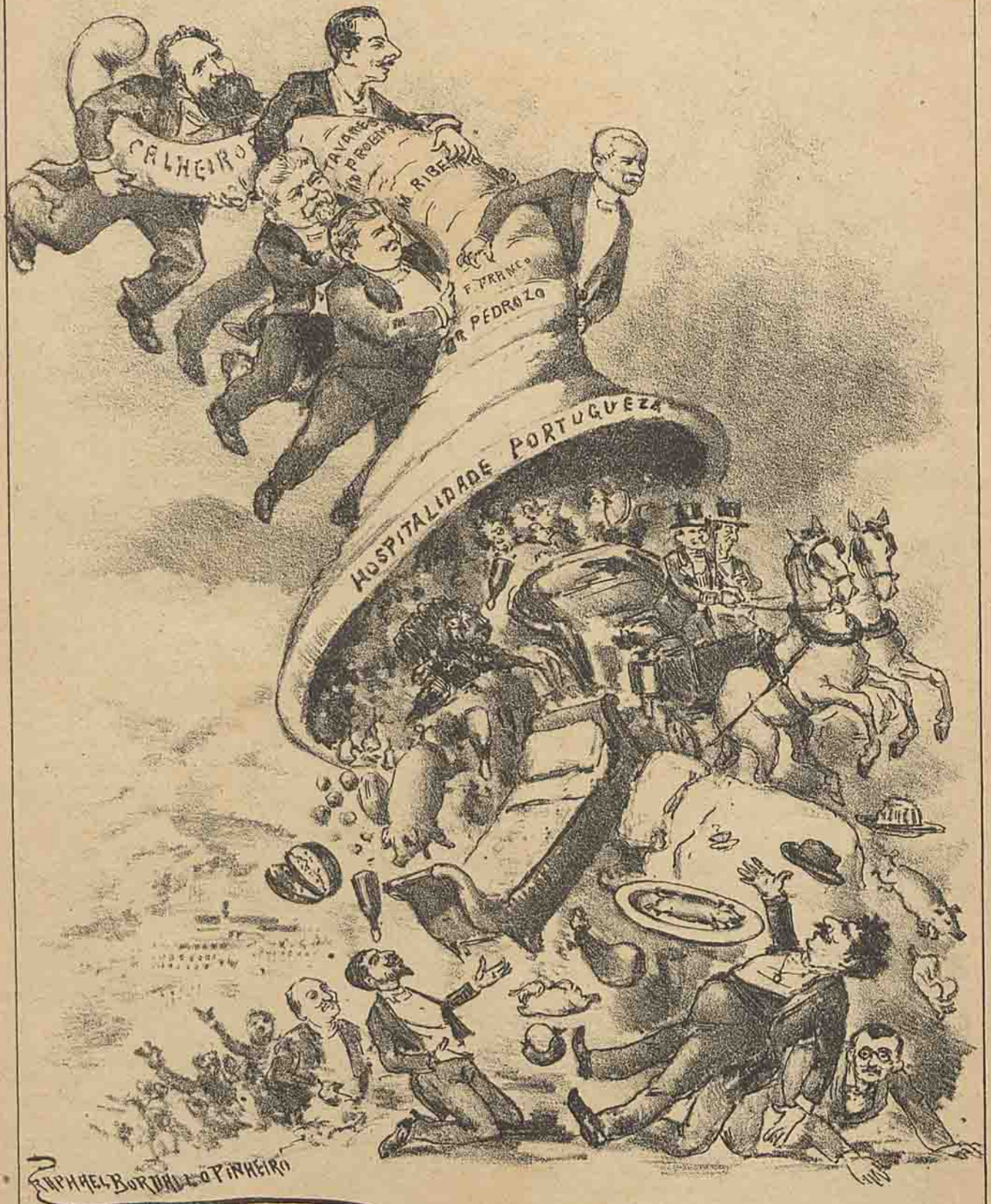
A completa falta d'espaco leva-nos a pôr de parte grande numero de *croquis* da viagem regia á Beira Baixa, bem como uma nota ácerca do muito ameno Cherinola, *croquis* e nota que publicaremos no nosso proximo numero.

## O AMOR

As friidas que em geral Cupido faz  
Não nos dão sofrimento muito longo:  
Brilha o amor e logo se desfaz  
Qual uma bola se sabão... do Congo!

Saboaria Victor vaisier, Paris.

# A HOSPITALIDADE PORTUGUEZA



Sobre as nossas cabeças, durante tres dias, os queridos amigos que deixámos na Beira Baixa, despejaram ondas e ondas de amabilidades e mimos. Nem sabemos como agradecer e como descrever a franqueza e a galhardia com que se nos abriram todas as portas e com que encontrámos um talher á nossa espera em todas as mezas.

Editor Manuel Luiz da Cruz. — Séde da administração, rua do Norte, 89, 1.º

Lithographia Lusitana, R. do Ferregial de Baixo, n.º 36 a 40.

Typographia — Imprensa Minerva — 12 Travessa da Espera, 14

# A Anthero do Quental



COPIA DO QUADRO DE COLUMBANO



HOMENAGEM  
DO  
ANTONIO MARIA

É quem teme o Não-ser é que se assusta  
Com teu vasto silencio mortuario,  
Noite sem fim, espaço solitario,  
Noite da Morte, tenebrosa e augusta . . .

Eu não: minh'alma humilde mas robusta  
Entra crente em teu ariq' funerario:  
Para os mais és um vazio ginerario,  
A mim sorri-me a tua face adusta.

A mim seduz-me a paz santa e ineffavel  
E o silencio sem par do Inalteravel,  
Que envolve o eterno amor no eterno lucto.

Talvez seja peccado procurar te,  
Mas não sonhar contigo e adorar te,  
Não-ser, que és o Ser unico absoluto.



## ANTHERO DO QUENTAL

O Antonio Maria presta hoje a derradeira homenagem de respeito e de admiração por Aquelle que foi um dos escriptores mais nobres e mais elevados do nosso tempo.

Anthero do Quental é ainda mal comprehendido por muitos. As gerações modernas são de tal modo egoistas, que a sua admiração apenas se volta para aquelles que rapidamente influem nas questões politicas e sociaes de momento. E raras vezes se dão ao trabalho de raciocinar que ha espiritos pairando acima das luctas de hoje, pensando e meditando sobre as revoluções, as evoluções e os destinos da Humanidade.

Esses espiritos—a que pertencia Anthero—vivem geralmente divorciados da multidão. A multidão nem os sente, nem os comprehende, tão preoccupada anda com os seus negocios quotidianos, e tão indifferente é aos mysteriosos e complicados problemas da alma e do espirito.

A historia d'este grande incomprehendido, é a mesma de todos quantos passaram a vida a *sonhar* ou a *pensar*—sem se interessarem pelas ondas revoltas de paixões, de interesses e de vaidades que se desfaziam a seus pés. Mas quando a Morte cobrir de preto todo este seculo, então no livro de Portugal hão de ficar brilhando alguns nomes, como os de Garrett, de Herculano, de Anthero e de João de Deus...

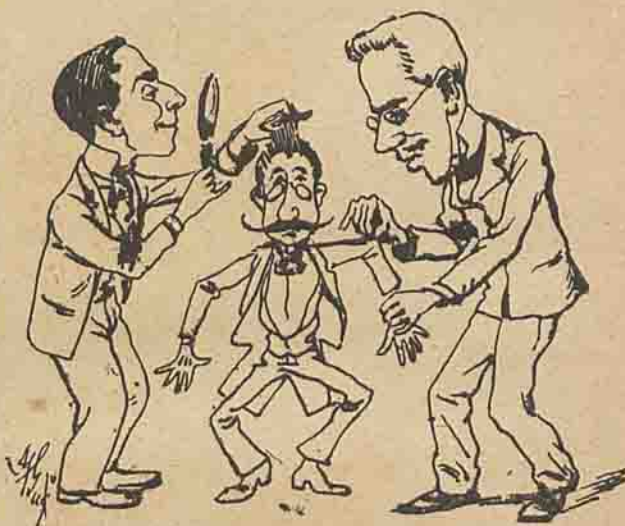
O seu fim tragico, este suicidio que as gazetas attribuem a soffrimentos phisicos—quem pode asseverar que não seja o fim racional e calculado d'este desilludido da alma e do pensamento?... Quem nos diz que Anthero não procurou na Morte, o unico e supremo gozo da unica Verdade que não mente?... Quem nos diz a nós que elle não exclamou como o poeta francez:

O Mort! viens capitaine, il est temps! levons l'ancre!  
Ce pays nous ennuie, ô Mort! Appareillons!  
Si le Ciel et la Mer sont noirs comme de l'encre!  
Nos coeurs que tu connais sont remplis de rayons!

Verse nous ton poison pour qu'il nous reconforte!  
Nous voulons, tant ce feu nous brûle le cerveau,  
Plonger au fond du gouffre, Enfer ou Ciel, qu'importe?  
Au fond de l'Inconnu pour trouver du nouveau!...



Venerandos leitores: Para o estudo que hoje encetamos, insistentemente pedimos a vossa intelligente attenção. De ha muito que a vida e os feitos de Custodio Caminha nos preocupavam altamente. Tão grandiosa, porem, tão epica nos apparecia essa existencia, que violento e demorado foi o esforço que tivemos de empregar para vencer a critica incompetencia que sentiamos ao encarar de face assumpto de tanta sumptuosidade. Caminha não é um producto do nosso ingenho inventivo. Atravez da nossa prosa, nas linhas dos nossos desenhos verão todos os que nos lerem da guttural typado o conspicuo vulto inda ha pouco tão discutido a proposito do caso das Trinas. Benevolencia vos pedimos, leitores, para este tentamen biographico sobre a grande individualidade cujos factos bigodes serão assim o esperamos—as azas que hão-de levar-nos á Posteridade.



## A CONQUISTA DE LISBOA

OU

### O Caminho do Caminha

Já o sol atormentava, á esquerda, o Tejo, quando Custodio Caminha acordou, pisco dos olhos, ao bairulho sobresaltado do wagon, que entrava nas aguas.



Alhandra.

Custodio esfregou as palpebras empapoçadas, aguçou a garganta, cuspiu uma avelã de gomma arábica, e depois de, paulatinamente, naver enrolado

um cigarro e espalitado os dentes com o seu limpauhas, poz-se a deitar fumaças densas e olhares viscosos pela janella fóra, todo aninhado a um canto, calçando as suas luvas de viagem, côr de fava, com bordaduras pretas em 111.



Sósiho na carruagem, á medida que se acercava de Lisboa, o bacharel Caminha sentia crescentes entusiasmos adentro do torax: entrevia triumphos e folganças n'uma atmospherá de apothéose, oiro e purpura; mulherinhas com boccas de cravo, todas munificentes de caricias; cascatas d'oiro inundando-lhe os bolsos; ramos de loiro descendo dos loireiros, e vindo pelo seu pésinho, coraal o; artigos nos jornaes bafejando-o com baforadas de incenso e myrrha; todo o parlamento suspenso da sua empolgante oratoria... Caminha pensava, pensava, e a seus ouvi-

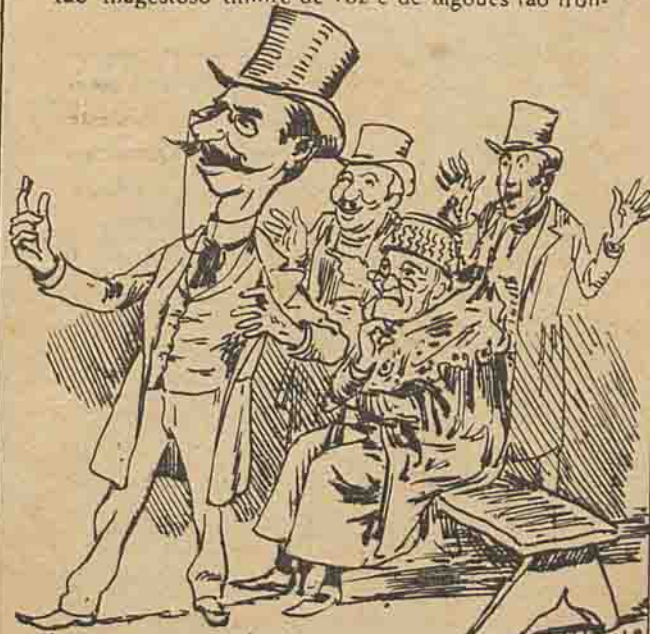


dos soava a phrase oracular de seu padrinho:— *Trabalha que vencerás: o teu appellido é uma predestinação.* Esta phrase, como um par d'azas, levou o á colina enevoadá do preterito para onde as suas ideias

começaram a correr, da mesma forma que, ao galopar macabro do comboyo, as arvores verdes e humidas do caminho corriam para traz. Reconhecendo a analogia, Custodio escreveu no punho, por debaixo d'uma somma: *As ideias, ás vezes, são como as arvores da linha ferrea.* E a pensar no passado adormeceu de novo



Custodio Marques Caminha Junior, natural de Formoselha, bacharel em Leis pela Universidade de Coimbra, onde não tomou capello por suas ambições o impellirem para mais alto lugar, era o homem mais extraordinariamente estúpido que Deus Nosso Senhor tem mandado a este luminoso paiz. Graças á sua estupidez, Custodio foi sempre laureado nos estudos, querido dos mestres e dos irmãos de letras. A uma insolita obtusidade de espirito alliava elle uma vasta ignorancia adubada de tal altivez de maneiras, de tão magestoso timbre de voz e de bigodes tão tron-



dosos que a todos inspirava admiracão e respeito. A sua falta de penetração explicavam na os seus de votos como uma consequencia immediata da superioridade do seu intellecto, que, por muito elevado, não descia nunca á comprehensão das pequenas questões.



# FESTAS EM CASCAES

(Ao nosso amigo Jayme da Costa Pinto)



Foram de um vivo effeito pittoresco as festas ultimamente realisadas em Cascaes. A gommosa villasinha toda illuminada e faiscante de fogos d'artificio dava ares ao longe d'um inaudito burgo de legenda onde as fadas andassem ao luar dançando entre colmeias de pyrilampos. A ornamentação dos arcos erguidos para o desfilhar do real cortejo tinha já—e com isso nos alegrámos—um aspecto eminentemente lusitano e eminentemente superior ás odiosas decorações lavadas de bastardos estrangeirismos que por ahí estamos costumados a ver. N'esta ornamentação sentia-se logo a distancia o fino gosto do illustre homem de letras Ramalho Ortigão, que n'estas festas graciosamente poizou a sua penna d'oiro para tomar o martellino d'aco dos armadores. Depois do arco da rua Augusta, dos de Valle de Vez e do sr. Visconde de Paço d'Arcos, nunca arcos mais lindos se abriram á nossa passagem.

RAPHEL BORRALLOP INEIRO

ARCO MARITIMO



Uma vez formado e depois de com dificuldade haver resistido aos doutores de Direito, que o queriam para a faculdade, Caminha vendeu por vinte libras o seu patrimonio e tendo-se abalançado á compra d'uma sobrecasaca e d'um chapeo de sêda, partiu, caminho de Lisboa, para a conquista do futuro, cheio de ambições e de chymeras, como ficou contado no começo d'este capitulo.

Eram 6 da manhã quando o comboyo entrou em Santa Apolónia. Debruçado á portinhola, Custodio viu ao alto a cobertura de crystal, e logo lhe lembrou o famoso aphorismo: *quem tem telhadode vidro não atire pedras aos dos visinhos.*



Aquelle telhado que assim lhe apparecia á entrada da grande cidade dos seus sonhos era por certo um aviso providencial. Custodio affeito sempre á prescrutação das mysteriosas charadas deitou-se a matutar sobre o caso té que a decitração do occulto e sybillino enygma lhe appareceu com transparente evidencia

—Comprehendo, murmurou Caminha, *quem tem telhados de vidro não atire pedras aos dos visinhos.* Comprehendo o que isto quer dizer. Serei docil: não atirarei pedras para que não me apedrejem. Sempre da opinião dos outros. Concordar com os outros é um principio de boa educação e eu prezo-me de ser uma pessoa muito bem educada.

(Continua.)



## O CHERINOLA



Em referencia á epistola illustrada do *farmaceutico* de Cascaes, Augusto José, accodem, pressurosamente, as *Novidades*, revelando o nome do verdadeiro auctor das afamadas *Chronicas das Praias*. Para nós que andavamos buscando o abracadabrante chronista, torturados pelo *frio, frio, frio* da incerteza, a revelação do nosso collega foi um consolador *quente, quente, quente* que nos encheu de estripitoso jubilo e de surpresa, tambem, pois estavamos bem longe de ir encontrar occulto sob um venerando *cache-nez* o hilariante Cherinola que, segundo o dizer das *Novidades*, é o sr. D. Luiz da Camara Leme, cujo nome ignoro, mas que d'ora em diante ficará sendo unanimemente considerado como o do *sacerdos magnus* do cheniolismo lusitano.

Manda Deus que se diga a verdade e em boa verdade diremos que nunca acreditamos absolutamente nas affirmações do indiscreto apothicario cuja carta publicamos tão sómente para descanço e pacificação da curiosidade publica.

Viram alguns no ingenuo retrato feito por Augusto José o perfil do sr. Barbosa Colen. Basta porém confrontar a graça solemne, toda polvilhada de *vina-grinho*, das *chronicas*, com o fresco e primaveril espirito do sr. Colen, para logo se perceber como foi infundada a suspeita.

## THEATRO BIJOU



N'um minúsculo theatrinho para as bandas da Patriarchal assistimos ha dias a uma representação de androidos.

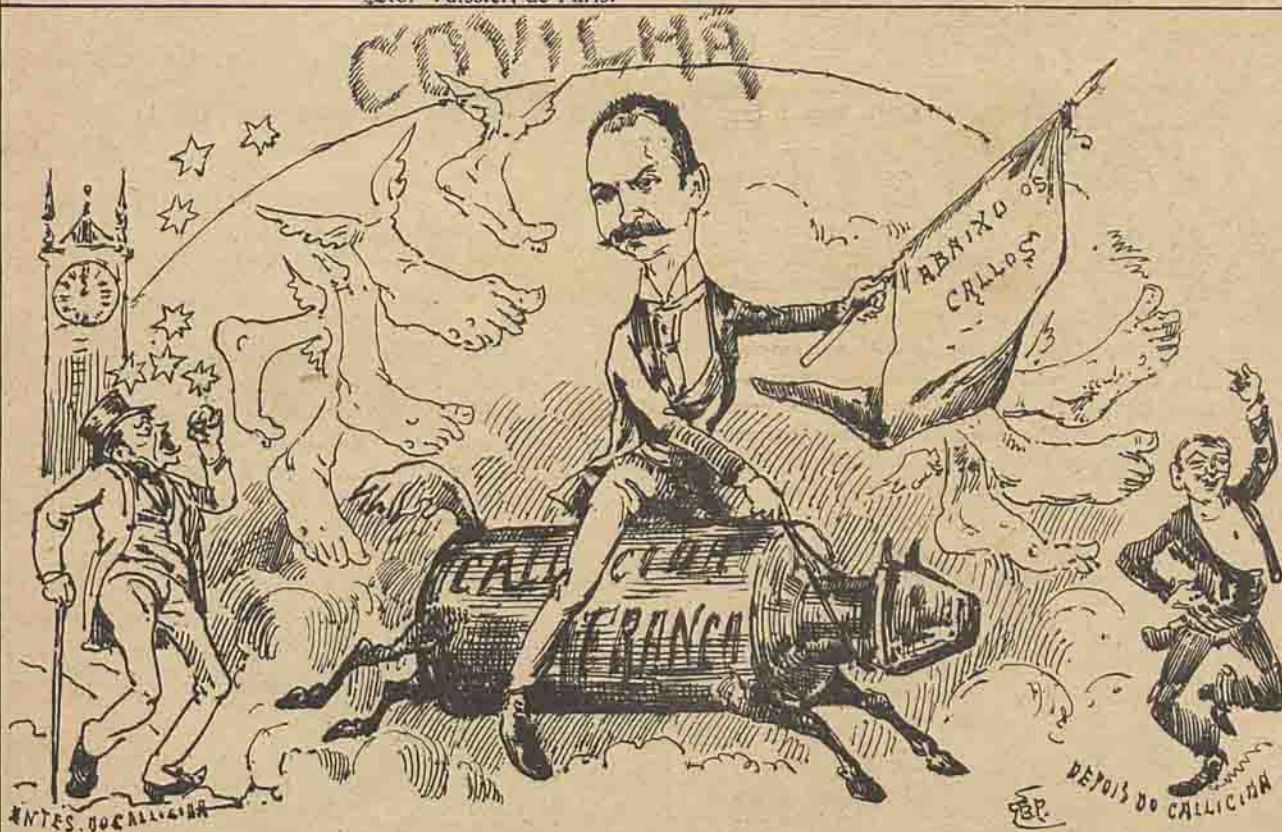
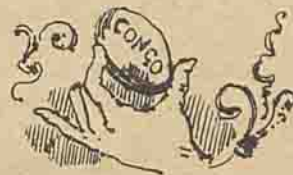
E' dirigido o teatro pelo actor Chaves cujos trabalhos de ventriloquia são muito para louvar. O que seriamente nos entristeceu foi a udidura das peças lá representadas. Um teatro de androidos deve ser um teatro para crianças, que as faça rir, que as interesse, que lhes encante a vista, que lhes povoe as cabecinhas aneladas de sonhos d'ouro e rosa. Nada de phantasmas, de walsas macabras, de perspectivas lugubres. Estamos que seria um encanto para os bebês e uma mina para o teatro a representação d'uma farça risonha e ingenua, a historia da *Carochinha*, por exemplo, traçada por quem conhecesse as exigencias alegres dos espiritos infantis.

O actor Chaves tem recursos que não são para desprezar e que bem aproveitados teriam um alcance bem importante n'este paiz onde, francamente, não ha um espectáculo onde se possa levar uma criança.

## Origem do sabonete do Congo



Foi em 1883 que Victor Vaissier inventou o seu incomparavel sabão de tocador, chamado «dos Príncipes do Congo». Este maravilhoso sabão, cuja massa é d'uma pureza perfeita e o perfume excessivamente agradável, acha-se hoje em todas as mãos. Para terem o verdadeiro Congo; exijam o nome Victor Vaissier, de Paris.



E' de todos sabido o profundo terror com que as victimas dos callos fogem dos apertos. Ora na ultima viagem que fizemos á Beira Baixa, notámos com verdadeiro espanto, a tranquillidade d'animo e o sorriso de superior confiança com que todos os habitantes d'aquelles sitios se precipitavam nos mais complicados, tumultuosos e variados apertões...

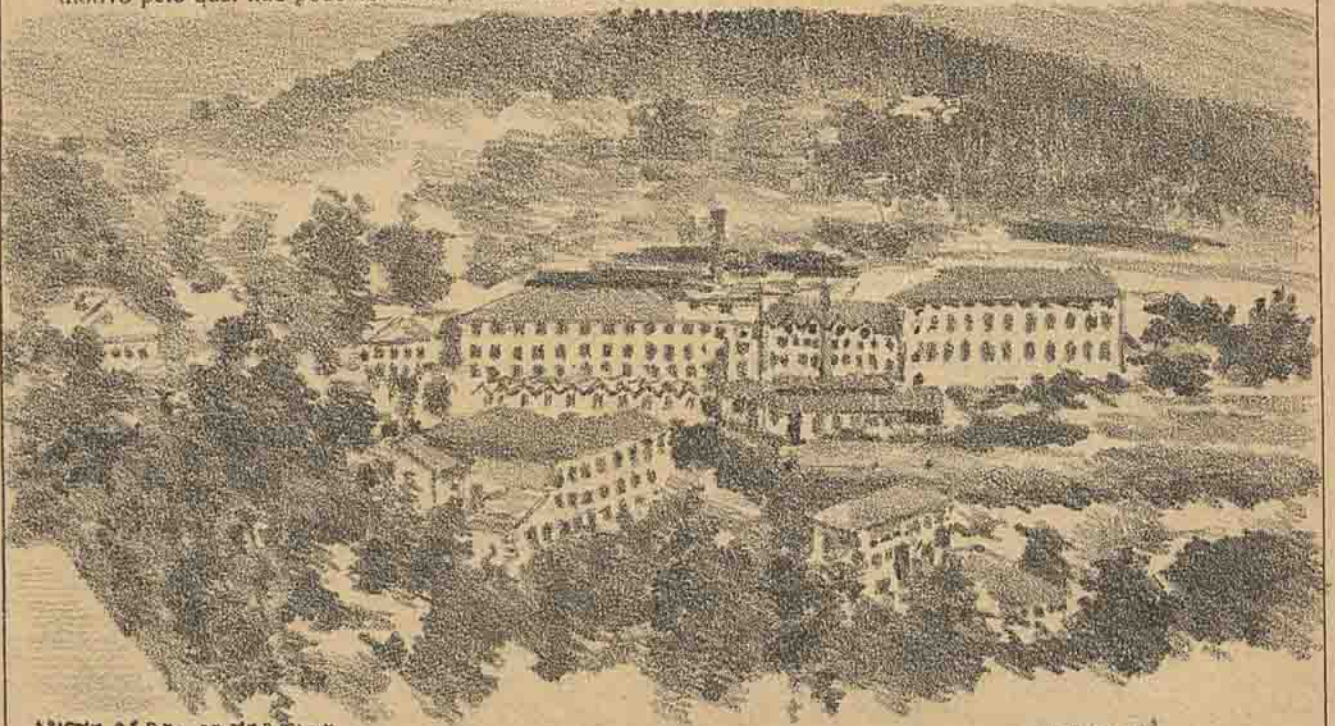
—Mas esta gente não soffrerá dos callos? Mas esta gente não tem medo dos apertos?—perguntava alguém cheio de terror.

E a voz da Fama respondia:

—Não, menino, não tem! Porque na Beira não ha callos, graças ao prodigioso callicida Franco, sem igual nas cinco partes do mundo!...

## FABRICA VELHA—CAMPOS MELLO & IRMÃO—COVILHÃ

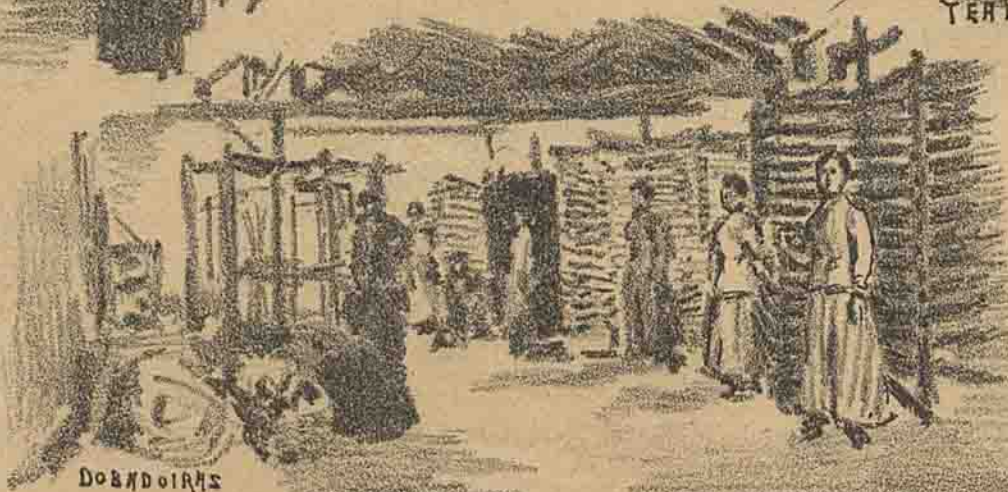
Era nossa intenção e desejo apresentar, inã que rapidamente, alguns aspectos das principaes fabricas da Covilhã, onde os desilludidos da nossa industria deveriam ir desillu. jr se de seus costumados pessimismos. Infelizmente, porém, só conseguimos obter algumas photographias da importante fabrica Campos Mello, motivo pelo qual não podemos occupar nos das outras.



VISTA GERAL DA FABRICA



TEARES



DOBROIRAS

## GASPAR DA SILVA



Gaspar da Silva é um portuguez, inda moço, que no estrangeiro tem defendido o bom nome da sua terra com vigoroso brio e puro patriotismo, patriotismo que uma só das suas acções define cabalmente:—a attitude energica tomada perante um jornal parisiense que, nos offendera violentamente, ao tempo em que Gaspar da Silva se achava de passagem na grande capital franceza, onde agora vae fundar um jornal de plano superiormente concebido: *A Mala da Europa*.

## Variações

Creio que a justiça do meu paiz anda deveras preocupada com a punição que se deve dar a um lisboeta que teve a idéa assaz original de fazer na Allemanha uma encommenda de varios milheiros de notas de 500 réis—que o mesmo lisboeta se propunha a pôr na circulação, apenas a encommenda lhe chegasse ás mãos.

A policia parecê que deitou a mão ao *criminoso*, e que El rei tem mais um subdito debaixo dos seus ferros—ou dentro dos seus ferros.

Confesso lhes que a sorte d'este phantasista me começa a interessar profundamente, attendendo a que esse *criminoso* é d'uma especie inteiramente nova no meu Portugal, meu berço d'innocentes, como lhe chama o sr. Thomaz Ribeiro.

E digo inteiramente nova, porque nem sequer no codigo penal ha nome para este reu de lesa-nota. A esse criminoso não se lhe pode chamar *ladrão*, nem *moedeiro falso*, nem *falsificador*, nem *passador de moeda falsa*.

O que fez esse phantasista? o que fez esse grandissimo espertalhão?... Raciocinou—e mais nada...

Raciocinou o phantasista... que o Banco de Portugal resolvera pagar os seus encargos e trocar as suas notas de ouro e prata, não por ouro ou prata, mas por papel. E que papel?!... Um bocadinho de papel como se fôra um rotulo de pharmacia, ou um bilhete de tombola, impresso n'uma typographia da Allemanha, sem nenhuma chancellia ou sello que a Carta Constitucional mande respeitar.

—Ah! elle é isso!—raciocinou o grande phantasista. Ah! o Banco resolve pagar com papel lithographado na Allemanha, e ainda por cima mal impresso! Pois tambem eu vou pagar do mesmo modo os meus compromissos monetarios...

E vae d'ahi, escreve para a Allemanha, para que lhe mandem de lá alguns milheiros de rotulos, exactamente como os que vieram para o Banco.

Este homem é um falsificador? Não é. Tambem não é um passador de moeda falsa. Não falsificou coisa alguma, porque fez uma encommenda de notas como podia fazer de rotulos para latas de marmelada. Não passou moeda falsa, porque o seu papel era tão bom e tão caro como o do Banco.

Qual é então, ó Justiça do meu paiz! o crime d'esse homem? Ser um pandego? Ser um grande finorio? Ser um grandissimo espertalhão?...

Mas quantos pandigos da sua laia, quantos finorios da sua egualha, quantos espertalhões da sua força, que só teem enriquecido com trocas e baldrocas de papelinhos sobem a estas noras a Avenida, recostados nas almofadas das suas *victorias*, puxados por bellas parellhas do mais puro *pur sang*? Quantos?!...

Quantos não teem atirado para o mercado, centenas de contos de papelinhos, que hoje ninguem quer a pezo, e que arruinaram centenas de familias?

Pobre diabo de *criminoso*!... Em vez de fazer a sua operação em grande, esse phantasista limita-se a *emitir* aos cinco tostões de cada vez!...

Eil-o por isso sob os ferros d'El-Rei. Que grandissimo pelintra! Pois retiro-te a minha piedade—ó intrujão de cinco tostões!... Quando te bastava intrujares com cinco mil contos, para seres o primeiro financeiro da peninsula...

Justiça! Sê implacavel com quem tão ignorante é, ácerca dos homens e das coisas d'este mundo.

Justiça! Não me poupes esse estúpido!...

QUIDAM.

## DAVID COHEN



David Cohen, o traductor do *Eurico*, depois d'um longa residencia em Paris, onde o seu espirito superior foi sempre justamente querido e as suas lições n'uma escola official attentiosamente ouvidas, deixou o Sena pelo Tejo e á beira d'este vem dar lições de francez, inglez e allemão, idiomas que conhece magistralmente.

Boas vindas e boa chança.

## Os inconvenientes da ceifridade

O *sabonete* do Congo é de tal sorte conhecido, que se encontra hoje em todas as mãos. Mas este eximio sabonete tem numerosos *imitadores* que empregam diferentes *meios deshonestos* para dar saída, explorando a reputação universal d'elle, a baixos e vulgarissimos productos similares. O *verdadeiro* Congo traz o nome de Victor Vaissier, de Paris

# A CONQUISTA DE LISBOA

OU

## O Caminho do Caminha

(Continuação)

Custodio saltou lepidio para o caes e logo se viu cercado por sete cavalheiros com bonés rutilantes de metaes e casacos picados de botões doirados. Todos os setes tinham maneiras de côrte, prodigalidades de sorrisos e mesuras, e todos lhe offerciam, nas pontas dos dedos, cartões vermiculados de impressões coloridas.

—São os ministros, pensou Caminha, souberam da minha chegada e vieram esperar-me. Os papeis que me offercem são, por certo, diplomas de honrarias e mercês com que el-rei quiz distinguir-me.

Caminha cortejou com urbanidade e, depois de haver apertado as mãos cabelludas dos sete, perguntou ao mais idoso:

—V. Ex.<sup>a</sup> é o sr. presidente do conselho?

—Não sr., voltou altivo o interrogado, sou o corretor do hotel Vasco da Gama. Seis tostões por dia, almoço de garfo, retirete ao pé do quarto de cama, café com leite, bidé...



Todos os outros se precipitaram sobre Custodio, gritando-lhe aos ouvidos, puxando-lhe as malas, rasgando-lhe as abas da rabona mettendo-lhe cartões pela bocca dentro.

Atagado em suores, morto de fadiga, embalde Custodio quiz valer se dos seus musculos para fugir ás cordeas expansões dos sete, até que um alvitre-lhe appareceu, luminoso; encheu de ar os pulmões escancarou a bocca, cerrou as palpebras e lançou uma baforada de tão mau halito á cara dos impertinentes, que estes cahiram todos por terra, gritando que estavam envenenados.



Victorioso, marchava Caminha para a sahida, enchugando as fontes oliosas com um vistoso lenço de ramagens quando a sua marcha foi interrrompida por um sujeito do fisco cujas mãos cingidas de malha branca foram, capciosamente, descobrir no fundo



da mala do conspicuo bacharel o mais appetitoso dos queijos, descansadamente reclinado sobre umas ceoulas e fazendo travesseirinha d'um par de piugas.



# OS HOMENS DA SEMANA

Jayme da Costa Almada Cascaes



Com menos ostras do que o couraçado do seu alcunha mas com muito mais utilidade. E nós que o applaudimos, como applaudimos todos os que traballam. Por onde passa deixa sempre rastros do seu genio activissimo, e ainda por cima adopta, em signal de reconhecimento, os nomes das terras que tem engrandecido. Passou pela Costa de Caparica e ficou Jayme da Costa; passou a Almada, ficou Jayme da Costa Almada; atravessou o Tejo para Cascaes e já hontem o vimos encomendando cartões de visita com este nome: Jayme da Costa Almada Cascaes.

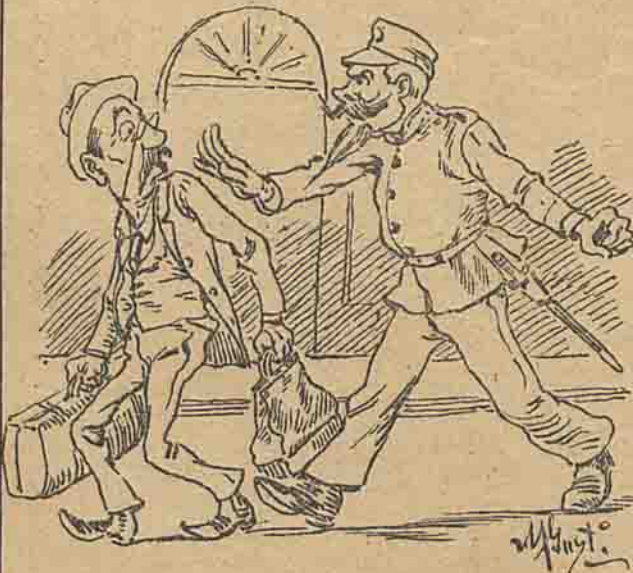


Colocado entre o desagradavel Scylla e Carybdes de pagar tres mil réis de direitos pelo queijo ou de lhe dizer adeus, Custodio tomou a resolução de o comer.



Melancholicamente sentado sobre a sua mala, poz-se a devorar macios bocados da gostosa comedoria que, como é sabido, tem o milagroso poder da agua do Lethes:—fazer esquecer. Quando a fartarefeição terminou já Caminha se não lembrava de cousa alguma: a sua vida, o seu passado, os seus planos, as suas ambições, tudo isso se desvanecera, se havia tornado vago e distante, sob o nevoeiro do olvido. Embalde elle tentava descançar, demorar o espirito sobre qualqder detalhe da sua existencia; tudo se tornava em neblina, em phantasmagoria.

Caminha limpou os bigodes, accendeu um cigarro, compoz a mantã e, acariciando a obesidade incipiente do seu ventre com a alegre satisfação dos bens almoçados, caminhava, feliz, para a porta, quando um novo servidor das aduanas surgiu, adamastoriano, bigodeira em riste, pêra em lagryma de pernas para o ar, clamando:



—Pschiu! olá, ó amigo, não se raspe, não se raspe. Se você julga que nos come a nós como comeu o queijo, está muito enganado. Ou o queijo ou os direitos.

(Continúa .

Eu.

## OS BANHOS

Ninguem ha que se dispense,  
N'este mez, de tomar banho;  
Todo o povo lisbonense  
Lava quanto lhe pertence  
Em mergulhos de arreganho.

Já dizia a velha Andreza,  
Que era tia do Silvestre:  
—Não ha nada, com certeza,  
Como o luxo da limpeza  
... Uma vez cada semestre,

Não ha nada—isso é verdade—  
Como o requinte do aceio;  
Por isso a esvelta cidade,  
Se mergulha em liberdade  
Todo o mez—ou mez e meio...

Sob as barracas de lona  
Despe-se a esvelta madama  
E o fato todo abandona,  
N'uma corda, á bambalhona,  
—Como á noite, aos pés da cama,

Em seguida, sobre a areia,  
Do mar correndo aos embates,  
Mergulha na maré cheia  
—Talqualmente uma sereia  
Que regressa aos seus penates:

E ao dar o mergulho dito,  
Qual se a picára uma espora,  
De seus labios solta um grito,  
Que na praia deixa afflicto  
O palerma que a namora.

E ao sair—junto á harriga  
Trazendo a roupa collocada—  
Diz, correndo p'ra uma amiga:  
—Foge de mim, rapariga,  
Que venho toda inundada!

Entra apóz, ligeiramente,  
Na barraca, estreita cella;  
—E ha quem affirme e sustente  
Que o namoro (acho indecente)  
Já lá estava á espera d'ella!

Depois succede—que magoa!—  
Que ao vestir-se, em brusco gesto,  
Entorna a bacia d'agua,  
N'uma sôpa pondo a anagoa,  
Meias, ligas—fora o resto...

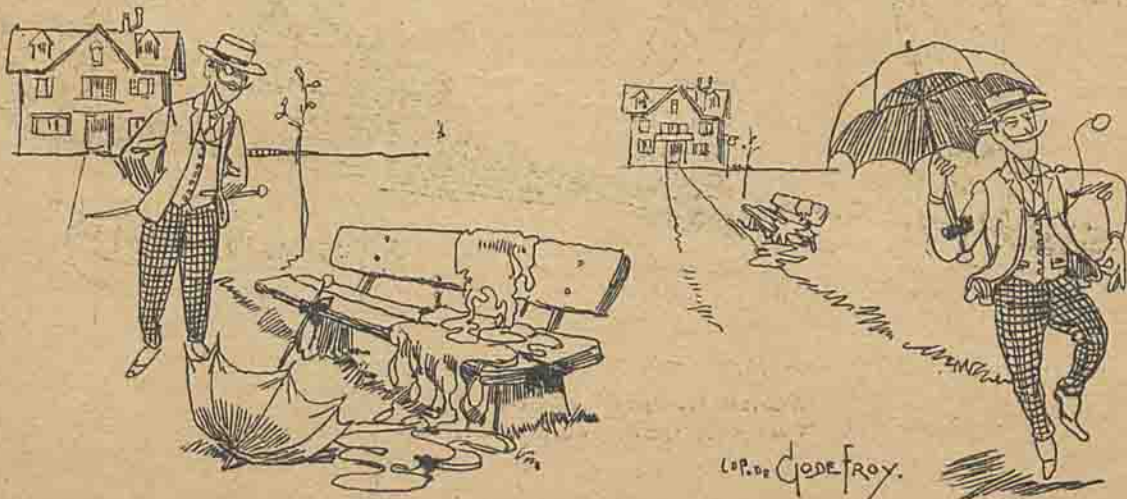
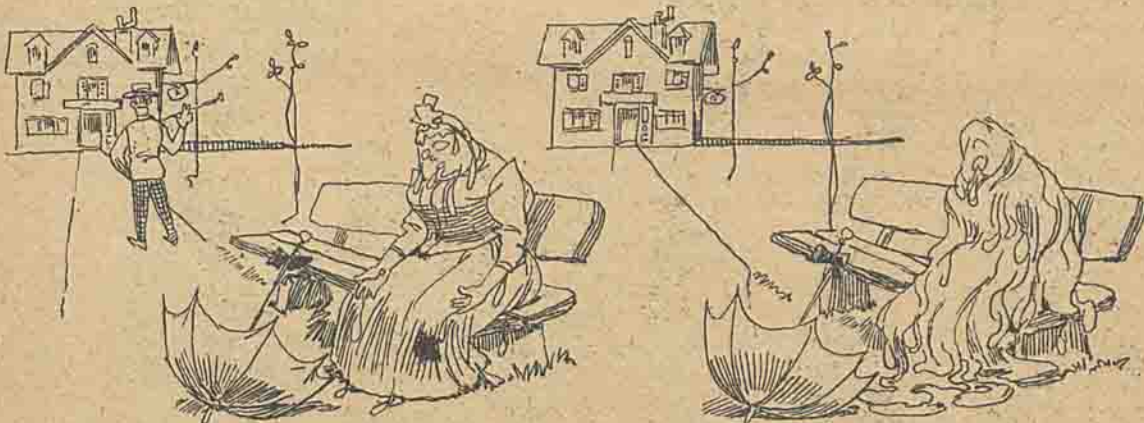
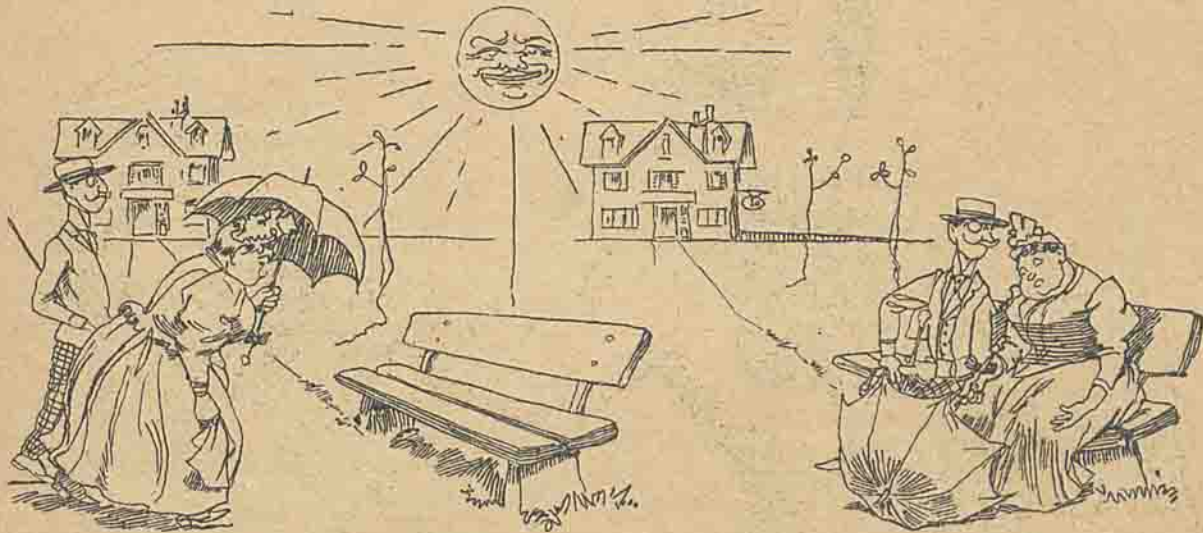
E assegura a D. Urraca  
Cunegundes de Bulhões,  
Que lhe ouvira, com voz fraca:  
—Co' esta agora, na barraca,  
São duas inundações!

E mais no caso enunera,  
Com risinhos abafados,  
Que o namorado dissera:  
—Bom donativo te espera,  
Do cofre dos inundados...

PAN-TARANTULA.

# SOL D'AGOSTO OU O PESADELLO D'UMA SOGRA

(Extrahido da 'Revue Illustrée'.)



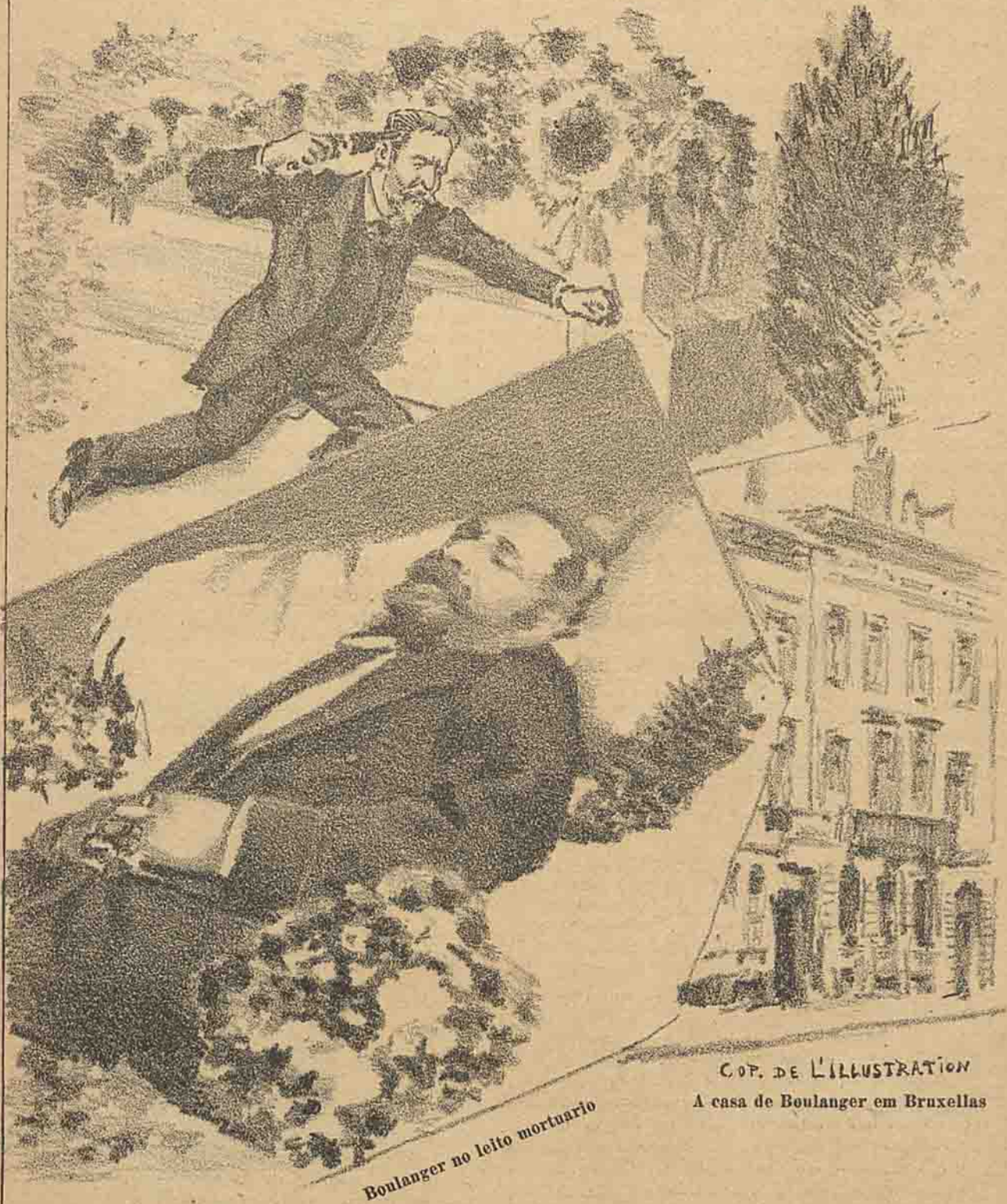
LOP. DE CLODE FROY.

# NOVISSIMA REFORMA DO MUNICIPIO



Toma lá que te dou eu.  
Vá, vá, que estás com sorte.

# A MORTE DO GENERAL BOULANGER



Mais um que, desilludido de tudo e de todos, tendo perdido successivamente o Poder, a Popularidade, a Gloria e o Amor, resolve desaparecer do mundo, fazendo saltar os miolos sobre o tumulo da mulher amada... Essa extraordinaria aventura politica, que se chamou o *boulangismo*, e que teve por epilogo o mais cruel drama d'amor—ficará n'este fim-de-seculo como o mais curioso exemplo do que é a força da Fatalidade contrariando os desejos da Ambição. Pobre general Boulanger! . . . Só de ti hão de sorrir os que nunca tiveram sonhos de gloria nem souberam o que é fazer d'um coração feminino o unico refugio para todas as desillusões, o unico balsamo para todas as dôres! . . .

## Variações

O bem conhecido *equilibrio europeu* que ainda não foi capaz de desequilibrar-se, nem com a viagem da esquadra franceza á Russia e á Inglaterra, nem com os discursos mal humorados do imperador Guilherme,—corre n'este momento grande perigo, por causa da iluminação de S. Carlos.

Esta questão, que tanto tem agitado a Europa e em especial a porta da *Havaneza*, parece complicar-se cada vez mais, ameaçando a paz europeia.

A tão fallada intervenção hespanhola, no caso que Lisboa possa ser um perigo para a Europa, está suspensa sobre as nossas cabeças qual outra intervenção de Damocles.

Ainda ha dois dias o *Seculo* annunciava que um empregado superior do ministerio dos negocios estrangeiros havia partido em missão secreta para Madrid—levando carta de prego.

Esta carta, graças a informações que reputamos fidedignas, continha uma consulta ao gabinete Canovas, ácerca da magna questão.

O governo portuguez, temendo indiscripções do correio e do telegrapho, mandou um enviado mysterioso, de chapeo desabado, mascara preta e manto côr de muro, perguntar ao governo hespanhol—se devia ser a gaz, ou continuar sendo a luz electrica...

O governo hespanhol pediu tres dias para meditar. Mas exigiu, para dar uma satisfação á impaciencia e irritabilidade da Europa, que o sr. Fuschini fosse mettido em segredo durante esses tres dias em que o sr. Canovas e os seus collegas meditam.

E assim se fez. O sr. Fuschini foi convidado a deixar-se sequestrar durante tres dias,—emquanto o emissario portuguez não chegar, mysterioso e taciturno, com a resposta do governo hespanhol.

\*  
\* \*

Como se sabe, o sr. Fuschini quer que o Estado lhe dê iluminação de graça—ou ella seja a gaz ou electrica. O governo, segundo o contracto, só quer dar os appparelhos ou a canalisação.

D'aqui o conflicto. E nomeou-se arbitro o sr. Canovas del Castillo—sempre para evitar a intervenção.

Porque, ao que parece, havemos de ter uma intervenção hespanhola sempre que este paiz seja um perigo para a paz da Europa. O que, de resto, pouco me afflige, attendendo a que as estatisticas policiaes accusam só para a cidade de Lisboa milhares de intervenções tudo quanto ha de mais hespanholas, sem por esse facto nos sentirmos algemados, ou termos a necessidade de cobrir de crêpes a agulha de Cleopatra da nossa independência, sita e erecta na praça dos Restauradores.

\*  
\* \*

O sr. Fuschini continuará incommunicavel até que volte de Madrid o homem mysterioso que o *Seculo* descobriu de carta de prego na algibeira...

Sómente achamos da maxima imprudencia que o governo deixe em plena liberdade do Chiado outras pessoas não menos dignas da incommunicabilidade, e que, pela sua attitude ruidosa em face do gravissimo problema, continuam a ser um perigo para a paz e para o supracitado equilibrio europeu.

Ainda hontem, eram trez da madrugada, subiamos o Chiado, meditando sobre o nada das grandezas humanas. A essa hora, o Chiado estava mergulhado n'uma verdadeira paz dos tumulos. Quando de repente, n'este silencio sepulchral, ouvimos uma voz formidulosa e iracunda, a gritar:

—Ou illumina á sua custa, ou o governo vae a terra! Isto assim não pode ser! Digo-lhe eu que não pode ser!...

E a voz continuava ameaçadora, tão ameaçadora, que até dois gatos atravessaram espavoridos d'um para outro lado da rua, e o Mangerico appareceu claudicando, atrahido pelo escandalo...

Essa era a voz do sr. Antonio Duarte! E com o phantasma da intervenção a dançar-nos diante dos olhos, lá fomos tristemente para casa, pensando que uma palavra mais imprudente do illustre maestro podia atear o fogo a esse medonho rastilho que vae de Lisboa a São Petersburgo...

\*  
\* \*

Madame Maney, a famosa correspondente do *American register*, deu-se ao incommodo de nos dirigir uma vasta epistola, na qual se mostra entre estomagada e desdenhosa com as palavras que lhe consagramos n'um dos ultimos numeros do *Antonio Maria*.

Madame Maney acha-nos injustos e pouco amaveis. Donde concluimos que a Madama quer ter o direito de, n'este paiz, fazer quantas reflexões desagradaveis lhe venham á cabeça, sem que a nós, portuguezes, nos assista tambem o direito de fazer os reparos que merecem o seu humorismo e a sua ironia de estrangeira desdenhosa pelos nossos usos e costumes.

Madame Maney quer ter o direito de, por toda a parte por onde anda, a convite de portuguezes, como ainda ha pouco quando foi convidada a ir á Beira Baixa—ter censuras e desdens para tudo e para todos. E não quer que lh'o notemos, que lhe digamos que isto por ca não é paiz conquistado, á mercê dos maus humores de qualquer dama *bas bleu*, por mais illustre que a dama seja.

Pois tenha paciencia, Madame Maney. Temos em muita consideração todos os estrangeiros que nos visitam. Mas o que lhes pedimos é que em troca das amabilidades com que os distinguimos—tambem sejam, não diremos amaveis, mas correctos para connosco, em seus escriptos e dizeres.

Madame Maney tem a preocupação de ver ridiculo é ver comico por toda a parte por onde passa.

Observámo-la detidamente na sua viagem até á Covilhã. Notámos cuidadosamente as suas reflexões e os seus maus humores. . E, francamente, Madame, achámos que abusava um pouco da nossa bonhomia.

Aqui lh'o dizemos, francamente, serenamente, como a um camarada d'imprensa que é, para que não diga que nós somos ridiculos—e ainda por cima tolos.

Isso é que não . . .

QUIDAM.

*A' ultima hora* —Acaba de chegar, pela calada da noite, ao ministerio dos estrangeiros, o homem mysterioso da carta de prégo, para Madrid. O sr. Canoas del Castillo pronunciou-se pela antiga empresa. Não haverá ainda d'esta vez intervenção hespanhola —nem mesmo no elenco de S. Carlos. O sr. Fuschini é restituído á Liberdade e á Liga. Teremos luz electrica e *Troyador*, ainda este mez. Obrigado meu Deus! Como Tu és grande, nas alturas! . . .

Q.

## A CONQUISTA DE LISBOA

OU

### O Caminho do Caminha

(Continuação)

Como Custodio se demorasse a entregar a somma exigida foi violentamente arrastado pelo homem da pera e brutalmente conduzido a um cubiculo humido e sujo como um saguão da Baixa, onde alguns sucios aduaneiros parlamentavam em torno d'uma meza com saia de baeta, cachimbando e limpando os ouvidos com unhas longas de guitarrista, e sentados em cadeiras cuja palhinha havia sido por elles digitada em dia de penuria.

Custodio cortejou submisso: o da pera relatou o caso. Ouvido o libello e, depois de previamente terem cerrado os olhos em signal de recolhimento, ergueram-se os magnates de suas cadeiras sem fundilhos e, pela bocca do que mais galões ostentava, foi repetida a Custodio a amarga sentença:



—Ou os direitos ou o queijo.

—Levanto a minha debil voz, disse Custodio com uma voz de trovão; e n'um improviso a começo carinhoso e supplicante, em seguida energico e ousado, finalmente ameaçador e prophético, deitou-se a defender a sua causa, explicando a impossibilidade de apresentar o queijo, o desgosto de pagar os direitos, a extranheza que lhe causava recepção tão brusca feita a homem como elle tão digno de homenagens, e a vingança inexoravel e crúa que a sua indignação lançaria em breve sobre todo o pessoal alfandegario e á qual nem mesmo escaparia Vidal, o mavioso tropeiro.

Grande foi o tumulto, tempestuosa a vozeria, desvairada a gesticulação que os anathemas de Caminha Junior produziram.

Subito, porem, todos emmudeceram á vista d'um moreno Apollo com bigodes pretos: o conselheiro Peito de Carvalho que entrava.

Todos se curvaram, humilhados, em arco de pipa, e em prova de respeito deixaram pender as guias insolentes de seus cabelludos ornamentos labiaes.

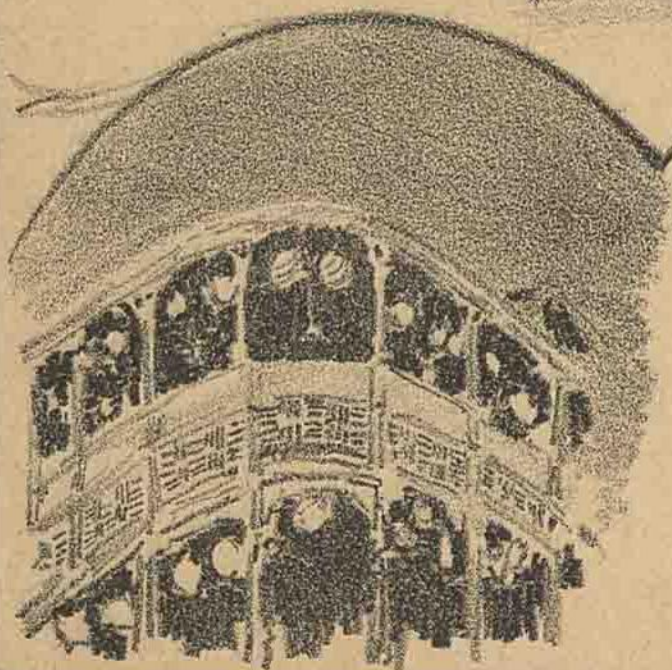
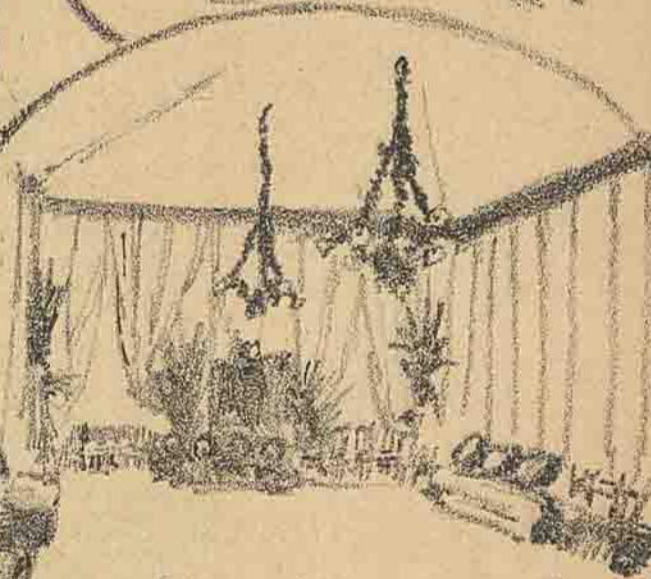
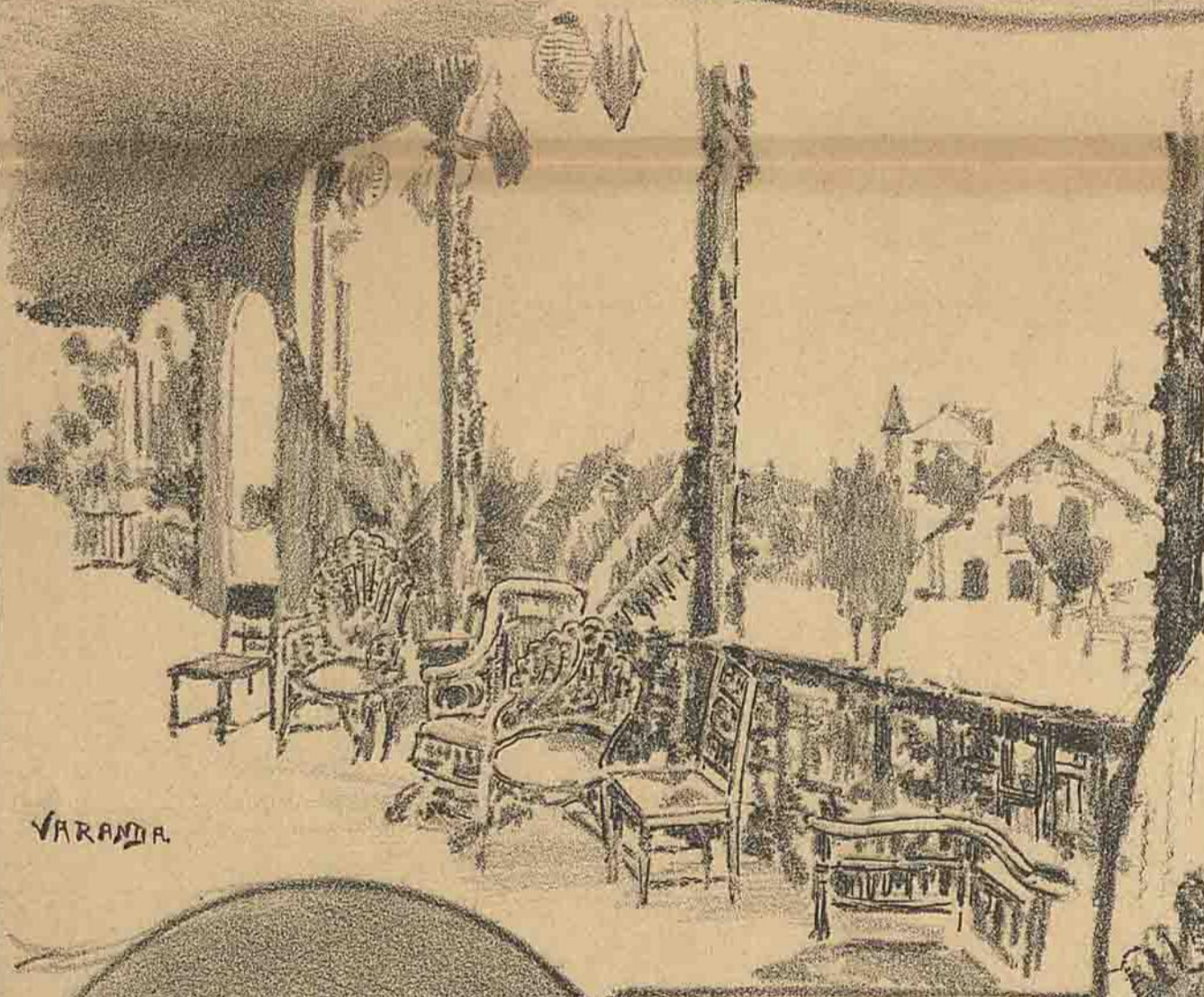
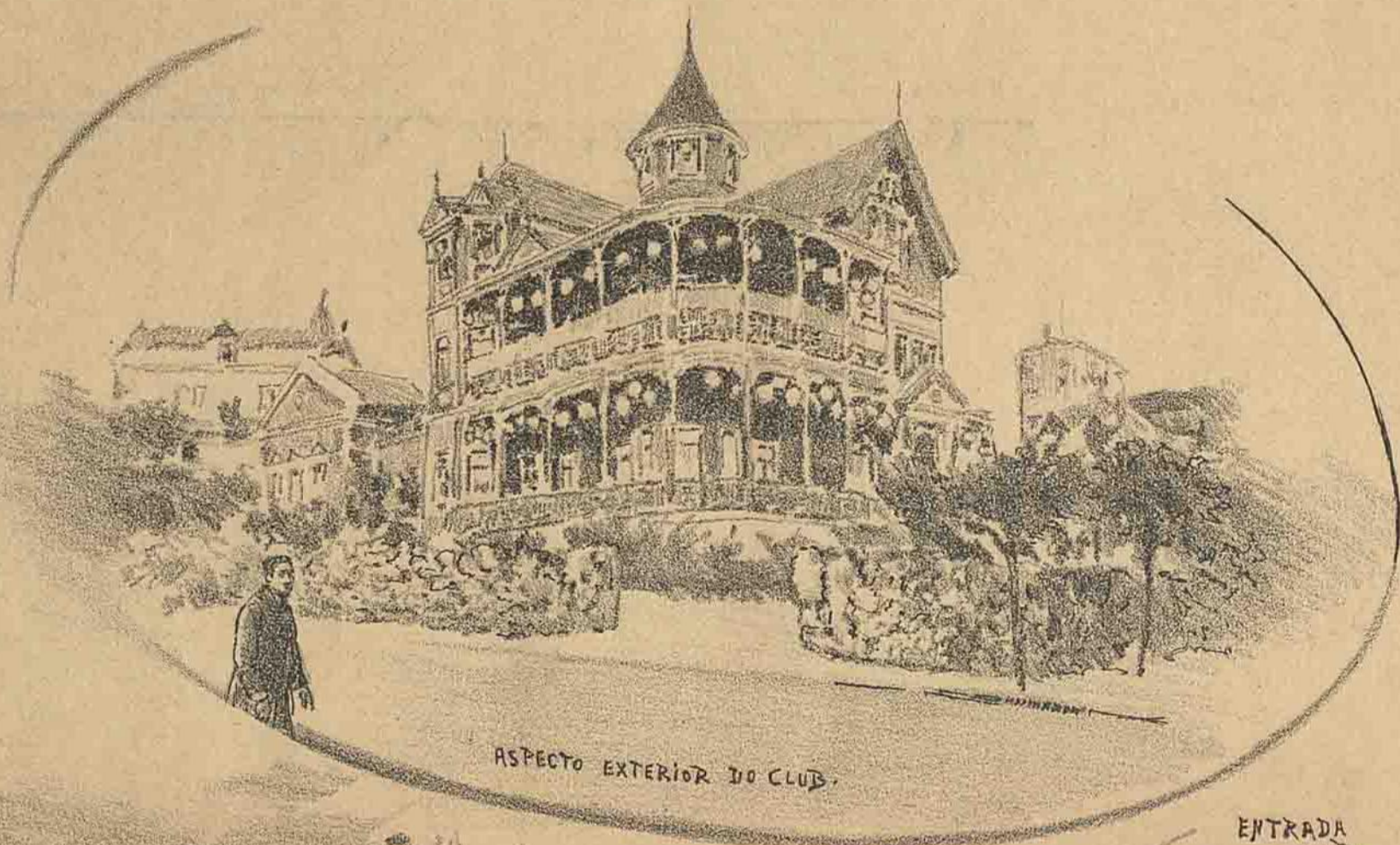


Custodio, chapeo na sinistra, a dextra estendida em saudação, cumprimentou, affavel, e havendo respondido ao questionario do requemado Senhor das Alfandegas, foi por este, generosamente mandado em tranquillidade.

Caminha poz-se a caminho, veloz como um ladrão, alegre como um arraial, seguido pelas imprecações dos seus uriformisados martyrisadores que á porta traçavam furibundos gestos de ameaça.

O largo de Santa Apolonia escaldava ao sol das onze horas, um sol asphyxiante e ruivo de deserto. Sombras de gaivotas passavam, azues, pelo chão doirado; vendilhões apregoavam com fatigados arrastamentos de voz. E esquecido de tudo, mercê do funesto queijo, pensava, desorientado, no que tinha a fazer.

# Inauguração do Club Mont'Estoril



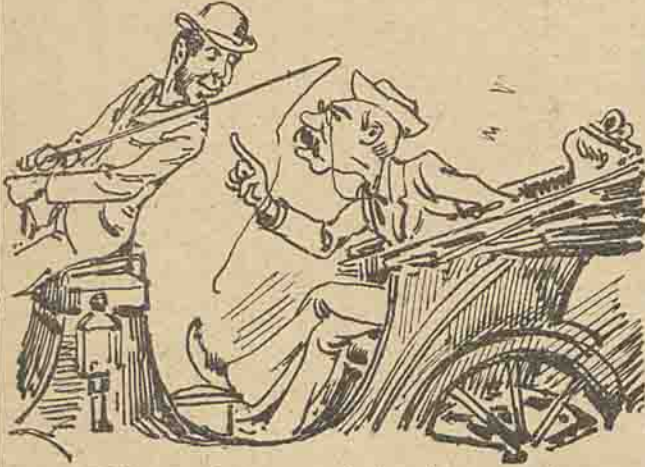
Uma festa deliciosa a que no sabbado se realisou no Estoril, a mais agradável, a mais interessante das nossas estações d'estio. As sveltas construcções todas lavadas de côres, todas enfeitadas de balões venezianos, pareciam ao longe, na atmospha enluarada dos reverberos, vestidas de tecidos preciosos e orvalhadas de pedrarias, a arder. O baile, onde se respirava com prazer, d'uma galanteria, d'uma finura sem par, e sem par a requintada gentileza do promotor da festa, o sr. Carlos Moser, e de quantos o secundaram. O chalet onde o club se acha installado é, como os srs. poderão constatar pelo desenho acima traçado, do mais lindo effeito. A decoração interior sobria, mas sympathica. Como senão: a sala de jogo um tanto pequena, o que nos leva a crer que lá dentro os dados só darão *pequenos*. Aviso aos pontos.

Portugal civilisa-se, louvores a Deus. O salsifré vae definhando e começam todos a comprehender que o bom gosto é a mais linda flor para a botocira do espirito.

M. S. T. O

Uma tipoia passou. *Eureka!*

E acomodadas as malas na concha, e dada ao cocheiro a indicação: *Irmãos Unidos*, lá foi arrastado Ribeira Velha adiante, aos solavancos, vestindo com olhares curiosos os predios marginaes e as moças que seguiam pelos passeios.



Lisboa era bem o que elle imaginara: ruas largas edificios espectaculosos, formigueiros de gente, vitrines enfeitadas como capelas, cavalheiros da moda, com penantes lustrosos, rutilancias de velludos e sedas velando carnes estonteadoras: uma rica Babylo-niasinha da Costa, em summa... E Caminha sentia-se vexado da sua poeirenta *toilette* de viagem: dir-se-ia que todo elle estava coberto de bulor.

O trem parou: Caminha desceu.

E com munificencia deixou cahir um peça de cinco tostões na palma da mão do corypneu que, á vista da insignificancia da moeda, teve um riso de desprezo e o mediu com um olhar trocista, todo desdens.

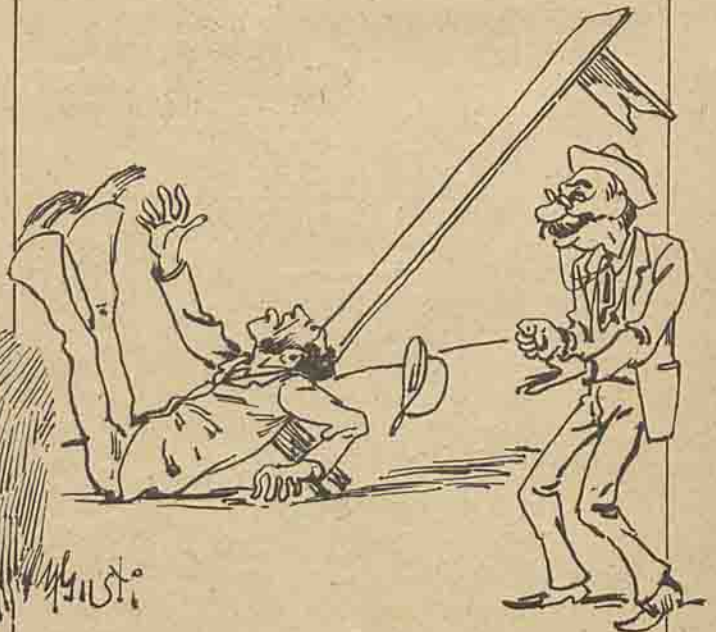
—E' a tabella, vociferou Custodio, não dou nem mais cinco réis. E n'um crescendo de maldições e pragas deitou-se a discutir com o cocheiro cujo chicote lhe teria sahido pelos fundilhos se a isso se não oppozessem a larga porção de queijo ingerido e o corpo policial que logo accudiu, solícito



Presos, Custodio e o cocheiro, foram conduzidos ao Governo Civil: um policia guiava o trem e seguira o cocheiro, outro sentou-se dentro á direita de Caminha. O calaboiço era escuro e acanhado: como mobilia, um longo banco de pinho, serapintado com coloridos documentos de copiosas carraspanas: e costas, cada um se sentou em sua extremidade.



Sobre o espirito de Custodio pesou uma nuvem espessa de melancholia e desanimo. Sentia-se infeliz desgostoso do presente, receioso do futuro, que tão alegre lhe apparecera, mas que agora se lhe apresentava sob tão desolantes auspicios. Toda a cidade encantada dos seus sonhos se tornava n'um velho burgo em ruina. E tudo isto por causa de quem?—vergonha das vergonhas!— por causa d'um cocheiro!



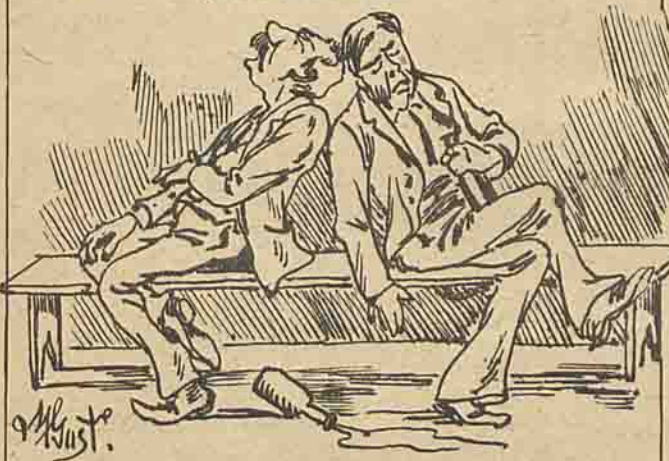
Uma prestigiosa ideia de vingança illuminou-lhe o cerebro: ergueu se, rapidamente, do banco, este foi para o ar, o cocheiro foi para o chão.



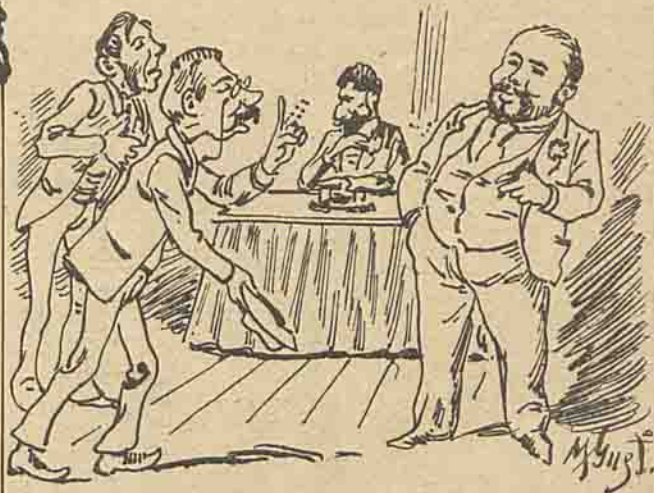


Perante a attitud feroz da victima Caminha pediu desculpa, com humildade, explicou que fôra falta de lembrança, propoz uma reconciliação, e para festejo d'essa reconciliação mandou vir duas garrafas. Novamente sentados no banco—ao meio por causa das moscas—Caminha começou a contar a sua vida virguando a narração com goles de Termo. Altamente interessado com o que ouvia, o cocheiro ador-meceu, a garrafa nos braços, como uma creança. Custodio, melindrado, suspendeu seus dizeres e, não tendo já logar nos punhos, deitou-se a escrever no peitilho, lento do suor.

Quando às tres da tarde vieram chamal'os dormiam os dois, ecclesiasticamente.



Espera-os o sr. commissario.  
O interrogatorio foi curto. Depois d'uma fallaz grave, perguntou-lhes o sr. Pedroso Lima:  
—Vocês tencionam tornar a bater-se?  
E os dois em côro:  
—Não sr.



Então o sr. commissario pronunciou esta phrase ponderativa e solemne:  
—Pois então vão-se embora, rapazes, e tenham juizo.

(Continua

Eu.

### Importantissimo para a hygiene publica

O verdadeiro sabonete dos Principes do Congo, traz o nome de Victor Vaissier, de Paris, seu inventor. O publico deve desconfiar, porque se vendem varias imitações e contrafacções d'este celebre sabão de toucador, que é o melhor e o mais perfumado que se conhece.

## Phantasiae...

No Nada enorme, profundo,  
Escuro, gelado e triste,  
Phantasiae que ha um mundo  
—Que é bem de ver, não existe;

N'esse mundo—em phantasia—  
Que é todo de agua coberto,  
Imaginae que existia  
De areia um vasto deserto;

No deserto, todo areia,  
Que em vossa ideia puzestes,  
Ponde mais na vossa ideia  
Que se erguem rochas agrestes;

E n'essa supposta serra,  
Toda em granitos brutaes,  
Supponde ainda que ha terra,  
Propria a criar vegetaes;

D'essa terra, imaginada  
P'la mente patarateira,  
Julgae que brota,—enfesada,  
Uma velha amendoeira;

Na amendoeira em questão,  
Que não tem seiva nem galhos,  
Vêde uma flor em botão,  
Que o vento fez em frangalhos;

A flor, que nunca existiu,  
Imaginae que estaes vendo-a,  
E que essa flor produziu,  
Depois de morta, uma amendoa;

N'essa amendoa dando á bruta  
Co'o duro cabo do arrôcho,  
Supponde partir a fructa  
E achar-lhe o miolo—chôcho;

E, co'o miolo tão secco,  
Presumi o plano tolo  
De ir, no lagar do Pacheco,  
Pisar o dito miolo;

D'esse oleo, que se produz  
De tanta coisa inventada,  
Ide accender uma luz  
—Co'um abat-jour resguardada...

.....  
A luz d'essa lamparina,  
Lampa, candeia ou lanterna,  
—Eis o pharol que illumina  
A gente que nos governa !...

PAN-TARANTULA.

# FOLHAS DO MEU CADERNINHO

(DESENHO INGENUO)

No Club Mont'Estoril.



# HOMENS DA SEMANA

DR. BERNARDINO MACHADO



Com a inigualavel gentileza de maneiras que todos lhe conhecemos tomou o Dr. Bernardino Machado a te-  
soura da economia e ahi o vereis cortando cadeiras, degollando professores, arraucando lagrymas, derramand  
sangue.

Herodes dos innocentes professores provisorios, mas um amavel Herodes a quem nem mesmo os supplicia-  
dos poderão querer mal, tão delicadamente lhes foi infligido o supplicio.

## Variações

Andam afflictos varios e mui complicados moralistas com a ideia de que os jogadores vão dentro em breve jogar ás claras, e que as casas de jogo passarão a pagar decima em relação ao movimento dos seus negocios.

Francamente que não comprehendemos a afflicção e a furia d'esses senhores, desde o momento em que a loteria da Santa Casa é um jogo de muito mais azar que uma roleta, e que a ninguém é prohibido, homem ou mulher, de menor ou maior idade, infantes e infanções, donzeis e donzellas, arruinar-se semanalmente em cautellas do Fonseca, ou do Campeão, ou do Silva.

Francamente que não comprehendemos a razão moral de semelhante furia, desde o momento que a lei consente que um desalmado pregoeiro se colloque diante das minhas janellas, dia e noite, a provocarme ao vicio com o 3:527,—olha o 3:527! quem quer o 3:527! quem quer nove contos! é o 3:527! Aqui está o 3:527!...

E a lei que me não dá auctoridade para mandar retirar esse importuno, que me está provocando, a mim e a todos os meus, a arriscar as minhas economias no 3:527—porque é que me ha de prohibir com o risco das mais severas penas, e com a reputação infamante de *batoteiro*, que eu colloque esse mesmo dinheiro que é o suor do meu rosto, sobre um numero d'uma roleta, onde ha menos risco de perder que n'uma loteria da Santa Casa?...

O' moralistas da occidental praia lusitana! tratae de me explicar essas subtilizas da vossa moral, ainda mais complicada que um logogripho do *Almanach de Lembranças!*

O' moralistas de marmore e de granito! dizei-me porque razão a minha honra não fica manchada quando perco dez tostões n'um quinto do 3:527—e porque passo a ser um homem perdido para a moral, para a familia e para a sociedade, porque recebi trinta e seis vezes o dinheiro que colloquei sobre o numero d'uma roleta?

O' moralistas! illuminae o meu espirito e a minha razão!...

\*

\* \*

N'esta questão dos jogos de azar, o que me surpreendeu deveras ao ler o *Diario do Governo*, foi a noticia que essa folha me deu ha dias de que os jogos ainda são prohibidos em Portugal.

Mas eu pensava que ha muito os jogos estayam legalmente admittidos e estabelecidos no meu paiz, pois desde que me entendo que vejo as casas de jogo funcionando livremente, e sendo até frequentadas pelas mais conspicuas auctoridades.

Só quem nunca na sua vida foi a Cascaes, á Nazareth, á Figueira, a Espinho ou á Foz, é que não vio a naturalidade com que os frequentadores d'essas praias passam os dias e as noites fazendo *cérco* á dama de oiros, e com que se fazem, ora modestas ora opulentas *vaccas*, para fazer um *salto* ao valete de copas.

Na propria de marmore e de granito, não fallando nas *batotas* das ruas equivocadas da Baixa e do Bairro Alto—os *clubs* nunca se privaram de ter salas com jogo d'azar, onde ao *baccarat*, ao *monte* e á banca franceza de arriscam sommas sufficientemente avultadas para um paiz onde toda agente diz que não ha dinheiro, mas onde o dinheiro sempre apparece em abundancia de cada vez que se trata de vicio, de luxo e de vaidade.

Como é então que o *Diario do Governo* nos vem agora dizer que se vae estabelecer, isto é, tolerar, permittir, legalisar e collectar o jogo—quando o jogo sempre existio e sempre hade existir, queiram ou não queiram os moralistas?...

Porque é um vicio, e o Estado não deve collectar e fiscalisar o vicio, deve antes extingui-lo, ou então fingir que ignora a sua existencia?...

Alto lá, srs. moralistas! Então que o Estado ignore tambem que eu fumo, e me deixe cultivar e manipular tabaco e salva-brava ás escondidas, para satisfazer as necessidades do meu infame temperamento...

Então que o Estado ignore tambem que eu bebo, e não venha collectar o Champagne ou o absyntho com que me apraz regelar os meus appetites viciosos.

Então que o Estado ignore tambem a existencia das sacerdotizas de Venus, acabando com a prostituição legal, com inscripção no governo civil e reconhecendo *ipso facto* que o Amor é genero que se oferece e se vende, como o Arroz ou a Manteiga

Ora um Estado reconhecer, legalisar, fiscalisar e collectar varios vicios, exceptuando o jogo, que é o mais rendoso—para quem ganha!—é o que se nos affigura assaz platonico.

Tanto mais que eu tendo alguns dos vicios que não ficam mal a ninguem—excepto o do jogo—não posso conformar-me com a ideia de que esteja eu, cidadão portuguez, á mercê do fisco, enquanto os srs. jogadores realisam as suas bellas operações sem deixarem um real nas arcas do thesouro.

E' contra esta desigualdade que eu peço licença para protestar!

\*

\* \*

Se eu fora encarregado pelo governo para descobrir novas fontes de receita para o thesouro exausto eu lembraria a conveniencia de pedir auctorisação ao parlamento para collectar a tão florescente industria da *má-língua*.

Não se calcula os resultados financeiros que resultariam d'uma semelhante medida; e estou certo que em menos de um anno ter-se-ia extinguido n'este paiz esse medonho mal que se chama o *deficit*.

Eu começaria por localisar a *má-língua*, e de a dividir por secções.

A *Caça Haveneza* seria o centro da *má-língua* politica. Fóra d'ali mais ninguem poderia dizer mal dos nossos homens publicos.

O *Martinho* seria o centro da *má-língua* litteraria.

A *Avenida* seria o centro da má-lingua mundana. Um cidadão chegava á *Casa Haveneza* e queria dizer mal do sr. José Luciano de Castro. Fazia, como em Paris nas estações telephonicas, e comprava por um tostão um bilhete que lhe dava o direito de, durante meia hora, derramar toda a sua bilis sobre o nome do sr. José Luciano, ou do sr. Lopo Vaz, ou do sr. Mariano de Carvalho, ou do sr. Fuschini, ou do sr. Manuel d'Arriaga,

No *Martinho* entrava um litterato furioso contra o sr. Pinheiro Chagas, ou o sr. Ramalho Ortigão, ou contra os versos do sr. Eugenio de Castro. E comprava o seu bilhete para uma descompostura de meia hora, ou de duas horas, conforme o grau da sua furia e as posses da sua algibeira.

Na *Avenida* as senhoras chamavam os pobresinhos do Asylo, e diziam-lhe:

—Preciso dizer mal das *toilettes*, ou das joias, ou da formosura d'aquella senhora que ali vae n'aquelle carro. Dê cá um bilhete de má-lingua para tres horas... e sem descanço!

Estou certo que esta collecta d'um novo genero —sem allusão ao caso das Trinas—daria tanto dinheiro ao Estado, que não seriam precisos monopolios para salvar as finanças e o contribuinte veria com alegria nas paginas do *Diario* um decreto diminuindo as contribuições que hoje existem.

Seria o iniciar d'uma nova epocha de prosperidades.

Porque ou a má-lingua cessava—ou a má-lingua seria um manancial de riquezas!...

QUIDAM.

### Explora-se a minha reputação

Previno a minha elegante e numerosa clientella que se lhe vendem *imitações* e *contrafacções* do meu famoso sabonete de touca-lor. O verdadeiro sabão dos principes do Congo, que só eu fabrico e que é tão estimado pela suavidade do seu perfume e pela finura da sua massa, leva o meu nome Victor Vais-sier, Paris.

Veja-se na secção dos annuncios os Grandes Armazens do Printemps de Paris.

## UM FUMISTA AMAVEL





# A CONQUISTA DE LISBOA

OU

## O Caminho do Caminha

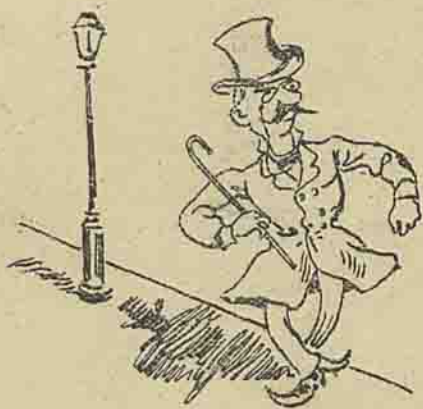
(Continuação)

Apenas solto, dirigiu-se Caminha para os *Irmãos Unidos*. Tarde de torquesa e oiro.

Descida a vidraça da sua alcova, um pequeno aposento forrado de papel azul e branco côres, muito calculadamente escolhidas pela firma fraternal em atenção ao monarca de bronze da columna visinha, começou Caminha a alindar-se com moroso esculpulo, todo sorrisos para o espelho embaciado e turvo, onde se liam, escriptos a ponto de diamante, dois nomes: — Sebastião, Henriqueta Caminha, em meias, arregaçadas as mangas da camisa, sentou-se á beira do leito e pregando os olhos na diamantina inscripção deitou-se a reconstruir toda a scena d'amor, fogosa e doida, que aquelles dois nomes attestavam, tocante poema virgulado de beijos, cujo som resoava ainda n'aquella atmospherá impregnada de cheiros mornos de cosinha. Despertada a sua sensibilidade amorosa pela legenda do crystal, logo Caminha sentiu lascivos fremitos cocegando-lhe as fontes; suas palpebras cerraram-se-lhe carregadas de sensualismo; sobre a sua bocca desceu um enxame de imaginarios beijos; imaginarios braços o enleciaram, irresistiveis.

— Vim para conquistar Lisboa; mas para chegar ao todo é mister ir por partes... E de si para si resolveu começar pelo amor.

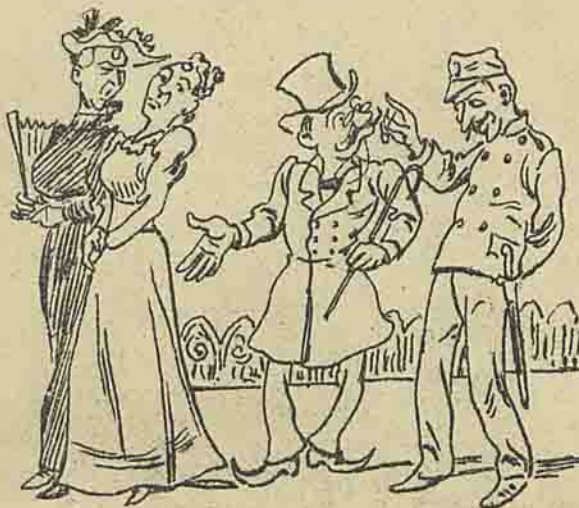
Meia hora depois sabia elle, formoso como Apollo, de preto, como convinha á gravidade de sua pessoa e propositos. Todo elle era curvas; os seus sapatos em gondiôla, as abas da sua sobrecasaca seme-



lhantes a grandes petalas d'uma alcachofra negra, a espinha em?, o gesto em espiral, as linhas do penante como duas semi-circumferencias de relações cortadas, o nariz mettido entre os parenthesis retintos do bigode e o andar rythmado e ondulado, com requebros de corybante de vaso grego. Assim, todo curvas e maneirinhas, entrou na Avenida da Liberdade.

Donzella que passasse era immediatamente vestida por Caminha com um longo veo de calorosos desejos. Embalde, porém, Custodio semeava olhares perdulariamente, olhares acerados como frechas, mas frechas que iam partir-se no marmore duro do feminino desdem. Todas ellas tinham o ar frigido e soberano, nenhuma comprehendeu o que de arrebatante havia em Custodio, que descorçoado e triste com o seu inesperado insuccesso, se acercou d'um policia, com a sua natural expansibilidade, perguntando:

— O cavalheiro sabe-me dizer o motivo porque estas senhoras me não dão sorte?



O agente olhou-o das sollas ao penante, e com um riso de Jupiter:

— Com esse *quibumbo* e com essas canôas quer você fazer farinha! Isto aqui é gado fino... E retirou se, ironico, deixando Custodio a meditar na futilidade do mundo, d'este mundo impostor, onde do cortorno d'uns sapatos, pode depender a felicidade d'um christão.



— Já vejo que a linha curva não pega. Amanhã me endireitarei.

E voltou para o Rocio. Cahia a tarde.  
 N'um ceo falso d'oleographia, sarapintado de violeta e rosa, recortava-se a estatua do Dador; calçada fóra, os americanos silvavam como serpentes, e no baco adormecimento da tarde as vozes dos garotos dos jornaes dir-se-iam estranguladas supplicas de creaturas fugindo das cobras n'um descampado.

Refrescava...  
 N'essa noite Caminha apenas conquistou isto:



No dia seguinte pela manhã foi o famoso bacharel ao barbeiro que o poz assim:

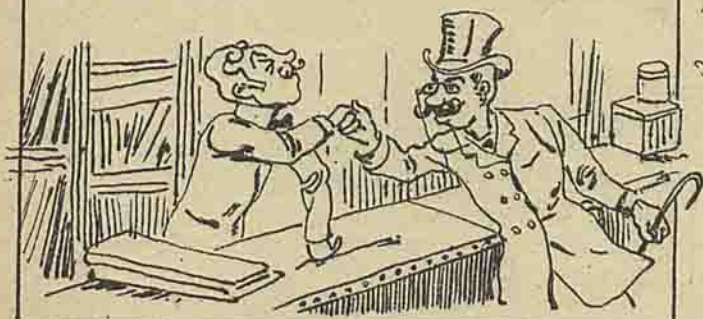


E do barbeiro á cata de Pires, seu antigo condiscipulo, que não tendo conseguido ordenar-se e não tendo querido abdicar da sua vocação religiosa passára dos bancos do seminario para um balcão de paramenteiro na rua Augusta. Trocadas as primeiras expansões, Custodio expoz ao que vinha:

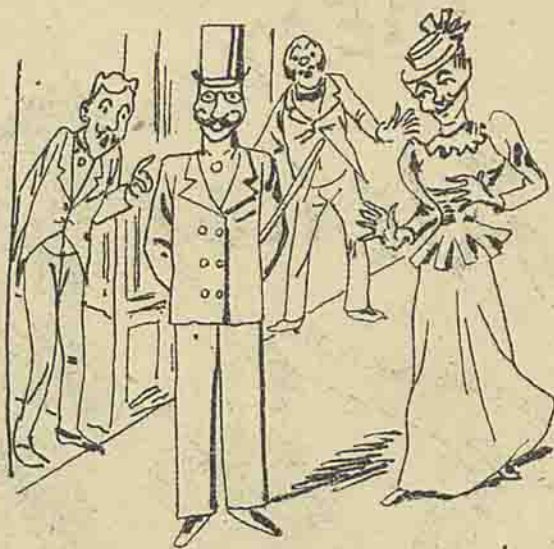
—Ver te, em primeiro lugar, bem entendido. Alem d'isso queria pedir-te um favor, umas informações. E explicou que desejava que Pires lhe indicasse o melhor alfayate, o melhor camizeiro e o melhor chapelleiro de Lisboa.

Colhidas as informações, deitaram-se os dois a falar do passado, o passado esse figo passado pelo desgosto e devorado pelo tempo. Custodio suspirava, saudoso; Pires limpou uma lagryma com o brocado de uma dalmatica em obra.

—O passado é um figo passado, repetiu Caminha E despediram-se.



Eram 3 horas no Carmo quando Custodio appareceu na rua do Oiro, podre de chic, rectilineamente aparelhado para a conquista.



A sua apparição foi, depois da de Admator, a que mais violenta impressão tem feito em espiritos lusitanos, com a differença, porém, que a apparição de Adamator causou horror e susto, ao passo que a de Caminha produziu deslumbramento e enthusiasmo. Todas as mulheres o miravam e remiravam, fascinadas e tremulas de paixão, chamando-o, atirando-lhe flores; caixeiros e patrões vieram ás portas, olhos de pasmo, bocças de espanto: parou o commercio, pararam os americanos, parou o vento, o sol; e todos os relógios do Plantier, e sobre a vasta rua apinhada de gente desceu um pesado silencio, subitamente cortado pela voz d'uma mysteriosa mosca, perguntando:

—Que é isto?

Ao que Caminha respondeu com vez tonitroante e olympica:

—Sou eu que passo  
 Para o Terreiro do Paço.



E toda a Lisboa femenina estava por Custodio conquistada

(Continúa .

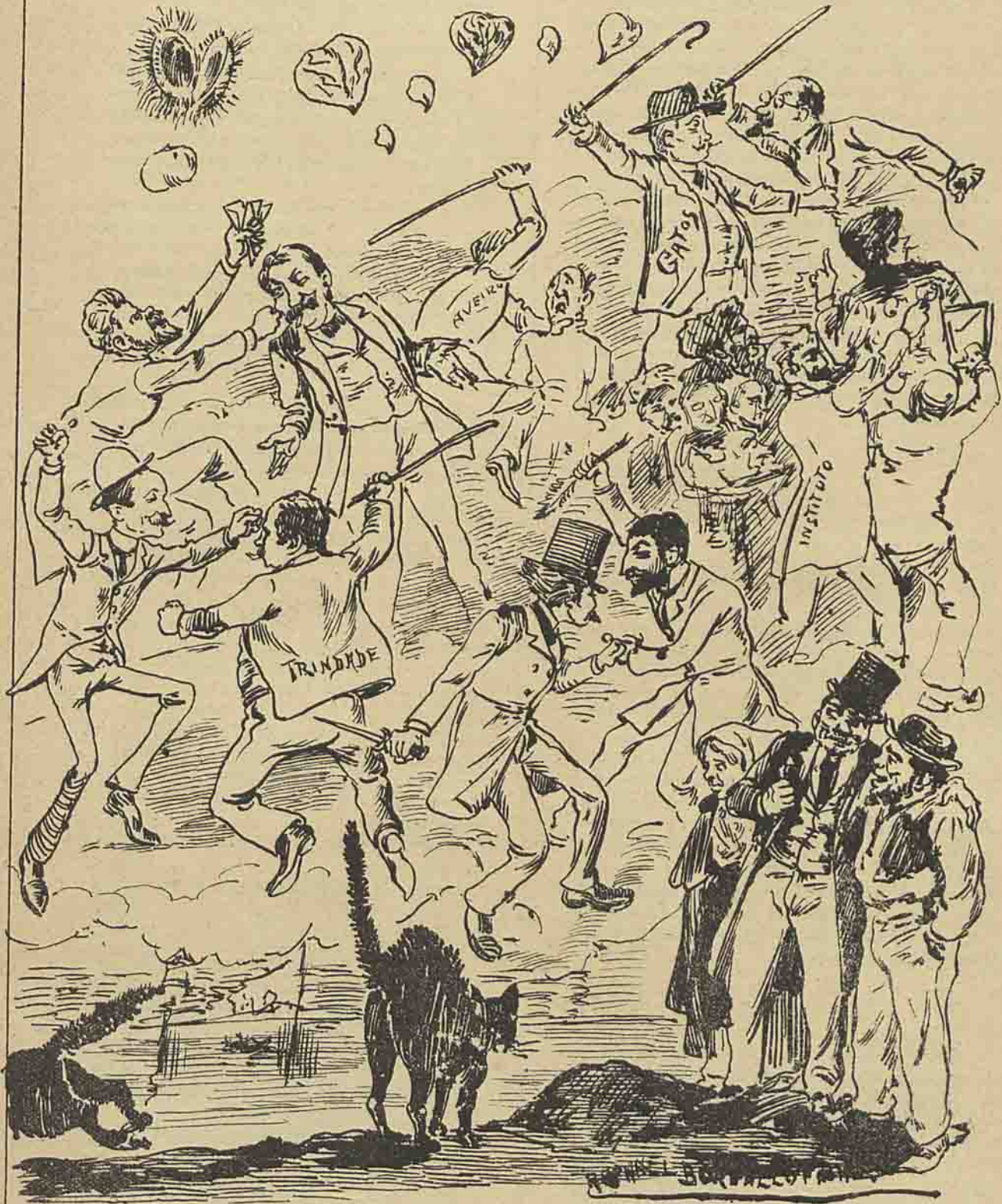
Eu.





Appareceu ao publico da Avenida, cada vez mais alegre e prazenteiro, o Jerico do sr. Alcaide. D'esta vez trouxe-nos gente nova. Dias com muita graça e pilheria. A sr.<sup>a</sup> Fantoni com uma bella voz, posto que ás vezes os tons nasaes estejam a pedir chá de flor de borragem, muito boim para constipações. A menina Labarrère, que é o mais fresco rabanete que pisa os nossos palcos, dá nos um papelsinho de fidelino que nós desconheciamos na peça, tão acostumados estavamos a ouvil-o em castelhano... O theatro está todo de branco e ouro, como convém ao templo e ao berço da operetta nacional. O panno velho substituido por um panno novo, fresco, risonho, posto que a colcha pareça mais tratada a escova e pente do que a pincel. Mas tem a vantagem de ser original e verdadeiramente portuguez.

# ANDA CASTANHA NO AR



*Casa onde não ha pão todos ralham e ninguém tem razão.*

## Variações

Esta semana tem sido particularmente curiosa em conflictos. As papelarias de Lisboa devem ter realisado beneficios extraordinarios, attendendo ao prodigioso consumo de tinta que tem havido, ás ondas de tinta que tem corrido pelo papel e pelos jornaes.

Mesmo entre nós, em luctas d'imprensa, não é sempre quem tem mais carradas de razão que parece vencer. E' quem tem mais palavriado, e por consequencia quem mais tinta consome. De sorte que, comparando as respostas do *Diario Popular* com os Rocios que o sr. Fuschini tem mettido nas ruas da Bitesga do *Seculo*, e attendendo á necessidade que ha de proteger o definhado commercio lisbonense, o publico não pode deixar de não dispensar a sua sympathia ao sr. Fuschini. E o mesmo publico dirá:

—«Aquillo é que é homem, que não está com meias medidas! De cada vez que responde ao *Diario Popular* o menos que consome é um almude de tinta d'escrever! Talvez não tenha razão... Mas anima o commercio!...»

\*  
\* \*

Outros contendores que teem animado devéras o commercio e a industria da tinta d'escrever, são os srs. professores do Instituto Industrial de Lisboa, em lucta encarniçada com os defensores da nova reforma. Tem corrido mais tinta pelo *Correio da Noite* e pelos jornaes governamentais, do que aguas correram na medonha inundação de Hespanha.

Tambem tem havido muitas victimas: principalmente professores adjuntos e addidos, que haviam sido nomeados para fazerem o serviço de certos effectivos, que nunca punham os pés no Instituto. De maneira que, cadaveres de adjuntos, enganchados em cadaveres de addidos, teem passado na corrente, á tona da tinta, verdadeiramente desfigurados, apresentando signaes visiveis d'uma lucta medonha e d'uma medonha agonia, para ver se podiam agarrar-se á taboa de salvação do *orçamento*.

E não podéram!... De sorte que, lá foram arrastados pela onda da tinta, por entre gritos de vingança dos seus defensores, dormir o somno eterno, na valla commum das *economias*.

\*  
\* \*

Outros caudaes de tinta correram, por causa d'uma phrase imprudente do sr. empresario da Trindade, que disse a um auctor applaudido na *primeira* noite da sua *primeira* opereta:

—«Esta lebre está corrida; para o anno outra!»

O auctor, ingenuo acerca dos homens e da verdadeira significação das palavras com que elles se exprimem,—tomou esta phrase metaphorica do sr. empresario, como se fôra a encomenda d'uma nova peça, para a futura epocha.

Em tudo isto o que ha, é falta de convivencia com os philosophos. Imaginem que o sr. Lorjô Tavares tinha lido e meditado o seu Talleyrand... O que succedia, lembrando-se do famoso aphorismo—*que a palavra foi dada ao homem para occultar o seu pensamento?*—O que succedia?...

O sr. Empresario da Trindade dizia-lhe em seguida ao successo da *Moira de Silves*:

—«Esta lebre está corrida; para o anno outra!»

E o sr. Lorjô traduzia-a logo d'este modo, em signal de respeito por Talleyrand e pela moral de todos os empresarios conhecidos e por conhecer:

—«D'esta me salvei eu! N'outra é que talvez me não metta!...»

E o sr. Lorjô, em vez de ir logo a correr para casa arrancar á sua imaginação uma nova opereta, para a futura epocha,—ia direitinho para casa, dormir á sombra dos loiros conquistados, e ficava á espera que o sr. Empresario lhe viesse bater á porta, pedindo-lhe encarecidamente que o salvasse. E o sr. Lorjô tinha o duplo e ineffavel prazer de ser, não um sollicitador, mas um auctor applaudido e ainda por cima sollicitado.

O sr. Lorjô, com a phrase do sr. Mattoso, fez mais castellos no ar do que é permittido a um auctor dramatico—mesmo ingenuo. Porque n'este mundo das redacções e dos bastidores em que nós todos andamos vivendo e luctando, devemos quasi sempre partir do principio que um cumprimento, por mais lisonjeiro que elle seja, occulta sempre um despeito do official do mesmo officio, ferido no seu orgulho, se tem fatalmente de reconhecer a outrem uma superioridade, seja qual fôr; e que uma encomenda de trabalho nunca se deve tomar a serio, sem estarem bem determinadas as condicções, os encargos impostos por quem faz a encomenda.

De resto, em todos os mundos é a mesma cousa. Só não a prêga, n'um dado momento, quem a não pode pregar. Litterato, empresario, homem do mundo, banqueiro, merceeiro, sapateiro, deputado (o officio nada faz ao caso) todos são victimas ou instrumentos da vaidade ou do interesse. Cada qual ferra a unha que tem.

E' por isso que a sabedoria das nações todos os dias aconselha:

—«Amigos, amigos, negocios á parte!...»

\*  
\* \*

Outra onda de tinta, esta fervendo em cachões de *gros mots* por parte d'um dos adversarios, foi a contenda entre o sr. Mariano Pina e o sr. Silva Pinto.

Porquê, tamanha contenda?... Ao que parece, das provas do processo—por um acto de ingratidão jornalística e pessoal do sr. Silva Pinto, e que foi illucidado nas columnas do *Diario Popular*. O sr. Silva Pinto depois de ter convivido, vivido e trabalhado durante seis mezes ao lado do seu contendor, começou a agredil-o em mais d'uma gazeta...

A resposta do sr. Silva Pinto ao artigo do sr. Mariano Pina devemos consideral-a como o derradeiro grito d'aquillo a que chamaremos em litteratura—a escola do *descomposturismo*.

O *descomposturismo* teve a sua epoca, chegou realmente a parecer que era alguma cousa, uma formula humana e algo duradoura de critica, de moral e de justiça, como o *veuillotismo* em França. Pois nenhuma das duas fez escola. *Words! words! words!*

\*  
\* \*

O ultimo grito do *descomposturismo* soltou-o o sr. Silva Pinto na resposta ao sr. Mariano Pina.

Os insultos hoje em dia deixam o publico indifferente. Imaginar um critico, pelo facto de ter educado o seu estylo nas verrinas de Veuillot, que pode fazer e desfazer reputações, dar cabo de sujeitos, desautorisa-os e desmoralisa-os perante a opinião publica—é levar muito longe a imaginação, a phantasia e o poder da critica.

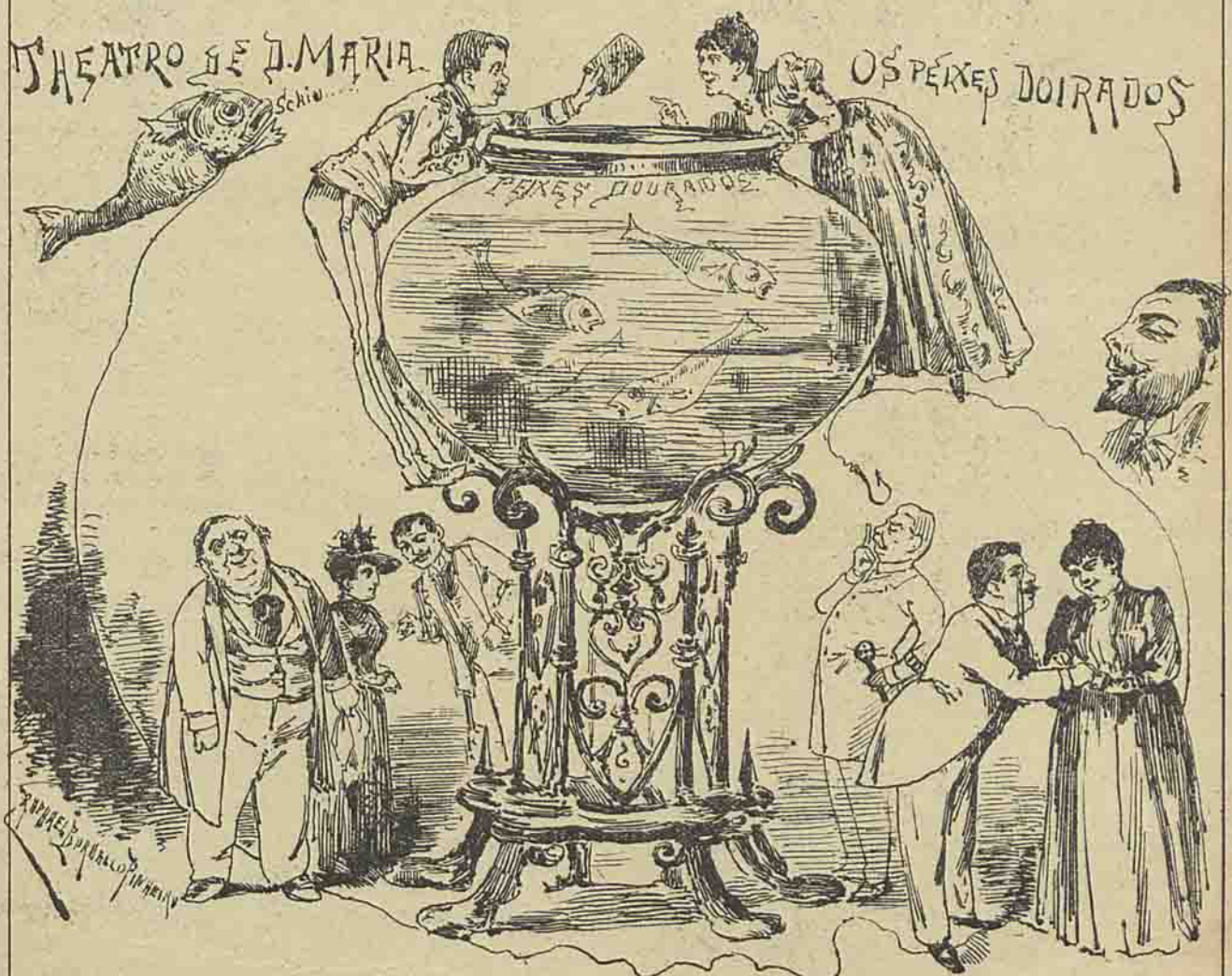
N'este mundo, a principal condição para que a sociedade abra a alguém as suas portas—é a boa educação. Isto ainda é uma forma do superior egoismo— a quinta essencia do egoismo humano—porque a sociedade o que não quer é aturar massadores!

Ninguem é obrigado a ter talento, nem mesmo a ter uma moral em absoluto accordo com todas as prescripções e mandamentos da Santa Madre Igreja. Agora, a que todo o individuo é obrigado—ou elle seja Pina ou Pinto—é a ser correcto, limpo na sua pessoa, maneiras e palavras, e não andar aos encontros ou aos dichotes áquelles que um dia, ingenuamente, correctamente, lhe estenderam a mão.

Em litteratura, o *descomposturismo* tinha estas desagradaveis qualidades. Hoje é uma critica morta, sem nenhuma força na opinião, nem na imprensa, porque a camada dos *rapazes novos*, não terá talento, mas é com certeza bem educada.

Ainda ha um ou outro caso isolado de *descomposturismo* na cidade. Mas é de crêr que a futura camara municipal—*pelouro da limpeza*—se dê ao trabalho de nos livrar d'estas excrescencias dos tempos em que os criticos tinham um odio mortal á camisa lavada, á casaca e ao banho; dos tempos em que havia duvidas acerca da verdadeira applicação das escovas para dentes... E então punham-se nas salas, *para vista*, entre buzios e cãesinhos de jaspe...

QUIDAM.



A peça que ora está sendo tão briosamente desempenhada em D. Maria é um gemido de protesto contra a deshonesta depravação que vai carunchando os nossos palcos. Ouvimos que será representada nas Salesias, em vindo o Natal. Peça que se ouve com o espirito no bico dos pés, sem arrepios de commoção, e tão socega-dinha que nem quebra a tranquillidade conventual da solitaria *caixa*, onde os raros assistentes guardam o silencio d'uma machina Singer e dos ruivos cavalheiros que servem de titulo á comedia.

O ANTONIO MARIA

# QUARTO ACTO DO RIGOLETTO

(Pagina offerecida ao distincto engenheiro lyrico, sr. Fuschini)



*La donna è mobile  
Qual piuma al vento.*

*Rafael Bordalo Pinheiro*

## BIBLIOGRAPHIA

## CALDAS DO GEREZ



*Guia thermal das Caldas do Gerez.* Assim se chama o novo livro do dr. Ricardo Jorge, o afamado clinico que com a sua intelligente iniciativa tem feito do Gerez uma das mais concorridas estações thermaes portuguezas. Além dos capitulos de character puramente scientifico tem este volume mais duas partes, uma historica outra descriptiva, todas salpicadas de interessantes informações e cortadas n'uma prosa de grande esmalte litterario.

*As quarentenas perante a sciencia.* N'uma pequena mas superiormente redigida plaqueta vem o nosso amigo D. J. Bernardino d'Almeida de mostrar os inconvenientes e as lacunas do *Regulamento de Sãude Maritima* em vigor, e de signalar o caminho pelo qual deve d'ora avante ser conduzido o serviço quarentenario, actualmente tão prejudicial para os interesses do paiz e tão affastado dos dictames da moderna sciencia.



*O Catholicismo da Côrte ao Sertão.* O ultimo livro de Lino d'Assumpção comprehende quatro capitulos de historia religiosa, elaborados, n'este tempo ue erudição barata e frivola, com o paciente vagar d'um beneditino. Livro curiosissimo, semeado de imprevistos detalhes e de transcripções absolutamente ineditas commentadas com agudo criterio, livro onde os Intellectuaes saborearão, com espirital delicia, pittorescos recantos do antigo tempo.

A Lino, com o nosso applauso, o nosso agradecimento.

## A CONQUISTA DE LISBOA

OU

## O Caminho do Caminha

(Continuação)

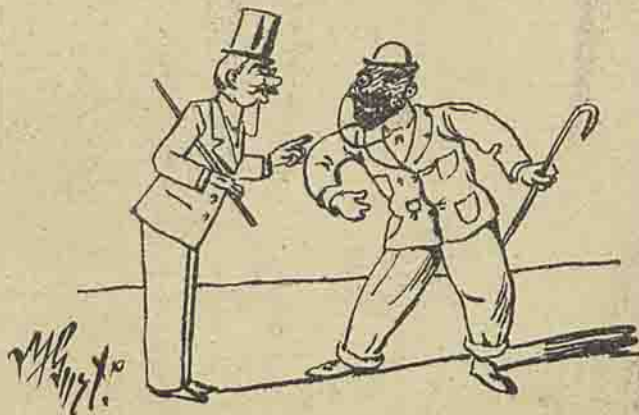
Rua do Oiro abaixo, marchava Caminha seguido e ladeado de espessas ondas de gente alvoraçada e embebida no mais admirativo pasmo. As fumadas do seu charuto eram com delicia aspiradas pelos que no sequito iam mais perto d'elle; venerandas senhoras ciliciadas de paixão beijavam, soffregas, o crystal das montras onde a sua figura se espelhava, outras tocavam a flanela do seu casaco com a piedosa devoção dos peregrinos que vão em mysticas romagens, com os pés nús e os rostos macerados de jejuns, visitar a sagrada tunica de Nosso Senhor Jesus Christo Homens celebres olhavam-no, suspensos, atravez d'aros de tartaruga envidraçados.



Jayme Victor correu, presto, a escrever um artigo para o *Correio da Manhã*, intitulado *U'studio Aminha*. O publicista Gouvêa Pinto, correu jovial e expansivo a apertar-lhe a mão.

— Bem o conheço, clamou Custodio tremente de commovida alegria; escusa de occultar-me o nome de seu pae, são parecidissimos, o sr. é filho do meu salvador, é filho do sr. conselheiro Peito de Carvalho.

Modesto, respondeu Gouvêa:



— Filho, não, parente... E arqueou o braço offerecendo-lh'o. Caminha aceitou com sorrisos, e de biscoito, continuaram.

—Então é parente do sr. Peito de Carvalho .. E como se chama?

—Gouvêa Pinto.

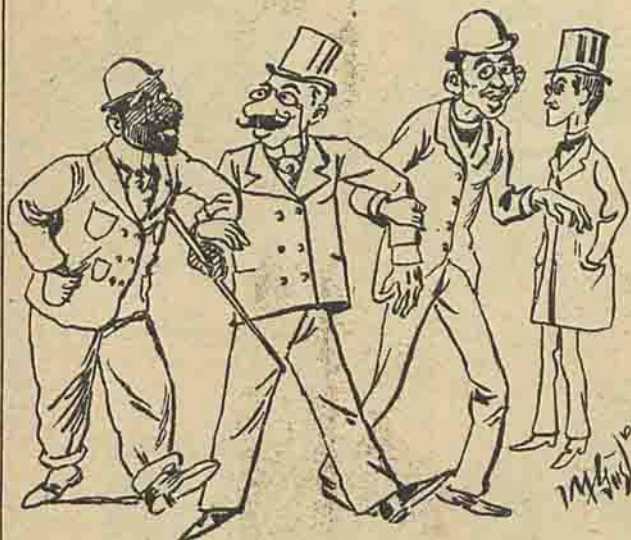
—E em que occupa os seus ocios?

—Sirvo as letras.

—Deve ser rendoso, em Lisboa, esse emprego, vejo muitas taboetas por ahí. Olhe lá, o sr. é parente do sr. Lambertini Pinto?

—Sim sr. somos irmãos de letras... Olhe, elle alli vem.

E acercando-se, muito myope, a tomar apontamentos, o fraternal Lambertini, depois de apresentado, engrinaldou com um dos seus o braço disponível de Caminha.



E entraram no Terreiro do Paço, seguidos pelo olhar envinagrado do folhetinista Mello Barreto que, a distancia, invejava Lambertini, o pallido, e Gouvêa, o moreno... mas formoso, como a Sulamite.

Foram direitos á estatua de D. José. Gouvêa foi d'uma copiosa erudição e d'uma eloquencia absolutamente demosthemica: contou os valorosos feitos do monarcha, citou com uma fidelidade joaquim-martinscarvalhense as datas salientes do seu reinado, o attentado dos Tavoras, a sua bravura no campo d'Ourique, e o seu amor pelas bellas artes cabalmente demonstrado pelo entusiasmo com que mandou construir o convento da Batalha, a custodia de Belem e a estatua de D. Pedro 4.º.



Como a voz de Gouvêa começasse já a embaciarse, enfranquecida pelo calor violento da sua oratoria tropical, Lambertini accudiu, caridoso, retomando o fio da descripção:

—Além é o Tejo, a estrada aquatica das conquistas portuguezas; o balão liquido que tem levado á Posteridade os mais illustres sacerdotes do patriotismo lusitano, de Vasco da Gama a Luciano Cordeiro; o altar...

Subito, uma vozeria estridente rebentou, dynamica, sob as arcadas:

—Cahiu o ministerio ..

Caminha, Lambertini e Gouvêa corriam presurosos para o tumulto, quando um correio de ministro cortou a passagem do primeiro, entregando-lhe uma missiva do sr. José Luciano de Castro.



Caminha leu com crescentes fulgurações no olhar, chamou uma tipoia, despediu-se dos amigos e gritou ao corypneu:

—Rua dos Navegantes.

E partiu. Atraz, o correio de ministro mettu a galope.

(Continúa .

Eu.



#### Toda a gente gosta dos perfumes do Congo

Toda a gente faz hoje as suas abluções com o sabonete dos Principes do Congo, cujo perfume é tam suave, tam agradável, e a fina massa tam preciosa para a belleza do rosto e a brancura da tez. Exijam sempre o nome de Victor Vaissier, de Paris, que é o inventor d'este delicioso e incomparavel sabonete.

•Veja-se nos annuncios Os Grandes Armazens do Printemps de Paris.»

# O CHAPEU EXPRESSIVO

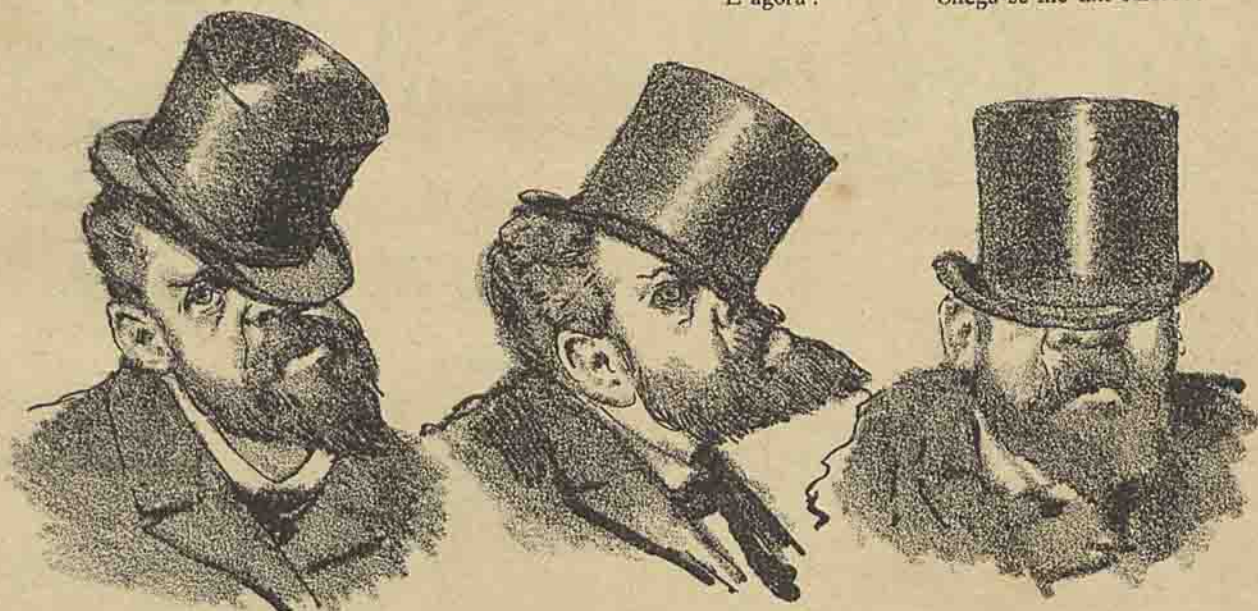
(Período epistolar)



Que tal? Hein?

E agora?

Chega-se-lhe um calor...



Mau!

Oh diabo!

Ora p...ois.

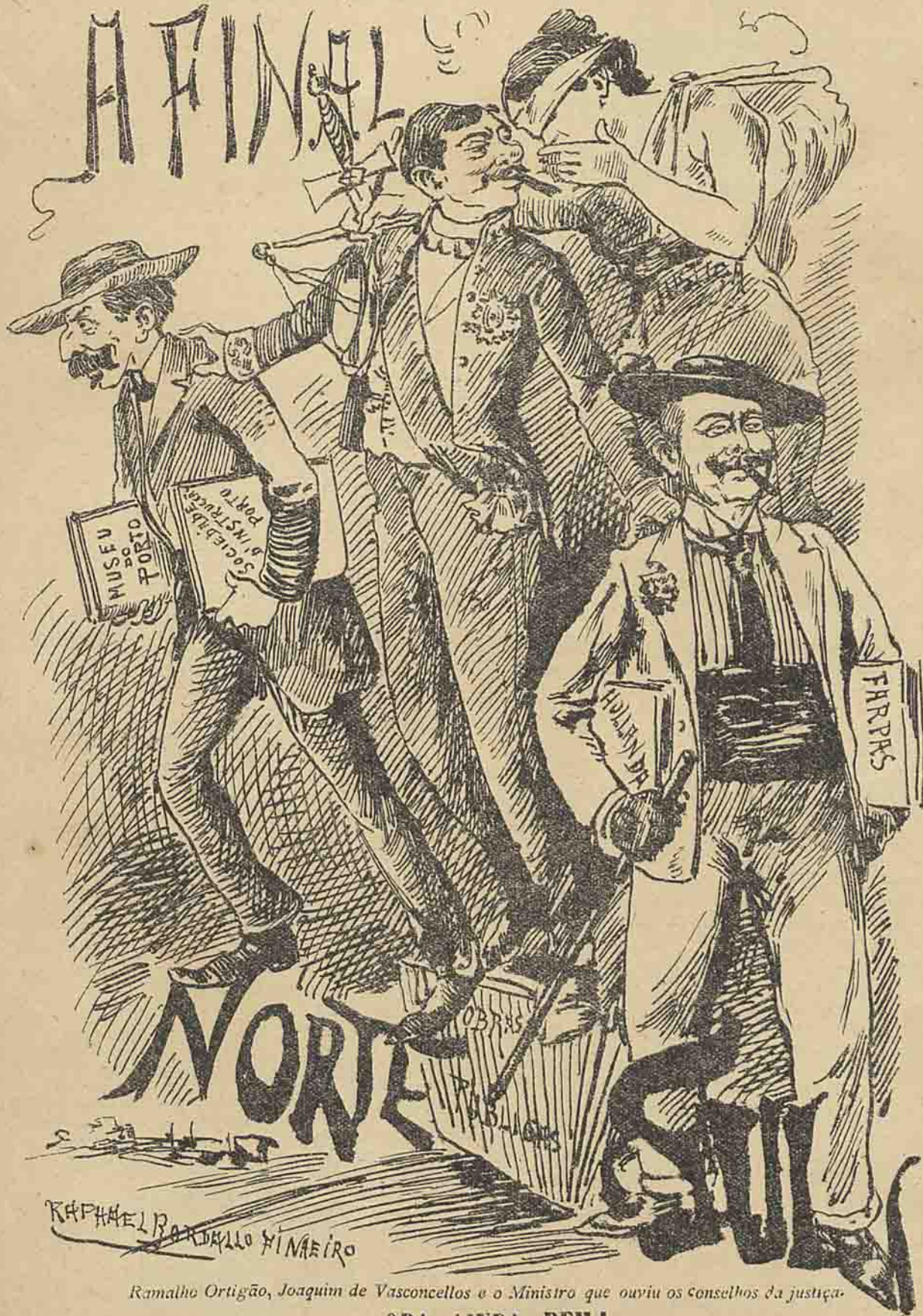


Má raios o partam!

RAPHAEL BORGALLO INHEIRO



# HOMENS DA SEMANA



Ramalho Ortigão, Joaquim de Vasconcellos e o Ministro que ouviu os conselhos da justiça.

## ORA AINDA BEM!

(Vide Variações.)



Nem sempre o *Diário do Governo* traz noticias que satisfaçam completamente ao paladar dos que, como nós, andamos mourejando na bem conhecida «Republica das letras».

Mas esta semana sahio-se o raio do *Diário* com uma nota official que foi acolhida com verdadeira satisfação por todos quantos admiram, apreciam e respeitam, as elevadas qualidades do interessado.

O *Diário* annunciou—que o sr. Ramalho Ortigão havia sido escolhido pelo Ministro das Obras Publicas para o lugar de inspector das escolas industriaes da circumscripção do sul. E chegámos a não acreditar!...

Pois quê!... Dar-se-ha o caso que nas chamadas *regiões officiaes* tenha alguma cotação esse homem incorregivel, que tem passado toda a sua vida a produzir uma das mais bellas, das mais brilhantes e das mais coloridas prosas que a lingua portugueza possui neste seculo?...

Será possivel que n'essas *regiões officiaes* onde só respiram os bandos ensobrecasados a preto dos srs. conselheiros—directores—geraes, com os seus graves e lustrosos chapéos altos, as suas respeitosas luvas pretas e as suas religiosas e lusidas calvas,—o nome d'esse reincidente da boa critica e da pura litteratura, que o nome d'esse tal sr. Ramalho Ortigão, chegue a ter algum valor, ou algum pêsô?... Será possivel?!...

Pois é possivel!... Oh deuses! foi possivel!... E um dia veio que em Portugal um Ministro se lembrou de que havia no paiz um critico d'arte, e d'arte industrial, chamado Ramalho Ortigão, superior como senso critico e valor litterario a Charles Yriarte, a Charles Blanc, a Champfleury—em França collaboradores do governo na organização e fiscalisação do ensino e dos museus! E um dia veio, que um Ministro não hesitou em chamar esse homem, sempre tão afastado de todos os burocracismos e de todos os conselheirismos, para lhe confiar a inspecção do ensino industrial na parte sul do paiz. Céus! estarei sonhando?!...

Esse ministro—honra lhe seja!—é o sr. João Franco. E em nome do *Antonio Maria* aqui lhe deixamos consignada toda a nossa admiração e todo o nosso reconhecimento, pela escolha que fez d'aquelle que é nosso mestre e nosso antigo companheiro de redacção, que em numeros consecutivos do *Antonio Maria* espalhou a *verve* inexaurivel das *Farpas*, fazendo do nosso semanario o repositorio semanal das suas observações e das suas criticas, a exemplo de Taine escrevendo sob o pseudonymo

de Thomaz Graindorge na *Vie Parisienne*, e de Tackeraey escrevendo no *Punch*.

\*  
\* \*

Eu não sei se com estas palavras offendo as portas das livrarias, das tabacarias e dos cafés da Baixa, attendendo a que não sou parte integrante de nenhuma d'essas portas, famosas na critica, e que se attribuiram o monopolio de todas as opiniões falladas e impressas ácerca dos homens da nossa terra.

Eu não sei se essas portas illustres professam pelo sr. Ramalho Ortigão, o mesmo respeito que eu me orgulho de mais uma vez tornar publico—pois me asseveram que os da nova camada e varios *fallidos* da velha são sobremodo terriveis em suas apreciações e criticas, quando se permitem analysar a obra dos mestres.

E apesar do mal que de mim possa amanhã dizer qualquer sublime porta de qualquer sublime tabacaria—eu não hesito em chamar a attenção de todos os *novos* que desejem tomar assento n'este mundo das letras, para a individualidade de Ramalho Ortigão,—para a sua *obra*, assim como para a sua *vida*.

A sua obra nunca parou, vaidosa da sua reputação: a sua obra progride sempre. Cada nova pagina de Ramalho traz o sabor do escriptor que não passa um dia sem estudar e sem meditar, para não parar, ou para se não repetir. Quantos escriptores não ha, que tem escripto a mesma chronica cincoenta vezes?... Quantos escriptores não ha, que vivem até á hora da morte á custa d'uma pagina que um dia escreveram com algum acerto?...

O mesmo desejo e a mesma necessidade de saber de todos os que começam, tem Ramalho conservado sempre, e isso prova-o a firmeza com que a sua prosa e a sua critica avançam, nunca envelhecendo ou enfraquecendo, antes possuindo mais agilidade e mais vigor do que ha dez annos.

\*  
\* \*

Parallelamente com o nobre e brilhante *escriptor* —marcha o *homem*.

E' tambem, e principalmente para o *homem*, que chamamos a attenção de vós todos:—*novos*, que vos deixaes seduzir pelas graças crueis da má lingua lisboeta, que pensaes por momentos que o escriptor só se impõe ao respeito do publico, á força de maledicencia e de odiosas ironias; e vós tambem, *velhos fallidos*, sem talento e sem estudo, que andaes de ganforina hirsuta e olhos esbugalhados, por esses botequins, a envenenar o coração e o espirito dos *novos*, fazendo-lhes crêr que só os azedos, os impertinentes e os insolentes triumpham, á força da intriga, da calumnia, ou da verrina.

Ramalho Ortigão é um dos mais bellos exemplos de quanto, um homem de bem ás direitas, correcto e bem educado, não fica de todo mal dentro da pelle d'um critico. E' por isso que Ramalho sempre se impoz á admiração do publico, sempre se achou acima de todos quantos pretenderam arranhar-o ou ferir-o.

E' por isso que hoje o seu nome, ao apparecer na prosa d'um decreto, traz ao espirito do leitor esta singular reflexão:

—Mas porque é que ha mais tempo o não aproveitaram os governos?...

Porquê!... Porque entre nós ha uma coisa terrivel—a maçonaria borocratica! E quando um homem apparece, escudando-se apenas no seu talento ou no seu estudo, sem nunca ter sido, nem *bacharel*, nem *amanuense*,—a maçonaria borocratica encarrega-se de o afastar, receosa de que esse homem possa trazer para a machina do Estado algum melhoramento, ou alguma idéa nova ...

\*  
\*  
\*

Outras *variações* esperava eu tozar. Foi se-me o tempo e foi-se-me o espaço, di trahido como estive a fallar-lhes de Ramalho Ortigão.

Mas parece-me que não é de mais, occupar uma chronica em honra do escriptor que por tanto tempo deleitou os leitores do *Antonio Maria*, em seguida á partida de Guilherme d'Azevedo para Paris.

Por estes tempos em que parece ser *chich* não admirar, nem respeitar ninguem, sentimos verdadeiro orgulho em nos declararmos admiradores e respeitadores d'um homem!

E' tudo quanto podemos fazer para sermos particularmente desagradaveis aos *novos* sardonicos e maldizentes, e aos *velhos* fallidos e impotentes, sem vislumbres de graça e sem a mais leve sombra d'uma idéa, ou d'um principio...

QUIDAM.

### Theatro do Gymnasio



Hoje sexta-feira, no Gymnasio, a primeira representação, em beneficio de Telmo, da comedia *Louras e trigueiras*, traduzida por Gervasio.

Palpita-nos que Telmo vai soffrer o *embarras du choix* pelo que o aconselhamos a que faça como nós, que entre as *loiras* e as *trigueiras* preferimos as *castanhas*.

### A' ULTIMA HORA

Chega-nos, á ultima hora, uma epistola de gracil artista Cinira Polonio que fundamente nos commoveu. A *diva* diz-nos cousas amaveis (agradecido!) e confessa que, ao ver o nariz que ultimamente lhe attribuímos em desenho, chorou (oh magoa!) e que os seus nervos irrequietos (ai Jesus!) a levaram a interrogar um espelho ácerca da justiça do nosso lapis.

Vaidosos dos nossos bons sentimentos, não podendo ver lagrymas, sobretudo em tão lindos olhos, gostosamente reduzimos a linha nasal da *sympathica* reclamante.

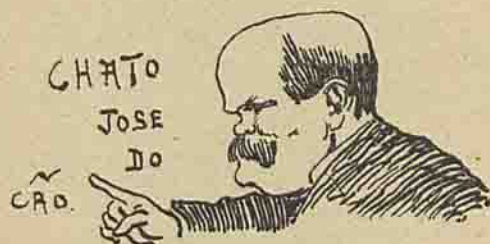
Rogamos-lhe, porém, que ponha ponto nas suas reclamações, não porque as suas missivas nos não deem o mais intenso prazer, mas porque se aquellas continuarem, acabaremos por ter de a apresentar quasi como o desnarigado doutor, tão conhecido na advocacia lusitana.



ESTÁ CONTENTE?  
BEM, NÃO CHORE  
MAIS. NÃO?



CINIRA POLONIO



CHATO  
JOSE  
DO  
CÃO.

# THEATRO DE S. CARLOS



ADALGISA GABBI



EMMA ZILLI



RENÉE VIDAL



GIMBARDELLA



MANCINELLI



PALERMINI



BATTISTINI



GABRIELESKO



TANSINI

Domaderns de corações, gommosos e diplomatas: cingi-vos de rendas e tecidos arfantes, flagellae vossos peitilhos em escudo com botões de pedras raras, flori vossas botteiras com honorificas rosetas:—abre hoje S. Carlos, começa a era galante e divertida do inverno.

São dos principaes artistas do theatro lyrico os retratos acima, entre os quaes reconhecidos serão pelo nossos leitores os de Renée Vidal, de Battistini e de Mancinelli a cujo talento os ouvidos alfacinhas deveram, n'outras epochas, horas da suprema e levantada delicia.

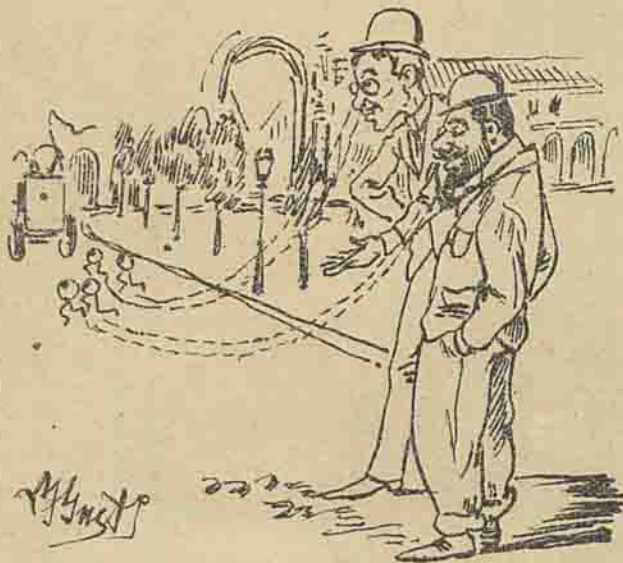
# A CONQUISTA DE LISBOA

OU

## O Caminho do Caminha

(Continuação)

Olhos correndo atraz da carruagem, ficaram os dois Pintos, Lambertini e Gouvêa, parados, meditando.



Em torno o burborinho crescia n'uma froante maré.

Lenços brancos limpavam testas humidas. Na sua impassibilidade de monarcha el-rei D. José conservava-se absolutamente alheio ao barulho da arcada.

Quasi atropellados por um trem, despertaram os dois jornalistas de suas fundas cogitações e partiram, velozes, para as respectivas redações, a compôr artigos sobre Custodio, que, por casualidade (*les grands esprits...*), sahiram absolutamente eguaes: «Chegou a Lisboa o nosso amigo Custodio Caminha.»

Entretanto, ao cabo d'uma carreira vertiginosa pelas ladeiras ingremes da Lapa, chegava Custodio ao Vaticano progressista. Uma longa serpente de tipoas enchia a rua.

Transposto o portal, achou-se Caminha n'um atrio sjardinado, onde, detraz de verduras ornamentaes, se movia um magestoso vulto, que na penumbra parecia feminino.

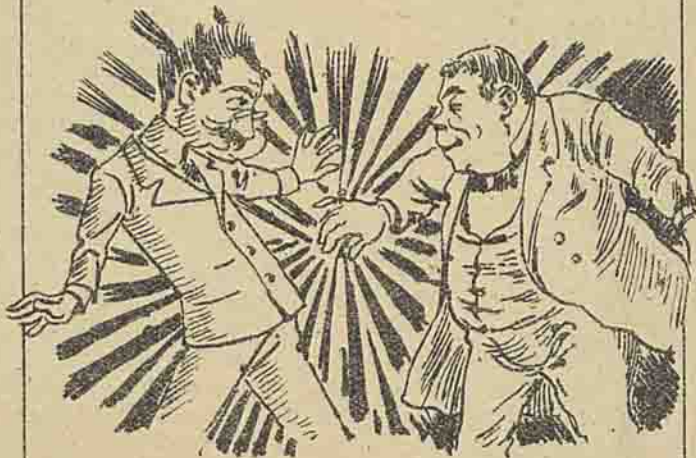


—Eu estou a conhecer esta senhora, pensou Custodio, piscando os olhos para ver melhor.

E animando se:

V. Ex.<sup>a</sup> não é a sr.<sup>a</sup> D. Guiomar Torrezão?

—Não sr., sou o Prior da Lapa, respondeu uma voz volumosa e forte, troando como um morteiro n'um fogo d'artificio: o fogo d'artificio era o legendario annel que illuminou tudo com bizarras pyrotechnias de côr.



Cumprimentaram-se.

E acompanhado da fulgurante columna da Egreja, entrou Custodio, solenne e grave, n'uma vasta sala, severamente decorada com preciosas oleographias e outros muitos adornos, onde os mais poderosos magnates da seita parlamentavam, gesto em pitada.

Grupos segredantes enchiam os vãos das janellas; mensageiros chegavam de momento a momento, afogeados e exhaustos; o precioso annel refulgia com sobrenatural claridade: e ao topo, sob um docel, a fronte encostada á dextra, meditativo e de chinelos, como Budha, permanecia o Pontifice em cujos ouvidos, como em duas conchas de coral pallido, cascata a eloquencia cathedralesca do doutor Pomposo, florida como um vitral de basilica, ou como uma pagina de missal gothico pacientemente illuminada em mysticas vigalias, entre nevoeiros d'incenso e doiradas palpitações de lampadas.



Acercou-se Caminha do Pontífice que lhe sorriu, com os bigodes e lhe deu a beijar as pontas dos dedos.

Mãos tremulas da cordialidade apertaram, com vigor, as de Caminha, que, guindado aos mais inacessíveis planaltos da ambição, pensava com desvanecimento na chuva de favores que a Fortuna derramaria, prestes, sobre sua cabeça: chapeo armado, jantarinhos no Paço, continencias da tropa, viagens sinhas de borla, gran-cruzes... Ministro! Elle ministro! De contente que estava, os seus olhos davam cabriolas de alegria, e os seus olhares atravessavam os vidros da luneta, ás risadas, como clowns atravessando arcos de papel.

Foi o capitão Francisco Machado quem expoz a Caminha a gravidade da situação. O ministerio nephelibata ia a terra; alastrava-se a crise, inquietavam-se os animos: só um homem podia salvar tudo, com a sua energia d'aço:—o Pontífice. E o Pontífice estava disposto para a lucta, com todos os seus generaes a postos. O doutor Pomposo tinha já sacrificado a péra, appendice capilar incompatível com a qualidade de ministro das justiças. Faltava apenas... um elemento novo.—Custodio, e Custodio promettia cooperar...

Abriu-se uma porta ao fundo e um farante communicou:

O ministerio fica!

Grande foi o tumulto e a confusão que essas palavras produziram. Em massa, correram todos a consolar o Pontífice, cujos labios se abriram murmurando:

—Oh! que grande espiga!

Anoitecia quando Custodio deslisava, caminho de casa, pela Calçada da Estrella. Ia triste, triste como um fim de tarde no outomno. Um fragmento de interior confortavel, visto atravez d'uns cortinados de musselina, deu-lhe appetites de vida recatada e amena.

Defronte do suggestivo predio havia um *bric à brac*. Olhou. N'uma parede, avultava um cabide feito d'um aereo ornamento bovino. Do cabide pendia esta inscripção:

«Eu e tu somos dois».

Caminha leu e seguiu, pensando...

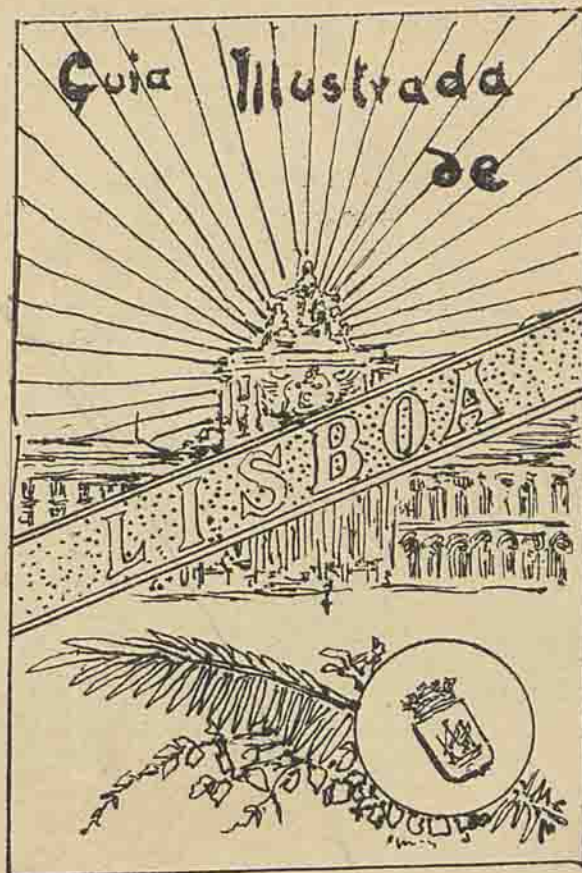
—Nada, decididamente, preciso de me casar.

(Continúa).

Eu,



«Veja-se nos anuncios Os Grandes Armazens do Printemps de Paris.»



Intelligentemente coordenada pelo sr. D. Thomaz de Vilhena, acaba de publicar-se uma *Guia de Lisboa* que, pela fidelidade e numero de informações e detalhes, e pelo agradável aspecto da edição ornamentada de finas phototypias, póde, incontestavelmente, ser posta ao pé do melhor que, n'este genero, tem apparecido lá fóra.

## SALVA-VIDAS

O sr. Narciso Borges, cognominado pelo dr. Custodio Caminha o *Patrão Joaquim Lopes das bebidas* acaba de publicar, com o titulo *Licor Salva Vidas* um saboroso poema engarrafado. Temos saboreado aos goles o fio d'oiro d'esta excellente obra, cuja leitura é tão singularmente miraculosa que até seria capaz, cremos, de curar de sezões depois de morto.

### A quem não quer ser roubado

O sabonete dos Principes do Congo é o mais conhecido, o mais perfumado, o melhor e o mais hygienico de todos os sabões de toucador. Quando pedirem este maravilhoso producto exijam sempre o nome de Victor Vaissier, de Paris seu inventor. Desconfiem: alguém os **rouba** vendendo-lhes, por *verdadeiro Congo*, grosseiras e doentias imitações d'este perfeito cosmetico.

# GONTOS PARA A INFANCIA

(Ao sr. Fuschini)



Simão de Nantur

*Pierre qui roule n'amasse pas de mousse. Pedra movediça não cria musgo.*



Moralidade

Por mais que caves, suarás e não chegarás... a ministro, porque *pierre qui roule*... Deligaste-te, -- morres vestido.

# A questão do gaz

## OU A VICTORIA DOS LOGISTAS

(Final d'acto)



As COMPANHIAS:—Perdoae-nos, senhor, assim coms nós não perdoamos nos nossos devedores! Nunca mais nos metteremos n'outra.

O SR. LOGISTA:— Pois tenha juizo, aliás chamamos pelo petroleo.

O SR. PETROLINE: *desapparecendo entre bastidores.* — Raios d'ingratos! Tão bons são uns, como os outros. Resta-me o seio das familias...



## Variações

Comparaveis a estes dias de chuva, imensos e desolados, só ha as lamentações do sr. Fuschini nas columnas do *Seculo*.

Não se calcula a quantidade de prosa que tem cahido sobre o nosso colleza da rua Formosa, como tambem é incalculavel a quantidade de agua que tem cahido sobre a capital.

Ambos os casos espontosos! Não se comprehende por mais que se pense, que se estude, que se observe, como tantos caudaes de tinta podem jorjar d'um assumpto municipal, e tantas trombas d'agua podem cahir d'essas nuvens com ar inoffensivo e distrahido, que passeiam pelo azul, e acima das quaes vive e habita constantemente, não o Padre-Eterno, que ácerca da sua existencia começam a haver suas duvidas — mas o nosso querido amigo Eugenio de Castro.

Não se comprehende, nem tanta chuva, nem tanta prosa. Nós imaginavamos que «altos mysterios» e «mysterios insondaveis» só os tinha á sua disposição a divina Providencia e a Natureza. Agora veem que tambem ha os «altos mysterios» do Municipio de Lisboa, e os «mysterios insondaveis» do sr. Fuschini.

Seja pelo divino amor de Deus!

\*  
\* \*

De quinta feira para cá, temos tido o que estavamos para não ter, em vista do agio das libras e da differença de cambio.

De quinta feira para cá, temos tido *S. Carlos*, o que, diga-se de passagem, não é de todo desagradavel, nem de todo mau,—a não ser para as pessoas que teem por officio, ou dar palmas, ou dar pateada.

E' a unica coisa que me faz pena; quando entro na platêa de *S. Carlos*, é vér as pessoas que são «brigadas a dar palmas, para animar a sala e dar aos artistas e ao publico a illusão d'um exito brillantissimo, ou então os que por temperamento ou tambem por «insondaveis mysterios» lyricos, dão pateada a todos e a tudo.

Esses escravos dos insondaveis mysterios é que geralmente me azedam o prazer das noites de *S. Carlos*, mesmo quando a companhia, como acontece este anno, não offerece extraordinarios encantos — excepção feita da sr.<sup>a</sup> Renée Vidal, que na *Aida* desempenhou o seu papel por um modo verdadeiramente notavel.

E' que a sr.<sup>a</sup> Renée Vidal é oriunda da escola franceza do canto. Sente-se no seu methodo de canto, e na *representação* do seu personagem, a influencia do Conservatorio de Paris e dos theatros de Paris d'onde saem artistas notabilissimos, como Fidés-Devriés e Caron, e como a Kraus, apesar de já retirada da Grande Opera.

Esta predilecção pela escola franceza de canto e de theatro não pensem os que me estão lendo, que constitue em mim um proposito gratuito de dizer mal dos italianos.

Porque ha italianos que eu muito admiro e muito applaudo—por exemplo Tamagno. Mas os italianos na arte de representar, assim como na pintura e na esculptura, paráram e por consequencia passaram de moda. Para avaliar bem a inferioridade e a decadencia artistica da Italia, basta lembrarmo-nos das ultimas exposições italianas, em Londres em 1888, em Paris em 1889. Triste exposição d'um povo que pensou que a arte não progride, e que a arte pôde viver apenas na contemplação e na imitação do passado.

\*  
\* \*

Os cantores italianos teem contra si a falta de educação theatral. Eis o motivo porque cada vez enthusiasmam menos, porque cada vez são mais raros os seus triumphos.

Imaginam certos criticos que o publico é sempre o mesmo. Perfeito engano. O publico de hoje, de *S. Carlos*, tem fatalmente curiosidades e appetites artisticos differentes do publico de *S. Carlos* de ha vinte annos.

O publico de hoje tem visto artistas theatraes de grande valor como Fidés-Devriés, Van-Zandt, Sarah Bernardt, Coquelin, etc. Vendo estes artistas, o seu jogo de scena, a comprehensão do que é o canto moderno e a moderna arte de representar—o publico vae pouco a pouco formando um ideal artistico muito superior ou muito differente d'aquelle que havia ha vinte annos.

Ora os artistas italianos, preocupados apenas com a *Voç*, e sem nenhuma comprehensão ou intuição da arte de representar e dos personagens que interpretam—limitam-se a imprimir o mesmo character e o mesmo colorido, isto é, a não dar nenhum character nem nenhum colorido aos differentes personagens que lhe são confiados. De sorte, que, áparte os effeitos do guarda-roupa, nenhuma differença ha entre um *Fausto*, ou um *Guido Arego*, ou um *Propheta*, entre uma *Margarida* ou um *Selika*.

\*  
\* \*

Isto assim á primeira vista parecerá exaggero da minha parte.

Mas deem-se os leitores que não estão de accordo comigo ao trabalho de examinar a execução d'uma opera, onde entrem simultaneamente artistas italianos e francezes. Por exemplo:—*Aida*.

Reparem, na *Aida*, na interpretação da sr.<sup>a</sup> Zilli e na da sr.<sup>a</sup> Réne Vidal. A primeira, é escola italiana pura. A segunda, escola franceza. Emquanto a primeira tem os gestos, a expressão do canto, a musica, o movimento scenico da convenção italiana,—a segunda tem o estudo do personagem, o seu character, o seu temperamento a intenção das suas palayras, a

tal ponto, que em todo o 1.º quadro do 4.º acto da *Aida* a sr.ª René Vidal dá-nos a deliciosa sensação de que estamos em Paris assistindo a alguma recita da opera, com a Caron ou a Kraus, ou a alguma representação classica do *Français* do *Rei Oedipo* de Sophocles, ou então em Londres, nas representações classicas do *Lyceum*.

E ahí está explicado todo o exito d'essa cantora que o publico *ouve e vê* verdadeiramente encantado — porque são os encantos *naturaes* da cantora, aliados ao conhecimento profundo do que é o theatro.



Cá por Lisboa ha a famosa mania de se fallar com soberano desdem da Grande Opera de Paris.—como se por acaso houvesse algum theatro d'Opera em toda a Europa onde as maravilhas da arte theatral se achassem reunidas ao mais delicado bom gosto, e á mais complicada phantasia.

O que eu queria, é que os apaixonados da escola italiana assistissem como eu e mais alguns portuguezes assistimos á 1.ª representação da *Africana* na Grande Opera de Paris, para debute de Gayarre, que ali foi dar uma serie de representações a pedido do seu amigo Gaillard, então um dos directores da mesma Opera.

A voz do brilhante tenor causou realmente enthusiasmo. Mas o que ninguem podia supportar n'aquelle meio d'arte, era esse homem que só tinha uma bella voz, mas que ignorava todas as regras da arte theatral, esse homem que se intitulava *um artista*, não passando apenas d'um bello orgão—e mais nada.

Eu no theatro quero ter a illusão de que estou no theatro, e quero por consequencia que me deem arto. E' por isso que eu pasmo como é que o publico tolera certas exhibições de Opera, como ás vezes as vemos em Lisboa, e principalmente como passam sem o mais leve reparo da Critica.

Altos mysterios da Providencial...

QUIDAM.

## DESCARRILAMENTO

(As' leitoras)

Terão notado vocencias,  
Mais as primas, mais as manas,  
Entre varias occorrencias,  
As mi:has largas ausencias  
No jornal, ha tres semanas.

Ao verso fazendo escusas  
Tive uma ideia fisgada:  
Foi dizer adeus ás muzas,  
Ao Parnaso, ás gentes lusas,  
E retirar-me—á privada.

Tive ideia de ir, casmurro,  
Pra Fanhões, Caneças, Loisa,  
E viver lá, sem susurro,  
Apanhando pés de burro  
—Pra fazer alguma coisa...

Mas, d'esse intento preverso  
Minha ideia hoje se aponta,  
E ando de modo diverso,  
Por ter recebido, em verso,  
D'uma menina, uma carta.

A's damas rendendo preito  
A minha musa se empina,  
E provo que, com effeito,  
Ma merece alto respeito  
O verso—d'uma menina.

N'esse verso as graças chovem  
Aos montões, aqui e ali;  
P'ra que as vejam, p'ra que as provem.  
Lá vae a carta da joven,  
Talqualmente a recebi:

«Senhor Pan: N'este momento  
«Tenho o prazer, a ventura,  
«De informal-o, a seu contento,  
«Do tal descarrilamento  
«Sobre a *linha da cintura*.

«Eu vinha n'esse comboio  
«Co'o meu primo André Chab y;  
«Sósinhos, no mesmo coio,  
«Fiz-me eu branca, elle azuloio,  
«Quando a coisa deu de si...

«Entretanto, aqui sustento  
«—E provar posso afinal:—  
«Da linha no entroncamento,  
«Se houve descarrilamento,  
«Quanto a mim, não dei por tall!

«Jurar vou por vida minha,  
«Sem receio de peccar,  
«Que o comboio, se ia e vinha,  
«Trabalhou sempre na linha,  
«Sem nunca descarrilar...

«Quer em balão, quer a nado,  
«Quer de comboio ou machila,  
«Fique, senhor, inteirado  
«Que, commigo—Deus louvado!—  
«Nunca ninguem descarrila...

PAN-TARANTULA

# A TODO O VAPOR



O Supremo Machinista montando a Machina eleitoral.

# A CONQUISTA DE LISBOA

OU

## O Caminho do Caminha

(Continuação)

Governado o bahunho do estomago com fumosas viandas, córados fructos e rosado vinho do Alemtejo, internou-se Caminha em sua alcova, mudou de butes e roupagens e deitou-se, fatigado e feliz, sobre o leitosinho de ferro, todo branco como um noivado, o noivado que elle, Caminha, imaginava rescendente de claras, epithalamicas promessas. A luz frouxa da vela, amortecida pelo abat jour, punha no quarto uma atmosphera doce e enluarada. O relógio, um d'estes relógios em jazigo que ás vezes sahem nos bazares, pulsava sobre a commoda embaladamente.

Fazia calor, mas Custodio sentia frio adentro do seu peito, sentia a necessidade urgente de aquecer seu coração algido com o capote á cavalleria d'um amorsinho recatado e honesto.

Longe de Formosilha, perdido na bahyloñica cidade do Tejo, onde sob a mascara irsinuante da cordialidade se advinha o riso acre do struggleforlifeirismo; onde a miseria chora sob gargalhadas de velludo e renda, e o vicio pisca os olhos sob a palpebra branca da virtude; onde tudo é mentira, ostentação, convenção; Caminha, ao passo que suas ambições se dilatavam cada vez mais, sentia que se lhe tornava imprescindivel a formação d'um amavel exilio d'alma, onde se confortasse e socegasse dos beliscos e pisaduras da vida publica, um voluntario exilio que fosse a casa de campo do seu espirito.

O amor!!! Atravez d'esta palavra descobria Custodio perspectivas d'interior d'um inaudito encanto: placidas noutes ao fogaõ a fallar do passado, sentindo nas fontes os cabellos loiros da mulherinha amada; mãcsinhas cór de rosa afagando-lhe as orelhas; uma bocca fresca, de cereja, beijocando-o com mimo; a roupa muito bem tratadinha nas gavetas; flores macias na meza; o thalaimo sob cortinas claras; o luar d'uma lamparina... e depois, mezes corridos sobre as nupcias, a gloria de ser pae, pae d'um pequeno Caminha que de futuro poderia vir a ser uma alta personalidade, talvez ministro, banqueiro, titular, arcebispo.

Pondo em vibração todo o quarto, passavam em baixo americanos, aos silvos. N'um d'esses silvos percebeu Caminha as palavras seguintes:

— Amigo Custodio, permite que eu, alma d'um apito, te apresente uma parabola. Quando ao cabo d'um agitado e trabalhoso dia regressas a casa, nada que tanto te deleite e console como a entrada n'um traway que te transporte, docemente, tornando em agradável entorpecimento o teu cansaço. Mas para que esse prazer te seja dado é mister que tenhas meio tosão...

Comprehendes? Tu que no matrimonio vês o vehiculo invejavel da tua fadiga espiritual, diz-me Caminha, tens o meio tostão para o americano nupcial? Adeus, até logo.

— Adeusinho! respondeu Custodio, e apprehensivamente sentou-se no leito, pernas em X, como um sultão n'um tapete, a contar dinheiro. Trinta e dois mil réis, toda a sua fortuna!



— Não, positivamente, não é inda chegada a hora de esfolhar com a caricia de minhas mãos amorosas uma grinalda de flôres de lorangeira. Vamos lá por partes chegaremos. Não posso ir de americano, irei de Rippert...

E resignado, tornou a deitar-se, um lenço branco tapando-lhe a cara, por causa das moscas.

A sua paciencia com facilidade abdicava, temporariamente, das illusões que de tão flava e radiosa maneira lhe haviam estrellado o peito. Com o que Custodio não podia, porém, conformar-se era com a amarga e fria expectativa de ficar por longos tempos enterrado n'aquelle quarto d'hospedaria, sem conforto, sem mimos, com um monte de roupa suja a um canto, entre uma sociedade de viageiros provinciaes e de celibatarios pobres, servido por gallegos que cheiravam a queijo com a vista eternamente obsecada pelas lithographias da casa de comer,—as quatro estações—e pelo cadaverico aspecto de flôres que se mumificavam friorentas e pallidas nas jarras azues da mesa. Era forçoso deixar, e deixar breve essa odiavel estalagem que lhe punha n'um inverno a aprilnia alma. E na mente de Caminha a casa d'hospedes appareceu como uma Alhambra maravilhosa, resplendente de socegadas seduccões.

— Vou para uma casa d'hospedes! resolveu. E tendo desnudado seu corpo, feito suas orações, apagado a luz e arrotado tres vezes, adormeceu.

(Continúa).

Eu.

### O VERDADEIRO E O FALSO

Não ha senão um bom sabão de toucador. O sabão dos Principes do Congo, cuja reputação é universal. Este primoroso sabonete, deliciosamente perfumado, traz sempre o nome do seu inventor: Victor Vaissier, de Paris. Desconfiem: vendem-se imitações. O Congo contrafeito não traz o nome de Victor Vaissier.

Veja-se na capa o annuncio Prevenção que se refere á excellente bebida o Salva Vidas.

# THEATRO DA TRINDADE

# O PIPAROTE



A parte dramatica do *Piparote* é um pretexto, bastas vezes picado por Garrido de risinhos ditos, para exhibição de conhecidissimos trechos musicaes de conhecidissimas zarzuellas. Pena é que o desempenho, o guarda-roupa e o scenario—tudo bom—não fossem aproveitados para obra theatral de feição pronunciadamente portugueza.

# O VOTO LIVRE

O Pollicia e o Padeiro



—Ou multa ou 10 votos para o governo.  
—Sim sr., não haja duvida.

O Padeiro e o Freguez



—Ou pão ou 20 votos.  
—Vá descansado.

O Alfayate e o Credor



—Ou o sr. me paga a conta... ou 30 votos.  
—3c? Isso arranja-se.

O Senhorio e o Inquilino



—Terá o sr. de me pagar 30 libras a mais caso não  
me arranje 40 votos.  
—Conte o sr. com 40 votos.

Um eleitor independente



Eu tenho as minhas convicções, sou republicano.  
Mas uma pessoa a quem nada devo recusar pediu-me... Depois... um voto a menos não ata nem desata...

Conclusão:



Contra isto batatas...

# Homens da semana

FRANCISCO GOMES D'AMORIM



Gomes d'Amorim deixa uma obra poetica que, pela differença de processo artistico, foi pelos novos collocada nas prateleiras menos accessiveis das suas estantes, mas que encarada como documento historico, como expressão da maneira litteraria d'uma epocha e como representação d'um temperamento, tem direito a ser posta em mais evidente lugar.

Como caracter,—aço e crystal,—Gomes d'Amorim soube elevar se da mais recatada modestia a uma condição desafogada e respeitada graças somente ao seu talento e á sua honradez, protestando assim contra o ban doleirismo da vida moderna.

## Variações

A Sociedade de Geographia, para solemnizar o 16.º anniversario da sua fundação, e no louvavel empenho de difundir pelos seus membros a maior quantidade possível de sciencia geographica e de conhecimentos e noções exactas acerca da verdadeira situação de Chilomê e do que é na realidade o tão fallado «segredo do Cubango»—acaba de abrir uma sala especialmente consagrada ao ensino... do *florete*!

Como vêem, não há nada mais geographico do que um *florete*; e o que parece realmente incrível e muito pouco em abono da intelligencia dos illustres geographos que fazem parte d'aquella douta companhia—é que fossem precisos *dezeses annos* para que a Sociedade chegasse ao convencimento de que não podia passar, para os seus estudos e lucubrações, sem o auxilio d'esse maravilhoso instrumento perfurante e contundente, com o qual o sr. Ferdinand de Lesseps um dia furou o isthmo de Suez..

E teria tambem furado o isthmo de Panamá, se os armeiros de Paris que perderam o segredo de manufacturar boas laminas, lhe tivessem fornecido um *florete* em termos para metter no corpo d'esse isthmo mil vezes mais duro que o de Suez já citado.

Sim, meus senhores! Foram precisos *dezeses annos* de estudos, de combinações, de compilações, de explorações, de relatorios, de boletins, de conferencias e d'algumas viagens d'alguns socios ao estrangeiro para tomarem parte em diversos congressos geographicos; foram precisos *dezeses annos*, para, ao cabo d'elles, a Sociedade se convencer que não podia caminhar na sciencia geographica, se os seus membros não fossem todos peritos no manejo do *florete* e no nobre jogo das armas.

A sensação que uma tal noticia vae provocar em todo o mundo scientifico deve ser indiscriptivel. Nós, que já uma vez assustámos o mundo com o arrojo e a audacia dos nossos navegadores,—vamos de novo assustar esse mundo velho e relho, gasto e farto de sensações novas, com a descoberta dos nossos geographos.

Em vez de passarem o tempo a estudar a geographia do continente africano ou dos pólos—veremos os senhores da geographica manobrando á voz de commando do sr. Cid, que lhe gritará aos ouvidos:

—*En garde, messieurs! Une, deux, trois, fendez-vous!*...

E d'aquí a alguns mezes, quando algum venerando Elysée Réclus ou Kropotkina, visitar a séde da douta companhia, em busca de elementos acerca das nossas colonias, o sr. Luciano Cordeiro fal-o-ha passar á sala d'armas, e offerecendo-lhe uma máscara, uma luva, um *plastron* e um *florete*, desafiará o venerando sabio para um combate singular, para depois ter o orgulho de lhe dizer com arrogancia, como diz certo personagem de Corneille:

*Ton premier coup d'épée égale tous les miens!*...

Passou ha pouco por Lisboa um illustre e notabilissimo humorista de Vianna, que dá pelo nome de *Gaspar Alegre*.

O notabilissimo e illustre humorista de Vianna agora publicando as suas impressões de illustre e notabilissimo humorista nas columnas da *Aurora do Lima*.

Da attenção e respeito com que temos seguido as suas notas, concluímos que o notabilissimo e illustre humorista de Vianna achou «Lisboa afinal uma grande aldeia com muito mau ar e aguas pessimas;»—e tambem «um rico soalheiro, apenas disfarçado pelos requintes d'uma elegancia convencional».

Triste sina a nossa! De cada vez que passa por Portugal um illustre e notabilissimo humorista, e que publica impressões de viagem, é mais que certo que apanhamos troca e tunia.

Apesar da minha proverbial ignorancia em assumptos geographicos, chegando até a não saber a quantos graus de latitude Norte e a quantos graus de longitude Oeste ficam os humbraes da *Havaneza*, e onde se encontra o verdadeiro antipoda do incommensuravel geographo sr. Augusto Ribeiro—oúso lembrar á illustre Sociedade que não será talvez bastante o estudo do *florete* para a educação completa dos seus socios.

O *florete* é uma arma branca e um instrumento geographico exclusivamente europeu; e se o conhecem já n'alguns pontos da America, é porque algum civilisado de maus costumes se lembrou de o divulgar por lá.

Ora o que me parecia mais util e mais de accordo com os problemas geographicos do actual momento historico—era o sr. Cid ensinar aos seus discipulos a arte da *setta*, do *arco*, da *aljává*, da *azagaia* e do *chuço*.

Desde o momento que os geographos d: todo o mundo teem agora as suas attensões e os seus oculos voltados para o continente negro, que acontecimento extraordinario seria estê, da *Sociedade de Geographia de Lisboa* convidar todas as sociedades de geographia do mundo—para um assalto monstro de armas africanas.

O *florete*, que é a arma branca do branco civilisado, já vulgarmente se joga. Mas a *azagaia*? e a *setta*?!

Esse assalto monstro seria executado a *caracter*, quer dizer: com a respectiva *toilette* e caracterisação. Que surpresa é que maravilha aos olhos de sabios estrangeiros profundamente pasmados!

Imaginem os leitores todos os illustres geographos da nossa *Sociedade de Geographia* recebendo os seus collegas estrangeiros, em sessão solenne, uns em *grande tenue* de atiradores *matabelles*, outros de atiradores *zulus*, outros de atiradores *maputos*. E o presidente de honra d'este assalto de armas incontestavelmente *pretas*, vestido de Gungunhama partindo para a guerra.

Como isto havia de ser assombrosamente geographico!...



Isto já vem de traz, do tempo do Byron. Modernamente, tivémos como trocistas Louis Ulbach, Madame Ratazzi, Fernand Xau,—sem fallarmos na Madame Maney.

Agora cae-nos em cima da capital o notabilissimo e illustre humorista de Vianna, que dá pelo nome de Gaspar Alegre.

Mas não imaginem que este Brummel que não pode aturar a *elegancia convencional* de Lisboa, seja um elegante pôdre de chic de Vianna d'Austria.

Não senhor. E' ali de Vianna do Castello o diabo do homem!...

Com que então Lisboa, lá para essa Vianna, já não passa d'uma aldeia?... E' o caso de dizer como o dr. Valle:

—Ail que eu morro vestido!...

\*  
\* \* \*

Um nosso amigo de Moncorvo (nós temos muitas relações na provincia) manda-nos o numero de dominio passado do *Moncorvense*, onde vem uma noticia cuja importancia seria imprudente não pôr em relevo.

Imaginem que o *Moncorvense* deacobrio—graças a profundas e prolongadas cogitações—que «tudo n'este mundo finalisa!...»

E' de arripiar os cabellos! E vae enumerando do seguinte modo o *tudo* que no mundo *finalisa*:

- 1.º—«A flor que se espaneja linda e formosa, etc.»
- 2.º—«A bonina que se reclina reverente ao toque da viração vespertina, etc. etc.»
- 3.º—«A avesinha que anda nos seus mil gorgeios... entando... saltitando... á cata do *cibo alimenticio* (III) para os seus petizes, etc. etc.»
- 4.º—«A arvore que succa da terra.»
- 5.º—«O arroio que deslisa.»
- 6.º—«Os penhasco.»

Eis o rol das coisas que finalizam. Só uma coisa não finalisa, no dizer do *Monco. vense*—«a lembrança d'um objecto que nos foi querido, menos a ideia de que esse objecto nos foi arrebatado, cruelmente sequestrado, quando mais intensa e cruel nos era a sua falta, quando mais dura e espinhosa nos era a separação.»

Sentimos o desgosto quo n'este momento afflige o *Moncorvense*. E sentimos-o tanto mais, quanto é uma vergonha para um paiz que se diz civilisado e bem policiado, que a um honesto cidadão de Moncorvo se roubasse um objecto tão precioso e tão intimo.

Que se roube um relógio, ainda se permite e se tolera. Agora que a um homem se roube um membro que tanta falta lhe faz isso é que não pôde ser. Porque o menos que roubaram áquelle cidadão de Moncorvo, ou foi um braço, ou foi uma perna.

Decididamente, sr. ministro do reino, nós retrogradamos! O que se está passando em Moncorvo é ainda mais inaudito, que tudo quanto se tem passado em Mirandella.

Positivamente, isto é um paiz perdido!...

QUIDAM.

## A' URNA!!!

Todas as folhas de cá,  
N'uma cantata diurna  
—E p'lo mesmo *b á ba*—  
Dizem ao povo que vá,  
Domingo, sem falta, á urna.

O povo não fará mal  
Em taes conselhos seguir:  
Mas não se sabe, afinal,  
Que especie d'urna é a tal  
A que esse povo tem de ir.

Fui ver nos vocabularios  
Noticias sobre esse assumpto:  
E dizem-me os dictionarios  
Que ha urnas p'ra effeitos varios  
—Como passo a expor, por junto...

Entre urnas de feição seria,  
Feitas a escopro e buril,  
Nota-se a *urna funerea*  
Que á gente guarda a materia  
Se a gente estica o pernil.

De urnas velhas nos arcanos,  
—Urnas que o tempo tem gasto—  
Nota-se, ha centenas de annos,  
As urnas com que os romanos  
Mediam—vinho de pasto.

Alem d'essa urna, medida,  
Que era de pau, ferro ou chumbo,  
Temos urna conhecida  
Na que tambem se appellida  
*Balão, penante, ou quibumbo.*

Mais vi, como urna indicada,  
Nos livros que consultei,  
Uma—de loiça vidrada—  
Que é urna muito adoptada  
Por clero, nobreza e rei.

E' pois, a tal sorte d'urna  
Que toda a imprensa de cá,  
Quer a de especie diurna,  
Quer a de casta nocturna,  
Instiga o povo a que vá?!

Se é isso que ao povo implora  
Quem pede, tambem eu peço:  
—Que o povo vá, sem demora,  
E que o faça em *boa hora*,  
Tendo o melhor *bom successo*...

D'aqui, da minha cafurnia,  
A gritar tambem não tardo:  
—Sem delonga diuturna,  
A' urna! meu povo! á urna!  
—Com lista... de papel pardo...

PAN-TARANTULA.

# CLAMAR NO DESERTO

(O comicio de domingo)

„N'este descampado sondo  
A minha sorte me tom.  
Chamo, ninguém me responde,  
Olho, não vejo ninguém.»



—Chamo, ninguém me responde, olho, não vejo... senão quarenta pessoas e cento e quarenta e cinco polícias.

## THEATROLOGIA POLITICA

## FAUSTO

(A scena da tentação)



Margarida-Zé-Povinho, deslumbrado pelas joias que Mephistopheles capciosamente collocou sob os seus olhos, vai ceder a sua branca virgindade e o seu não menos branco voto, esquecendo o modesto ramo de violetas que o platónico e leal Siebel republicano lhe poz, apaixonadamente, á porta.

# A CONQUISTA DE LISBOA

OU

## O Caminho do Caminha

(Continuação)

VII

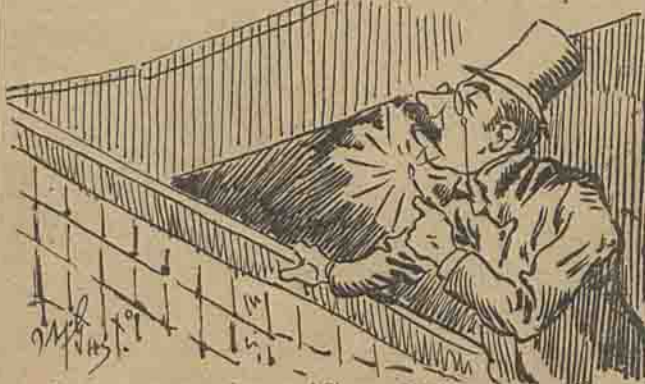
A casa onde Caminha foi procurar amabilidades de trato e agasalhado conforto para o seu coração nostálgico e esfomeado de familiares carícias, era mantida com maternal e sorridente feição por uma jocunda dama de cabellos claros, D. Maria do O, — venerando castello d'Obidos da Luxuria, á qual nem mesmo faltava o esmeraldino ornamento de todos os castellos, — o musgo, — que D. Maria mostrava, ao rir-se, em seus dentes, — teclado onde amorosos pianistas haviam tocado, remotamente, convulsos trechos da musica mais labialmente apaixonada,



Rua da Prata, 177, 2.º

Trepava-se por uma escadaria, sempre em penumbra, lambrissada de azulejos, e com os degraus sempre humedecidos por insolitos licores, cujo cheiro acre, a marezia, logo attestava a furtiva acocaradella das apperitivas e saudaveis varinas que, de perna á mostra, canastra á cabeça, olho estrellejante e riso de cravo, passam, ruas da Baixa adiante, apregoando os lindos peixes, prateados e fulgurantes como adagas e punhaes do Oriente.

Ao recolher, Custodio haurindo, de olhos cerrados, o cheiro intenso da escada sentia logo a aza da suggestão rasando-lhe o espirito; assistia a naufragios e tormentas, lembrava o esplendor das conquistas



tas nacionaes, cria ver Affonso d'Albuquerque, passando de simarra e gorra de velludo sob a ondulação verde das palmeiras, via o pavilhão das quinas aclamado p'los carapinhas, — tudo isto como se es-

ivesse sonhando e como se a porta da sua mezinha de cabeceira houvesse ficado aberta...

Ao fundo d'um corredorsinho sem luz, entre a dispensa e o cacifo que D. Maria do O chamava, delicadamente, *a commua*, ficava o quarto de Caminha, um ameno quarto onde gritava a alvura intensa dos cortinados da janella.

Trastes modestos mas com um ar sympathico de pessoas amigas e todos el es muito aceiadinhos, a luzir, convidando á reclusão, ao socego recatado da vida intima.

Dando uma nota de discreto luxo, desbotava-se sobre a pedra da commoda um ramo de flores de cêra pacientemente feito por D. Maria nos alegres ocios d'outro tempo, quando a sua existencia era toda de illusões e folgaças, quando os seus pés calçados de setim pisavam tapetes felpudos em bailados illustres e a sua carinha gorda de maçã camoeza, com dois lindos signaes sob o labio, endoidava vertiginosamente as mais sisudas e frigiditas castidades.

Precisando desabafar, remexer com a tenaz da memoria a cinza densa do passado e tendo allim encontrado em Caminha, o bondoso e almejado confidente que ella durante tanto tempo sonhára, D. Maria do O vinha ás tardes sentar-se ao pé do sympathico bacharel a quem n'uma voz doce e acariciante contava tudo, toda a sua vida, os seus primeiros annos em Setubal, a sua vinda para Lisboa, e seu casamento ao principio tão auspicioso, depois tã cortado de decepções amargas. Trahida pelo marido, com a alma amarrotada de desgostos, D. Maria perdeu o sentimento do dever e desvairadamente fugira com um deputado. Oh essa noite da fuga, noite piuviosa, sem estrellas, os dois sósinhos n'um barel fragil, Tejo abaixo, sob um ceu de nankim! Foram para Santarem. E a vida começou a correr-lhes edénica e doce, entre as roseiras d'um jardinsinho recatado, onde um repuxo lhes emballava o dormir, pelas noites. Assim se passaram n.vezes doirados e felizes, té que um dia... E D. Maria do O contrava então como se vira abandonada, n'um dia 13, abandonada como um farrapo, como um rodilha, ella que n'esse tempo tinha graciosidades incomparaveis, volupias de serpente, beijos quentes como brazas e saborosos como morangos.



Caminha ouvia, silencioso e pensativo, cheio de agradecida sympathia pela infeliz senhora que assim lhe abria as gavetinhas mais escusas do contador da sua alma.

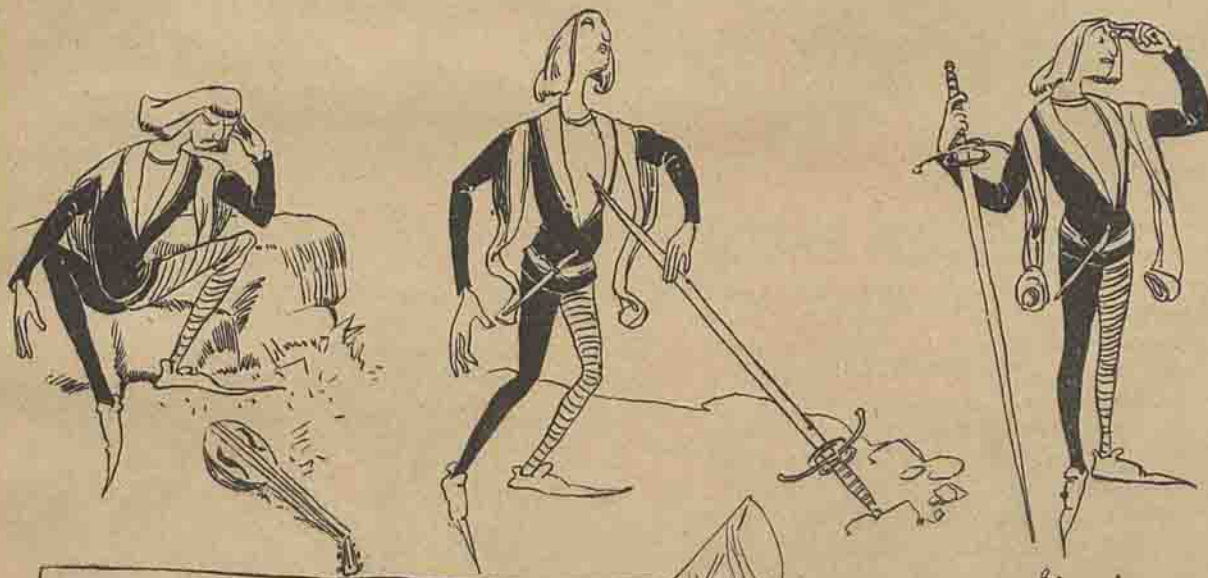
Anoitecia. Uma campainha chamava para o jantar.

(Continua).

Eu.

# A ETERNA HISTORIA

(Extr. da REVUE ILLUSTRÉE.)



# O PREMIO DA VIRTUDE

OU

## Os novos regulamentos dos theatros lisbonenses

A atmosphera de seriedade que ora se respira nos palcos de Lisboa dá lhes uma grave e austera apparencia conventual. Mudaram-se as scenas assim:



Actriz antes de entrar em scena

Em scena

Educanda antes de entrar no côro

No côro

## AS TRINAS NOS PALCOS—OS PALCOS NAS TRINAS

A scena do Hamlet transformada pelo gerente Posser

Antigamente



—E's pura?  
Faz-te freira  
Vae p'ra um convento

Hoje



—E's pura?  
Faz-te actriz.  
Vae p'ra D. Maria.

## THEATRO DE S. CARLOS

## CAVALLERIA RUSTICANA



A despeito da sua exígia dimensão, a opera de Mascagni que em S. Carlos está sendo tão superiormente cantada por Gabbi e tão superiormente dirigida por Mancinelli, bastou para rodear o nome do seu auêtor, da mais devotada e enthusiasmada admiração.

Se Mascagni fosse portuguez, estamos a ver os nossos criticos dando azas á sua dicacidade sempre prompta para allinietar as obras nacionaes.

## VARIAÇÕES

Quem o havia de dizer?... Ora vão lá flar-se nas apparencias!...

Não sei se o conheciam, ou se só agora o conhecem. É um rapaz magro, espinhafrado, rosto comprido e pallido, olhos vivos e movediços, barbilha preta, em ponta; não dando nas vistas, nem pela *toilette*, nem pela *pose*, nem pelo *feitiço*; passando n'essa onda que todas as tardes sobe e desce o Chiado e se estende pela rua do Ouro, pelo Rocio e pela Avenida, sempre anonymamente, sem se fazer notado, como tantos outros do seu officio, nem das mulheres, nem dos estances—nem mesmo do *Martinho!*...

Era o que para ali chamam, e o que cem mil pessoas n'este paiz desejam intitular-se—um *jornalista*. Porque entre nós, o desejo de todo o rapaz, ou saia de Coimbra, ou da Escola Medica, ou do Instituto Agrícola, ou da Escola Naval, não é ser, nem advogado, nem engenheiro, nem medico, nem agronomo, nem official de marinha:—é ser *jornalista*. Porque os rapazes põem os olhos no Marianno, no Chagas, no Ennes, no Navarro, e dizem com os seus botões:

—«Isto é que é vida! Vejam lá como elles trepam! O mais tudo são lérias!...»

Sem se darem ao trabalho de reflectir um momento, para ver quantos para ali desaparecem pobremente, miseravelmente, anonymamente, que tambem se deixaram levar por essas miragens; sem pensar que é preciso um temperamento de ferro para furar e impôr-se a uma sociedade para quem o officio de *jornalista* não passa d'um modo de vida de aventureiros e de bohemios, refugio de todas as classes sérias, ponderadas e honestas.

Era n'essa onda do bom e mau jornalista que elle passava—o diabo do rapaz!—sem nunca o seu nome ter sido citado ou recommendado pelos mestres; sem nunca ter perpetrado um livro de *versos*, ou um livro de *contos*, ou um livro de *chronicas*, como é da praxe e prefaciado por algum pontífice...

Era n'essa onda que elle passava, modestamente, simploriamente, fazendo *reportages* que viviam o espaço d'uma *Tarde*, fazendo noticias, fazendo de quando em quando um artigo,—toda essa miuçalha jornalística que se escreve a correr, á banca da redacção, entre o informador da policia que nos chama a nossa attenção para o caso inaudito de Antonio Joaquim ter esbofetado n'uma taverna do Poço do Borratem a Maria da Conceição, evadindo-se o aggressor,—e o informador dos incendios que nos dá conta do fogo que se manifestou no quinto andar de um predi sito na rua da Barroca, o qual estava seguro na *Fidelidade*, não havendo prejuizos e tendo ganho o premio a bomba n.º 27...

Quem havia de dizer que elle daria mais alguma coisa... Sim! façam favor de m'o dizer! Não se

sabia que fosse protegido d'este ou d'aquelle ministro: que fosse da intimidade d'este ou d'aquelle digno par. No *artigo de fundo* não era fallado, quanto mais temido. Na critica lyrica não havia logar para elle, estavam todos os logares tomados. Na critica dramatica já não ha um buraco por onde possa furar a cabeça de uma celebridade: já ha mais criticos do que comporta um paiz pequeno e de poucos recursos. Na critica de pintura ou esculptura, nem fallar n'isso é bom!...

E o rapaz-ahi andava no inferno do jornalismo, como n'um jogo de quatro cantinhos, a ver quem deixaria um logar vago. E nada! Condemnado á onda, á grande onda, onda todos mergulharam, sem folego ou sem boias para vir ao de cima...

\* \*

De repente, começa por ali a dizer-se que escrevia uma peça para *D. Maria*.

—«O que?!—exclamaram os scepticos dos estances, dos cafés e das redacções—O que?... Uma peça para *D. Maria*?... Isso pode lá ser! Pois se eu o conheço como os meus dedos! Pois se elle nunca escreveu nada que se visse! Isso vai ser um d'esses estenderetes... Ai, meninos, que rica pateada!...»

E foi com todo este còro de má lingua que começou a ensaiar-se o *Intimo*, de Eduardo Schwalbach.

Isto provém de que em Lisboa só se consideram capazes para estes empreendimentos, os que passam o tempo em jogos malabares de estylo, em complicações de phrase, em mil jiga-jogas de forma. Só quem está cotado como *estylista* é que parece ter o direito de escrever, ou livros ou peças de theatro. Os mais, os eugeitadinhos do estylo repenicado e retorcido, os que só procuram fazer-se entender no menor numero de palavras e na linguagem mais clara e mais comprehensivel—esses, são considerados pelos srs. *Estylistas*, de insignificantes e de mediocres.

D'aquí o arsinho de troça e de rica apeijnação com que se fallava do *Intimo*—quando se annunciou que ia subir á scena.

E afinal subio; e ao cabo do 3.º acto Eduardo Schwalbach era aclamado com delirio e consagrado auctor de primeira plana, pelo publico e pela critica.

\* \*

E no dia seguinte a onda dos jornalistas a exclamar em còro:

—«E esta, heim?... Não se saliu a ultima hora auctor dramatico? Quem havia de dizer?...»

Mas ninguem o podia dizer, meus caros srs. jornalistas—nem mesmo o proprio Schwalbach. Nem elle proprio sabia que tinha dentro em si um dramaturgo!

Procurem as biographias de todos os auctores, de todos os jornalistas, de todos os romancistas; vejam qual foi o seu começo de vida; reparem em todas as suas hesitações á busca da veia natural, do que se chama hoje em dia o *temperamento*; e digam-me se algum d'elles, ao começar a grande batalha litteraria, sabia o que havia de dar, sabia o que havia de ser.



Nenhum d'elles o sabia. Não sabia Rochefort, quando modesto empregado no Hotel de Ville de Paris, que havia de ser um dia o famoso humorista do *Figaro*; como não sabia, nem ninguém podia prever, que o chronista do *Figaro* seria annos mais tarde o terrivel pamphletario da *Lanterne*. Quem havia de sonhar que o auctor de *vaudevilles* chamado Lockroy, havia de ser o illustre ministro do commercio que em França organisou a famosa exposição de 1889?

Quem havia de pensar que o caricaturista da *Lanterne Magica* o do *Antonio Maria* seria um dia o famoso hyancista portuguez, a quem o governo francez pôz no peito a cruz da *Legião d'Honra*!...

Quem sabe o que está dentro d'um cerebro de trinta annos? Quem sabe de que é capaz um homem moço, que pensa dia e noite em conquistar um logar á luz do sol, e que sabe que o homem só pode impôr-se á sociedade que o rodeia, ou pela talento, ou pelo estudo, ou pelo dinheiro?...

E' bom não duvidar dos que começam, dos que andam moirejando dia e noite, porque é justamente n'esta lucta cruel de todos os dias, n'esta febre de subir que a todos mais ou menos devora, que a intelligencia procura o buraco por onde se hade escapar e fazer explosão, quando ninguém pensa em tal!

E' bom não duvidar dos que começam, dos que luctam, dos que trabalham— porque d'elles ha tudo a esperar!

E viva o novo e brilhante dramaturgo!...

QUIDAM

## DEPOIS DAS ELEIÇÕES

Circulo @

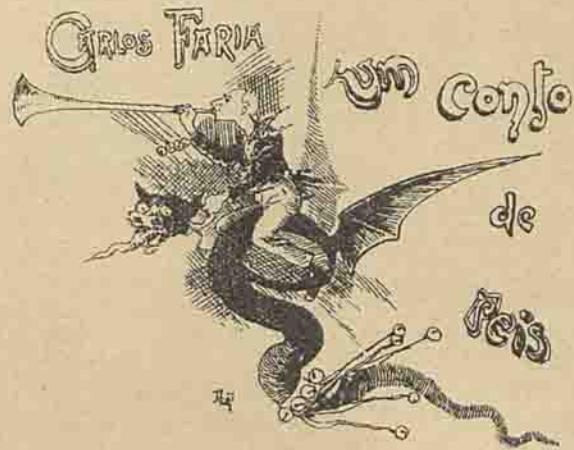


O nosso amigo Antonio Du... passou a ser Antonio Da... Camara Municipal. Vamos ter musica da Camara e *Cavallaria rusticana* em vez de cavallaria municipal.

## BIBLIOGRAPHIA

*Viagens I. Belgica*, por Zepherino Brandão. Dez capitulos de prosa cursiva e facil, sem arrebiques, sublinhando com vigor os aspectos mais salientes da Belgica, a sua arte, o pittoresco dos seus campos e das suas cidades, a sua organização civil e militar.

Abriendo o livro, algumas paginas, em prefacio, de Candido de Figueiredo, tocadas d'uma grande simplicidade de dizer.



*Um conto de reis*, romance por Carlos Faria. Para Carlos Faria a litteratura é um dandysmo, um requinte de luxo, como um alfinete de pedras na gravata, como um berloque na corrente do relógio. A leitura do seu livro deixa-nos, porem, suppor o muito que elle viria a fazer no dia em que a arte deixasse de ser na sua vida um incidente, uma fumaça de charuto, e passasse a occupar o logar de uma necessidade de espirito, permanente e unica. Alindando a edição, algumas finas illustrações de Julião Machado.

## THEATRO DO GYMNASIO

O beneficio de Judith

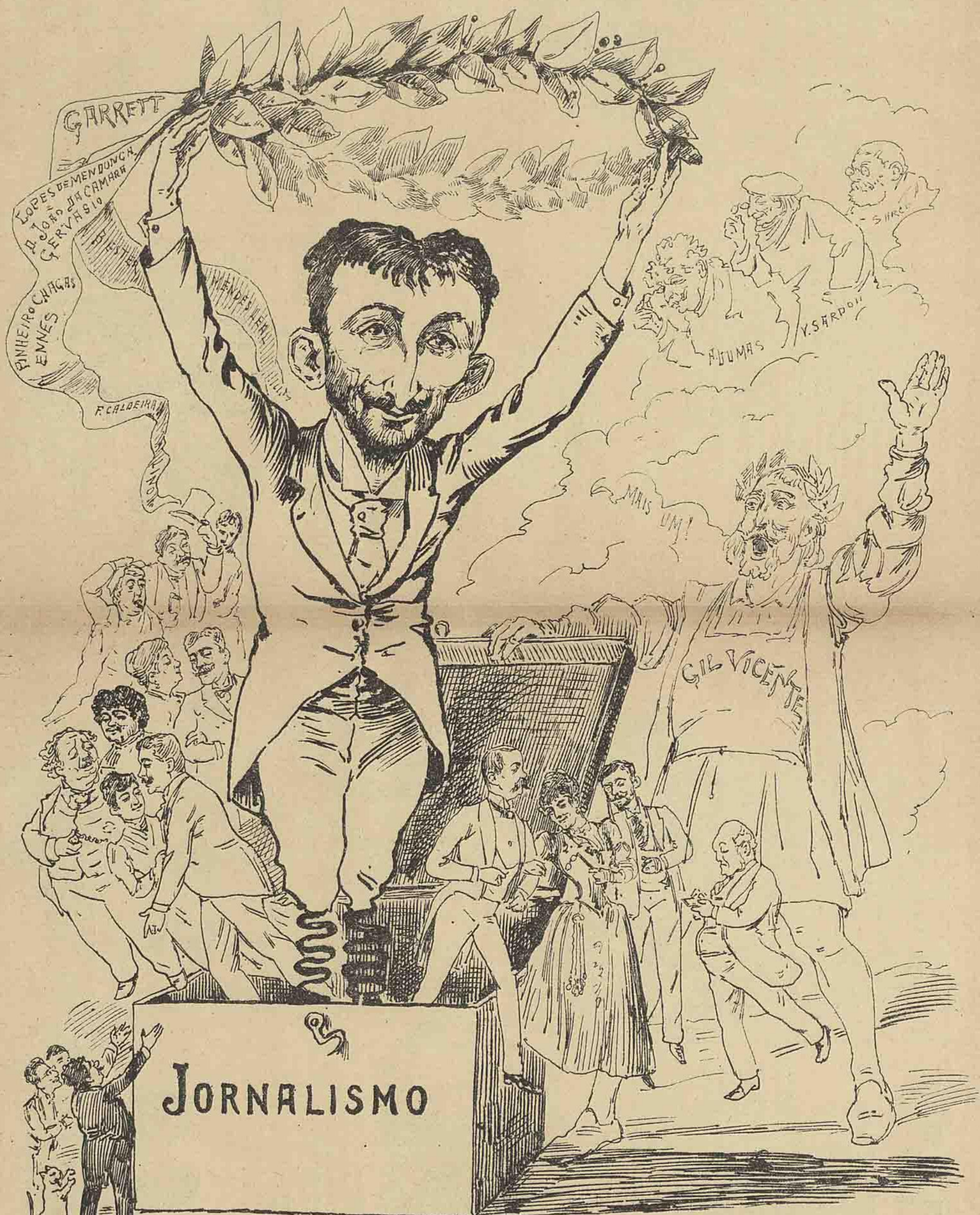
Terça, 24, beneficio da actriz Judith Rodrigues, com a comedia *As Algarvias*. Que o cacito do Sant'Anna pareça n'essa noite uma papelaria: — tal o nosso desejo.

## Um bom conselho aos leitores

Quando lhes apresentarem um sabão de tocador que exhala um perfume activo, selecto, suave, deliciosamente agradável, e que traz esta inscripção: *Sabão dos Principes do Congo*, Victor Vaisier, Paris, acceitem-n'o com toda a confiança: é o verdadeiro sabão do Congo, o melhor, o mais puro que se conhece.

# HOMENS DA SEMANA

EDUARDO SCHWALBACH



RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

O alto successo do *Intimo* demonstra com limpida evidencia que o *reclame*, tão usado pelos *esperançosos* das letras que ahí andam grelando e envelhecendo, esterilmente, não é a melhor escada para trepar á *Celebridade*. A surpresa que a peça de Schwalbach produziu vem da recatada modestia com elle soube trazer sempre envolvido o seu nome.

O nosso applauso pela sua obra é incondicional e vehemente, e não menos vehemente o que devemos e tributamos ao desempenho do *Intimo*, sustentado pelos artistas de D. Maria com inegua-lavel brio.

## A CONQUISTA DE LISBOA

OU

### O Caminho do Caminha

(CONTINUAÇÃO)

IX

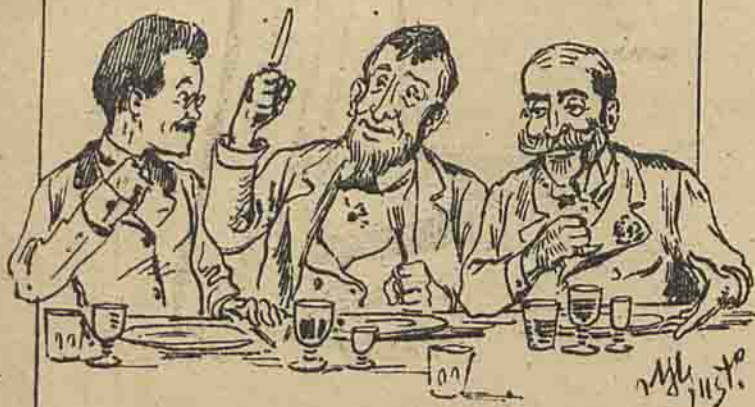
Cinco da tarde em S. Nicolau. Uma campainha de agudo timbre tilintava às portas do corredor. Dentro dos quartos jorros d'água cascavam nas piscinas das abluções. Abafados os passos em maticios chinelos, servas passavam com porcelana carregada de fumosas viandas, e na casa de jantar o candieiro suspenso estrellava as crystallerias da meza e accendia carbunculos nas garrafas.

Acercavam-se os hospedes. E toda cingida de arco-irisados tecidos, dois punços de brilhante nas orelhas, magestosa e affável, D. Maria do O solejava o reposteiro do fundo e apparecia, trazendo, como uma rosa n'um tinteiro, esta florida saudação ao lume de seus beiços:

— Muito boas noites.



Longo arrastar de cadeiras e todos se assentavam sob a maternal presidencia de D. Maria. Um silencio denso pesava cortado apenas pelo cantar isochrono das colheres nos esmaltados pratos de Sacavenem, familia verde. Boccas abriam-se, rubras, engulindo a saborosa potage estrellada de flavas olhas, como caetos bebendo um licor d'astros. Vinha o cosido: e ao rythmo dos garfos o rastilho da animação começava a inflamar os foguetes da paletstra.



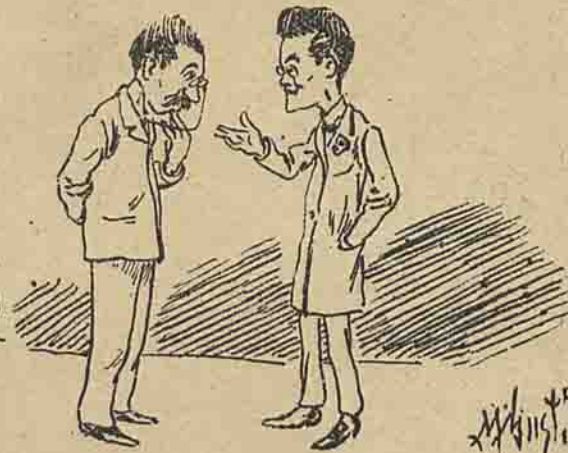
Companhia das mais selectas: Alberto Braga, o Benevenuto Cellini da conversa, cinzelava imprevisitas phrases, trabalhadas como joias, engenhosas como logogriphos; Lima, grisalho capitalista fluminense, então de passagem em Lisboa, dava azas à sua tendencia descriptivista e com palavras que eram pinceladas pintava o pittoresco dos paizes calidos. Mello Barreto, chronista do *Açafate de costura*, compondo os seus desinvoltes punhos postigos, fallava, com uma leve prisão na lingua, de modas e de politica, da Emilia de Abreu e de Bismarck; o deputado Ferreira Freire, chamando a attenção para o campo scientifico pronunciava-se contra o chôco artificial; D. Maria do O fallava com os olhos; Caminha ouvia...



A' sobremeza apparecia por rezes o estimado poeta João Saraiva, cuja musa estrellára de versos uma pagina do album de D. Maria e cujo verbo de mel e oiro era por todos bebido com singular leveção, como um vinho raro.



Os salões de M. de Jouy e da princeza Mathilde tão detulhadamente celebrados nos jormes do Legouvé e dos Goucourt, eram ao pé da vistosa sala de meza uma guarita ao pé do palacio d'Ajuda. N'esse requintado meio litterario começou Custodio a cultivar a flor do seu espirito. Um horisonte novo, todo azul e prata, se lhe abriu deante: a Arte. Mello Barreto aconselhou-lhe a leitura dos classicos latinos e arfandy



per ver aproveitado o seu conselho, emprestou-lhe a *Illiada*; Saraiva revoltado contra a rotina, defendendo a superioridade dos modernos, offereceu-lhe o mais bello livro de versos que, no seu pensar, havia apparecido depois dos de Garrett, as *Serenatas*; Braga levou-o á redacção das *Novidades* e deu-lhe uma lição de esgrima.



Confirmando mais uma vez o theoria de Taine, Custodio fez-se homem de lettras.

—O meu collega Victor Hugo, o meu collega Jayme Victor... dizia elle a miúdo.

Uma vez abraçada a intellectual profissão, a primeira difficuldade de Caminha foi escolher o ramo litterario mais em harmonia com o seu temperamento. Reflectiu.

E dado balanco ao vigor das suas faculdades resolveu poisar em todos os ramos, tal como *Chagas*, o encyclopedico.



Caminha recolheu se então n'um gabinete da Bibliotheca Nacional a trabalhar n'uma interessante e erudita monographia, *Historia das malas de viagem, desde as mais remotas malas de tapete até á Mala Real Portugueza* obra em quatro volumes, cuja publicação foi subsidiada pelo ministerio do reino e cujo successo verdadeiramente espantoso lhe abriu de par em par as portas dos dois augustos capitulos da litteratura lusitana; a Academia Real das Sciencias e o Gremio Litterario.

(Continua)

Ev.

## Explicação da coisa

Já sabem povos remotos  
Da Grecia a Jerusalem,  
Que os republicos devotos  
Votaram com sete votos  
No concelho de Belem!

Tem-me soado o topete  
Em mil ideias soturnas,  
Sem que o motivo architecte  
De serem—sete—só sete!—  
Votos que entraram nas urnas!

Em vão forcejo, me abraço,  
E esse motivo procuro!  
E tanto assim me atanoço,  
Que a madurar sobre o caso,  
Vou-me sentindo maduro!

Só sete! porque essa conta  
Que é tão torta, espicondrifica,  
Se a Republica, que aponta,  
Faz de adeptos na remonta  
Remonta forte, magnifica!?

Sobre o caso, pois, scismando,  
Puz-me a scismar—scisimei bem!—  
Porque motivo nefando  
Só de sete fóra o bando  
Dos *votador's* de Belem!

—Será (pensei boquiaberto,  
Com cara de quem medita);  
Porque o rei mora ali perto,  
Que o sitio se acha deserto  
Da *frandulagem* maldita?

Mas, depois, pensei commigo  
Que tal ideia era torta;  
Pois lá diz dictado antigo:  
«Não ha peor inimigo  
Que o visinho ao pé da porta.»

E, sendo assim, porque planos,  
Mais retorcidos que roscas,  
Se fez que os republicanos  
Deixassem, como uns badanos,  
A urna, em Belem, ás moscas?!

Mas, n'isto, uma ideia rica  
Me acudiu, n'um forte arranco:  
—Em Belem, quem se medica,  
Tem somente uma botica  
—Que vem a ser a do Franco.

E aos republicos, tomando  
As drogas d'aquella classe,  
Resultou-lhes, senão quando,  
Ficarem sete, votando.  
E os mais—*requiescat in pace!*

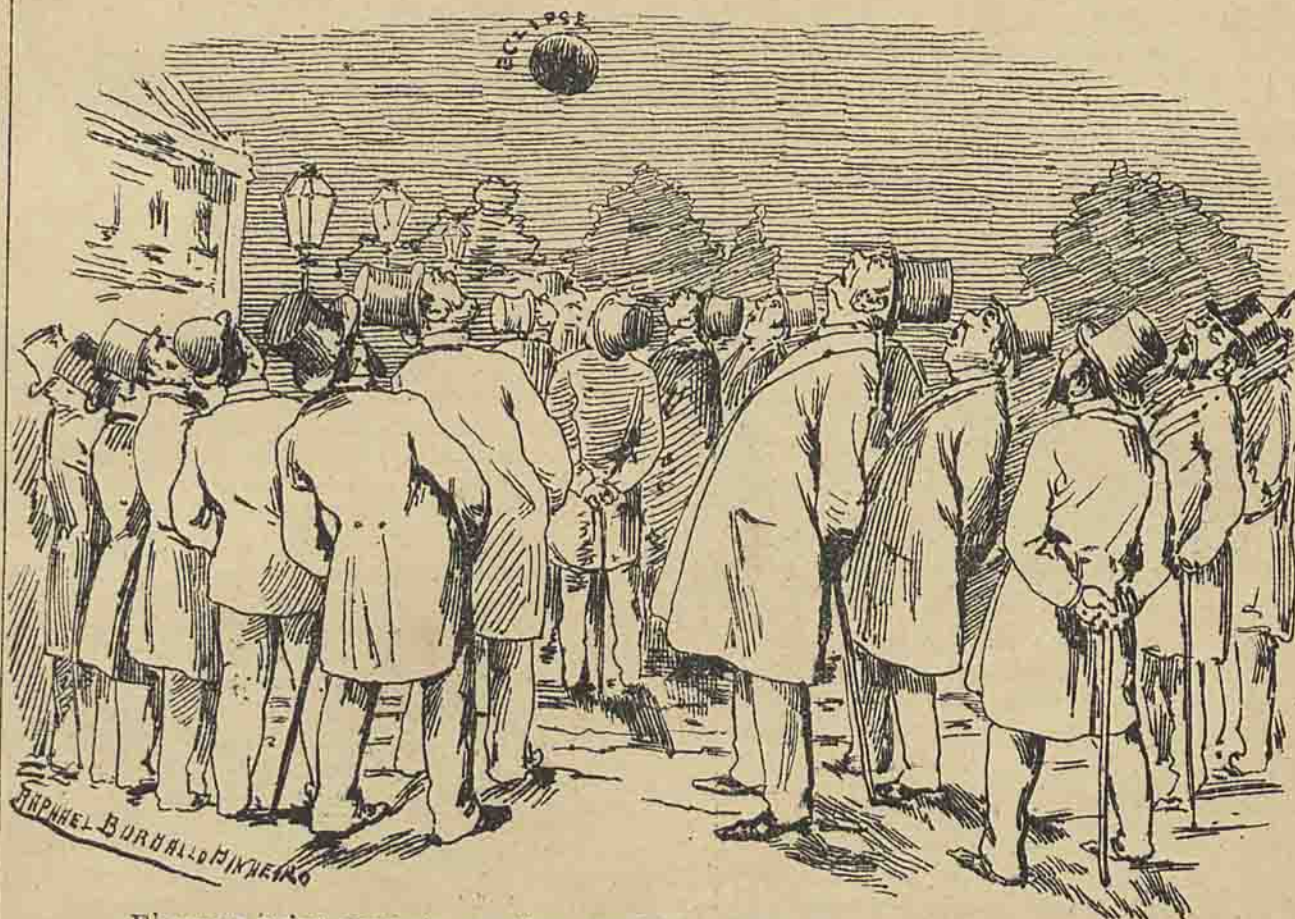
PAN-TARANTULA

# COMO SE PASSOU O DOMINGO EM LISBOA

De dia, a olhar para baixo,—para a urna.

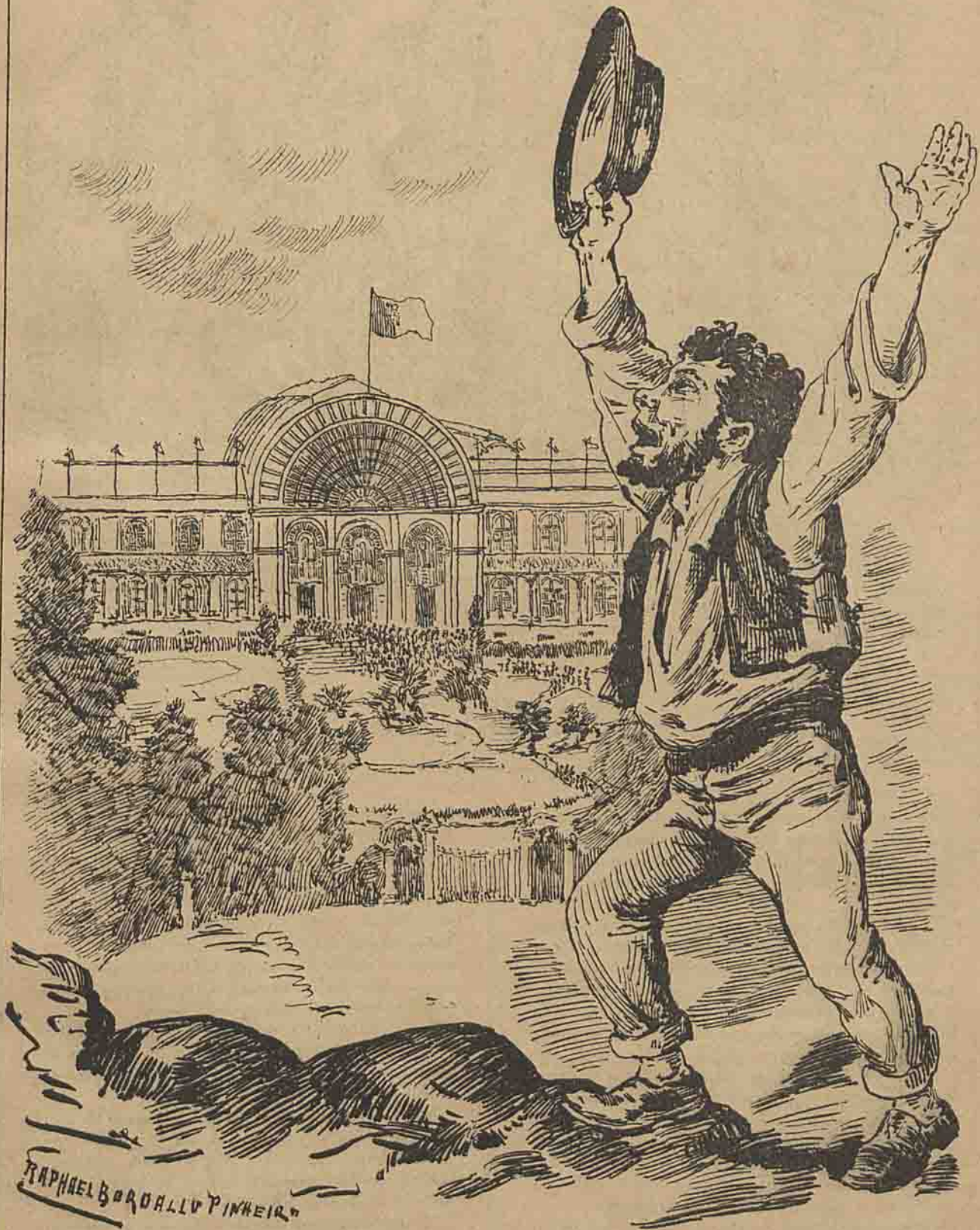


A' noite, a olhar para cima, para a lua.



E' sempre assim: enquanto uns olham para baixo e outros olham para cima, outros nem para baixo, nem para cima, antes pelo contrario, não olham para coisa nenhuma!

## A' CIDADE DO PORTO



O Antonio Maria saúda com o mais quente e fervoroso entusiasmo a cidade do Porto, alegremente convencido de que a patriótica sympathia que a actual exposição tem despertado traduz a esperanças attenção com que os poderes do estado e o povo vão considerando o trabalho nacional.

## THEATRO DE S. CARLOS



Serviram-nos em S. Carlos uns excellentes *Huguenottes* como ha muito os não saboreavamos egunes. A sr.<sup>a</sup> Gabbi foi uma verdadeira *Valentia* mais apaixonada do que o permite a força humana. O sr. Gabrieleasco suou, para ser tão apaixonado como a sr.<sup>a</sup> Gabbi. O sr. Tansini é o primeiro baixo que entre nos se apresenta physica e lyricamente baixo. O sr. Battistini foi tão formoso e gentil nos *Huguenottes*, como lóra no *Rigoletto*. E o sr. Mancinelli deu-nos Meyerbeer a valer.

## VARIAÇÕES

O Brasil está sendo o primeiro paiz do universo que resolveu romper com certas tradições de mau gosto, e fazer revoluções d'um modo que não hesitamos em classificar de verdadeiramente *fin de siècle*.

Vê-se agora, graças ao Brasil, que a palavra *Revolução*, pode ter interpretações diversas.

Geralmente, as revoluções politicas são os meios energicos por meio dos quaes os povos mostram o seu descontentamento para com as classes, ou os governos, ou os homens que os dominam, os administram e os subjagam.

Percorrendo a historia, tanto antiga como moderna, não vemos uma só revolução politica que não tenha custado a vida a centenas de pobres diubos ou a varios grandes homens, que pensaram ingenuamente que para governar um povo só basta—carregar-lhe em cima. Isto é; carregal-o de impostos, de injustiças e de arbitrariedades.

Temos em França—e cito a França, porque é de la que nos vem os melhores figurinos para alfayates, modistas e governos—temos em França a *Jacquerie*, que é a onda *des gueux* entrando em cas-

tellos e chegando a espetar em chuços as cabeças das creanças indefesas e inoffensivas, que em nada são responsaveis das violencias dos seus maiores.

Temos mais tarde a figurino da Revolução franceza, derivando nos terrores de 93 — Luiz XVI, Maria Antoinette e a Princeza de Lamballe a caminho de cadafalso, e o pobre Delolüm abandonado aos cuidados sapateiras d'um perceptor de tira-pé, como era o illustre cabo Simão.

Temos depois a revolução de julho, as barricadas nas ruas de Paris, e os pobres diubos *des gueux, toujours les gueux!* expondo o peito ás balas dos soldados.

Temos em seguida o golpe de estado de Luiz Bonaparte, presidente da segunda Republica, proclamando-se Imperador, e o deputado Baudin e muitos outros morraudo sobre as barricadas do *faubourg Saint Antoine*.

Temos de nossos dias essa outra revolução que a Historia conhece pelo nome de *Communa*, e cujos resultados sanguinolentos me parece desnecessario relacionar, attendendo a que ainda são da memoria de todos nós.

E a revolução é sempre, como nos mostra a Historia, o meio violento empregado pelo povo para conquistar um determinado ideal politico.

\*  
\* \*

Em Portugal tambem não faltam exemplos d'esta natureza. Barta citar datas. Temos 1640, 1820, 1830, 1846—e ainda 1891!...

Em todas ellas, esse licor da cór das papoulas tingindo de escarlata as pedras das calçadas!

\*  
\* \*

Se passamos da Europa para essa America do Sul, ultimamente tão fértil em surpresas politicas—vemos que os povos da Republica Argentina e do Chili ainda comprehendem a Revolução á europeia, ainda fazem d'ella um verdadeiro chouriço de sangue, excellente para a cosinha da Historia e para dramas de sensação e de terror, que ainda um dia havemos de ver em scena no theatro do Principe Real,—quiça no theatro do Rato—quiça em opera, como os *Huguenottes*, no theatro de S. Carlos.

O Brasil, porem, é que rezolveu declarar guerra á tradição e comprehendere as revoluções a seu modo. E, francamente, não lhe devemos levar a mal semelhante resolução, attendendo a que muda de instituições e de chefes de Estado, como se muda geralmente de camisa—sem mortes de homens e sem causar prejuizo a ninguém.

Um dia mostra-se descontente com o imperio e deita abaixo o imperio, expedindo para a Europa no primeiro paquete, o seu velho imperador. E em todo o Brasil resouo o grito de «Viva a Republica! Viva Deodoro!»—como se o sr. Deodoro fosse positivamente o Salvador da patria.

Por toda a parte, nos estabelecimentos publicos assim como na casa dos particulares, o retrato do sr. D. Pedro de Bragança foi substituído pelo retrato do sr. Deodoro da Fonseca. Mas em breve o Brazil sente e comprehende que Deodoro não é positivamente o Redemptor que mais lhe convem, e logo se grita: «Abaixo Deodoro! Viva Floriano!» E mudam-se os retratos.

É tudo isto sem a mais leve perturbação da ordem, e sem a menor opposição dos partidarios d'este ou d'aquelle Salvador.

Ha amadores de sangue humano que chamam a isto «revoluções de operetas». Pois n'estes assumptos eu tenho o mau gosto de preferir as revoluções que servem para operetas como os *Huguenottes*, ou que servem para operetas como a *Mascotte*.

Talvez soffra com isso o Drama, mas ganha com certeza a Humanidade. Porque não vejo a necessidade de sacrificar vidas para, afinal de contas, os povos continuarem sendo—cada vez mais mal governados!...

\*  
\* \*

Emquanto a cidade do Rio a julgar pelas expressões telegraphicas de lá que nos são transmitidas pelo submarino, se mostra altamente satisfeita com o sr. Floriano—a cidade de Lisboa tambem parece satisfeitissima com a execução dos *Huguenottes*, sendo todas as noites acclamadas com delirio a sr.<sup>a</sup> Gabbi e os srs. Gabrieleesco, Tansini e Mancinelli.

Somente uma preocupação terrivel me assalta n'este momento—é descobrir quem é a pessoa ou pessoas que em Lisboa auctorisam a empresa de S. Carlos a supprimir todas as noites o 5.<sup>o</sup> acto da opera de Meyerbeer. Porque lá diz o cartaz n'uma nota explicativa:

*Com auctorisação superior se omitta o 5.<sup>o</sup> acto d'esta opera.*

Quando n'uma obra theatral se omitta alguma coisa, é porque esse alguma-coisa é considerado inutil. Mas quem é que em Portugal tem auctoridade para indicar o que ha de inutil n'uma opera de Meyerbeer e mandal-a supprimir?...

Quem?... O ministerio de instrucção publica e bellas-artes, ou o sr. Antonio Duarte?...

É preciso que este mysterio se esclareça quanto antes: E nos rogamos aquelles dos nossos leitores que por acaso se encontrem no segredo d'esse Supremo Tribunal de Opera e de Justiça,—a fineza de nos mandarem algumas explicações sobre o caso.

Fomos educados na fé de que tudo quanto escreveu Meyerbeer, é digno de ser ouvido com profundo respeito. Ainda ha pouco em Paris, na Grande Opera, se celebrou o centenario do artista, e todos os admiradores da boa musica se prostaram diante do seu busto, coberto de louros, venerando o grande Mestre.

Agora em Lisboa ha quem permita a omissão d'um acto dos *Huguenottes*... Porque? Duvida cruel!...

Que erro monstruoso de monocórdio ou de contraponto teria praticado esse sujeito? Teria por acaso attentado contra o pudor da Melodia em proveito da Harmonia? Que fez, no 5.<sup>o</sup> acto dos *Huguenottes*, esse monstro?...

Sr. Antonio Duarte! Pelo amor de Deus e da Musica—esclareça nos! E em paga solicitaremos da nova camara que vos faça vereador do pelouro—ou do poleiro—de S. Carlos.

Que mais quereis?

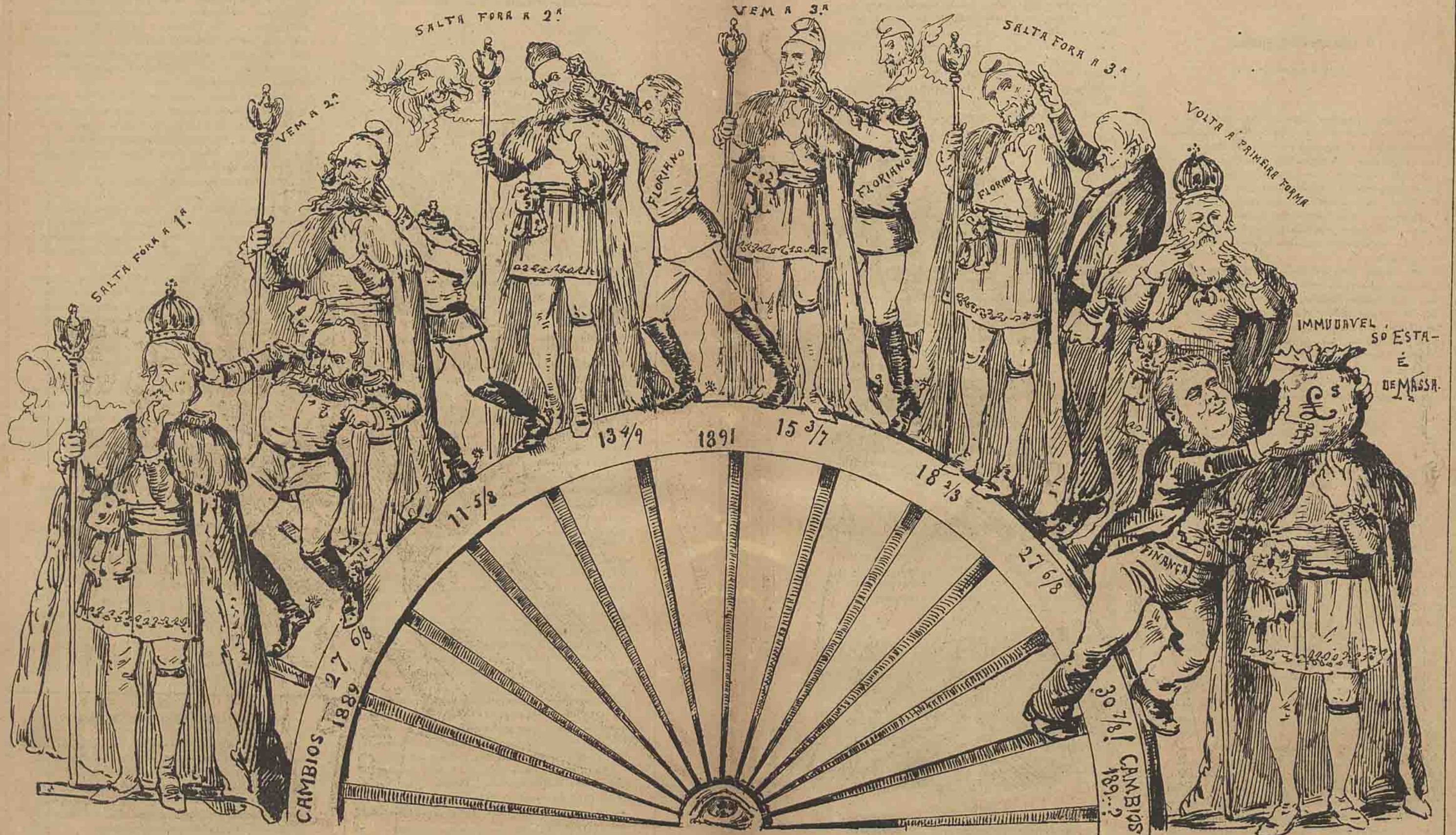
QUIDAM.

### A saboaria do Congo aos seus clientes

A casa Victor Vaissier, de Paris, informa a sua elegante e numerosa clientela que o seu famoso sabão de toucador, tão fino e tão deliciosamente perfumado, leva este titulo: *Sabão dos Principes do Congo*, e o nome: «Victor Vaissier». Vendem-se productos similares, mas não são mais que grosseiras imitações do verdadeiro Congo.



# POLITICA FIM DE SEculo: SUBSTITUICAO DE CABECAS.



A politica do Brazil é isto: a roda da fortuna. Gira, gira, gira, ninguem sabe as voltas que dara Metade da roda vemos nós...

RAPHAEL BORRALHO PINHEIRO

## A CONQUISTA DE LISBOA

OU

### O Caminho do Caminha

(CONTINUAÇÃO)

X

Oito dias bastaram para que a edição do famoso livro ficasse de todo esgotada. A's esquinas, com grandes exclamações de côr, enormes cartazes apregoavam o successo da obra. Gazetas politicas deitaram nas suas paginas de honra laudativas girandolas. O *Occidente* deu o retrato de Custodio, encaxillado na prosa amavel do sr. de Valençãs. A concorrência nas livrarias foi de tal ordem que varios bibliopolas em evidencia tiveram de mandar pôr sobrados novos nas respectivas livrarias.

No mesmo dia em que o erudito trabalho de Custodio appareceu, era posto à venda um volume de Oliveira Martins. O editor d'este falliu: do livro venderam-se cinco exemplares, apenas. Custodio com os lucros da sua monographia comprou inscripções, um anel de brilhantes e um tinteiro de prata.

Conscio da sua forte e crescente popularidade e dando azas à sua ambição artistica, Caminha preparou-se para novos committimentos litterarios.



Varias obras o tentavam: um livro de versos, um drama de costumes nacionaes, um estudo historico sobre a côr dos cabellos de Ignez de Castro. Começou pelo livro de versos. E quando as primeiras amostras poeticas appareceram, destacadas, nas folhas, todas as boccas se abriram em rubros e admirativos perante a diversidade de aptidões d'esse espirito, tão viril e impassivel quando calcava os caminhos aridos da erudição, tão amorosamente subtil quando vertia o triplo extracto do sentimento no frasco limpido dos seus versos, facetados como crystaes d'arte. A sua hora de trabalho era a noite, por volta das onze, quando Lisboa se aquietava. Trabalhava até de madrugada, n'um trabalho excitado e violento que lhe sacudia os nervos, lhe dava tonturas de cabeça e desfallecimentos de vista, e o prostrava completamente exaustado no leito onde, entre gazes de sonho, lhe appareciam em farandolas de opera, as lilliaes figuras modeladas por elle na maleavel argila do alexandrino.

Erguia-se tarde, meio dia, uma hora. Barbado-nho de fresco, lavados os dentes com cinza de charuto, roseta de S. Thingo na botoeira, Caminha ia espaiar-se um pouco pela Avenida e rua do Oiro, trepava no Chiado, dandynava alguns instantes no Baltresqui e por fim dirigia-se à livraria Gomes, doirada basilica das Lettras nacionaes, onde ás tardes se reunia tudo quanto de mais intellectualmente elevado existe em Portugal. O conselheiro Manuel de Assumpção, o dr. Sousa Viterbo, Armando da Silva, sempre pallido e contemplativo; Eduardo Burnay sempre escrupuloso-



mente barbeado como um pastor anglicano; Carrelhas sempre byzantino de gestos; decrepitos representantes de vinculos illustres, homens de sciencia. De semana em semana o dr. Bernardino Machado apparecia, madrigalizando sempre.



Gomes sirandava, bamboleante, entre os devotos do seu templo, tratando-os por tu, batendo-lhes, amavel, nas costas, beliscando-os nas nade-gas, piscando os olhos, rindo com tilintantes risos de vidraçaria partida.



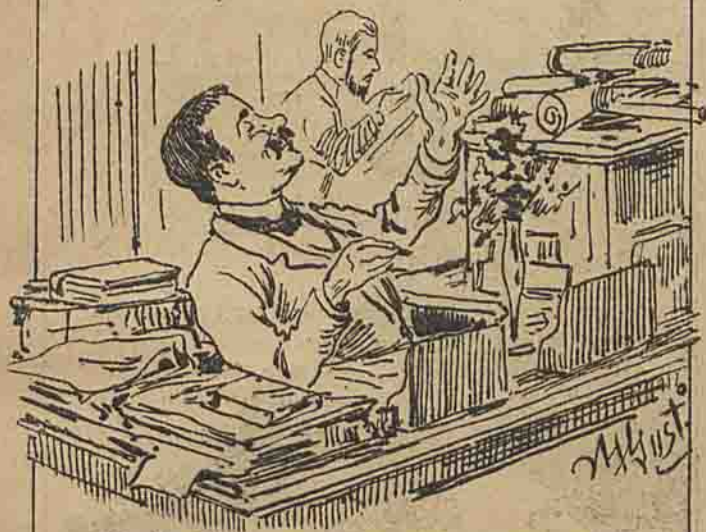
Custodio ia d'uns grupos para outros, expondo ideias, detendendo principios... E embriagado pela atmosphera artistica que lá se respirava e pelo brilho civilizador do gaz, com os olhos acari-ciados pelas decorações muraes pintadas por um

pintor de genio em momentos de inspiração quasi divina, lisongeado pela acolhida sempre cordial dos notabilissimos circumstantes, felicitava-se a si mesmo de ter escolhido uma carreira tão generosa, tão munificente de alegrias, de entusiasmos.

Entardecia. Gomes activava a correspondencia, lançando pragas de gafanhotos calligraphicos em largas folhas de papel timbrado. Custodio sentava-se ao pé, folheando brochuras.

—Ouve cá, ó Gomes, estas pinturasinhas são bem boas...

—Pois claro que são... Ah! mas tu não sabes o que é esta choldra dos pintores portuguezes! Uma sucia de insignificantes e então careiros como o diacho... Aqui tens tu, estes quadros ficaram-me a doze vintens cada um, com pregos e tudo. Mas que luta! E fui eu que dei as idéias.



E Caminha levantava-se para ver essas maravilhas picturaes.

—Mas olha cá, ó Gomes, que idéa foi esta de mandar pintar hortaliças, gallinhas e patos, nos muros d'uma livraria? Gosto muito dos quadros mas pareciam-me mais proprios para uma casa de mesa.

—E' por isso mesmo que os mandei fazer assim: as livrarias são as casas de mesa do espirito. Noite cerrada.

De volta das camaras apparecia Luciano Cordeiro.



—Vamos ao jantarinho, amigo Custodio? E de braço dado os dois partiram, parolando.

(Continúa).

Eu.

## O SENHORIO AGIOTA

(VEJA-SE O VERSO)

Quando acaso falla alguém  
N'um sujeito assim pe verso,  
Condiz, assenta, convem,  
Calha mesmo muito bem  
A phrase:—*veja-se o verso*...

E a phrase, aqui, é de escolha,  
Por ter bém mais d'um conceito:  
*Veja-se o verso*—da folha,  
*O verso*—da minha bolha,  
*E o verso*—do tal sujeito...

*Verso elegante, garrido,*  
— Como o não tem qualquer ser—  
Quer enroupado ou despido,  
*O verso* d'esse individ'ó  
Tem muita coisa que ver...

Qual a cabeça dos santos,  
Com brilhante resplendor,  
Aureos reflexos tem—tantos,  
Que à vista causa quebrantos  
*O verso* do tal senhor!!!

Já li, n'uma endeixa longa  
De varios martyrologios,  
Que o resplendor se perlonga  
Co'um milagre de candonga  
De cadeias de relógios...

Diz que um santo, de olhar doce,  
Pouco o pé no torrão luso,  
Cosidas consigo trouxe  
*Cadeias*—ou o quer que fosse—  
—Por signal em sitio escuso...

Pouco as cartas sobre a banca  
Em curta phrase diremos:  
Ser o sitio junto à aue,  
Onde occulta a roupa branca  
Seus *retanqueiros* extremos...

Por tal milagre,—que inveja  
'Té fez a S. Barambú,—  
E' que o puzeram na igreja  
E o resplendor lhe viceja  
No tal sitio—entendes tu?

Nota final: o *santinho*  
Que eu canto aqui d'esta sorte,  
Sem tropeços no caminho,  
Tem feito abastado ninho  
A *vestir* o sexo forte...

N'isto, diff'rença se nota  
— Que, no mais, é grande o nexo—  
Entre o santo e a tal *Carlota*  
— Que fez fortuna janota  
A... *despir* o mesmo sexo...

PAN TARANTULA,

# HOMENS DA SEMANA

## O SENHORIO AGIOTA



(VEJA-SE O VERSO)

# HOMENS DA SEMANA

## REI CHEGOU



—Uf! Que grande estopada é ser rei!

## VARIAÇÕES

Todos os annos, nas proximidades do mez de dezembro, se formam commissões e se reúnem commissões com o fim expresso he «solemnisar brilhantemente» o dia 1.º de dezembro, anniversario da independencia de Portugal.

E todos os annos, chegado o 1.º de dezembro, as ceremonias e festas patrioticas, os signaes de regosijo sahidos da imaginação de todos os srs. commissarios de todas as patrioticas commissões, se resumem: — a uma alvorada, a um bodo aos pobres, a varias duzias de foguetes, a um *Te-Deum* na Sé, e a illuminações em meia duzia de egrejas e edificios publicos.

De modo que, a julgar pelos excessivos trabalhos preparatorios das commissões patrioticas e pelas mesquinhas demonstrações de regosijo de que Lisboa é theatro, chegamos á terrivel convicção de que a população de Lisboa nenhuma consideração dispensa ao anniversario da independencia da patria. . .

Será isto devido a que essa população não tem a mais leve noção ou a mais ligeira comprehensão do que seja *patriotismo*? Certamente que não.

De que tudo depende, é unicamente da falta de imaginação das commissões de festejos.

Os arrematantes do patriotismo official imaginam que basta reunirem-se, dizerem nos jornaes que se reuniram, affirmarem ao publico que todos são conselheiros, titulares, pares do reino e excellentes pessoas, annunciarem um *Te-Deum* na Sé e varies bicos de gaz em volta do monumento dos restauradores — para que a população de Lisboa se sinta enthusiasmada e delirante, adorne de bandeiras e tropheus as frontarias dos predios, illumine á noite, e venha para a rua dar vivas á independencia.

Aqui está o erro dos srs. arrematantes do patriotismo official; — e aqui está o motivo por que o 1.º de dezembro, em vez de ser uma data que devia ser festejada com enthusiasmo, tem menos importancia para a capital, que um dia de Santo Antonio ou de São João.

Ou se trata de popularisar essa data memoravel e fazer d'ella um dia de festa eminentemente nacional, eminentemente portugueza — ou então acabe-se de uma vez para sempre com commissões patrioticas que nada fazem, ou nada sabem fazer, ou nada podem fazer, com essas alvoradas sem nenhuma importancia, com esse foguetorio de arraial, com esse *Te-Deum* que só serve para exhibir fardas e commendas, e com essas illuminações que são ridiculas á força de serem insignificantes.

Pois é possivel que se tome a serio como «festa nacional» o que para ahi vimos na passada terça-feira? Pois é digno d'um *primeiro de dezembro*

o que se fez ante-hontem? Pois não haveria nenhum modo de melhor solemnisar os anniversarios d'essa data tão honrosa para o nome portuguez?... Pois uma capital que soube organisar e celebrar o centenario de Camões, não terá elementos para, todos os annos, festejar dignamente o facto historico que mais lisongeia o brio, e coragem, a dignidade e o amor proprio nacionaes? . . .

Certamente que tem. E não ousou duvidar que, se os homens de letras e os artistas se decidissem a celebrar esse famoso anniversario, Lisboa teria todos os annos um *primeiro de dezembro* digno da capital e da gloriosa data que se propriam solemnisar.

\*  
\*  
\*

Mas os homens de letras e os artistas são geralmente excluidos d'essas famosas commissões, compostas unicamente de individuos «altamente collocados». Ora, na cpinião dos taes «altamente collocados» os litteratos e os artistas não são homens praticos. E como a imaginação e a phantasia d'esses senhores não vão mais além d'um bom *Te-Deum* — estamos condemnados a ver sempre *primeiros de dezembro* como este que acaba de se celebrar.

Se por um lado estimo os fiascos d'esta natureza, para provar a esses senhores que não basta estar-se «altamente collocado» para se ter ideias e imaginação, — tambem lamento, como portuguez que presa a sua nacionalidade, que no meu paiz não haja todos os annos brilhantes demonstrações externas d'um culto tão sagrado, tão nobre e tão poetico como é o da Patria; e que qualquer dia de São João, ou qualquer dia de São Pedro, provoque maior enthusiasmo que o dia em que se celebra a independencia da nossa terra.

Mas os homens «altamente collocados» julgaram em sua alta sabedoria que não ha como um *Te-Deum* na Sé, para acordar no povo o amor da patria e o orgulho da independencia — e não ha outro remedio senão curvarmo-nos ante a prodigiosa intelligencia de Suas Excellencias.

Suas excellencias hao-de permittir que lh'os digamos com todo o respeito que lhes é devido: — São verdadeiramente uns alhos! . . .

\*  
\*  
\*

Tem circulado boatos, que ousou classificar de aterradores, acerca de *S. Carlos*.

A empresa, ao que se diz, encontra se em sérios embarços, porque os srs. artistas — á parte uma distincta cantora que todo o publico tem applaudido na *Aida* — se recusam receber os seus ordenados em papel, não achando boas as *notas* do banco.

Se a actual companhia de *S. Carlos* fosse toda composta de artistas de *primo*, ou até mesmo de *segundo cartello*, eu da melhor boa vontade me conformaria com a critica feita pelos srs. cantores ás *notas* do banco de Portugal, e acharia de toda a

razão que elles quizessem boas notas em paga das boas notas que os srs. cantores emitissem ao publico.

Mas quando nos lembramos das pessimas notas que nos teem dado no *Rigoletto*, no *Ernani* e ainda ante-hontem no *Mefistofeles*, não vemos bem o direito que lhes assiste para serem de tal modo exigentes.

\*  
\*  
\*

Mas a culpa dos srs. artistas se permittirem tamanhas exigencias é exclusivamente da nossa imprensa. Por mais mal que cantem e que estropiem as operas, não ha epithetos de *notaveis* e de *brilhantes* que lhes não teçam. Todos cantam *admiravelmente*, todos executam «d'um modo superior» as suas partes. Tudo n'elles é *magnifico* e *asombroso*.

E enquanto nas outras cidades elles se esforçam por cantar bem, imploram a benevolencia da critica, e veem-se na necessidade de pagar a peso d'ouro as *réclames* de que precisam — aqui, entram, como se entra em paiz conquistado, fazem o que querem, desafinam quando querem, e os elogios nos jornaes medem-se ás varas no dia immediato ao de uma primeira representação.

Se eu fosse cantor — e mau — e um empresario me sollicitasse a honra de vir cantar — e mal — ao theatro de *S. Carlos*, punha na escriptura as seguintes condições:

1.<sup>a</sup>—100 libras cada noite, antes de subir o panno, n'um chèque sobre o Banco de Londres.

2.<sup>a</sup>—No fim de cada acto uma ovação que durasse 20 minutos.

3.<sup>a</sup>—No fim de cada espectáculo nunca menos de 20 chamadas, 10 ramos de flôres e 10 corôas de louro com bagas d'oiro — a valer.

4.<sup>a</sup>—A 1.<sup>a</sup> pagina de todos os jornaes de Lisboa ás minhas ordens, no dia immediato ao de cada 1.<sup>a</sup> representação.

5.<sup>a</sup>—No fim da epocha a grã-cruz de todas as ordens e um titulo de duque.

6.<sup>a</sup>—Uma lapide commemorativa da minha estada em *S. Carlos* na fachada do theatro.

7.<sup>a</sup>—E uma estatua n'uma praça publica erigida por subscrição nacional.

E talvez uma pensão vitalicia votada pelas côrtes.

Só assim eu concederia a cidade de Lisboa a honra de me ouvir desafinar!...

QUIDAM.

## O SENHORIO AGIOTA

Cançoneta, para ser cantada com a musica do MEU AMIGO BANANA

Em mil linguas, fazer vou, jocundo,  
Cançoneta, ou canção, polyglota,  
P'ra que todos te chamem, no mundo,  
—Agiota! agiota!! agiota!!! ..

De manhã, quando ainda na cama,  
Te aconchegues, nusinho em pellota,  
Has-de ouvir, ao teu lado, a *madama*,  
—Agiota! agiota!! agiota!!!

Logo após, em camisa e cotoilhas,  
Ao puxar's a presilha da bota,  
Ouvirás, na cosinha, as moçoilas:  
—Agiota! agiota!! agiota!!!

Ao comeres o almoço ás dentadas,  
Qual suino que come bolota,  
Dir-te-hão, o café e as torradas,  
—Agiota! agiota!! agiota!!!

Lá na loja, quando entre um freguez,  
Que pretenda gentil fatiota,  
Se te vír, a gritar sae de vez:  
—Agiota! agiota!! agiota!!!

Nem sequer ao jantar te preservas  
De tal chufa, gracejo ou chacota,  
Pois dizer-te hade o chispe com hervas:  
—Agiota! agiota!! agiota!!!

Se sair's, p'ra gosar um bocado,  
Dos que passam, em grande risota,  
Ouvirás, n'Avenida e Chiado:  
—Agiota! agiota!! agiota!!!...

Quando á noite, do gremio na sala,  
Te entretinhas, jogando a batota,  
Has-de ouvir, sem saber quem te falla:  
—Agiota! agiota!! agiota!!!

Logo apoz, quando encontres a *diva*  
Estendendo-te a irmã da canbota,  
Dir-te-ha, em logar de *cera viva*!  
—Agiota! agiota!! agiota!!!

Ao deitar's-te, em crueis pezadellos,  
Em que todo o teu ser se amarrotta,  
Has-de ouvir—arripa os cabellos!!!--  
Agiota! agiota!! agiota!!!...

Seringado por tanta arrelia,  
Já pateta, sandeu, idiota,  
Ouvirás, quer de noite ou de dia:  
—Agiota! agiota!! agiota!!!...

Quando a morte, afinal, negra venha,  
A fazer-te em bagaço, em compota,  
Ha-de a morte dizer-te, rouquenha:  
—Agiota! agiota!! agiota!!!

E Satan, todo em raiva vermelho,  
Bradará ao lançar-te em pellota  
Na caldeira de Pero Botelho:  
—Agiota! agiota!! agiota!!!

PAN-TARANTULA.

# O SR. CONDE E A DIVINA PROVIDENCIA



Implora o sr. conde o auxilio da Divina Providencia para que ella o ajude e inspire. A nossa creença nas suas relações com a respeitavel proprietaria do famoso olho do famoso triangulo será sem tara quando o sr. conde



conseguir expulsar da praia do seu titulos de cima da formosa Torre o odiavel gazometro,

quando a sua policia disser ao dito gazometro o que costuma dizer á gente: *Ande lá p'ra diante.*



# O PRIMEIRO DE DEZEMBRO E A RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL



Arte: — theatros hespanhoes.



Musica: — hespanhola.



Charutos: — hespanhoes.



Loterias: — hespanholas.



Chocolate: — hespanhol.



Gallegos: — hespanhoes.



Moças: — hespanholas.



Camareras, toireiros e fadistas: — tudo hespanhol.



Chega o 1.º de dezembro: ta, tara, tará, tará, tará, foguetorio e hymnos. Menos hymnos, menos foguetes e um bocadinho mais de trabalho acentuadamente nacional, não seria bem melhor, bem perferivel?

## A ÇONQUISTA DE LISBOA

OU

### O Caminho do Caminha

(CONTINUAÇÃO)

X

Ao cabo das grandes phases de labor febril, todos os que exercem uma profissão espiritual—músicos, tropeiros, pintores, estatuarios,—são acometidos de pallidos, quebrados esvaecimentos de cabeça, que os deixam, tempo sem fim, n'uma preguiçosa prostração de convalescente, n'uma absoluta, irremediavel incapacidade de qualquer esforço concepional.

Para sahir d'essa lenta ociosidade exige o espirito distrações faceis e serenas que o não fiquem, antes e revigorem e tonifiquem, — passeios despreocupados em dias de sol alegre, tranquillissimas sestras pelas tardes quentés, frivolidades de conversa feminina, convivencia com creaturas vulgares cuja normalidade de pensamento veja com maus olhos os acrobatismos intellectuaes, tudo o que, em summa, seja de geito a prender os sentidos mais grosseiros, enquanto os mais delicados se fortalecem, nuauçadamente, na praia de banhos do Socego.

Foi n'esse estado de esmaiada lassidão que o nosso applaudido Custodio, depois de haver atirado para o mundo das letras com o seu perturbante livro de versos, despiu, fatigado, a longa clamhyde de trazer por casa, e envergando roupagens vistosas de cheviotes britannicos, engrinaldado o peçoço com tecidos mirabolantes e faiscantes de desenho e cor, sahiu da sua reclusão, da sua Torre de Marfim, reclamando de Lisboa diversões e agrados accessiveis, que restabelecessem a descurada debilidadade do seu cerebro, fatigado de distillar as mais notaveis e admiradas asneiras.

Erguia-se por essa tarde adeante, fumava tabacos loiros das arruivativas manufacturas de Dresden, loiros como sovaquinhos de donzella irlandeza, cheirosos comoervas aromaticas do campo, encostava-se ás portas dos joalheiros, cortejava moços e moças da vida, relampejava pelos cafés, expendia graças pelo cinzento asphalto da Avenida, fazia-se passeiar em tipoiás batedoras, levando sempre suspenso dos labios os dois mais inseparaveis breloques do seu espirito: a tollice e o silencio,—a tollice, que o fazia homem notavel, immortal,—o silencio, que lhe dava fóros de insuperavel modestia.

Uma rica vidinha de brasileiro retirado do commercio, vida commoda, ligeira e pittoresca, sem pesadellos, sem arranhaduras de penuria, encantadoramente perfumada pelas duas horas de interior delicia que elle não prescindia de passar todos os dias, ao desbotar da tarde, na livraria do Gomes, entre gentes cultas, que o rodejavam prenhes de sollicita sympathia.

A livraria do Gomes era a Alhambra miraculosa dos seus sonhos, o Generalife onde pelos crepusculos á sua alma de artista era grato divagar, entre columnas de marmores preciosos coroados de capiteis d'ouro, entre a flammancia e o perfume das encadernações de coiro da Russia alindadas nos cantos com velhas pratas fendidas a cinzel, na luz doce e polychroma que empoeirava a loja, atravessando os vitraes do fundo.



Floras debeis extenuavam-se na banca do sorridente Gomes, sempre atarefado a escrever, escrevendo tanto que Caminha julgou por longo tempo ser aquelle o auctor de todas as obras artisticas, litterarias e scientificas que o rodejavam.

Caminha familiaria-se, tinha facecias amaveis, tratava os habituaes por *olha lá, o coiso!* Depois a sua conversa saltante insinuava-se, prendia, tinha attrações de iman.

Entrava Viterbo, Custodio corria logo a informal'o d'um precioso manuscripto de que era possuidor um seu amigo e cujo assumpto elle ignorava; assomava Augusto Ribeiro e logo Custodio a afirmar as suas crenças progressistas; despon-tava Burnay, laudativos commentarios sobre o editorial do *Jornal do Commercio*; antevia-se o chapéo do conselheiro Gonçaves, carga no Junqueiro:



lobrigava-se Carrelhas, informações ineditas sobre o pavoroso incendio da vespera; fulgia o monoculo do morgado do Caniço, catilinaria vehemente contra a extincção dos vinculos; negrejavam os cabellos em aneis de Milhões, Caminha cerrava um olho e thuribulava Camões; via-se a curva maxilar do geographico Cordeiro, travava-se accessa discussão acerca da posição de Formoselha n'um mappa em relevo. E todos o escutavam tqdos lhe sorriam com amoroso e commovido interesse.

Por esse tempo um grupo de letrados teve a ideia, logo realisada, de prommover um festim em honra de Custodio.

N'esse festim celebrado ao ar livre, na Cova da Piedade, tomaram parte todos os luminosos candeeiros de petroleo das letras nacionaes.

Um vapor levou os convivas a Cacilhas, sob um sol ardente de julho que dasmasquinava d'ouro o Tejo verde: de lá foram em burros para o local escollido.

Houve um episodio singular: dois poetas foram por engano presos a uma figueira enquanto dois dos pacificos jumentos que haviam conduzido a comitiva tomaram logar a meza.

Jornalistas, romancistas, vates, auctores dramaticos, charadistas, levavam todos guarda-pó de linho cru, em vez de manto, e azas de mosca, em vez de azas. Em homenagem ao festejado, serviam á meza alguns alumnos do Curso Superior de Lettras.

Profusos foram os vinhos, inauditamente variados os manjares, cascataes os brindes d'esse jantar digno de Trimalcião, digno de ser chronicado na prosa esmaltada, oxidada, metallica, de Petronio.



Quando o festim morreu, Caminha acercou-se do Tejo, tremulo, e depois de haver cantado arastadamente um *fadinho* amoroso lançou ás aguas, n'um gesto de desespero, a taça per onde bebia.

Esse fado, concebido por um Goethe da Mouraria, foi a *Canção do Rei de Thule*. O Rei de Thule era elle, o poeta Caminha, que n'essa noite foi levado em maca para Almada.

A amante que, ao morrer, lhe dera a taça, fôra a Poesia.

Dias depois, convalescente do incommodo gastrico que o teve de cama perto de uma semana, satisfeito da sua gloria litteraria, carregado de louros, tendo deixado crescer as barbas, Custodio que já tinha um *fauteuil* na Academia, resolveu conquistar outro em S. Bento, reservando os seus versos e a sua prosa para distracção, pura distracção dos seus futuros ocios parlamentares.

(Continúa).

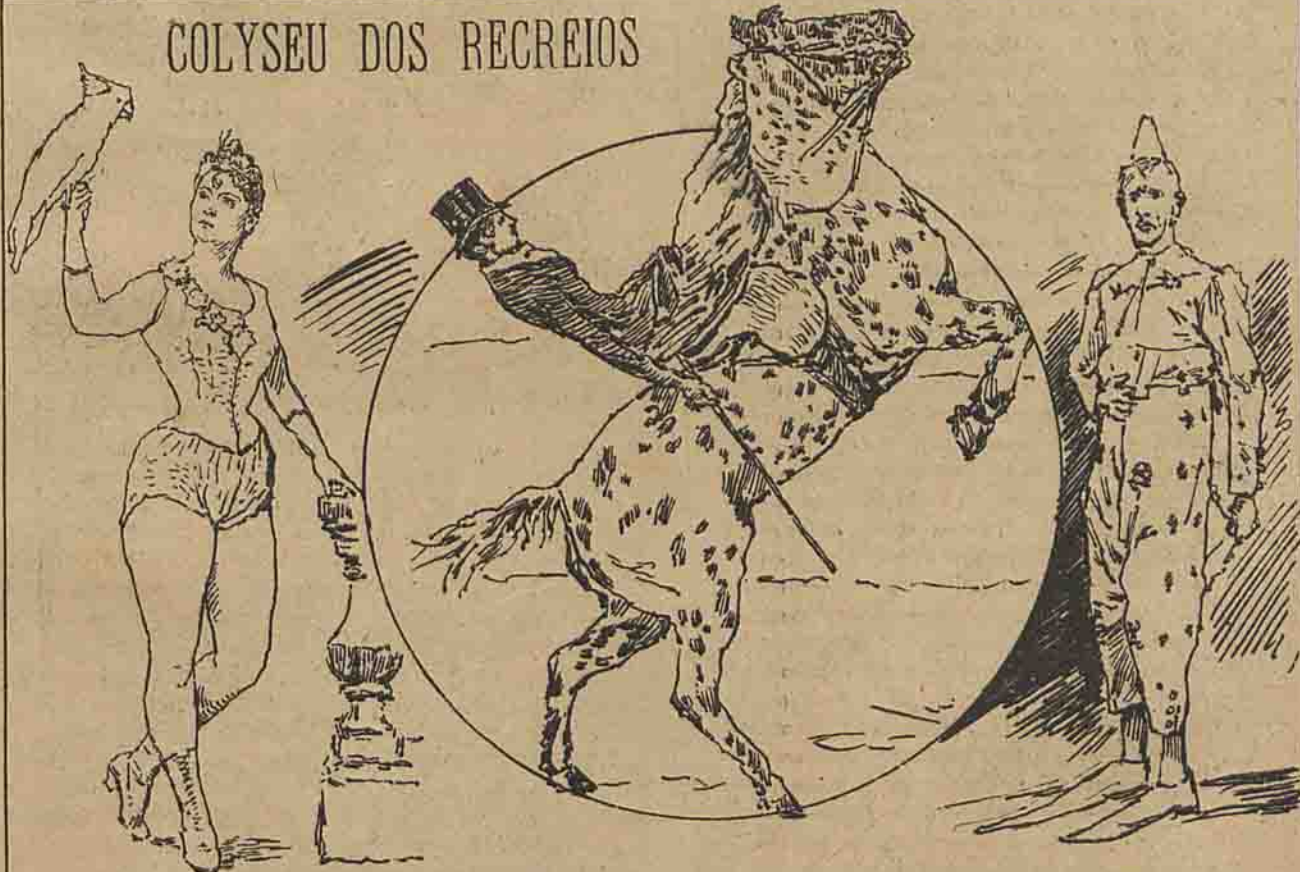
Eu.

### Desconfiem! Desconfiem!

A casa Victor Vaissier, de Paris, tornou popular o nome de Congo applicando-o a um sabão de toucador incomparavel e deliciosamente perfumado:

Este maravilhoso sabão tem por titulo: *Sabão dos Principes do Congo*, e traz sempre o nome do seu fabricante: «Victor Vaissier». Acautelem-se contra as grosseiras imitações inspiradas pelo amor immoderado do lucro.

## COLYSEU DOS RECREIOS



No Colyseu dos Recreios o publico continua applaudindo com delirio a gentilissima baroneza de Radhen, verdadeiro typo da *écuyère*, tudo quanto ha de mais nervose, le mais esvelto e de mais *fin de siècle* e olhando com maravilha e appetite para as riquezas plasticas da sr.<sup>a</sup> Leodiska, a famosa domadora de catatuas. A's segundas feiras, «*soirées da moda*», o Colyseu dos Recreios é o ponto de reunião da *haute gomme* de Lisboa.



# A APOTHEOSE DE GARRETT



Ha muito que não sentimos tamanha satisfação como a que tivemos na passada quarta-feira, no theatro de D. Maria. Satisfação e orgulho por assistirmos á representação d'uma das mais bellas obras da litteratura nacional; — e por vermos os nossos artistas serem dignos interpretes d'essa obra prima onde tanto se glorifica o amor, a liberdade e o heroismo dos portuguezes.

## THEATRO DE S. CARLOS—O FAUSTO



Na quinta-feira realison-se a estreia da nova dama mademoiselle Mary d'Arneiro. Vozinha agradável e sympathica; mas como nem só de voz vivem as operas, succede que a cantora será realmente cantora quando fór uma verdadeira artista. Por emquanto não passa d'uma interessante promessa.

## VARIAÇÕES

Parecia já cousa assente entre nós que os antigos auctores portuguezes eram tanto mais celebres e tanto mais apregoados, quanto menos representados e menos lidos.

Agora quebrou-se o encanto. Almeida Garrett deixou de ser uma celebridade só apreciada pela poeira e pelos ratos das bibliothecas — e passou a viver em contacto com o publico d'este anno da graça—ou da desgraça— de 1891.

\* \* \*

Mas porque o não fizeram viver ha mais tempo, com os homens da nossa geração? De que necessavam os directores de empresas theatraes? Que Almeida Garrett já não estivesse ao sabor do nosso tempo? Que o seu theatro tivesse envelhecido?...

Quem se tivesse dado ao trabalho—nós dizemos, ao prazer—de ter lido uma vez só o theatro de Garrett, veria que não havia motivos para semelhantes receios, porque as peças do nosso dra-

maturgo são das tuas que não envelhecem, são como as de Shakspeare, de Molière, de Racine, de Corneille, de Beaumarchais, de Calderon, ou de Hugo.

Não podem envelhecer, porque representam uma epocha na litteratura d'um povo; e porque são a expressão d'uma nacionalidade e d'uma raça.

\* \* \*

Ha criticos litterarios, ao que parece e ao que se diz, profundamente scientificos, que affirmam que o talento não tem patria, e que para a obra d'arte não ha fronteiras.

Não ha? Pois digam-nos, depois da recita do *Alfageme*, os que seguiram as peripecias do drama, os que observaram o character e a alma d'aquelles personagens—se por acaso, n'outro torrão que não fosse o portuguez, illuminados por um sol que não fosse o nosso, se moveriam aquelles typos e se agitariam aquelles sentimentos.

Que ha de mais encantadoramente portugueza, do que a delicada figura da linda Alda? E o typo do padre Froilão; e o typo do *Alfageme*; e a nobre, generosa e apaixonada figura de Nun'Alvares?...

\*  
\* \* \*

Com mil raios! Que se houve agora momento em que um portuguez—mesmo dos da decadencia,—sentio orgulho em ser portuguez, foi esse da 4.<sup>a</sup> feira no theatro de D. Maria, quando o Alfaceme, afivelando a couraça e pondo o capacete, se despedio da mulher adorada que é a primeira a applaudil-o para que siga para o sacrificio:—e elle lá foi á frente d'um puniado de valentes, defender nos campos da batalha, contra os exercitos de Castella, a integridade e a honra do solo sagrado da patria!

\* \* \*

E pensar a gente que enquanto os theatros nacionaes nos servem amareis banalidades traduzidas dos ultimos productos do mercantilismo theatral da França, da Italia ou da Allemanha—para ahí estão enterradas na poeira das bibliothecas as obras dramaticas de semelhante escriptor!...

\* \* \*

E são só as obras de Garrett?... Não, decerto, porque ahí não param as maravilhas do theatro lusitano.

Para que temos um Gil Vicente de pedra, a aborrecer se em cima do telhado do theatro de D. Maria, se ainda ninguem o viu em scena? Para que diabo serve esse diabo da consagração externa, para que serve esse culto hypocrita por aquelle a quem os criticos chamam o Plauto portuguez—se não ha maneira de vermos no palco nenhum dos seus autos, nenhuma das suas farças?... Dizem os chamados *entendidos* em materia theatral:

—«Mas ninguem entende o portuguez de Gil Vicente, e não é representavel por causa das grosserias de phrase das suas farças!...»

E os chamados *entendidos* citam baixo aos ouvidos dos incautos certas expressões do velho farcista, que seriam capazes de fazer corar um barbaças da municipal.

Adoraveis *entendidos*! Quantas cruezas de phrase não ha nas comedias de Molière? Quantas palavras impossiveis de pronunciar aos ouvidos das meninas e das damas que frequentam as *baignoires* do theatro Francez? E o que se faz? Eliminam-se do original, apesar de todo o respeito que ha em França por Molière.

\* \* \*

Quanto a algum portuguez hoje incomprehenivel de Gil Vicente, que os poetas modernos se dêem ao trabalho de o *traduzir* para portuguez de hoje, retocando, amodernizando a phrase:—e não faltarão deliciosos espectaculos para delicia de um publico *d'élite* e para educação das plateias ignorantes.

\* \* \*

O theatro de D. Maria teve na noite de quarta feira a prova evidente de quanto tem sido um erro e uma injustiça da sua parte, não ter de ha muito posto em scena as peças do repertorio nacional.

Tem-se feito tantos sacrificios para pôr em scena o theatro de Shakspeare e de Hugo. Porque razão se não hão de fazer ainda maiores, para representar o theatro de Garrett, de Camões, de Gil-Vicente, e as traducções de Molière do visconde de Castilho?

E se effectivamente nós acordámos para a boa comprehensão das coisas nacionaes—graças a esse humilhante facto diplomatico que se chamou o *ultimatum*—saibamos aproveitar essa transformação do espirito publico, e tratemos de ter a alma bem portugueza, como a tinha Garrett.

Pois não é triste ver um publico assistir a uma representação do *Alfaceme* como se fosse a representação d'uma obra litteraria totalmente desconhecida—quando Garrett devia andar por todas as escolas, ser a leitura corrente de todos os alumnos de rhetorica, como é em França Racine ou Victor Hugo?

Que quer dizer este desconhecimento, esta ignorancia dos auctores nacionaes, e esse conhecimento tão profundo de quantos Montépins, Richenbourgs Pousons e outros troca-tintas para uso exclusivo das *concierges* de Paris?

\* \* \*

Não é só de protecção ás industrias nacionaes que nós carecemos. E' tambem de respeito e de admiração pelos talentos nacionaes.

E nos collegios e nas escolas antes de ensinarem a recitar a meninos e a meninas as fabulas de La Fontaine, devem-lhes ensinar a recitar as lendas do Romancero, os sonetos de Camões ou os villancetes de Bernardim Ribeiro.

QUIDAM.

### Signaes certos de authenticidade

Todo o sabão do Congo que não trazer o nome de Victor Vaissier, o illustre saboeiro parisiense, não é o verdadeiro sabão dos principes do Congo; é um producto que não tem relação com este delicioso e celebre cosmetico, alem d'uma *semilhança de titulo adrede preparada*. Exijam sempre o nome Victor Vaissier.

# THEATRO DE D. MARIA—O ALFAGEME DE SANTAREM

1º ACTO - ENTRADA DE FROILÃO DIAS



FINAL DO 4º ACTO - MAGNIFICO

2º ACTO

ALFAGEME - BRAZAO D. NUNO - AUGUSTO. RAFAEL BORDALLO PINHEIRO

O theatro de D. Maria deu-nos quarta-feira ultima una intepretação do *Alfageme* de Garrett que pode competir com o que de mais bello temos visto na arte de representar. João Rosa e Rosa Damasceno seriam capazes de causar ciumes a Got e a Mademoiselle Bartet. Brazão e Augusto Rosa tiveram scenas d'uma perfeição incedivel. Os outros artistas bem. Pena é que a scenographia não seja pintada com maiores encantos; e que os córos não tenham vozes á altura do sentimento e da poesia que envolve o drama. Mas se as não tem o proprio theatro de S: Carlos?...



## A CONQUISTA DE LISBOA

OU

### O Caminho do Caminha

(CONTINUAÇÃO)

XII

Bello como Antino, irresistivel como Apollo, preparava-se Caminha para subir aos mais elevados planatos politicos, quando ante seus olhos passou uma gracil Dama cor de lua, loira como um faiso, olhos longos d'um fino esmalte azul. Desvairado, Caminha esqueceu de prompto os sonhos fulvos de gloria parlamentar, que tao insistentemente cantavam em seu espirito, e levado por uma corrente de impetuosa paixao deixou-se arrastar pelos inegalaveia e cariciosos olhares da formosa Dama, que em sonhos lhe apparecia resplendente de brocados, fulgurante de joias, como uma Infanta de legenda.



Morava a Rainha do seu pensar para as bandas do Castello, n'um prediosinho recatado e amavel, com um palmo de jardim á frente, onde uma laranjeira derramava mimosos cheiros nupciaes pelas noites d'estrellas. D. Brites Parada, se chamava ella, filha do Parada do Banco, homem conceituado por seus haveres e maneiras.

Caminha comprou uma capa á hespanhola e um violão. E tremulo de enternecimento, hesitante e



pallido, enquanto a voz das sentinellas esmorecia n'um andamento arrastado de supplica, e o gaz

punha laivos ruivos na calçada, Caminha deitava-se a cantar romances da sua lavra dedilhando musicas soluçadas. Com o crescer da noite aquietava-se o marulbante rumor da cidade. Patrulhas desciam, espectraes. E toda cingida de sedas frouzas, flores nos cabellos, as mãos armilladas de anneis que as estrellas ornavam de fogos de kaleidoscopo, Dona Brites solevava a aduía da sua alcova e apparecia toda munificente de graciosidades, com um sorriso ao lume dos beiços, coralino anzol onde a alma de Caminha se prendia como uma faneca.



— Boas noites, Brites.

— Boas noites, Custodio.

E todo repassado de enternecimento começava então um langoroso oaristo onde cada coração era um incendio e cada palavra uma Faulha. Projectos de vida futura, uma doce reclusão d'almas, longe do mundo, n'um sereno recanto de provincia, noites d'inverno, ao fogão, relendo velhas epistolas, passeios á beira d'agua sobre areias d'ouro, — de tudo isso os dois fallavam, antevendo delicias, bordando paisagens a missanga no cartão picado do porvir. Amanhecia quando o lenço de Caminha acenava, saudoso, para Brites, dizendo-lhe adeus.

Uma noite, passava já longo tempo depois da hora marcada, sem que Brites apparecesse, quando Caminha, soffregó d'amor, ebrio de desconfiança, desatou a atacar com desusada energia os bordões do seu instrumento, e a vexar com a sua berraria o ciamor das sentinellas, quando a policia

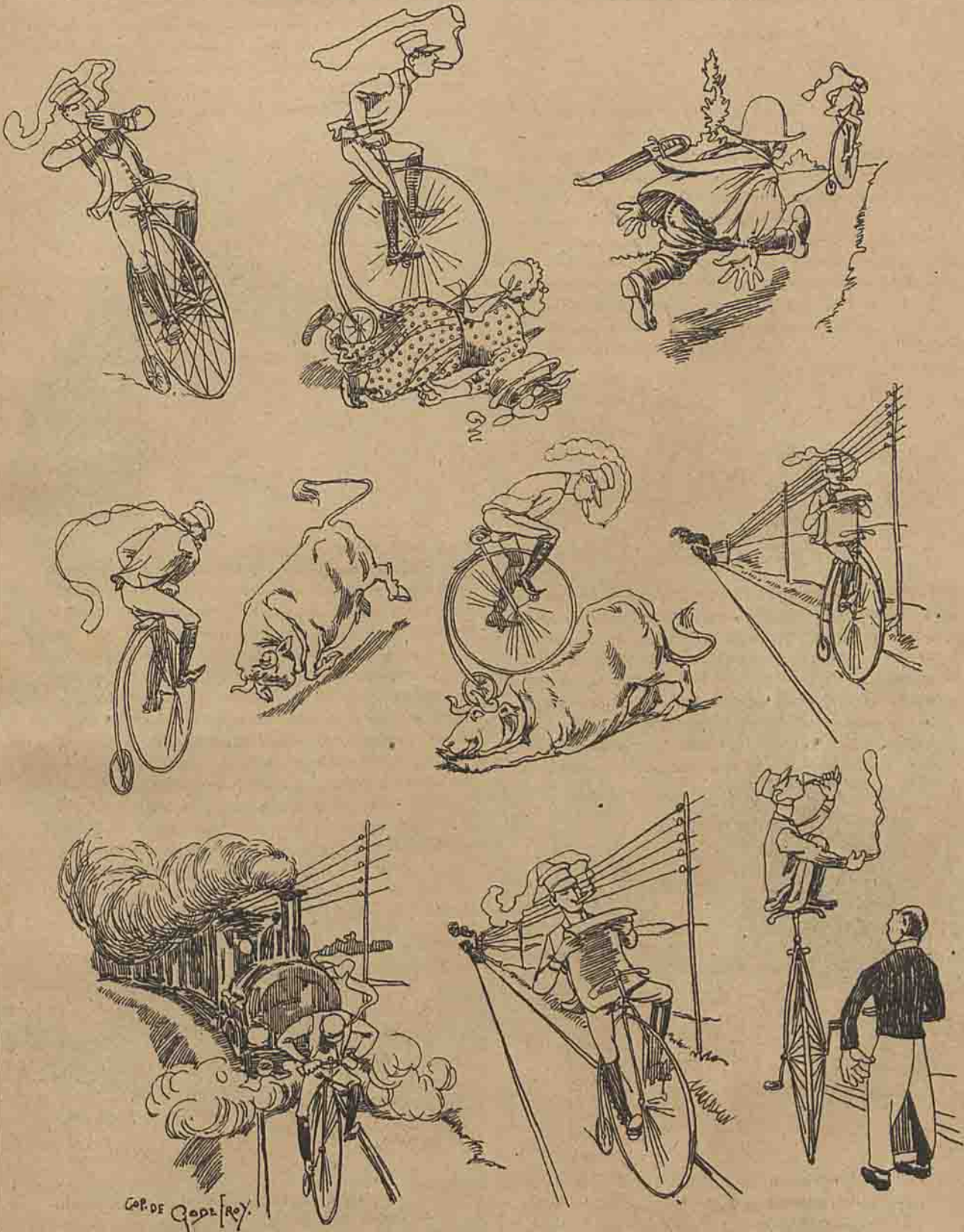


interveiu, reclamando silencio. Protestou Caminha, com violencia e ardor. E n'essa noite, pela segunda vez na sua vida, adormeceu Custodio n'uma tarimba do Governo Civil.

(Continua)

Ev.

# PASSEIO DE VELOCIPEDO



COPIA DE GODEFRY.

# HOMENS DA SEMANA

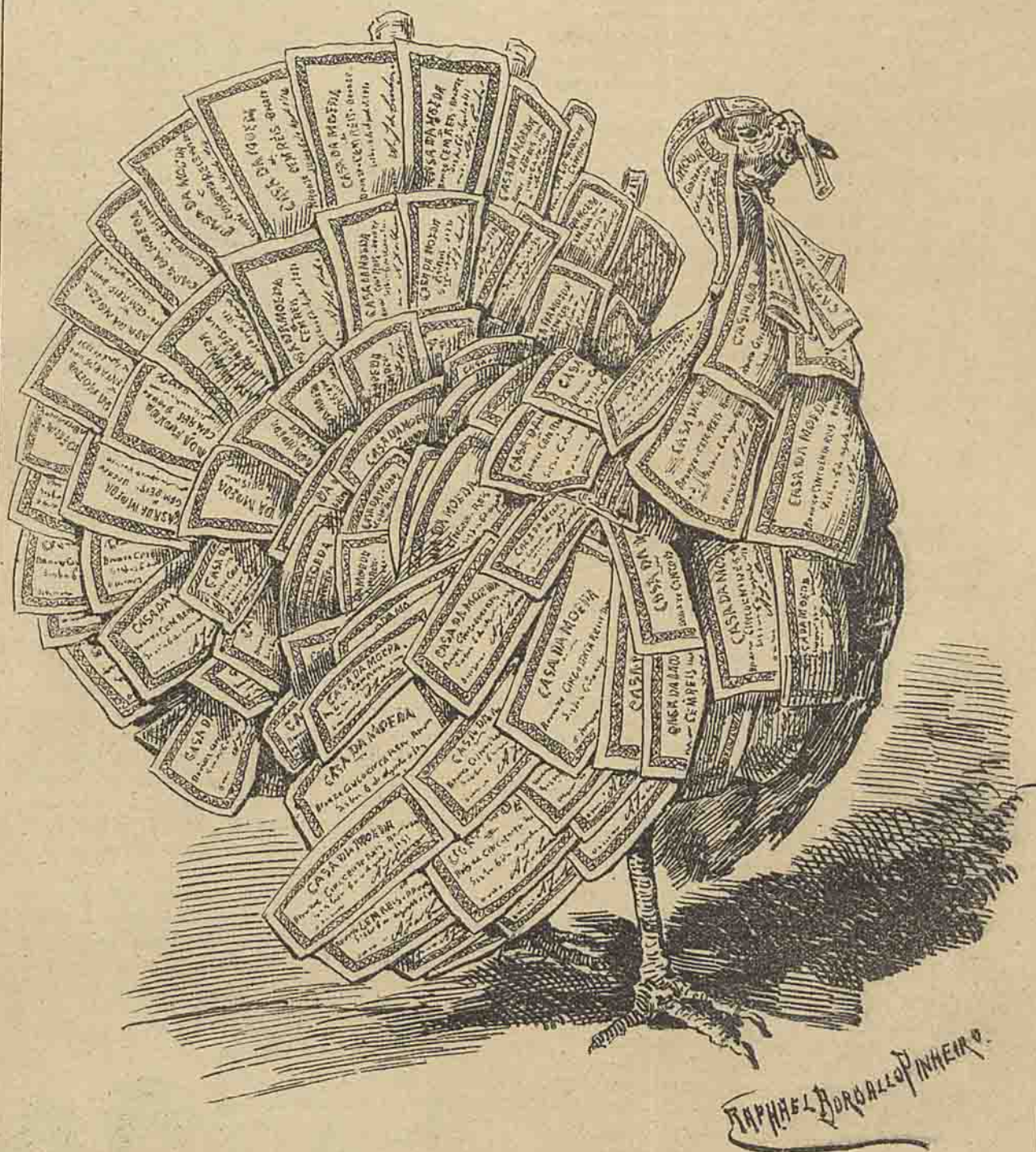
## MORAES DE CARVALHO



Verdadeira representação dos flagellos porque passou, nas terras de S. Bento, o senhor S. Moraes de Carvalho, ministro e martyr, porque ousou tocar, com mão reformadora, nos serviços da justiça.

Terá 100 dias de indulgencias plenarias e carta de conselho aquelle que ousar livral-o das settas e dos discursos dos seus algozes. E mais poderá comer carne nos dias de jejum que ainda viver o ministerio. Amen.

# O PERU D'ESTE ANNO



Perú que tem feito desaparecer todo o milho, Perú que para muitos tem sido... gallinha.

## Finis laus Deo

Agonias do anno. . . .

Tivesse o anno uma bocca e um halito, fossem pôr um espelho em face d'essa bocca, que um leve, imperceptível embaciamento, apenas, attestaria no crystal os restos d'essa vida expirante.

A' cabeceira do doente, fiais amigos, velamos.

Velamos e, para attenuar o aborrecimento da vigilia, folheamos, recolhidamente, a nossa obra dos ultimos doze mezes.

Folheamos, folheamos. . . e um vivo amargor nos vem da contemplação d'essa obra, que, devendo ter esmaltes claros de contentamento, irizações de graça, fulvas giraudolas de humorismo, se nos apresenta, por vezes, com laivos cinzentos de tristeza, esperguiçamentos de cansaço e sarampos de descrença.

Folheamos, folheamos. . . As folhas do nosso jornal não são, é certo, uma visita de pesames. Ha risos. Mas as boccas que riem são desbotadas, como rosas de novembro.

E, magoados, o notamos: o volume do *Antonio Maria* de que este numero será o *finis laus Deo* dá-nos a impressão d'um inaudito hospital onde os muribundos expirassem jgando o entrudo. . .

Veio isto, esta feição que o nosso jornal tomou, do ar doentio e desconsolado, que desconsoladamente aspirámos ao triste desfiar dos ultimos trezentos e sessenta e cinco dias,—rosario negro cuja ultima conta está a passar. . .

Dias pardos de temor, discordias politicas, morte de antigas e acariciadas illusões, corvetas levando oiro, corvetas trazendo papel. . . Foram-se as ruiuas sterlinas d'um tão fino cantar, tão alegres de timbre, e, a substituil-as vieram as notas de aspecto frígido, antipathicas como rotulos de pharmacia. Visível se tornou a ganancia de quem nos expoliava, e tão visível que ficámos medrosos de que chegassem a levar-nos o sol,—unica moeda de oiro que nos resta.

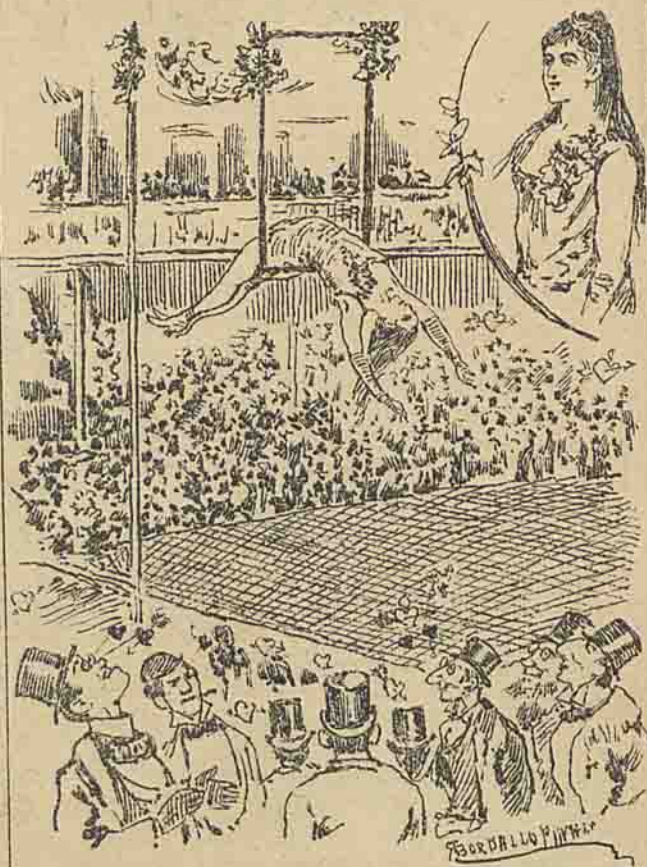
D'esta tristeza — a nossa tristeza.

Não ha dôr, porem, que não se abrande. O tempo tem isto de bon: é uma lima que amacia, arredonda os angulos do dissabor mais agudo.

Conformados com o destino, o espirito forrado d'uma despreocupada philosophia risonha e viva, fechamos hoje este parenthesis de baço mal-estar e, consciencientemente, vos promettemos, — leaes amigos que nos lèdes, — um anno de embalsamante alegria, durante o qual a nossa graça exhibira nos vossos olhos os seus mais complicados acrobatismos.

Eu.

## A GERALDINE



Nada tão pungente como o aspecto d'alguns dandynantes frequentadores do Colyseu dos Recreios, quando, depois de repetidas chamadas, a Geraldine se some com a sua prestigiosa formosura na penumbra dos bastidores. Apenas a Geraldine assoma, elles que, ao abrir do espectáculo, surgem, irresistivelmente, floridos de crysanthemos, cingidos de irresistiveis farpellas, cabeças cobertas de lustrosos penantes, apenas a Geraldine assoma, precipitam-se para a sua passagem, atropellam-se, rasgam-se, empurram-se, esgadam-se, os penantes rólam no chão quebrados e hirsutos como chapéus d'entrudo, os punhos divorciam-se das mangas, as gravatas desatam-se, o verniz dos butes estala. . .

Quando os ultimos clamores d'enthusiasmo morrem, elles, os irreprehensiveis filhos de Brummel, esgueiram-se pela *geral*, amolgados como um jornal velho, despenteados, empoeirados, mettidos nos seus balandraus azues que, havendo servido de tapete á formosa acrobata, levam para casa os signaes dos acrobaticos pés mais appetecidos do que muitas mãos illustres.



## VARIAÇÕES

O português e principalmente o lisboeta, continua sendo o animal mais amorudo e mais apaixonado de toda a criação.

Em vendo mulher bonita pela frente, toda a sua pessoa ri e se sacode em mil pruridos de contentamento. Os olhos tomam expressões lascivantes e diabólicas. As narinas palpitam-lhe e dilatam-se. E logo começa a puxar e a encaracolar a bigodeira, com a febre e o nervosismo de quem se sente capaz para grandes aventuras. . . Oh! o lisboeta amorudo e apaixonado!

Vejam-o á porta da *Havana*, vejam-o ás 4 horas na Avenida, vejam-o á noite na sua cadeira de S. Carlos. Todo elle bigodeira encaracolada, olho diabolico, ramo de violetas ou grande camélia no casaco, chapéo muito lustroso e suas luvas d'um mirabolante verdadeiramente oriental. E' irresistivel. Estremecem os maridos, estremecem os amantes, estremecem os namorados.

Ai d'aquella! sobre quem esse animalzinho lançar o olhar terrivel e sentimental. Pan! Cabio no abysmo! . . .

\*  
\* \*

Mas onde o amorudo lisboeta, o apaixonado da porta da *Havana*, se mostra verdadeiramente interessante, é quando lhe fazem passar diante dos olhos uma d'essas flôres de sensualidade que surgem de tempos a tempos unicamente para o que se chama «fazer perder a cabeça». Tal é o caso da bella *Géraldine*.

E' bella? . . . Santo Deus! a resposta é um tanto difficil, attendendo a que nós, de nossos dias decadentes, já não sabemos o que seja o verdadeiro typo da belleza.

E' bella segundo o typo ideal da belleza antiga? Certamente que não, oh Venus cheia de graça, tallada no mais suave e leitoso marmore de Paros! . . . E' bella, como são bellas as figuras de *Falguières*? Também não.

Mas pertence a essas bellezas exóticas e provocantes que se teem balouçado nos trapezios de mil cidades, mostrando o corpo de fôrmas graciosas, ajustado em finos *maillots* de séda côr de carne, a vinte metros d'altura, illuminado por luzes de diferentes côres, em attitudes d'uma sensualidade provocante.

E' a esse genero de belleza, mulheres que só são bellas dentro do circo, em *maillots*, os cabellos soltos, a cabeça pendida, deixando-se escorregar por uma corda e tomando na descida as *poses* mais lubricas—que pertence a *Géraldine*.

E' realmente «de appetite»—como diz o lisboeta chammeigante de enthusiasmo.

E quando as mulheres são de appetite, então é que é vel-o, manifestando a sua admiração e a sua febre.

O que elles fizeram, os bons lisboetas, na primeira noite que a apetitosa *Géraldine* debutou no Colysau dos Recreios, precedida da fama de que fazia pagar a sua formosura a razão de 1:350,000 réis por mez! O que elles fizeram!

Eram todos do pé, n'um berreiro infernal de *bravos*, n'uma trovada de palmas, reclamando vinte vezes a *Géraldine*, para ali a *Géraldine*, para o meio do circo, sempre, sempre e sempre, para lhe devorarem com os olhos as lindas fôrmas, e o ingenuo sorriso, e o encanto da sua physionomia—ferozes, famintos, inflamados, querendo a *Géraldine*, ali, toda a noite!

E como não podiam saltar para a arena, e vel-a de perto, e mexer-lhe, e tocar-lhe, como isso o não permitiam as conveniências sociaes, nem a moral, nem a policia, atiraram-lhe com tudo quanto se pôde atirar aos pés d'uma mulher—deante de gente—com os chapéos e com as flôres do casaco.

\*  
\* \*

Ah! *Géraldine*! que se pudessem atirar-lhe com mais coisas—com os corações, com os nomes, com as corôas, com os carros, com os cavallos e com todas as joias do *Leitão*—como tudo isso teria cahido a seus pés, n'um arranque de paixoneta superior á razão humana! . . .

*Géraldine*, acautele-se! Nós somos capazes de tudo! Tenho receios pela sua pessoa!

Um dia que nossos avós andavam aborrecidos, sem saber em que empregar o tempo, lembraram-se de descobrir terras. E vae d'ahi, descobrimos o Brazil e as Indias.

Outro dia demos uma sova mestra nos castelhanos. E assim andámos sempre, de aventura em aventura.

Acautele se, *Géraldine*! A sua belleza é provocadora; e o seu 1:350,000 réis por mez é um insulto a uma capital de amanuenses, a razão de seis tostões por dia. . .

Queira Deus que uma noite, ao sahir do Colysau, se não veja arrebatada por algum d'esses feroces amorudos; e que uma tipoia a não conduza para sempre, para os mundos ignorados e mysteriosos d'um quinto andar da Baixa, d'onde nunca mais se volta—nem mesmo para o matrimonio!

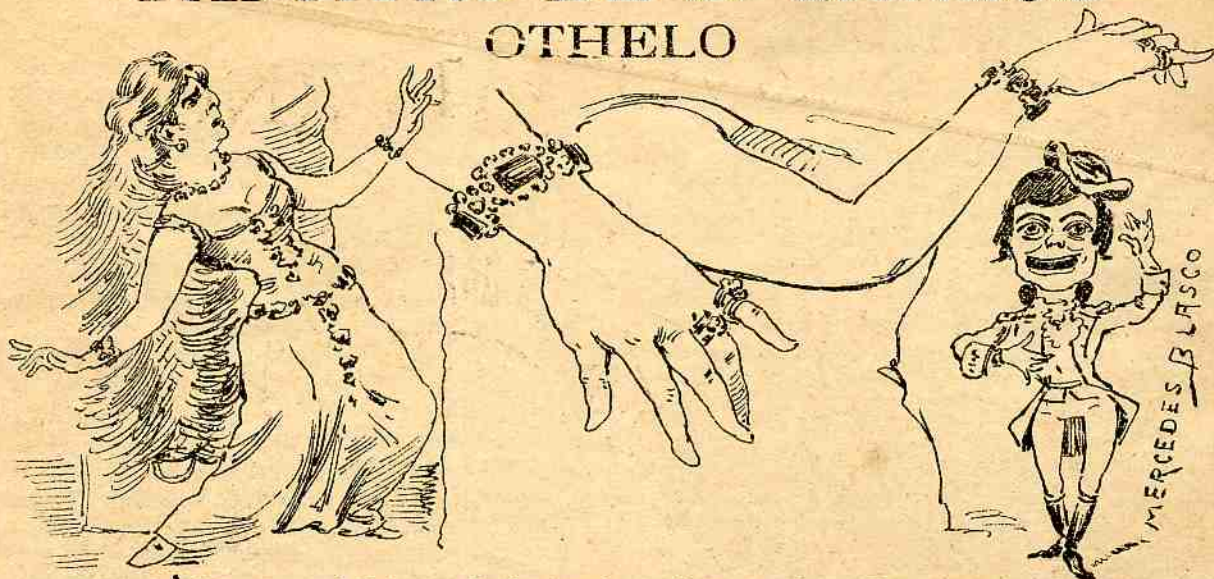
QUIDAM.

### Exijam o titulo e o nome

Todo o sabonete qualificado de Congo, que não trazer o nome de Victor Vaissier, o celebre perfumista parisiense, não é o verdadeiro sabonete dos principes do Congo, porque este fino sabão de toucador, tão apreciado pela excellencia do seu perfume, é sempre revestido do nome do seu inventor: Victor Vaissier.

# THEATRO DE S. CARLOS

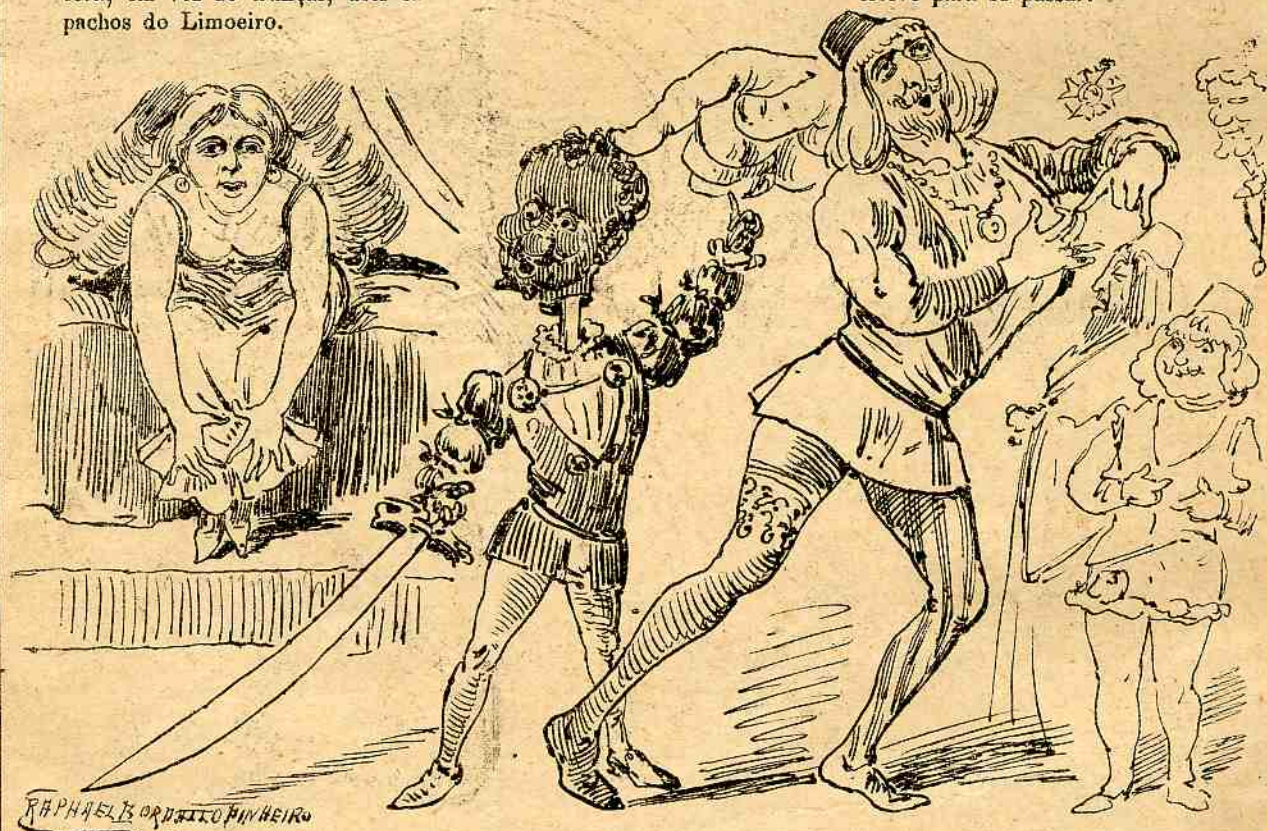
## OTHELO



Fez de Desdemona a sr.<sup>a</sup> Gabbi, uma exaggerada formosura, ultra-bella, muito mais linda do que é permitido ser-se. No intento de proteger a industria nacional exhibiu a empolgante cantora, em vez de tranças, dois cachos do Limoeiro.

Deslumbrando as vistas, no 1.<sup>o</sup> acto poz em clara evidencia a sua mão d'uma pura linha hellenica, enroscada de aneis; no 2.<sup>o</sup> mostrou seus braços d'esculptura, cingidos de braceletes.

Em pharmacia e plastica corre Gabbi com a poetica *diveta* da Trindade; em pharmacia e plastica vae entre as duas estabelecer-se um desafio, á maneira do que entre Geraldine e Zephora esteve para se passar.



No 3.<sup>o</sup> acto, suppoz-se que Gabbi, depois de haver mostrado os braços, as mãos, os dentes, o collo, mostraria o resto, supposição infelizmente mallograda... lá por causa d'uma coisa.

Gabrielesco fez um esperto Othelinho (não confundir com o sr. conde de Ottolini) com um azougado ar de *moliquinho amoladô do anno passado* e de chinês de Batignolles.

Battistini não se cançou de arquear o peito para a tribuna real, na conquista da honorifica placa dos seus sonhos.

De resto, um Othelo pacato e ameno, pouco sobresaltante, proprio para ser dado em recita do 1.<sup>o</sup> de dezembro.

# O NOVO SATURNO



RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Comeu a isca e ... pregou uma sindicancia no anzol...



## A CONQUISTA DE LISBOA

OU

### O Caminho do Caminha

(CONTINUAÇÃO)

XII

Tons leves de violeta e rosa laivavam já o cinzento da noite muribunda onde uma lua se anemisava extenuadamente, quando Custodio, tido por ebrio, foi posto em liberdade. Facil lhe fóra eximir-se áquella vexante reclusão. Bastaria desembuçar-se e mostrar aos olhos da policia em pasmo o seu reconhecido perfil largamente popularizado em caixas de phosphoros e em illustrações



de jornal; bastaria, mesmo sem se desembuçar, declarar o seu nome aclamado em estridencias de apothese pela tuba da Fama. Afim, porém, de evitar que o jaspeado nome de Brites fosse ferido pela noção de um escandalo policial, e afim de conservar o seu ambroso sentimento no mais discreto recato, soffreu Caminha com resignação de apostolo todos os martyrios iustingidos, triste de não soffrer ainda mais, pois nada eguala o doce prazer de se martyrisar a gente por quem nos quer bem.



Dia claro quando entrou em casa. Não conseguindo adormecer, deitou-se a pensar em Brites, fazendo uma meuda analyse do que por ella sentia, anotomizando-se a si proprio, fazendo filigranas de psychologia e acabando por se convencer de que era verdadeiramente abraçadora a sua paixão.

Urgia, porém, modificar os processos pelos dois usados até ahí. A palestra da rua para a janella, o gargarejo, delicia de caixeiros lyricos e de pallidos marialvas, não convinha á sua posição, ao seu nome, á sua gravidade. Urgia, pois, que uma janella se fechasse e que uma porta se abrisse, urgia passar da rua frigida e humida para a morna tranquillidade d'um salão enlufetado de tapetes flexuosos, onde uma lampada amiga derramasse uma luz cariciosa e serena, e flores carregassem o ar de quebrados perfumes.

Exorbitando, como sóem fazer todos os que tornam o coração n'uma jarra, exorbitando os encantos, amaciando as linhas, temperando as cores da conveniencia de Brites, morto pela soubarda ventura de lhe fallar de perto, de roçar as suas mãos no velludo das d'ella, de lhe dizer n'uma affagante surdinã o que de mais intimo e delicado



em su'alma havia, macerou Caminha seu corpo com balsamos raros, cingiu-se de brilhantes linhos bordados, cortou, escrupolosamente, as unhas em mitra, floriu d'uma rosa-chá a botoeira da casaca, lustrou com a manga a seda do penante e n'um trem partiu a pedir a mão branca de Brites.



Apenas Caminha carregou no timbre da porta, uma campainha riu dentro. Ouviram-se passos, vozes em segredo, cerramentos de portas e affim,



toucada de branco, uma serva appareceu com um lindo esmalte de incisivos alvejando entre os beiços de ginja rasgada.

Apenas Caminha carregou no timbre da porta, uma campainha riu dentro. Ouviram-se passos,

vozes em segredo, cerramentos de portas e alfin, toucada de branco, uma serva appareceu com um lindo esmalte de incisivos alvejando entre os beiços de giuja rasgada.

— O sr. Parada?

— Faz favor de entrar. . .

Salão quadrado com janellas sobre a Baixa. Um piano agasalhado em flanela vermelha, moveis luzindo, flores de seda sob mangas de vidro, labores femininos sobre os espaldares, um relógio pulsando n'uma psyché imperio. Nas paredes, em molduras flammandas, trabalhos de Brites: a torre de Belem, em cortiça, o retrato de D. Pedro V, a cabello, flores feitas de escama de peixe e parecendo feitas de aparas de callos.

Apenas Parada entrou, Caminha disse ao que vinha. Historiou a sua vida, os detalhes do seu violento amor, as suas intenções todas puras. Parada ouviu com attenção e interesse, até que chegada a vez de fallar, recitou a sua propria biographia, poz em relevo os dotes inegalaveis de Brites, terminando por manifestar a enthusiasmada alegria que o pedido de Custodio entornava no seu coração de pae. Chamada Brites, appareceu esta, tolhida de commoção, os olhos descidos, as mãos abandonados. E como lhe fosse perguntado se era do seu gosto desposar Caminha, um medroso inclinar da sua cabeça respondeu que sim.



Caminha ergueu-se a beijar-lhe as mãos. Brites sorriu da palaciana graciosidade e, ao sorrir, o descerrar de seus labios desvellou um dente podre. A vista d'esse dente, longe de ferir como um espinho de ferro o coração sensível de Custodio, deu-lhe, contrariamente, um commovido encanto.



O amor tem isto: torna em maravilhas os defeitos da pessoa amada. Para Caminha aquelle dente não era um dente podre, era uma pedra preciosa, uma agatha, um padre-nosso d'agatha entre ave-marias de marfim.

(Continua).

Eu.

## FABRICA DAS CALDAS



São d'uma rara novidade e d'uma inacreditavel exiguidade de preço os alfinetes, em barro cosido, recentemente feitos pelos aprendizes da fabrica das Caldas, e recentemente postos á venda.



Novos e accessiveis e muito de geito para offrendas do Natal, — vejam o peru e o prato de bróas, acima debuxados.

## A florista do Chiado



Milagrosamente, rindo do inclemente inverno, tem a florista do Chiado a extranha arte de encher as jarras da sua loja com extemporaneas flores, flores de primavera e d'estio. — cravos, lilazes, orchydias: em dezembro.

Desdenhosa das estações, leva tão acima o seu gosto de estrangular difficuldades, de fazer impossiveis, que tenue seria o nosso espanto se amauhá vissemos na sua montra as absurdas, inexistentes flores que Pythagoras poz no seu doirado Paraizo.





RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Editor Manuel Luiz da Cruz.—Sede da administração, rua do Norte, 39, 1.º  
Lithographia Luzitana, R. do Ferregial de Baixo, n.ºs 36 e 40.  
Typographia Costa Sanches Filhos.—Rua da Trindade 2.



C. chromo